

A vibrant field of sunflowers in full bloom, set against a warm, golden sunset sky. The sun is low on the horizon, creating a soft, hazy glow that illuminates the scene. The sunflowers are in various stages of bloom, with some in sharp focus in the foreground and others blurred in the background, creating a sense of depth. The overall mood is peaceful and hopeful.

**CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO-CEERJ**

**UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA  
DE NITERÓI - UMEN**

# SUICÍDIO

Coletânea de textos  
espíritas

(CONTRIBUIÇÃO PARA O PROJETO  
YVONNE PEREIRA – CEERJ)

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO-CEERJ  
UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA DE NITERÓI - UMEN

# Suicídio

Coletânea de textos espíritas  
(Contribuição para o Projeto Yvonne Pereira – CEERJ)

CEU - Centro de Estudos da UMEN  
2022

*“Eu vim para que todos tenham Vida e  
Vida em abundância”*

*Jesus (João 10:10)*



*Gratidão a Deus, o amor infinito e perfeito*

*Gratidão a Jesus*

*Gratidão a Allan Kardec*

*Gratidão a Yvonne Pereira, a Dra. Nise da Silveira (espírito)  
e a essa enorme equipe espiritual que se desdobra incansavelmente  
por aqueles que sofrem.*

*Gratidão a equipe de voluntários encarnados  
que abraçou o Projeto Yvonne Pereira.*



O presente material foi organizado por voluntários do Projeto Yvonne Pereira – CEERJ apenas para finalidades de divulgação doutrinária, sem finalidade comercial.

# SUMÁRIO

- 6**      PREFÁCIO
- 10**     SOBRE O PROJETO YVONNE PEREIRA (CEERJ)
- 13**     TELEFONES IMPORTANTES
- 14**     ALGUMAS EXPLICAÇÕES
- 17**     HÁ UM SÉCULO
- 21**     UMA ANÁLISE DE ALLAN KARDEC SOBRE O SUICÍDIO
- 29**     CATEGORIAS DE SUICÍDIO, DE ACORDO COM A INTENCIONALIDADE, SEGUNDO ALLAN KARDEC
- 33**     SUICÍDIO NÃO INTENCIONAL NA “LOUCURA”
- 38**     SUICÍDIO VOLUNTÁRIO  
          Considerações Iniciais
- 40**     SUICÍDIO VOLUNTÁRIO  
          Tomada da resolução trágica - Infortúnios considerados motivos por quem perpetra o suicídio
- 96**     OUTROS FATORES RELACIONADOS AO SUICÍDIO
- 106**    COMPORTAMENTOS ALHEIOS E SUICÍDIO
- 118**    COMPORTAMENTOS DA SOCIEDADE QUE SE RESPONSABILIZAM POR FAVORECER O SUICÍDIO



<b>128</b>	CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS QUE CONFEREM RISCO OU PROTEÇÃO PARA O SUICÍDIO
<b>159</b>	CRENÇA / DESCRENÇA Materialismo, crise moral, crenças e concepções espiritualistas imperfeitas
<b>183</b>	OBSESSÃO E SUICÍDIO
<b>244</b>	DEPRESSÃO E SUICÍDIO
<b>254</b>	PREVENÇÃO PRIMÁRIA
<b>272</b>	PREVENÇÃO SECUNDÁRIA
<b>325</b>	EFEITO PROTETOR DO ESPIRITISMO
<b>345</b>	AÇÃO DOS BONS ESPÍRITOS
<b>367</b>	SUICÍDIO INDIRETO
<b>379</b>	TEXTOS COMPLEMENTARES
<b>390</b>	BIBLIOGRAFIA
<b>398</b>	FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA Estudo, prática e difusão. Uma história de união em prol do Espiritismo





# PREFÁCIO

*“ Os corações do mundo  
necessitam de consolo e atenção.  
Assim iniciaremos a construção  
de um futuro de plena felicidade.”*

*Yvonne Pereira*

*Mensagem psicografada pelo médium Alexandre  
Pereira wpor ocasião da primeira live do Projeto  
Yvonne Pereira em 25/03/2022*

**H**á muito escutamos “são chegados os tempos”, mas de alguma forma ainda nos surpreendemos com os acontecimentos. Muitas questões vão surgindo numa enorme velocidade. Neste contexto ocorrências positivas como os avanços científicos, a preocupação com o meio ambiente, a busca por uma sociedade mais humana nos enchem de esperança. Ao mesmo tempo acontecimentos negativos seguem nos chocando e não vamos elencá-los aqui, mas destacamos a piora das questões de saúde mental e aumento dos casos de suicídio.

Embora a questão do suicídio já fosse grave em nossa sociedade, após a pandemia do COVID 19, ocorreu o aumento dos índices em todos os grupos etários. Exatamente para evitar influenciar outras pessoas já vulneráveis, os casos de suicídio não são divulgados<sup>1</sup>, mas as estatísticas vêm mostrando o agravamento desta situação<sup>2</sup>.

O Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ) ao longo de 2020 e 2021 passou a receber pedidos de ajuda de todo o Rio de Janeiro para lidar com esta realidade. Começaram a chegar às Casas Espíritas: famílias enlutadas, jovens sobreviventes e pedido de preces por aqueles que infelizmente haviam desencarnado pelo suicídio. A necessidade de acolhimento e ajuda cresceu mês a mês. Questões difíceis como o suicídio de crianças, a ideação suicida e o medo passaram a ser frequentes.

A Doutrina Espírita nos esclarece que a vida é imortal, existimos antes desta encarnação e seguiremos envoltos no Amor ao longo da eternidade, alcançaremos a paz e a felicidade. Isto não nos faz imunes a dor e ao sofrimento, nem nos torna invulneráveis às questões do nosso tempo. Mesmo conhecendo o Espiritismo e praticando seus postulados da melhor forma ao nosso alcance, ainda choramos e passamos por momentos dolorosos. Todo esse sofrimento mobilizou o desejo de ajudar, de acolher, de estar ao lado, mesmo que através da tecnologia ou pelo simples pensamento. A perspectiva da fé no futuro é o guia do espírita. Se o momento é doloroso, o que é possível fazer para amenizar o hoje e ajudar na reconstrução do amanhã?

O desejo de fazer o bem nunca fica sem resposta.

Em dezembro de 2021 os espíritos amigos de Yvonne Pereira e Dra. Nise da Silveira comunicaram mediunicamente que tinham um projeto volta-

---

1 O conceito de “Efeito Werther”, ou seja, como, por meio do efeito de imitação, a publicização de um caso de suicídio pode provocar outras ocorrências.

2 <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643> acessado em 25/08/2022

do para a delicada situação do suicídio. Assim começou o Projeto Yvonne Pereira no CEERJ.

Corações sensíveis se uniram e surgiram reuniões de irradiação, reuniões mediúnicas, grupos de estudo, rodas de conversa. Também recebemos a generosa oferta do Centro de Estudos da União da Mocidade Espírita de Niterói (UMEN) para se integrar ao projeto e organizar subsídios para estudo e reflexão à luz da Doutrina Espírita. A sobrevivência da alma, a lei de causa e efeito, a mediunidade e, principalmente, a amorosidade paternal e maternal de Deus por seus filhos, trazem perspectivas bem diferentes e positivas em relação a abordagem materialista. Que alegria poder dizer a um pai que ele reencontrará seu filho no futuro, que alívio para um coração materno ouvir que é possível cuidar de uma filhinha, mesmo que distante fisicamente, através do amor que se derrama na oração sincera. O Espiritismo é sol nas almas, consolo nos corações, certeza do futuro feliz. O Movimento Espírita tem ferramentas privilegiadas para cuidar das questões da alma, este é nosso dever.

Os novos (felizes) tempos já se aproximam.

Nosso obrigado em nome do CEERJ a UMEN e aos voluntários generosos que doaram de si para a organização deste material. O desejo sincero é de que seja útil a todos que busquem entender, à luz do Espiritismo, um pouco mais sobre o tema.

*Equipe Projeto Yvonne Pereira  
Área de Educação Espírita  
Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro  
Setembro de 2022*

## PARA CONHECER MELHOR O CEERJ E O PROJETO YVONNE PEREIRA:

Área de Educação Espírita - CEERJ • [educacao.espirita@ceerj.org.br](mailto:educacao.espirita@ceerj.org.br)

Comunicação Social Espírita do CEERJ • [comunica@ceerj.org.br](mailto:comunica@ceerj.org.br)



<https://youtube.com/user/TVCEERJOFICIAL>



<https://www.ceerj.org.br/portal/>

## PARA CONHECER O ESPIRITISMO



<https://www.febnet.org.br/>



# **SOBRE O PROJETO YVONNE PEREIRA (CEERJ)**

*Iniciado em 29/01/2022*

*Este projeto está inserido na proposta “ Casa Espírita Lugar de Cuidado”, uma ação do CEERJ para estimular a reflexão do Movimento Espírita sobre o cuidar e acolher com base na premissa do Espírito de Verdade: “Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.”<sup>1</sup>*

## **DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA:**

### **SITUAÇÕES IDENTIFICADAS PELA EQUIPE DA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESPÍRITA**

- ⚡ Aumento dos índices de suicídios e transtornos mentais em crianças, adolescentes e jovens; lacunas no atendimento ao jovem médium (necessidade de grupos de estudo da mediunidade nas casas espíritas preparados para receber jovens, atendimento fraterno para crianças e jovens), necessidade de aprofundar o estudo e preparar voluntários do Movimento Espírita em geral para acolher e dar encaminhamento adequado a casos relacionados ao suicídio, obsessões e/ ou transtornos psiquiátricos.
- ⚡ Perspectiva de piora das questões relacionadas a saúde mental em todas as faixas etárias em decorrência da pandemia.
- ⚡ Esvaziamento das mocidades espíritas durante a pandemia.
- ⚡ Alerta recorrente em mensagens das equipes espirituais
- ⚡ Necessidade de atendimento à encarnados com ideação ou tentativas de suicídio, aos desencarnados que cometeram suicídio e aos sobreviventes do suicídio, sinalizada por trabalhadores do Movimento Espírita de todo estado.

### **A QUEM INTERESSA O ENFRENTAMENTO DESTES PROBLEMAS?**

- ⚡ Aos próprios indivíduos, aos familiares, a sociedade em geral, mas em especial aos envolvidos na evangelização espírita da infância, juventude e família, no atendimento fraterno e nas atividades mediúnicas

### **OBJETIVOS:**

- ⚡ Acolher interessados no estudo do tema suicídio à luz do Espiritismo
- ⚡ Sensibilizar os Centros Espíritas para a gravidade da situação relacionada ao suicídio na atualidade (principalmente nas faixas etárias infância, juventude e idoso)

<sup>1</sup> O Evangelho segundo o Espiritismo , Capítulo VI - item 5

- 🎗️ Construir rede de ação do Movimento Espírita do RJ para acolhimento de encarnados e desencarnados envolvidos em situações ligadas ao suicídio
- 🎗️ Disponibilizar formação para trabalhadores espíritas, com base na literatura espírita e científica relacionada ao tema, para participar desta rede de acolhimento

### **AÇÕES PROPOSTAS PARA 2022 (TODAS EM ANDAMENTO)**

1. Formação de grupo de estudos. Metodologia escolhida: problematização a partir estudo de caso
2. Rodas de conversa online mensais sobre temas
3. Revisão bibliográfica na literatura Espírita sobre o tema suicídio
4. Grupo piloto de formação sobre o tema suicídio e acolhimento para voluntários espíritas- início setembro de 2022
5. Suporte aos Conselhos Espíritas de Unificação( CEU) para criação de reuniões de irradiação para ideação suicida e vítimas do suicídio.
6. Suporte aos Centros Espíritas para atendimento de suicidas nas reuniões mediúnicas
7. Ações voltadas para o suporte espiritual da juventude e família ( Ex: Culto do Evangelho no Lar com o Jovem Espírita)

# Telefones Importantes

---

## **SAMU - LIGUE 192**

Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Urgências de natureza clínica, cirúrgica, traumática, obstétrica, pediátrica, psiquiátrica, entre outras (incluindo tentativas de suicídio). Serviço gratuito ligado ao Sistema Único de Saúde (SUS)

## **CVV - LIGUE 188**

Centro de Valorização da Vida. Fundado em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal, desde 1973. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato.



# **ALGUMAS EXPLICAÇÕES**

O objetivo do presente trabalho foi o de reunir textos da literatura doutrinária espírita que abordassem o que precede o suicídio e os meios de preveni-lo, visando facilitar o estudo do tema. Foram revisadas *todas as obras de Allan Kardec, Léon Denis, Yvonne A. Pereira e Manoel Philomeno de Miranda, as mensagens que compõem a coletânea O Evangelho por Emmanuel e a coleção A vida no mundo espiritual de André Luiz* (com a exceção de Sexo e Destino, que será objeto de um capítulo à parte, em breve).

A metodologia da pesquisa diferiu, de acordo com cada obra consultada. Três obras de autoria de Yvonne A. Pereira, MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, O DRAMA DA BRETANHA E DRAMAS DA OBSESSÃO, pela sua importância em relação ao tema do suicídio, foram lidas na íntegra e selecionados os trechos que interessavam ao propósito da pesquisa. Em relação ao livro MEMÓRIAS DE UM SUICIDA, esse procedimento foi realizado por dois pesquisadores independentes e os resultados confrontados. As discordâncias entre os trechos selecionados foram debatidas entre os compiladores, em busca de consenso. A possibilidade de convidar um terceiro avaliador, para o caso de não se chegar a um entendimento, foi prevista, porém isso não foi necessário, em nenhum momento.

Os livros dos demais autores consultados e as obras de Yvonne A. Pereira, com a exceção das citados anteriormente, foram varridos em busca do termo **“SUIC”**, através dos sistemas de busca de leitores de PDF, do **WORD** ou do **Kindle**, o que permitiu identificar todas as ocorrências das palavras **SUCÍDIO, SUICIDA, SUICIDAR-SE**, entre outras com o mesmo radical. Cada ocorrência foi avaliada quanto à adequação ao tema. As que se revelaram pertinentes foram transcritas.

Os textos selecionados foram agrupados por subtemas / capítulos a saber: 1. Categorias de suicídio, de acordo com a intencionalidade, segundo Allan Kardec; 2. Suicídio não intencional na loucura; 3. Suicídio voluntário – considerações gerais; 4. Suicídio voluntário – A tomada da resolução trágica – Infortúnios considerados motivos por quem perpetra o suicídio; 5. Outros fatores relacionados ao suicídio; 6. Comportamentos alheios e suicídio; 7. Sociedade e suicídio; 8. Características psicológicas que conferem risco ou proteção; 9. O papel da crença e da descrença – o materialismo; 10. Obsessão e suicídio; 11. Depressão e suicídio; 12. Prevenção primária; 13. Prevenção secundária; 14. O efeito protetor do Espiritismo; 15. Ação dos bons Espíritos para evitar o suicídio; 16. Suicídio indireto. 17. Textos complementares

O trabalho foi realizado por colaboradores do Centro de Estudos da UMEN (União da Mocidade Espírita de Niterói) – CEU, como uma contribuição para o Projeto Yvonne Pereira, CEERJ. Os pesquisadores ficam felizes por proporcionar ao Movimento Espírita um material útil aos estudos do suicídio, mas reconhecem ser uma iniciativa modesta e esperam que as limitações existentes sejam minoradas, graças à ajuda de muitos outros.

Entre as melhorias possíveis identificadas, relacionamos como principais: a inclusão das obras não consultadas de Emmanuel e André Luiz, e os livros de Joanna de Ângelis, além da revisão das ocorrências do termo “SUIC”, no sistema de busca NEPE SEARCH.

*CENTRO DE ESTUDOS DA UMEN - CEU*



**HÁ UM SÉCULO**

## CAP. XXV – ITEM 2

### I

Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, naquela triste manhã de abril de 1860, estava exausto, acabrunhado. Fazia frio. Muito embora a consolidação da Sociedade Espírita de Paris e a promissora venda de livros, escasseava o dinheiro para a obra gigantesca que os Espíritos Superiores lhe haviam colocado nas mãos.

A pressão aumentava...

Missivas sarcásticas avolumavam-se à mesa.

Quando mais desalentado se mostrava, chega a paciente esposa, Madame Rivail – a doce Gaby –, a entregar-lhe certa encomenda, cuidadosamente apresentada.

### II

O professor abriu o embrulho, encontrando uma carta singela.

E leu:

“Sr. Allan Kardec:

Respeitoso abraço. Com a minha gratidão, remeto-lhe o livro anexo, bem como a sua história, rogando-lhe, antes de tudo, prosseguir em suas tarefas de esclarecimento da Humanidade, pois tenho fortes razões para isso.

Sou encadernador desde a meninice, trabalhando em grande casa desta capital. Há cerca de dois anos casei-me com aquela que se revelou minha companheira ideal. Nossa vida corria normalmente e tudo eram alegria e esperança, quando, no início deste ano, de modo inesperado, minha Antoinette partiu desta vida, levada por sorrateira moléstia.

Meu desespero foi indescritível e julguei-me condenado ao desamparo extremo. Sem confiança em Deus, sentindo as necessidades do homem do mundo e vivendo com as dúvidas aflitivas de nosso século, resolvera seguir o caminho de tantos outros, ante a fatalidade...

A prova da separação vencera-me, e eu não passava, agora, de trapo hu-

mano. Faltava ao trabalho e meu chefe, reto e ríspido, ameaçava-me com a dispensa.

Minhas forças fugiam.

Namorara diversas vezes o Sena e acabei planeando o suicídio. “Seria fácil, não sei nadar” – pensava. Sucediavam-se noites de insônia e dias de angústia. Em madrugada fria, quando as preocupações e o desânimo me dominaram mais fortemente, busquei a Ponte Marie.

Olhei em torno, contemplando a corrente... E, ao fixar a mão direita para atirar-me, toquei um objeto algo molhado que se deslocou da amurada, caindo-me aos pés.

Surpreendido, distingui um livro que o orvalho umedecera. Tomei o volume nas mãos e, procurando a luz mortíça de poste vizinho, pude ler, logo no frontispício, entre irritado e curioso:

“Esta obra salvou-me a vida. Leia-a com atenção e tenha bom proveito.  
– A. Laurent.”

”Estupefato, li a obra O Livro dos Espíritos, ao qual acrescentei breve mensagem, volume esse que passo às suas mãos abnegadas, autorizando o distinto amigo a fazer dele o que lhe aprouver.”

Ainda constavam da mensagem agradecimentos finais, a assinatura, a data e o endereço do remetente.

O Codificador desempacotou, então, um exemplar de O Livro dos Espíritos ricamente encadernado, em cuja capa viu as iniciais do seu pseudônimo e na página do frontispício, levemente manchada, leu com emoção não somente a observação a que o missivista se referira, mas também outra, em letra firme:

“Salvou-me também. Deus abençoe as almas que cooperaram em sua publicação. – Joseph Perrier.”

### III

Após a leitura da carta providencial, o Professor Rivail experimentou nova luz a banhá-lo por dentro...

Conchegando o livro ao peito, raciocinava, não mais em termos de desânimo ou sofrimento, mas sim na pauta de radiosa esperança. Era preciso

continuar, desculpar as injúrias, abraçar o sacrifício e desconhecer as pedradas...

Diante de seu espírito turbilhonava o mundo necessitado de renovação e consolo. Allan Kardec levantou-se da velha poltrona, abriu a janela à sua frente, contemplando a via pública, onde passavam operários e mulheres do povo, crianças e velhinhos...

O notável obreiro da Grande Revelação respirou a longos haustos e, antes de retomar a caneta para o serviço costumeiro, levou o lenço aos olhos e limpou uma lágrima...

*HILÁRIO SILVA (Espírito). Há um século. In. O Espírito da Verdade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Cap. 52*



**UMA ANÁLISE DE ALLAN  
KARDEC SOBRE O SUICÍDIO**

## ESTATÍSTICA DE SUICÍDIOS

LÊ-SE NO SIÈCLE DE... MAIO DE 1862:

“Na Comédia social no século dezenove, novo livro que o Sr. B. Gastineau acaba de publicar pela Editora Dentu, encontramos esta curiosa estatística de suicídios:

“Calculou-se que desde o começo do século o número de suicídios na França não se eleva a menos de 300.000; e tal estimativa talvez esteja aquém da verdade, pois a estatística só oferece resultados completos a partir de 1836. De 1836 a 1852, isto é, num período de dezessete anos, houve 52.126 suicídios, ou seja, uma média de 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens; enfim, segundo a última estatística que vimos no correr do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber: 3.057 homens e 842 mulheres.”

“Constatando que o número de suicídios aumenta todos os anos, o Sr. Gastineau deplora em termos eloquentes a triste monomania que parece haver-se apoderado da espécie humana.”

Eis uma rápida oração fúnebre pelos infelizes suicidas. Entretanto, a questão nos parece muito grave e merece um exame sério. Do ponto de vista em que estão as coisas, o suicídio não é mais um fato isolado e acidental; pode, com inteira razão, ser considerado como um mal social, uma verdadeira calamidade. Ora, um mal que regularmente elimina de três a quatro mil pessoas por ano num único país e segue uma progressão crescente, não é devido a uma causa fortuita; há necessariamente um radical, absolutamente como quando se vê um grande número de pessoas morrer da mesma doença, o que deve chamar a atenção da Ciência e a solicitude das autoridades. Em semelhante caso, limitam-se a verificar o gênero de morte e o modo empregado para a executar, enquanto é negligenciado o elemento essencial, o único que nos poderia pôr no caminho do remédio: o motivo determinante de cada suicídio. Chegar-se-ia, assim, a constatar a causa predominante; mas, salvo circunstâncias muito características, acham mais simples e mais cômodo arrolá-los na classe dos monômanos e dos maníacos.

Incontestavelmente há suicídios por monomania, realizados fora do domínio da razão, por exemplo, os que ocorrem na loucura, na febre ardente, na embriaguez. Nestes a causa é puramente fisiológica; mas ao lado está a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com

premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas imaginam que o suicida jamais esteja no seu bom-senso; é um erro de que partilhávamos outrora, mas que caiu ante uma observação mais atenta. Com efeito, estando em a Natureza o instinto de conservação, é muito racional pensar que a destruição voluntária seja contra a Natureza, razão pela qual muitas vezes se vê o instinto triunfar no último instante sobre a vontade de morrer, donde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso ter perdido a cabeça. Sem dúvida muitos suicidas são nesse momento tomados por uma espécie de vertigem e sucumbem a um primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação os domina no último instante, eles como que voltam à realidade e se agarram à vida. Mas é muito evidente, também, que muitos se matam a sangue-frio e com reflexão; e a prova está nas precauções calculadas que tomam, na ordem raciocinada que põem nos negócios, o que não é uma característica de loucura.

Faremos notar, sem maior exame, um traço peculiar do suicídio: é que os atos desta natureza, realizados em lugares completamente isolados e desabitados, são excessivamente raros; o homem perdido no deserto ou no mar morrerá de privações, mas não se suicidará, mesmo não esperando nenhum socorro. Aquele que voluntariamente quer deixar a vida aproveitada bem o momento em que está só para não ser tolhido em seu desígnio, mas o faz de preferência nos centros populosos, onde seu corpo ao menos terá alguma chance de ser encontrado. Um pulará do alto de um monumento no centro da cidade, e não do alto de um penhasco, onde não lhe restará traço algum; outro se enforcará no Bois de Boulogne, e não numa floresta, onde ninguém passa. O suicida não quer ser impedido, mas deseja que se saiba, cedo ou tarde, que se suicidou; parece-lhe que essa lembrança dos homens o liga ao mundo que quis deixar, tanto é certo que a ideia do nada absoluto tem algo de mais aterrador que a própria morte. Eis um curioso exemplo que vem apoiar esta teoria:

Por volta de 1815, um rico inglês foi visitar a famosa cachoeira do Reno; ficou de tal modo entusiasmado, que voltou à Inglaterra, pôs ordem em seus negócios e voltou, alguns meses depois, para se precipitar no turbilhão. É, incontestavelmente, um ato de originalidade, mas duvidamos muito que ele se atirasse da catarata do Niágara, caso ninguém viesse saber do fato. Uma singularidade de caráter causou o ato; mas o pensamento de que iriam falar dele determinou a escolha do local e o momento. Caso seu corpo não fosse encontrado, pelo menos sua memória não desapareceria.

Em falta de uma estatística oficial, que desse a exata proporção dos diversos motivos de suicídio, não resta dúvida de que os casos mais numero-

sos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os pesares de qualquer natureza. Neste caso o suicídio não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado desses motivos, que poderiam ser chamados sérios, uns há que são evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto pela vida, em meio aos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos os que se suicidam só recorrem a esse extremo, com ou sem razão, porque não estão contentes. Sem dúvida a ninguém é dado remediar esta causa primária; contudo, o que se deve deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, desde algum tempo, a esse arrastamento fatal. É isto, sobretudo, que deve chamar a atenção e que, a nosso ver, é perfeitamente remediável.

Muitas vezes pergunta-se se há covardia ou coragem no suicídio. Incontestavelmente há covardia ante as provas da vida, mas há coragem em afrontar as dores e as angústias da morte. Parece que estes dois pontos encerram todo o problema do suicídio.

Por mais pungentes que sejam as opressões da morte, o homem as afronta e as suporta, se for estimulado pelo exemplo. É a história do conscrito que, sozinho, recuava diante do fogo, ao passo que ficava eletrizado, vendo que os outros marchavam sem medo. Dá-se o mesmo com o suicida: a visão dos que se libertam por esse meio dos aborrecimentos e desgostos da vida os leva a pensar que em breve esse momento passará; aqueles que pudessem ser retidos pelo temor do sofrimento dirão que, desde que muitos assim o fazem, também podem fazer o mesmo; que é preferível sofrer alguns instantes a padecer durante anos. É somente nesse sentido que o suicídio é contagiante. O contágio não está nos fluidos nem nas atrações, mas no exemplo, que se acostuma com a ideia da morte e com o emprego dos meios para a executar. Isto é tão verdadeiro que quando se dá um suicídio de certa maneira, não é raro se sucederem outros do mesmo gênero. A história da famosa guarita onde em pouco tempo se enforcaram quatorze militares não tinha outra causa. O meio lá estava à vista; parecia cômodo e, por pouco que esses homens tivessem a veleidade de acabar com a vida, o aproveitavam. A simples visão poderia fazer brotar a ideia. Tendo sido o fato contado a Napoleão, este ordenou que queimassem a guarita. O mal cessou, desde que o meio já não estava à vista.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; excita, encoraja, acostuma-se com a ideia e, até mesmo, a provoca. Sob esse aspecto consideramos as descrições do gênero e que abundam nos jornais como uma das causas excitantes do suicídio: elas dão a coragem de morrer. Acontece o mesmo com os crimes, com a ajuda dos quais se

excita a curiosidade pública, produzindo um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, enquanto fizeram surgir mais de um.

Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, sejam quais forem os motivos particulares, tem sempre o descontentamento como causa. Ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão por um dia e de estar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência; só se desespera se não vê um termo para os seus sofrimentos. Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão menos que um dia? Mas para aquele que não acredita na eternidade, que julga que tudo acaba com a vida, caso se sinta oprimido pela mágoa e pelo infortúnio só vê um termo na morte; nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar os sofrimentos pelo suicídio.

A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as ideias materialistas são, numa palavra, os maiores excitantes do suicídio: levam à covardia moral. E quando se veem homens de ciência apoiarem-se na autoridade de seu saber, esforçando-se por provar aos seus ouvintes ou leitores que nada devem esperar depois da morte, não é conduzi-los a essa consequência de que, se são infelizes, nada têm melhor a fazer do que se matarem? O que lhes poderiam dizer para os desviar do suicídio? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança podem dar? Nada que não seja o nada. Devemos, pois, concluir que se o nada é um remédio heroico, a única perspectiva, melhor é cair imediatamente do que mais tarde, sofrendo, assim, por menos tempo. A propagação das ideias materialistas é, pois, o veneno que inocula em muitos a ideia do suicídio, e os que se tornam seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade.

A isto talvez objetem que nem todos os suicidas são materialistas, considerando-se que há pessoas que se matam para mais depressa ganharem o céu, e outras para se reunirem mais cedo àqueles a quem amaram. É verdade, mas é, incontestavelmente, o menor número, de que nos convenceríamos se dispuséssemos de uma estatística, feita conscienciosamente, das causas íntimas de todos os suicídios. Seja como for, se as pessoas que cedem a tal pensamento creem na vida futura, torna-se evidente que dela fazem um juízo completamente falso e a maneira pela qual a apresentam em geral não é muito apropriada para fazerem uma ideia mais justa. O Espiritismo não só vem confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes possíveis: o testemunho daqueles que nela se encontram. E faz mais, ao no-la mostrar sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo permitida a dúvida, muda o aspecto da vida; sua importância diminui em razão da certeza que se ad-

quire de um futuro mais próspero. Para o crente, a vida se prolonga indefinidamente para além do túmulo; daí a paciência e a resignação que naturalmente afastam a ideia do suicídio; daí, numa palavra, a coragem moral.

Sob esse aspecto tem ainda o Espiritismo um outro resultado muito positivo e, talvez, mais determinante. Bem diz a religião que o suicídio é um pecado mortal, pelo qual se é punido. Mas como? Pelas chamas eternas, nas quais não mais se acredita. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo explicar a sua posição infeliz, mas com uma diferença: as penas variam de acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme à justiça de Deus; que, em vez de serem uniformes, são a consequência muito natural da causa que provocou a falta, o que não se pode deixar de aí ver uma soberana justiça, distribuída com equidade. Entre os suicidas uns há cujo sofrimento, não obstante temporário, nem por isso é menos terrível e capaz de fazer refletir a quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O espírita tem, assim, como contrapeso ao pensamento do suicídio vários motivos: a certeza de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando a vida, chega a um resultado inteiramente oposto ao que esperava; que se liberta de um mal para cair noutra pior, mais longo e mais terrível; que não poderá rever no outro mundo os objetos de suas afeições, aos quais queria unir-se. Chega, assim, à conclusão de que o suicídio é contra os seus interesses. É por isso que o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável; de onde se pode inferir que, quando todo o mundo for espírita, não mais haverá suicídios voluntários, o que acontecerá mais cedo do que se imagina. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, apenas do ponto de vista do suicídio, constatamos que a lógica de um a ele conduz, enquanto a lógica do outro dele afasta, o que é confirmado pela experiência.

Mas – perguntarão – por esse meio destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios não motivados, desse insuportável desgosto da vida, que nada parece justificar? Esta causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, se o Espiritismo só curasse estas, já seria muito; a primeira é, propriamente falando, da alçada da Ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo: Nós curamos aquilo que nos diz respeito; por que não curais o que é da vossa competência? Contudo, não hesitamos em responder à questão afirmativamente.

Evidentemente certas afecções orgânicas são alimentadas, e mesmo provocadas, pelas disposições morais. O desgosto da vida o mais das vezes

é fruto da saciedade. O homem que tudo usou, não vendo nada além, está na situação do ébrio que, tendo esvaziado a garrafa e nada mais tendo, a quebra. Os abusos e os excessos de toda sorte levam forçosamente a um enfraquecimento e a uma perturbação das funções vitais; daí uma porção de doenças cuja fonte é desconhecida e que julgamos causativas, quando, na verdade, são apenas consecutivas; daí, também, uma sensação de languor e de desalento. O que faltaria ao hipocondríaco para combater suas ideias melancólicas? Um objetivo na vida, um móvel à sua atividade. Que objetivo pode ter se em nada crê? O espírito faz mais do que acreditar no futuro: sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem à frente, que a vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz conforme o emprego que faça da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que fizer. Ora, certo de viver depois da morte, e de viver muito mais tempo do que na Terra, é muito natural que pense em ser ali o mais feliz possível; além disso, certo de lá ser infeliz se não fizer o bem, ou mesmo se, não fazendo o mal, nada faz, compreende a necessidade de uma ocupação, o melhor preservativo contra a hipocondria. Com a certeza do futuro, tem um objetivo; com a dúvida, não o tem. É tomado pelo tédio e acaba com a vida porque nada mais espera. Que nos permitam uma comparação um pouco trivial, mas à qual não falta analogia: Um homem passou uma hora assistindo a um espetáculo. Se pensa que a peça acabou, levanta-se e sai; mas se souber que ainda vão representar coisa melhor e mais longa do que o que viu, ficará, mesmo que no pior lugar. A espera do melhor nele vencerá a fadiga.

As mesmas causas que levam ao suicídio também provocam a loucura. O remédio de um é o remédio da outra, como o demonstramos alhures. Infelizmente, enquanto a Medicina só levar em conta o elemento material, privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, o qual representa papel tão ativo num grande número de afecções. Além disso, o Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento; mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar. Acontece ainda que um Espírito se suicidou em precedente encarnação e, como expiação, é-lhe imposto na seguinte lutar contra a tendência do suicídio. Se sair vitorioso, progride; se sucumbir, terá de recomeçar uma vida talvez mais penosa ain-

da que a precedente e, assim, deverá lutar até que haja triunfado, pois toda recompensa na outra vida é fruto de uma vitória, e quem diz vitória diz luta. O espírita haure, pois, na certeza que ele tem deste estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia lhe poderia dar.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (julho). Estatística de suicídios*



1

**CATEGORIAS DE SUICÍDIO,  
DE ACORDO COM A  
INTENCIONALIDADE,  
SEGUNDO ALLAN KARDEC**

Allan Kardec, nos textos em que se refere ao suicídio, deixa transparecer um esboço de classificação, baseada na vontade de realizar o ato. De acordo com Codificador, os suicídios poderiam ser divididos em três categorias: 1 – Aqueles relacionados à loucura e a outros estados fisiológicos alterados, com a embriaguez e a febre ardente, em que não haveria intencionalidade e participação racional; 2 – Os suicídios voluntários, que seriam ainda divididos entre os que se devem a motivos que podem ser considerados fúteis, aos olhos de um observador; os que decorrem do desgosto pela vida; e os que são ocasionados pela desistência das provas, consideradas insuportáveis pelo que as sofre; 3) Os suicídios indiretos, em que a morte decorre do desgaste prematuro dos órgãos, pelos abusos e desequilíbrios diversos. A seguir, apresentamos a categorização de Allan Kardec, esquematicamente (Quadro 1)

Quadro 1 – Categorias de suicídios de acordo com a intencionalidade, segundo Allan Kardec

<b>Categoria</b>	<b>Causa</b>
<b>Suicídio não intencional</b>	<b>Loucura</b>
<b>Suicídio voluntário</b>	<b>Razões fúteis</b>
	<b>Desistência das provas</b>
	<b>Desgosto da vida</b>
<b>Suicídio indireto</b>	<b>Desgaste prematuro do corpo pelos abusos e desequilíbrios</b>

Os trechos das obras de Allan Kardec onde a referida categorização se encontra sugerida são os que se encontram expostos, adiante.

*Incontestavelmente há suicídios por monomania, realizados fora do domínio da razão, por exemplo, os que ocorrem na loucura, na febre ardente, na embriaguez. Nestes a causa é puramente fisiológica mas ao lado está a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas imaginam que o suicida jamais esteja no seu bom-senso; é um erro de que partilhávamos outrora, mas que caiu ante uma observação mais atenta. Com efeito, estando em a Natureza o instinto de conservação, é muito racional pensar que a destruição voluntária seja contra a Natureza, razão pela qual muitas vezes se vê o instinto triunfar no último instante sobre a vontade de morrer, donde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso ter*

*perdido a cabeça. Sem dúvida muitos suicidas são nesse momento tomados por uma espécie de vertigem e sucumbem a um primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação os domina no último instante, eles como que voltam à realidade e se agarram à vida. Mas é muito evidente, também, que muitos se matam a sangue-frio e com reflexão; e a prova está nas precauções calculadas que tomam, na ordem raciocinada que põem nos negócios, o que não é uma característica de loucura. (Revista Espírita 1862 - julho. Estatística de suicídios)*

*Não é sempre voluntário o suicídio? “O louco que se mata não sabe o que faz” (O Livro dos Espíritos. Item 944a)*

*Comete suicídio o homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas? “É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele então falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.” (O Livro dos Espíritos. Item 952)*

*Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos? Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. (O Livro dos Espíritos. Item 943)*

*[...] o Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento; mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar. (Revista Espírita 1862 - julho. Estatística de suicídios)*

Aparentemente, os Espíritos continuadores da revelação espírita seguem a mesma classificação. Cairbar Schutel (Espírito), em mensagem inserida no livro *Crestomatia da Imortalidade*, assim se expressa:

*Não somente pelo gesto arrojado nos despenhadeiros da autodestruição, dominado pela loucura<sup>1</sup> e a insensatez<sup>2</sup>, o homem comete suicídio. Mas, também pelo desrespeito às leis do equilíbrio e da serenidade<sup>3</sup> com que a vida nos dignifica em toda parte (Cairbar Schutel. In. Franco DP / Espíritos Diversos. *Crestomatia da Imortalidade*. Cap. 6 – Suicídio)*

No texto apresentado, podemos fazer a seguinte correlação: (1) Suicídio não intencional; (2) Suicídio voluntário; (3) Suicídio indireto

O Espírito André Luiz, igualmente, faz uso da distinção entre os suicí-

dios voluntários (1) e indiretos (2), conforme podemos verificar, a seguir.

Frequentemente, através do suicídio, integralmente deliberado<sup>1</sup>, ou do próprio desregramento<sup>2</sup>, operamos em nossa alma desequilíbrios, quais tempestades ocultas, que desencadeamos, por teimosia, no campo da natureza íntima.

A categorização utilizada por Allan Kardec e pelos Espíritos orientou a divisão dos capítulos da presente coletânea. Como se poderá observar, a maior parte das informações obtidas, pelo método empregado na revisão bibliográfica, refere-se aos suicídios intencionais, sem que se deixe de abordar os que se devem à loucura e aos suicídios indiretos.



2

**SUICÍDIO NÃO  
INTENCIONAL NA  
“LOUCURA”**

*Incontestavelmente há suicídios por monomania, realizados fora do domínio da razão, por exemplo, os que ocorrem na loucura, na febre ardente, na embriaguez. Nestes a causa é puramente fisiológica*

**ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (julho).  
Estatística de suicídios**

## **LOUCURA E SUICÍDIO**

Por que razão a loucura leva o homem algumas vezes ao suicídio?

“O Espírito sofre pelo constrangimento em que se acha e pela impossibilidade em que se vê de manifestar-se livremente, donde o procurar na morte um meio de quebrar seus grilhões.”

ALLAN KARDEC. *O livro dos Espíritos. Item 376*

## **SUICÍDIO INDUZIDO POR LOUCURA**

Não é sempre voluntário o suicídio?

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

ALLAN KARDEC. *O livro dos Espíritos. Item 944.a*

## **DOENÇAS MENTAIS E SUICÍDIO – SUICÍDIO SEM CONSCIÊNCIA / INTENÇÃO – NEURASTENIA**

[...] contaria, aproximadamente, 40 anos. Durante o giro conversou com desenvoltura, revelando-se excitado, e narrou particularidades chocantes de sua vida [...] Recordamo-nos, ainda, de nos ter asseverado que profundo esgotamento nervoso, verdadeiro estado traumático, acometera seu organismo terreno; que esse acidente degenerara em neurastenia dominante, e que isso lhe acarretara a morte. Que, moralmente, muito sofrera neste mundo e continuava sofrendo como Espírito, não obstante, no momento, já se achava conformado com o inevitável. E que, no Além, era acusado, por outros Espíritos, de haver praticado o suicídio, de que lhe resultara a morte prematura, mas que ele disso não se lembrava absolutamente, e nem sequer jamais pensara em recorrer a semelhante alvitre, a fim de escapar às lutas morais que o assediaram, e, se tal realmente se deu, como médico, que era, somente poderia atribuir o fato a um ato irrefletido, durante alguma crise da sua deprimente neurastenia.

Efetivamente, esse Espírito, que irradiava simpatia, embora sem pertencer a uma ordem elevada do mundo invisível, nenhum característico dos Espíritos suicidas apresentava, o que confirma a versão de que os neurastênicos que se matam durante um acesso do terrível mal não passam pela aspereza das repercussões conscienciais comuns à maioria dos suicidas, conquanto hajam de arrostar a responsabilidade dos atos que tenham dado origem ao grande desequilíbrio nervoso por que se deixam vencer.

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: O amigo beletrista*

## NEURASTENIA – OBSESSÃO – SUICÍDIO INCONSCIENTE

Vejo, porém, a interrogação em vosso cérebro: E o suicídio por ele praticado?...

“Não houve, exatamente, um suicídio, na expressão costumeira do termo, visto que, pela época do seu decesso físico, ele se encontrava totalmente presa de graves distúrbios nervosos, além de obsidiado pela entidade suicida Maria Elisa, a qual, reconhecendo-se viva em além-túmulo, negava-se a abandoná-lo, afeita ao elo sentimental que os unira... Ele, portanto, não teve intenção de matar-se, não premeditou o suicídio, nem mesmo assistiu com os próprios sentidos ao ato que praticou. E, assim sendo, não houve o drama consciencial, ou seja, a responsabilidade de consciente infração a uma Lei da Natureza, no sentido lato do termo. Caberá, portanto, ao obsessivo a maior dose de responsabilidade no lamentável fato. Todavia, a consciência acusa-o de infrações outras, das quais resultaram a neurastenia e o desequilíbrio da própria personalidade, que deram causa à obsessão e ao suicídio, como ao respectivo estado de penúria moral no mundo invisível. [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: O amigo beletrista*

## TENTATIVA DE SUICÍDIO EM PACIENTE COM PSICOSE MANÍACO-DEPRESSIVA - OBSESSÃO

No domingo imediato, quando os familiares se reuniam, aguardando o enfermeiro e D. Clarice para as leituras e orações em grupo, porque a filha não saísse do quarto, D. Artêmis foi buscá-la. Encontrou-a deitada, agitando-se. Ao dobrar-se para soerguê-la, percebeu a imensa tragédia: Lisandra tentara contra a vida, seccionando as artérias nos pulsos.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Tramas do destino. Cap. 18 - Alegrias e dores superlativas*

## SUICÍDIO NÃO-INTENCIONAL - EFEITO DE TRANSTORNO PSIQUIÁTRICO - PSICOSE MANÍACO DEPRESSIVA

— Naquele transe, sob a indução cruel, que me houvera conduzido ao transtorno psicótico maníaco-depressivo, em uma noite de alucinação, porquanto podia ver a mulher-verdugo de minha existência e os seus asseclas, fui induzido a ingerir algumas drágeas de sonífero, quase automaticamente, sem qualquer reflexão, a fim de apagar da mente aqueles terríveis pesadelos e libertar-me dos vergonhosos doestos que me atiravam à face, humilhando-me, escarnecendo-me, e sempre mais me ameaçando. À medida que as substâncias passaram a atuar no meu organismo, cruel torpor e enregelamento tomou-me todo, produzindo-me a parada cardíaca, e a desencarnação...

[...]

Um dia, que ainda não posso identificar, senti-me sair do antro para onde fora levado pelas mãos perversas que me induziram ao suicídio, embora sem a minha concordância [...]

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Tormentos da Obsessão. Capítulo: Contato precioso.*

## SUICÍDIO POR RAZÃO FÚTIL - PROVÁVEL TRANSTORNO MENTAL

O JOURNAL DE LA HAUTE-SAÔNE NARROU, ultimamente, o seguinte fato: [...] Um proprietário de Saint-Loup foi advertido de que uma de suas quintas seria expropriada, no dia 14 de maio, pela Companhia de Estradas de Ferro do Leste. A informação o afetou vivamente. Não podendo suportar a separação de suas terras, deu sinais de alienação mental. No dia dois de maio saiu de sua casa às três horas da manhã e afogou-se no rio de Com-

beauté.”

Realmente, é difícil suicidar-se por um motivo tão fútil, e um ato tão desarrazoado não pode ser explicado senão por um transtorno cerebral; mas o que teria produzido esse transtorno? [...] O fato da desapropriação do terreno? Mas, então, por que não se tornam loucos todos aqueles cujas terras são desapropriadas? Dirão que é porque nem todos têm o cérebro tão fraco. Então, admitis uma predisposição natural à loucura; e não poderia ser de outra forma, já que a mesma causa nem sempre produz o mesmo efeito. Já o dissemos muitas vezes, em resposta aos que acusam o Espiritismo de provocar a loucura. Que digam se, antes de cogitar-se dos Espíritos, não havia loucos e se não há loucos entre os que não creem nos Espíritos? Uma causa física ou uma violenta comoção moral apenas poderão produzir uma loucura momentânea. Fora disso, se examinarmos os antecedentes, sempre serão encontrados sintomas, que uma causa fortuita pode desenvolver; então a loucura toma o caráter da preocupação principal. O louco fala daquilo que o preocupa, mas a causa não é a preocupação; esta, quando muito, é uma espécie de forma de manifestação. Assim, havendo uma predisposição para a loucura, aquele que se ocupa de religião terá uma loucura religiosa; o amor produzirá a loucura amorosa; a ambição, a loucura das honras e das riquezas, etc. No fato narrado acima seria absurdo ver outra coisa além de um simples efeito, que qualquer outra causa teria provocado, pois havia predisposição. [...]

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1860 (junho). Uma Semente de Loucura*



3

# SUICÍDIO VOLUNTÁRIO

Considerações Iniciais

**D**e acordo com Allan Kardec, existe uma categoria de suicídios realizados com premeditação e pleno conhecimento de causa: os suicídios voluntários. Nesses casos, o indivíduo julga e delibera interromper a própria existência. Em todo processo de tomada de decisão, existem fatores intrínsecos e extrínsecos que podem fazer a balança pender para um dos lados. Em relação ao suicídio, não é diferente. Fatores existem que podem favorecer ou desfavorecer a decisão infeliz (fatores de risco e de proteção) e a literatura espírita se refere a vários dentre. Os sofrimentos da vida ocupam uma posição de destaque, mas não consistem das razões únicas, uma vez que há suicídios perpetrados por motivos considerados irrelevantes, aos olhos de um observador qualquer. Essas causas de sofrimento, reconhecidas por todos como tais, podem até mesmo inexistir, como ocorre em alguns casos de suicídio por “desgosto da vida”. O conhecimento dos fatores de risco e proteção é de fundamental importância, porque podem significar oportunidades de prevenção.

A seguir, apresentamos esquematicamente a influência de diversos fatores relatados na literatura espírita sobre a tomada de decisão do suicídio (Quadro 2).

Quadro 2. A tomada de decisão do suicídio e alguns fatores de risco e proteção relacionados pela literatura espírita



Os capítulos 4 a 10 referem-se a fatores de risco ou proteção para o suicídio relacionados na literatura espírita revisada.

# **SUICÍDIO VOLUNTÁRIO**

**Tomada da resolução trágica - Infortúnios considerados motivos por quem perpetra o suicídio**

*[...] o Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento; mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar*

\*\*\*\*\*

*[...] Com efeito, estando em a Natureza o instinto de conservação, é muito racional pensar que a destruição voluntária seja contra a Natureza, razão pela qual muitas vezes se vê o instinto triunfar no último instante sobre a vontade de morrer, donde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso ter perdido a cabeça. Sem dúvida muitos suicidas são nesse momento tomados por uma espécie de vertigem e sucumbem a um primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação os domina no último instante, eles como que voltam à realidade e se agarram à vida. Mas é muito evidente, também, que muitos se matam a sangue-frio e com reflexão; e a prova está nas precauções calculadas que tomam, na ordem raciocinada que põem nos negócios, o que não é uma característica de loucura.*

\*\*\*\*\*

Em falta de uma estatística oficial, que desse a exata proporção dos diversos motivos de suicídio, não resta dúvida de que os casos mais numerosos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os pesares de qualquer natureza. Neste caso o suicídio não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado desses motivos, que poderiam ser chamados sérios, uns há que são evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto pela vida, em meio aos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos os que se suicidam só recorrem a esse extremo, com ou sem razão, porque não estão contentes. Sem dúvida a ninguém é dado remediar esta causa primária; contudo, o que se deve deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, desde algum tempo, a esse arrastamento fatal. É isto, sobretudo, que deve chamar a atenção e que, a nosso ver, é perfeitamente remediável.

Muitas vezes pergunta-se se há covardia ou coragem no suicídio. Incontestavelmente há covardia ante as provas da vida, mas há coragem em afrontar as dores e as angústias da morte. Parece que estes dois pontos encerram todo o problema do suicídio.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (julho). *Estatística de suicídios*

# GENERALIDADES SOBRE OS MOTIVOS DE SUICÍDIO

## MOTIVOS DE SUICÍDIO - PASSAGEIROS E HUMANOS

Os motivos de suicídio são de ordem passageira e humana

*LÉON DENIS. O problema do ser, do destino e da dor. Cap. X - A morte §42*

## DESCONTENTAMENTO FRENTE A ASPECTOS DA VIDA

O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem.

*ALLAN KARDEC. O Evangelho segundo o Espiritismo. Cap. V  
Bem-aventurados os aflitos. Item 15*

## DESEJO DE FUGA, ESQUECIMENTO

[...] O suicida procura o nada e o esquecimento de todas as coisas

*LÉON DENIS. O problema do ser, do destino e da dor. Cap. X - A morte. § 40*

## DESEJO DE DESAPARECER

[...] morrer a fim de desaparecer na região do que, a minha ignorância dos fatos de além-morte, eu supunha o eterno esquecimento!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 - Os réprobos. §28*

## PROCESSO DA DECISÃO TRÁGICA

— O suicídio é a culminância de um estado de alienação que se instala sutilmente. O candidato não pensa com equilíbrio, não se dá conta dos males que o seu gesto produz naqueles que o amam. Como perde a capacidade de discernimento, apega-se-lhe como única solução, esquecido de que o tempo equaciona sempre todos os problemas, não raro, melhor do que a precipitação. A pressa nervosa por fugir, o desespero que se instala no íntimo empurram o enfermo para a saída sem retorno...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e*

## SUICÍDIOS POR MOTIVOS POUCO RELEVANTES / FÚTEIS

### GESTO IMPENSADO – CÓLERA - IMPACIÊNCIA

O casal vivia por entre dificuldades financeiras, como é comum entre as famílias cujos recursos são pequenos. A situação, portanto, não constituía exceção. Mas a casa era mantida com o necessário, pois o homem trabalhava normalmente, a fim de manter a família; a mulher ocupava-se apenas com os afazeres domésticos, como o faz toda mãe de família, e, assim, ninguém sofria verdadeiras privações.

Um dia, porém, queixou-se o marido das dificuldades financeiras e pediu a esposa que procurasse economizar o mais possível, evitando gastos supérfluos, observação naturalíssima que, ao bom senso, não encerrará ofensa. Mas a mulher ofendeu-se com a advertência, houve discussão acalorada e só Deus sabe o que mais teria havido entre os esposos. Tentando evitar maiores males, o operário saiu de casa procurando refazer-se longe da enfurecida esposa. Indignada, esta, fazendo-se acompanhar dos dois filhos, deixou também a casa, dirigindo-se a linha férrea da Central do Brasil. Ao aproximar-se o comboio elétrico, atira-se diante dele, arrastando as duas crianças, em procura do suicídio.

**Resultado:** a criança de dois anos de idade, filha do segundo casamento, foi esmagada pelo comboio. A criança de cinco anos, filha do primeiro matrimônio, atirada a grande distância, pelo comboio, não morreu, mas tornou-se inválida. E ela, a mulher, teve as duas pernas amputadas, sem conseguir o trágico fim que desejava. Quanto ao marido, revoltado ante o acontecimento, não podendo ou não querendo reconciliar-se com a mulher criminosa, que levara à morte o filho que era dele, abandonou-a irremediavelmente, nunca mais dando notícias suas. E o saldo do terrível gesto de cólera e impaciência, aí está: a grave responsabilidade da morte do filho pequenino e da invalidez do outro; a sua invalidez e todos os agravos dolorosos daí derivados para si mesma e para o filho, inclusive o remorso do próprio crime perante as leis de Deus.

YVONNE A. PEREIRA. *À luz do consolador. Capítulo: Tormentos voluntários*

## SENTIMENTALISMO – IDEALIZAÇÃO - DESEJO

Maximiliano V..., criança de doze anos, suicida-se por amor

[...]

“Maximiliano V..., rapazola de doze anos [...] imaginou sentir paixão por uma criatura que teve ocasião de ver algumas vezes, a qual estava longe de pensar que tivesse inspirado um tal sentimento. Desesperado por não ver a realização dos sonhos [...] resolveu matar-se.

[...]

3. Lembrai-vos bem das circunstâncias da vossa morte?

Resp. – Parecem muito vagas. Sei que me suicidava sem motivo. Entretanto, poeta numa outra encarnação, tinha uma espécie de intuição de minha vida passada; criava sonhos, quimeras; enfim, eu amava.

[...]

5. É singular que uma criança de doze anos seja levada ao suicídio, sobretudo por um motivo como esse que vos impeliu.

Resp. – [...] Já não vos disse que, poeta numa outra encarnação, minhas faculdades tinham ficado mais amplas e mais desenvolvidas que nos outros? Oh! ainda na noite em que me encontro agora vejo passar essa sílfide de meus sonhos na Terra, e é isto o castigo que Deus me inflige, de a ver bela e leviana como sempre, passar diante de mim e eu, ébrio de loucura e de amor, quero me atirar... mas, ah! é como se estivesse preso a um anel de ferro... Chamo... mas em vão; ela nem sequer vira a cabeça... Oh! como sofro então!

6. [...]

[...] Ah! é que a amo desde muito tempo; amá-la-ei sempre... Que importa, se tiver de sofrer por toda a eternidade, se puder um dia possuí-la em outra encarnação!

[...]

8. Que podemos fazer que vos seja útil?

Resp. – Orar, visto que a prece é o orvalho divino que nos refresca o coração, a nós, pobres almas em pena e em sofrimento. Orar. No entanto,

parece que se me arrancásseis do coração o próprio amor e o substituísseis pelo amor divino, então!... [...]

[...]

12. O objeto de sua paixão compartilha de seus sentimentos? Estarão esses dois seres destinados a unir-se um dia? Quais as condições de sua união e quais os obstáculos que agora a impedem?

Resp. – Os poetas amam as mulheres da Terra? Eles o acreditam por um dia, uma hora. O que eles amam é o ideal, uma quimera criada por sua ardente imaginação; amor que não pode ser satisfeito senão por Deus. Todos os poetas têm uma ficção no coração – a beleza ideal que eles acreditam ver passar na Terra; e quando encontram uma bela menina, que jamais deverão possuir, então dizem que a realidade tomou o lugar do sonho. Mas, se tocarem a realidade, cairão das regiões etéreas na matéria e, não mais reconhecendo o ser que sonhavam, criam outras quimeras.

13. [...] Em que época vivestes como poeta? Tivestes um nome conhecido?

Resp. – No reinado de Luís XV. Eu era pobre e desconhecido; amava a uma mulher, um anjo que vi passar num parque, num dia de primavera. Depois, só a reví em sonhos, e meus sonhos prometiam que eu a possuiria um dia.

[...]

[...] Sei seu nome porque um cavaleiro que passava perto dela a chamou Elvira. Ah! era bem a mulher que minha imaginação havia sonhado. Eu a vejo ainda, sempre bela e encantadora. Ela é capaz de me fazer esquecer a Deus para vê-la e segui-la ainda.

15. Sofreis e podeis sofrer ainda muito tempo. De vós depende abreviar os vossos tormentos.

Resp. – [...] Não podeis avaliar o que é um desejo insatisfeito. Meus desejos serão carnavais? E, no entanto, eles me queimam, e as pulsações do coração, ao pensar nela, são mais fortes do que seriam se pensasse em Deus.

16. Nós vos lamentamos profundamente. [...] Não se diz que deveis esquecer a Elvira, mas pensar um pouco menos nela e um pouco mais em Deus, que pode abreviar os vossos tormentos se fizerdes o que for necessário. Secundaremos vossos esforços pelas nossas preces.

Resp. – Obrigado! orai e tratai de arrancar Elvira de meu coração. Talvez um dia eu vos agradeça por isto.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (maio). *Uma paixão de além-túmulo*.

## SUICÍDIO POR ACONTECIMENTOS DE POUCA MONTA

Desse modo, acompanhamos o esforço extenuante de pessoas que a enfermidade limitou, que os acidentes paralisaram, lutando tenazmente e sofrendo pela reconquista de parcos movimentos, que os alegram, enquanto outras, de aparência sadia, por acontecimento de pequena monta, ou paixão momentânea, dominadas pela rebeldia sistemática, atiram-se aos lôbregos sítios do suicídio, deixam-se arrastar pelos cipoais da mágoa, permitem-se percorrer os imensos corredores da loucura...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 25 – Socorro de emergência*

## DESGOSTO DA VIDA

### DESGOSTO DA VIDA, SEM MOTIVOS PLAUSÍVEIS

Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?

Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade.

Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 943*

### DESGOSTO DA VIDA, SEM MOTIVOS SÉRIOS

[...] indivíduos que levam uma existência ociosa, inútil a si como ao próximo, acabando muita vez no suicídio, sem motivos sérios, por aborrecimento da vida.

## DESGOSTO DA VIDA

Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 945*

## TÉDIO – DESESPERANÇA - MATERIALISMO

Um ateu M. J.-B. D... era um homem instruído, mas em extremo saturado de ideias materialistas, não acreditando em Deus nem na existência da alma. A pedido de um parente, foi evocado dois anos depois de desencarnado, na Sociedade Espírita de Paris.

[...]

5. Que motivo poderia ter-vos levado ao suicídio? — R. O tédio de uma vida sem esperança.

Concebe-se o suicídio quando a vida é sem esperança; procura-se então fugir-lhe a qualquer preço.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas. Um ateu*

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1861 (Fevereiro). Palestras familiares de além-túmulo. Um ateu.*

## RECUO ANTE AS PROVAS

### PROVAS JULGADAS INSUPOORTÁVEIS

[...] Depois de encarnado [...] Pode, entretanto, achar pesada demais a carga e considerá-la superior às suas forças. É quando isso acontece que recorre ao suicídio.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 350*

### RECUO ANTE AS PROVAS ESCOLHIDAS

“Pergunto, agora, se é possível a um Espírito encarnado recuar diante de uma prova já começada.” A esta pergunta respondemos: Sim. Os Espíritos recuam muitas vezes ante as provas que escolheram; não têm coragem

de as suportar e, até mesmo, de as enfrentar, quando chegou o momento. Aí está a causa da maioria dos suicídios. Recuam ainda quando se lastimam e se desesperam, perdendo, assim, os benefícios da prova. [...]

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (outubro). *Pode o Espírito Recuar Diante da Prova?*

## DESGOSTOS DA VIDA - DESISTÊNCIA

[...] abismo que, com malvadas seduções, há perdido muita alma descrente em meio dos desgostos comuns à vida de cada um

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap.2 - Os réprobos. §52*

## DESEJO DE FUGIR AOS TESTEMUNHOS

[...] testemunhos e expiações na Terra, aos quais julgara poder furtar-me com o tresloucado gesto que tivera.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 - No Hospital Maria de Nazaré. §125*

## DESEJO DE SE FURTAR AO COMPROMISSO DA EXISTÊNCIA

[...] se arrojaram em audaciosa aventura, supondo furtarem-se ao sagrado compromisso da existência!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. §12*

## DESESPERANÇA - DESERÇÃO DAS LUTAS

Dia por dia, a desesperança e o suicídio fazem novas devastações. O número de suicídios, que, em 1820, era de 1.500, calculando-se só os da França, excede agora a 8.000. Oito mil seres, todos os anos, por falta de energia e de senso moral, desertam das lutas fecundas da vida, e refugiam-se no que creem ser o nada! [...]

LÉON DENIS. *Depois da morte. Cap. VIII - A crise moral*

## SOFRIMENTO COMPREENSÍVEL COMO IRREMEDIÁVEL

Quantas vezes, nas efervescências de um sofrimento parecido irremediável, desespera-se a criatura, atirando-se à aventura sinistra de um suicí-

dio, quando, dentro de curto espaço de tempo, encontraria a solução para o seu problema, a compensação, o auxílio da Providência como o consolo de que carecia! Faltou-lhe a paciência, porém, a necessária calma para refletir e esperar a melhoria da situação, e por isso um abismo de trevas, em séculos de lutas e renovações idênticas às fracassadas, positivou-se para o seu destino, ensinando que o que convém à criatura é a fortaleza e a paciência na adversidade, mas jamais a revolta e o desespero, que para nada aproveitam!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 22 – Últimos traços. Nota 43*

### **SITUAÇÃO COMPREENDIDA COMO IRREMEDIÁVEL – REMORSO – SAUDADE DE ENTES QUERIDOS DESENCARNADOS**

Entrementes, a cena culminante do meu suicídio foi extraída dos meus arquivos mentais com detalhes patéticos para mim mesma, exatamente os detalhes que serviriam de instrução e estímulo na situação em que me encontrava. [...] Vi-me, primeiramente, em lágrimas e desesperos, indo e vindo, alucinada, pelo casarão que me fora tão querido, bradando pelos nomes dos meus seres amados recentemente desaparecidos, e de cujas mortes eu me responsabilizava. Charles seguia-me e eu compreendia que ele, amorosamente, me advertia:

— Tem paciência e coragem, L, minha filha, volta-te para Deus e conseguirás forças para refletir e recomeçar a vida, consagrando-te ao bem...

— Está tudo perdido, é irremediável, meu pai, é irremediável, porque eles não voltarão para o meu lado a fim de me dedicar a ambos conforme mereciam e refazer com o bem o mal que pratiquei — respondi em desespero, sem querer ouvi-lo, e pranto violento, de verdadeira loucura seguia-se, estado como que pré-agônico anunciando o desespero supremo.

— Pensa um pouco em mim, lembra-te de que sou teu pai, e também a mim fazes infeliz com tal procedimento... Eu te quero acima de tudo, minha filha, não te faltarão amparo e reconforto moral... Poderemos viajar, sairemos da Europa... por que não iríamos para a América? Consultaremos médicos, Deus não nos negará auxílio... Ouve meus conselhos, obedece-me, L! Tenho direito ao teu acatamento e ao teu respeito, já que te esqueces do amor que também me deves...

E depois, no cemitério, eu me debruçava sobre o túmulo, presa de angústias insuportáveis.

Em seguida, vi-me em preparativos para o suicídio, habilmente premeditado: [...] No local previsto, sentada sobre umas pedras, próximo a uma ribanceira, que caía para o leito de grande rio, escrevi um bilhete a meu pai, despedindo-me e rogando seu perdão. Angústia mortal me oprimia o coração e a dor insuportável do remorso e da saudade era que me impelia ao ato desesperado.

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo - Os arquivos da alma*

## **DISSABORES JULGADOS INSUPORTÁVEIS, SOFRIMENTOS AVALIADOS COMO INSOLÚVEIS**

### **VERGONHA – DESONRA – REMORSO**

Em geral, aqueles que se arrojam ao suicídio esperam livrar-se, para sempre, de dissabores julgados insuportáveis, de sofrimentos e problemas considerados insolúveis pela tibiez da vontade deseducada, que se acovarda em presença, muitas vezes, da vergonha do descrédito ou da desonra, dos remorsos deprimentes postos a enxovalharem a consciência, consequências de ações praticadas à revelia das leis do bem e da justiça.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 - Os réprobos. §1*

### **SENTIMENTO DE SOFRIMENTO INSOLÚVEL - PESSIMISMO - AUTODEPRECIAÇÃO -**

— Pobre Arthur! Quisera poder vê-lo, Matilde.

[...] Arthur dormia sob a ação de drogas benfazejas. Andrea curvou-se sobre ele e beijou-o no rosto repetidas vezes, com ternura infinita, enquanto Matilde percebeu que ela murmurava:

— Amo-te sim, Arthur, amei-te muito! Mas sou muito desgraçada para poder fazer alguém feliz. Perdoa-me!

Retornaram aos aposentos. Andrea retirou de um móvel um envelope fechado e entregou-o à boa serva:

[...]

[...] No envelope, havia uma carta, que dizia assim:

“Arthur, querido e bom Arthur! Amo-te sim, e sempre te amei, mas sou

muito desgraçada para continuar vivendo. [...]

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 14 - Uma viagem ao infinito. § 19 a 22; 24 e 25

## **ABATIMENTO PELAS EXPERIÊNCIAS EXPIATÓRIAS COMPLICADAS POR SI MESMA, NESSA ENCARNAÇÃO**

### **FILHINHA DOENTE – MARIDO COM HANSENÍASE**

O Assistente interrompeu a operação socorrista e falou-nos, bondoso:

- Temos aqui asfixiante problema de conta agravada.

E designando a jovem mãe, agora extenuada, continuou:

- Marina veio de nossa Mansão para auxiliar a Jorge e Zilda, dos quais se fizera devedora. No século passado, interpôs-se entre os dois, quando recém-casados, Impelindo-os a deploráveis levandades que lhes valeram angustiosa demência no Plano Espiritual. Depois de longos padecimentos e desajustes, permitiu o Senhor que muitos amigos intercedessem, junto aos Poderes Superiores, para que se lhes recompusesse o destino, e os três renasceram no mesmo quadro social, para o trabalho regenerativo. Marina, a primogênita do lar de nossa irmã Luísa, recebeu a incumbência de tutelar a irmãzinha menor, que assim se desenvolveu ao calor de seu fraternal carinho, mas, quando moças feitas, há alguns anos, eis que, segundo o programa de serviço traçado antes da reencarnação, a jovem Zilda reencontra Jorge e reatam, instintivamente, os elos afetivos do pretérito. Amam-se com fervor e confiam-se ao noivado. Marina, porém, longe de corresponder às promessas esposadas no Mundo Maior, pelas quais lhe cabia amar o mesmo homem, no silêncio da renúncia construtiva, amparando a irmãzinha, outrora repudiada esposa, nas lutas purificadoras que a atualidade lhe ofertaria, passou a maquinar projetos inconfessáveis, tomada de intensa paixão. Completamente cega e surda aos avisos da sua consciência, começou a envolver o noivo da irmã em larga teia de seduções e, atraindo para o seu escuso objetivo o apoio de entidades caprichosas e enfermiças, por intermédio de doentios desejos, passou a hipnotizar o moço, espontaneamente, com o auxílio dos vampiros desencarnados, cuja companhia aliciara sem perceber... E Jorge, inconscientemente dominado, transferiu-se do amor por Zilda à simpatia por Marina, observando que a nova afetividade lhe crescia assustadoramente no íntimo, sem que ele mesmo pudesse controlar-lhe a expansão... Decorridos breves meses, dedicavam-se

ambos a encontros ocultos, nos quais se comprometeram um com o outro na maior intimidade... Zilda notou a modificação do rapaz, mas procurava desculpar-lhe a indiferença à conta de cansaço no trabalho e dificuldades na vida familiar. Todavia, em faltando apenas duas semanas para a realização do consórcio, surpreende-se a pobrezinha com a inesperada e aflitiva confissão... Jorge expõe-lhe a chaga que lhe excrucia o mundo interior... Não lhe nega admiração e carinho, mas desde muito reconhece que somente Marina deve ser-lhe a companheira no lar. A noiva preterida sufoca o pavoroso desapontamento que a subjuga e, aparentemente, não se revolta. Mas, introvertida e desesperada, consegue na mesma noite do entendimento a dose de formicida com que põe termo à existência física. Alucinada de dor, Zilda desencarnada foi recolhida por nossa irmã Luísa, que já se achava antes dela em nosso mundo, admitida na Mansão pelos méritos maternais. A genitora desditosa rogou o amparo de nossos Maiores. Na posição de mãe, apiedava-se de ambas as jovens, de vez que a filha traidora, aos seus olhos, era mais infeliz que a filha escarnecida, embora esta última houvesse adquirido o grave débito dos suicidas, em seu caso atenuado pela alienação mental em que a moça se vira, sentenciada sem razão a inqualificável abandono... Examinado o assunto, carinhosamente, pelo Ministro Sânzio, que conhecemos pessoalmente, determinou ele que Marina fosse considerada devedora em conta agravada por ela mesma. E, logo após a decisão, providenciou a fim de que Zilda fosse recambiada ao lar para receber aí os cuidados merecidos. Marina falhara na prova de renúncia em favor da irmã que lhe era credora generosa, mas condenara-se ao sacrifício pela mesma irmãzinha, agora imposta pelo aresto da Lei ao seu convívio, na situação de filha terrivelmente sofredora e imensamente amada. Foi assim que Jorge e Marina, livres, casaram-se, recolhendo da Terra a comunhão afetiva pela qual suspiravam; entretanto, dois anos após o enlace, receberam Zilda em rendado berço, como filhinha estremecida. Mas... desde os primeiros meses do rebento adorado, identificaram-lhe a dolorosa prova. Zilda, hoje chamada Nilda, nasceu surda-muda e mentalmente retardada, em consequência do trauma perispirítico experimentado na morte por envenenamento voluntário. Inconsciente e atormentada nos refolhos do ser pelas recordações asfixiantes do passado recente, chora quase que dia e noite... Quanto mais sofre, porém, mais ampla ternura recolhe dos pais que a amam com extremados desvelos de compaixão e carinho... A vida corria-lhes regularmente, não obstante atribulada pelas provas naturais do roteiro, quando, há meses, Jorge foi apartado para o leprosário, onde se encontra em tratamento. Desde então, entre o **esposo doente** e a **filhinha** infeliz, Marina, em seu débito agravado, padece o abatimento em que a

encontramos, martelada igualmente pela tentação do suicídio.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Ação e Reação.*  
Cap. 12 - Dívida agravada. §51 a 54

### DECEPÇÕES – INFORTÚNIOS – AFEIÇÕES CONTRARIADAS

Entre as causas mais comuns de sobre-excitação cerebral, devem contar-se as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que, ao mesmo tempo, são as causas mais frequentes de suicídio.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Introdução. Item XV*

### DECEPÇÕES – DESASTRES – AFEIÇÕES CONTRARIADAS

Entre as causas mais numerosas de excitação cerebral, devemos contar as decepções, os desastres, as afeições contrariadas, as quais são também as mais frequentes causas do suicídio. [...]

ALLAN KARDEC. *O que é o Espiritismo. Segundo diálogo – O cético*

### MISÉRIAS DA VIDA - DECEPÇÕES

E do suicídio cujo fim é fugir, aquele que o comete, às misérias e às decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que carecem de energia e de coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso, ou fortuna! O acaso, ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem, com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, cruelmente, a vacuidade dessas palavras.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 946*

### PENÚRIA EXTREMA

Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome?

“É um suicídio, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impe-

di-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 947

### MISÉRIA – FOME – VERGONHA - DESGOSTO

Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo.

“Quis morrer, e atirei-me... Oh! meu Deus! Que momento!

[...]

“Esse que acaba de se dirigir a vós foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. François-Simon Louvet.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1863 (março)*. François-Simon Louvet, do Havre

### RUÍNA FINANCEIRA E SOCIAL – DESERÇÃO DAS CENSURAS E HUMILHAÇÕES

[...] quando se me deparou a ruína dos meus negócios comerciais, pois não sei se sabeis que fui importador e exportador de vinhos; crivado de dívidas insolúveis; surpreendido por estrondosa e irremediável falência; sem ascendente para evitar a miséria que a mim e à minha família escancarava fauces irremediáveis; acusado por amigos e pessoas da família como responsável único do dramático insucesso; abatido pela perspectiva do que sucederia à minha mulher e aos meus filhos, a quem eu, por muito estremecer, habituara a excessivo conforto, mesmo ao luxo, mas os quais, agora que me viam castigado e sofredor, me responsabilizavam cruamente por tudo, em vez de pacientemente me ajudarem a remover a cruz dos insucessos, que a todos nos abatia, fraquejei na coragem que até então tivera e “tentei” desertar da frente de todos e até de mim mesmo, a fim de poupar-me a censuras e humilhações. [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida*. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. §55

## RUÍNA FINANCEIRA

[...] a ruína financeira, a desonra comercial, tal como a Terra considera a falência de uma firma comercial; com a pobreza, com o descrédito - motivos estes que ontem o levaram ao suicídio [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 142*

## PERDA DA FORTUNA MATERIAL - DESÂNIMO

Era um homem rico, instruído, poeta de espírito, possuidor de caráter são, obsequioso e ameno, de perfeita honradez. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna, e, não lhe sendo possível repará-la em razão da idade avançada, cedeu ao desânimo, enforcando-se em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Félicien*

## RUÍNA FINANCEIRA

Os esposos F..., a mulher com sessenta e dois anos e o marido com oitenta, longe da abastança em que viveram, foram impelidos ao suicídio unicamente pela perspectiva da miséria. Tinham acumulado uma pequena fortuna com o comércio de tecidos em Nova Orleães; arruinados por falências, vieram para Nantes, depois para Tours, com o pouco que lhes restou do naufrágio financeiro. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, faltou-lhes em 1856, em consequência de uma nova falência. Já por três vezes, e muito antes que se cogitasse de Espiritismo, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz tinha acabado por arruiná-los, fazendo-lhes perder a coragem e a razão.

A carta a seguir, escrita pela Sra. F... antes de morrer e que se acha entre as peças acima relatadas, assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur*, dá a conhecer a verdadeira razão da morte. Nós a transcrevemos textualmente, na grafia original:

“Sr. e Sra. B..., antes de ir para o Céu quero entender-me convosco mais uma vez, aceitai meu último adeus, espero muito entretanto que nos veremos, como parto antes de vós vou guardar o vosso lugar para quando vier

o momento eu vos dar parte de nosso projeto, desde nossas adversidades temos alimentado no coração uma mágoa que não se apagou, é mais que um aborrecimento, tudo se torna um peso para mim, tenho sempre o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que há seis anos que o negócio de nossa casa não termina, talvez seja preciso consumir mais dois mil francos, como vemos que não podemos sair disso senão com grandes privações que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso acabar com isso, agora estamos velhos as forças começam a nos abandonar, a coragem falta, a partida não é mais igual, é preciso acabar com isto e chegamos à determinação. Peço que aceiteis meus votos sinceros. Esposa F...”

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1863 (abril). Suicídio Falsamente atribuído ao Espiritismo*

## PROBLEMAS FINANCEIROS

A residência que me deveria hospedar na cidade de Petrópolis [...] Fora construída por um operário alemão, que, por motivos financeiros, mais tarde se suicidara nas águas furtadas (sótão) [...]

*Yvonne A. Pereira. Recordações da mediunidade. Capítulo: Testemunho*

## DIFICULDADES FINANCEIRAS

[...] afirmando chamar-se Camilo da Silva aqui, José Camilo Botelho ali, e mais além Camilo da Fonseca, pobre professor português que tivera a desdita de se suicidar por motivo de dificuldades financeiras...

*Yvonne A. Pereira. Devassando o Invisível. Capítulo: Frederic Chopin, na Espiritualidade*

## REVESES DEVIDO À INAPTIDÃO PARA A CARREIRA

[...] No afastarem-se os homens da sua esfera intelectual reside indubitavelmente uma das mais frequentes causas de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada constitui fonte inesgotável de revezes. Depois, o amor-próprio, sobrevivendo a tudo isso, impede que o que fracassou recorra a uma profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar ao que se lhe afigura humilhação

*ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. Item 928*

## MORTE DE UM FILHO

Em março de 1865, o Sr. M. C..., negociante em pequena cidade dos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho dos

seus filhos, que contava 21 anos de idade. Este moço, prevendo o desenlace, chamou sua mãe e teve forças ainda para abraçá-la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse-lhe: “Vai, meu filho, precede-me, que não tardarei a seguir-te.” Dito isto, retirou-se, escondendo o rosto entre as mãos. As pessoas presentes a essa cena desoladora consideravam simples explosão de dor as palavras da Sra. C..., dor que o tempo acalmaria. Morto o doente, procuraram-na por toda a casa e foram encontrá-la enforcada num celeiro. O enterro da suicida foi juntamente feito com o do filho. Evocação deste, muitos dias depois do fato. — P. Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda? — R. Sim, e, sem o pesar causado por essa fatal resolução da parte dela, julgar-me-ia completamente feliz. Pobre, excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea, e tomou, para se unir ao filho, o caminho que dele mais deveria afastá-la. [...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas. Mãe e filho.*

### MORTE DE UMA FILHA

O segundo caso, aqui anotado, é o do negociante Debrus, de Valence, cuja única filha, Rose, nascida muitos anos depois do matrimônio, era ternamente amada. Todas as esperanças do pai e da mãe concentravam-se na filha estremecida; mas, aos 12 anos, foi a menina bruscamente atacada de uma meningite aguda, que a levou. Inexprimível foi o desespero dos pais e a ideia do suicídio mais de uma vez visitou o espírito do pobre pai. [...]

Léon Denis. *O problema do ser, do destino e da dor. Cap. XXVII - Revelação pela dor §40*

### MORTE DA FILHA E DO ESPOSO E REMORSO

[...] Via-me coberta de luto, chorando a morte de uma filha de 6 anos e do meu esposo de então [...] Reconhecendo-me só, naquele sítio deserto, alegria satânica acometeu-me. Desfiz-me da capa de seda e gaze que trazia, jogando-a sobre as pedras, e atirei-me da ribanceira ao rio, sem vacilar.

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Os arquivos da alma*

### ABANDONO DO MARIDO E DESTITUIÇÃO DA FILHA

Olga Nadja Andreevna é filha natural, mas legitimada, do conde André Andreievitch Kivostikov e de uma cigana tártara, que se suicidou ao se ver

abandonada por seu senhor e amante, e destituída da filha, mal esta atinge os 2 anos, época em que a criança parece que reúne todos os encantos para redobrar a adoração que suas mães lhe votam.

LEON TOLSTOI (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida. Cap. 8 - O segredo da felicidade*

### **DOR DE TER O FILHO ARREBATADO**

[...] o exposto por Beletrista, como o seu drama pessoal, é a história de uma jovem terna e sonhadora, abandonada pelo marido no segundo ano dos esponsais, o qual a ela preteriu pelas aventuras incertas de uma vida sem responsabilidade; a quem um sedutor, após, impele a faltar com os deveres de dignidade pessoal, e que, em consequência, se torna mãe de uma linda criança, que era o seu enlevo e o consolo das amarguras diárias provindas da lamentável situação. No entanto, esse primeiro amante, brutal e tirano, torna-lhe a vida infeliz e tormentosa e a separação se impõe como necessidade inadiável. Surge, então, Beletrista, amoroso e sentimental, amando-a devotadamente pelas suas próprias desditas, qual generoso e romântico salvador... mas a quem ela não poderá desposar, porque as leis civis, no Brasil, não o permitem, visto ser casada e não ser admitido o divórcio em nossas sociedades... Amam-se, entretanto, e a felicidade embala seus corações, durante algum tempo... pois que, em breve, ressurgem o espectro do passado, na pessoa do primeiro amante, que entra em lutas despeitadas e tentativas violentas para desunir o casal e arrebatá-la a criança... Arrebata-a, com efeito, depois de mil processos angustiosos, muito embora não consiga destruir a terna afeição que une os dois apaixonados... Todavia, Maria Elisa, não suportando a dor de viver sem o filho querido, exausta de tantos desgostos e desilusões, impacienta-se, enquanto Beletrista se desdobra em esforços para reaver o enteado adorado... e, num momento de desalento e saudade, suicida-se, incapacitada para continuar lutando. [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: O amigo beletrista*

## FILHA ENLOUQUECIDA

**CARACTERES PSICOLÓGICOS - REVOLTA, AGRESSIVIDADE, MÁGOA - ORGULHO**

**FORTALECIMENTO MORAL – HUMILDADE E FÉ**

**RELIGIÃO - MEDITAÇÃO**

[...]

– Se ela morrer – arrematava, a concluir os raciocínios intermináveis –, suicidar-me-ei.

Aliviava-se com esse pensamento pernicioso, acalentando a vã ideia de, na morte, encontrar a cessação da vida e, na desorganização dos tecidos, perder a razão, a lucidez, desagregar o pensamento...

O infortúnio, porém, é mais sombrio e truanesco quando se faz acompanhar dos sorvos contínuos do ácido da revolta; principalmente dessa mal contida aversão ao fato afligente que faz oscilar da apatia à agressividade, gerando um estado de surda, permanente mágoa que é a desatreladora dos corcéis da desgraça real.

O orgulho penetrado pela verruma das leis inescrutáveis reage, cercado-se de espículos envenenados pelo desconforto que a realidade lhe impõe, para colimar no simplismo do autocídio, o cobarde delinquir que traça a linha inicial das horrídamas paisagens que aguardam o infrator que se torna seu seqüaz.

O homem forte nos embates externos, somente afere as potencialidades quando luta sem quartel nos campos morais em que se consagra vencedor. Para tais cometimentos, a humildade e a fé constituem os mais hábeis valores de que se pode dispor com êxito, porquanto portadores da fortaleza indispensável para qualquer situação.

Acostumado às alturas do prestígio e da bajulação requintada, no matrimônio, Santamaria não dispusera do imprescindível tempo para as reflexões em torno do sofrimento, que não constitui patrimônio exclusivo da ralé, dos habitantes dos pardieiros imundos onde rebolcam os esquecidos da Terra...

A religião deveria ter-lhe dito que a sua não era uma existência de exceção, na qual somente a glória e o riso possuísem o condão mágico para o regime permanente. As meditações, que não foram experimentadas antes,

faziam-se indispensáveis, agora, enquanto esperavam sem a convivência da resignação e da paciência.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Grilhões Partidos. Cap. 3 – Penosas reflexões*

### ABANDONO FAMILIAR – DESPREZO – PERCEPÇÃO DE NÃO SER AMADO – DESILUSÃO

A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. [...].

[...]

6. Por que não deixastes indícios que pudessem tornar-vos reconhecíveis?

— R. Estou abandonado; fugi ao sofrimento para entregar-me à tortura.

[...]

9. Tínheis família, mulher, filhos?

— R. Era um desprezado, ninguém me amava.

10. E que fizestes para ser assim repudiado?

— R. Quantos o são como eu!... Um homem pode viver abandonado no seio da família, quando ninguém o preza.

[...]

12. Como é que a ideia do futuro não vos fez renunciar a um tal projeto?

— R. Não acreditava nele, absolutamente. Era um desiludido. O futuro é a esperança.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. O suicida da samaritana*

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1858 (junho). O suicida da Samaritana*

## REMORSO E ABANDONO

Enlouquecida de remorso e de abandono, cometeu o hediondo crime do suicídio,

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos. Cap. 12 - O labor continua*

## AFEIÇÃO CONTRARIADA - IMPOSSIBILIDADE DE UNIÃO AFETIVA, POR COMPROMISSO PRÉVIO DE UMA DAS PARTE – DEVER

É de um jornal de 13 de junho de 1862 a seguinte narrativa: “A jovem Palmyre, modista, residindo com seus pais, era dotada de aparência encantadora e de caráter afável. Por isso, era, também, muito requestada a sua mão. Entre todos os pretendentes ela escolheu o Sr. B..., que lhe retribuía essa preferência com a mais viva das paixões. Não obstante essa afeição, por deferência aos pais, Palmyre consentiu em desposar o Sr. D..., cuja posição social se afigurava mais vantajosa àqueles, do que a do seu rival. Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos, e posto não houvesse entre eles quaisquer relações de interesse, jamais deixaram de se avistar. O amor recíproco de B... e Palmyre, que passou a ser a Sra. D..., de modo algum se atenuara, e como se esforçassem ambos por contê-lo, aumentava-se ele de intensidade na razão direta daquele esforço. Visando extingui-lo, B... tomou o partido de se casar, e desposou, de fato, uma jovem possuidora de eminentes predicados, fazendo o possível por amá-la.

“Cedo, contudo, percebeu que esse meio heroico lhe fora inútil à cura. Decorreram quatro anos sem que B... ou a Senhora D... faltassem aos seus deveres.

“O que padeceram, só eles o sabem, pois D..., que estimava deveras o seu amigo, atraía-o sempre ao seu lar, insistindo para que nele ficasse quando tentava retirar-se.

“Aproximados um dia por circunstâncias fortuitas e independentes da própria vontade, os dois amantes deram-se ciência do mal que os torturava e acharam que a morte era, no caso, o único remédio que se lhes depa-rava. Assentaram que se suicidariam juntamente, no dia seguinte, em que o Sr. D... estaria ausente de casa mais prolongadamente. Feitos os últimos aprestos, escreveram longa e tocante missiva, explicando a causa da sua resolução: para não prevaricarem. Essa carta terminava pedindo que lhes perdoassem e, mais, para serem enterrados na mesma sepultura.

“De regresso a casa, o Sr. D... encontrou-os asfixiados. Respeitou-lhes

os últimos desejos, e, assim, não consentiu fossem os corpos separados no cemitério.”

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Duplo suicídio, por amor e por dever.*

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1862 (julho). Duplo suicídio, por amor e por dever*

## **AFEIÇÃO CONTRARIADA - UNIÃO OBSTADA PELA FAMÍLIA**

[...]

— Nossos irmãos aqui chegaram por meio do suicídio. Pelo que consigo detectar, ele era professor de violino da jovem, mais velho do que ela 25 anos. A música uniu-os e fez-se-lhes veículo de uma paixão violenta. Os pais da moça, informados do desenvolvimento do drama, repreenderam-na, buscando dissuadi-la de uma união que, segundo eles, tinha tudo para ser um fracasso. Interromperam as aulas e mandaram-na em viagem, o que, conforme esperavam, lhe faria bem.

“O professor descobriu e resolveu acompanhá-la sem que os genitores da diva o soubessem. Descobertos, foram novamente separados sob ameaças.

“Depois de demorada conversação marcada pela paixão compulsiva, em desespero, optaram pelo suicídio duplo por meio de soníferos, simultaneamente...”

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Trilhas da Libertação. Cap. Reflexões e aprendizado.*

## **AFEIÇÃO CONTRARIADA - FRUSTRAÇÃO AMOROSA**

Havia sete para oito meses que Luís G..., oficial sapateiro, namorava uma jovem, Victorine R..., com a qual em breve deveria casar-se, já tendo mesmo corrido os proclamas do casamento.

Neste pé as coisas, consideravam-se quase definitivamente ligados e, como medida econômica, diariamente vinha o sapateiro almoçar e jantar em casa da noiva.

Um dia, ao jantar, sobreveio uma controvérsia a propósito de qualquer futilidade, e, obstinando-se os dois nas opiniões, foram as coisas ao ponto de Luís abandonar a mesa, protestando não mais voltar.

Apesar disso, no dia seguinte veio pedir perdão. A noite é boa conselheira, como se sabe, mas a moça, prejudgando talvez pela cena da véspera o que poderia acontecer quando não mais a tempo de remediar o mal, recusou-se à reconciliação. Nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando Luís que a sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa: — Chegando à casa da moça, bateu de modo a ser reconhecido, mas a porta permaneceu fechada, recusaram abrir-lha. Novas súplicas do repellido, novos protestos, não ecoaram no coração da sua pretendida. “Adeus, pois, cruel! — exclamou o pobre moço — adeus para sempre. [...]

Decorrido um quarto de hora é que um locatário, passando pela calçada e levando luz, soltou um grito de espanto e pediu socorro.

Depressa acorre a vizinhança, e Victorine, abrindo então a porta, deu um grito de horror, reconhecendo estendido sobre o lajedo, pálido, inanimado, o seu noivo. Cada qual se apressou em socorrê-lo, mas para logo se percebeu que tudo seria inútil, visto como ele deixara de existir. O desgraçado moço enterrara uma faca na região do coração, e o ferro ficara-lhe cravado na ferida.

[...]

Quanto ao moço, [...] cedeu a um movimento irrefletido em momento de exaltação, que não à fria premeditação dos suicidas que buscam subtrair-se às provações da vida.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Luís e a pespontadeira de botinas*

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1858 (setembro). Problemas morais. Suicídio por amor*

## **AFEIÇÃO CONTRARIADA - PAIXÕES AMOROSAS**

[...] Donzelas que se haviam suicidado, desculpando-se com motivos de amor, esquecidas de que o vero amor é paciente, virtuoso e obediente a Deus; olvidando, no egoísmo passional de que deram provas, o amor sacrossanto de uma mãe que ficara inconsolável; desrespeitando as cãs veneráveis de um pai — os quais jamais esqueceriam o golpe em seus corações vibrados pela filha ingrata que preferiu a morte a continuar no tabernáculo do lar paterno [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 1 – O Vale dos Suicidas. §32*

## PAIXÃO AMOROSA

— [...] Um drama antigo tem, nesta hora, infausto desfecho [...]

[...]

“A invigilância do homem sempre posterga as soluções que poderiam ser realizadas antes que se transformassem em dores acumuladas. Pensando na vida, apenas do ponto de vista material, deseja fruir hoje, e chorar, arrependido, num demorado amanhã, a renunciar agora, para beneficiar-se, largamente, depois... Leiamos a carta [...]

A missiva, grafada com letra irregular, traduzindo o estado nervoso de quem a escrevera, terminava em dura sentença com pedido comovedor de perdão. Dirigida aos pais, após as palavras de amor profundo, ricas de ternura e dor, culminava, dizendo:

[...] Vocês me deram a vida corporal e sacrificaram-se por toda a existência, a fim de que sua filha fosse honrada e feliz. Nunca mediram esforços em favor da minha ventura primeiro, para, depois, a sua. Facultaram-me o título universitário e o excelente trabalho a que me tenho entregue com responsabilidade e consciência de dever. Devo-lhes tudo e amo-os com total empenho da alma... Todavia, sofro muito, experimentando, ignota, estranha dor que me macera revelar-lhes. Sou frágil nessa área que é a do amor. Apesar de jamais ele me haver faltado nos seus sentimentos a mim dirigidos, a adolescência e a idade da razão levaram-me a buscá-lo em expressão diferente. Há pouco, quando o encontrei, passei a viver, no mesmo momento, um céu e um inferno que agora alcança o seu estado máximo. O homem, a quem amo e que me diz amar, é, infelizmente, para mim, casado e pai generoso. O nosso, é um amor impossível na Terra, exceto se nos dispusermos a fruí-lo no mar das lágrimas dos outros, que não lhe merecem a deserção do lar... Fui forjada nos metais da dignidade que o carinho de pais modelou no meu caráter... Não é necessário minudenciar mais nada. Não podendo viver com ele, nem me sendo possível prosseguir sem ele, retiro-me de cena, preferindo sofrer e fazer os seus corações amantíssimos chorarem uma filha digna a permanecer, para desespero de muitos, inclusive de vocês, que pranteariam uma filha alucinada...

Perdoem-me, anjos da minha vida. Não pensem que ajo egoisticamente, esquecida do amor de vocês. Pelo contrário, atuo em homenagem ao seu amor e por amor também. Não avalio, em profundidade, a tragédia do

suicídio. Tenho-o, na mente, há algum tempo, e não o posso adiar mais, ou optarei pelo suicídio moral, que culminará, certamente, mais tarde, nesta forma infeliz... Ele, o homem amado, ficará tão surpreso com o meu gesto tresvariado quanto vocês estarão ao ler esta carta. Mais uma vez abençóem-me e intercedam à mãe de Jesus, que tanto sofreu, pela filha que os ama, porém, não suporta mais viver... Despedindo-se com palavras assinadas pela dor selvagem, assinava, trêmula, o nome.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Loucura e obsessão. Cap. 24 - O trágico desfecho. §10, 11, 14 a 19*

### **AFEIÇÃO CONTRARIADA - DECEPÇÃO AMOROSA - ARREPENDIMENTO POR TER ASSASSINADO A AMANTE**

[...]Perdi-me diante de ti, meu Deus, à frente da desesperadora paixão que nutri por Eulina!...

[...] eu te amava, acima de todas as conveniências, a despeito até da própria honra! Eras pérfida, malvada!... [...] Oh, como eras linda!... Mas não me amavas... E depois de me arrastares de queda em queda, explorando-me a bolsa e o coração, abandonaste-me ao desespero da miséria e da ingratidão, ao me preterires pelo capitalista brasileiro, teu compatriota, que te requestou!

Fui a tua casa: vi-me desfeitoado... [...]

[...] Provoquei-te à discussão, compreendendo que te fazias insensível às minhas desesperadas tentativas de reconciliação... e, cego pelos insultos que repetias, eu te agredi, ferindo as faces que eu adorava; espanquei-te sem piedade, maltratei-te a pontapés, meu Deus! Ó meu Deus! Estrangulei-te, Eulina! Matei-te!... Matei-te!..."

[...] Quando, tomado de horror, contemplei a ação abominável que praticara, apenas um recurso me acudiu, rápido qual impulso obsessivo, a fim de escapar a consequências que, naquele momento, se me afiguravam insuportáveis: o suicídio! Então, ali mesmo, sem perder tempo, rasguei os lençóis da desgraçada... e pendurei-me a uma trave existente na cozinha...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 - No Hospital Maria de Nazaré. §59 a 64*

## RAZÕES SENTIMENTAIS

[...] os mais variados casos de suicídios sentimentais, em que o réprobo é agitado por vero sentimento extraído do coração, não resta dúvida, conquanto desequilibrado, desde o amante ofegante de paixão e ciúmes pela felicidade concedida ao rival feliz até o chefe de família desorientado por impasses dificultosos ou o pai subjugado pelo desalento ante o esquife do adorado entezinho que era a razão da sua felicidade!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 - Outra vez Jerônimo e família. § 6*

## AFEIÇÃO CONTRARIADA - PAIXÃO AFETIVA

[...]

Dizia-me ele, por exemplo, murmurando docemente aos meus ouvidos, que me amara em outras vidas pregressas (nós, os filhos de Deus, nascemos e renascemos muitas vezes, na Terra como em outras plagas siderais, embora tal notícia irrite aqueles que não têm em paz a consciência), que me amara em outras vidas, que fora mesmo ligado a mim pelos laços do matrimônio, mas que eu perjurara nosso compromisso de amor e fidelidade e tal delito, de minha parte, e o desespero dele próprio, daí resultante, que o arrastara ao desânimo e ao suicídio, ocasionaram um drama doloroso em nossos destinos, drama cujas consequências se achavam ainda em plena efervescência de dores [...]

[...]

[...] Nossa separação, determinada pelo efeito de uma causa ingrata, por nós mesmos criada, constituiu áspera lição para nós ambos: a mim ela feriu com a falta de um lar constituído pela dedicação de um companheiro amoroso e bom, que me auxiliasse na marcha terrena do progresso, culminando com o nosso reencontro a distância, sem possibilidade de aproximação pessoal; a ele feriu porque, amando-me como outrora, realmente viu-se obrigado a viver sem minha presença a seu lado, fato a que não se submeteu quando viveu sob a personalidade de Yvan Yvanovitch, preferindo a isso o suicídio.

LEON TOLSTOI e CHARLES (*ESPÍRITOS*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação. Cap. 2 - Amor imortal. Item IX*

[...]

“Era com desespero que via aproximar-se o dia do casamento de minha Isabela. Eu não quisera atender ao conselho do príncipe Rudolph e continuara em São Petersburgo, sem serenidade para raciocinar sobre a situação e, portanto, cada vez mais apaixonado pela minha formosa prometida. Às vezes, porém, eu chegava até mesmo a odiar Isabela, entendendo que ela submetia-se com muita passividade ao casamento que lhe impunham. Quando a via de carruagem, ao lado da condessa e acompanhada pelo noivo, minha humilhação era tal e a revolta do meu coração tornava-se tão desesperadora que pensava em cometer desatinos, embriagava-me, promovia rixas com os companheiros e pensava mesmo em suicidar-me. Certa vez, cheguei a golpear os pulsos (e mostrou-me a cicatriz, arregaçando as largas mangas da túnica), mas socorreram-me a tempo, e de outra disparei a pistola contra mim mesmo, mas errei o alvo, que era o coração, e me feri apenas levemente. [...]

LEON TOLSTOI e CHARLES (ESPÍRITOS). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação.*  
Cap. 3 - Destinos sublimes. Item IV

## **AFEIÇÃO CONTRARIADA - PAIXÃO AFETIVA**

[...]

Lygia, porém, bem cedo morre subitamente, durante um festim brilhante, em que a envenenaram com uma taça de vinho, por questões políticas, segundo uns; certamente, diziam outros, por vingança das antigas esposas repudiadas.

Sakaran, então, enlouqueceu de dor. Mas antes de enlouquecer e matar-se a si próprio, sem poder suportar a desgraça que sobre ele caíra, ordena castigos excessivos aos suspeitos do crime, exige que se descubram os criminosos, enforca e tortura, a torto e a direito, desorientado e inconsolável na sua mágoa suprema.

LEON TOLSTOI e CHARLES (Espíritos). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação.*  
Cap. 5 - Evolução - item IV

## **TRAIÇÃO E ABANDONO DA ESPOSA**

[...] presenciou, apavorado e aflito, a cena da própria fuga com a esposa do amigo; a descoberta de Guido na manhã seguinte, sua desolação inconsolável em face da realidade, e, por fim, o suicídio, num momento de exasperação suprema, à beira do leito ultrajado da esposa; a agonia dilaceran-

te, enquanto pronunciava o nome adorado e osculava o manto esquecido sobre o tapete que se tingia de sangue vivo e fumegante...

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Amor e ódio. 4ª parte. Cap. 4*

## **TRAIÇÃO CONJUGAL, VERGONHA**

[...] nefando suicídio a que fui levado, pela deserção do lar, o adultério infame [...]

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos Bastidores da Obsessão. Cap. 5 – Elucidações valiosas*

## **DECEPÇÃO AMOROSA**

– É Antonina, abnegada companheira de luta. Órfã de pai, desde muito cedo, iniciou-se no trabalho remunerado aos oito anos, para sustentar a genitora e a irmãzinha. Passou a infância e a primeira juventude em sacrifícios enormes, ignorando as alegrias da fase risonha de menina e moça. Aos vinte anos perdeu a mãezinha, então arrebatada pela morte, e, não obstante seus formosos ideais femininos, foi obrigada a sacrificar-se pela irmã em vésperas de casamento. Realizado este, Antonina procurou afastar-se, para tratar da própria vida; muito cedo, verificou, porém, que o esposo da irmãzinha se caracterizava por nefanda viciosidade. Perdido nos prazeres inferiores, entregava-se ao hábito da embriaguez, diariamente, retornando ao lar, em hora tardia, a distribuir pancadas, a vomitar insultos. Sensibilizada ante o destino da companheira, nossa dedicada amiga permaneceu em casa, a serviço da renúncia silenciosa, aliviando-lhe os pesares e auxiliando-a a criar os sobrinhos e a assisti-los. Corriam os anos, tristes e vagarosos, quando Antonina conheceu certo rapaz necessitado de arrimo, a sustentar pesado esforço por manter-se nos estudos. Identificavam-se pela idade e pela comunhão de ideias e de sentimentos. Devotada e nobre, correspondeu-lhe à simpatia, convertendo-se em abnegada irmã do jovem. A companhia dele, de algum modo, projetava abençoada luz em sua noite de solidão e sacrifício ininterruptos. Repartindo o tempo e as possibilidades entre a irmã, quatro pequenos sobrinhos e o copartícipe de sonhos fulgurantes, consagrava-se ao trabalho redentor de cada dia, animada e feliz, aguardando o futuro. Idealizava também obter, um dia, a coroa da maternidade, num lar singelo e pobre, mas suficiente para caber a felicidade de dois corações para sempre unidos diante de Deus. Todavia, Gustavo, o rapaz que se valeu de sua amorosa colaboração durante sete anos consecutivos, após a jornada universitária sentiu-se demasiado importante para ligar seu destino ao da modesta moça. Independente e

titulado, agora, passou a notar que Antonina não era, fisicamente, a companheira que seus propósitos reclamavam. Exibindo um diploma de médico e sentindo urgente necessidade de constituir um lar, com grandioso programa na vida social, desposou jovem possuidora de vultosa fortuna, menosprezando o coração leal que o ajudara nos instantes incertos. Fundamentalmente humilhada, nossa desditosa irmã procurou-o, mas foi recebida com escarnecedora frieza. Gustavo, com presunção repulsiva, transmitiu-lhe a novidade, asperamente: Necessitava pôr em ordem os negócios materiais que lhe diziam respeito e, por isto, escolhera melhor partido. Além disso, declarou, sua posição requeria uma esposa que não procedesse de um meio de atividades humilhantes; pretendia alguém que não fosse operária de laboratório, que não tivesse mãos calejadas, nem fios prateados na cabeça. A moça tudo ouviu debulhada em lágrimas, sem reação, e tornou à residência, ontem, minada pelo anseio de morrer, fosse como fosse. Sente que as esperanças se lhe esvaneceram, esfaceladas pelo golpe inopinado, que a existência se reduz em cinza e poeira, que a renúncia abre as portas da ruína e da morte. Conseguiu certa dose de substância mortífera, que pretende ingerir ainda hoje.

Dando pequeno intervalo às elucidações, recomendou-me:

– Examina-a, enquanto administro os socorros iniciais.

Detive-me em perquirição minuciosa, por longos minutos.

Dos olhos de Antonina caíam pesadas lágrimas; no entanto, da câmara cerebral partiam raios purpúreos, que invadiam o tórax e envolviam particularmente o coração. Torturantes pensamentos baralhavam-lhe a mente. Registrando-lhe os secretos apelos, compungia ouvir-lhe os gritos de desespero e as súplicas ardentes.

Seria crime – pensava – amar alguém com tal excesso de ternura? Onde jazia a Justiça do Céu, que lhe não premiava os sacrifícios de mulher dedicada à paz doméstica? Aspirava a ser alegre e feliz, como as venturosas companheiras de sua meninice; anelava a tranquilidade do matrimônio digno, com a expectativa de receber alguns filhinhos, concedidos pela Bondade Infinita de Deus! Seria aspiração condenável sonhar com a edificação de modesto lar, com a proteção de um companheiro simples e bondoso, quando as próprias aves possuíam seus ninhos? Não trabalhara sempre pela felicidade dos outros? Por que desconhecidas razões a relegara Gustavo ao abandono? Os calos das mãos e os sinais do rosto não lhe roboravam a dedicação ao serviço honesto? Teria valido a pena sofrer tantos anos, per-

seguindo uma realização que se lhe afigurava, agora, impossível? Não! não pretendia demorar-se num mundo onde o vício triunfava tão facilmente, espezinhando a virtude! Não obstante a fé que lhe alentava o coração, preferia morrer, enfrentar o desconhecido... Sentia-se desajustada, sem rumo, quase louca. Não seria mais razoável – inquiria a si própria – buscar as trevas do sepulcro de que apodrecer num catre de hospício?

Estirada no leito, a infeliz mergulhava o rosto nas mãos, soluçando sozinha, inspirando-nos piedade.

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Psicografado por Francisco C. Xavier. No mundo maior.*  
Cap. 13 – *Psicose afetiva.* §7 a 13

### **AFEIÇÃO CONTRARIADA - SUICÍDIO POR “AMOR”**

Dona Isabel pediu à filha mais velha lesse uma página instrutiva e consoladora e, em seguida, algum fato interessante do noticiário comum, ao que Joanhina atendeu, lendo pequeno capítulo de um livro doutrinário sobre a irreflexão, e um episódio triste de jornal leigo. A primogênita de Isidoro, que revelava muita doçura e afabilidade, parecia impressionada. Tratava-se de uma jovem de bairro distante, vítima de suicídio doloroso. O repórter gravara a cena com características muito fortes. A leitora estava trêmula, sensibilizada.

[...]

– Lemos hoje, meus filhos, uma página sobre a irreflexão e a notícia de um suicídio em tristíssimas circunstâncias. Afirma o jornal que a jovem suicida se matou por excessivo amor; entretanto, pelo que vimos aprendendo, estamos certos de que ninguém comete erros por amar verdadeiramente. Os que amam, de fato, são cultivadores da vida e nunca espalham a morte. A pobrezinha estava doente, perturbada, irrefletida. Entregou-se à paixão que confunde o raciocínio e rebaixa o sentimento. E nós sabemos que, da paixão ao sofrimento, ou à morte, não é longa a distância. [...] Não estamos examinando um ato, que ao Senhor compete julgar, mas um fato, de cuja expressão devemos extrair o ensinamento justo.

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Os mensageiros.*  
Cap. 35 – *Culto doméstico.* § 12, 22

### **AFEIÇÃO CONTRARIADA - PROBLEMAS AFETIVOS**

— É pena. Júlio envolveu-se em compromissos graves. Desentendendo-se com alguns laços afetivos do caminho, no século passado, confiou-se

a extrema revolta, aniquilando o veículo físico que lhe fora emprestado por valiosa bênção. Rendendo-se à paixão, sorveu grande quantidade de corrosivo. Salvo, a tempo, sobreviveu à intoxicação. mas perdeu a voz, em razão das úlceras que se lhe abriram na fenda glótica. Ainda aí, não se conformando com o auxílio dos colegas que o puseram fora de perigo, alimentou a ideia de suicídio, sem recuar. Foi assim que, não obstante enfermo, burlou a vigilância dos companheiros que o guardavam e arrojou-se a funda corrente de um rio, nela encontrando o afogamento que o separou do envoltório carnal.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Entre a Terra e o Céu. Cap. 9 – No Lar da Bênção*

### **DESEJO DE ABREVIAR O SOFRIMENTO FRENTE A UM FIM HORRÍVEL INEVITÁVEL**

Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

“É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, mau grado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 953*

### **ENFERMIDADE SEM CURA – DESEJO DE ABREVIAR O SOFRIMENTO INEVITÁVEL**

[...] O móvel da minha ‘tentativa’ de suicídio, [...] Foi a perda da saúde! [...] vi a tuberculose apossar-se de meu organismo, mal hereditário que me não foi possível combater! Desenganado pela Ciência, preferi, então, acabar de vez, sem maiores sofrimentos, com a matéria miserável que começava a apodrecer sob a desintegração fornecida por uma moléstia incurável [...].

Para que, pois, esperaria eu a marcha dolorosa da tuberculose extinguir minha individualidade em lentos suplícios, [...] espantoso humano atirado ao desalento, do qual fugiriam todos, a própria mãe inclusive — quem o adivinharia? — temendo os perigos do contágio?!...

Morrer era solução boa, muito lógica, para quem, como eu, só via à fren-

te um corpo aniquilado pela doença e a destruição absoluta do ser como desanimadoras expectativas...”

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. §73 a 75*

## ENFERMIDADE SEM CURA

[...] Romeu informava-o, em tom assaz grave, de que conviria voltasse a alguns anos passados de sua vida, coordenando os pensamentos a rigor, na sequência das recordações, e partindo do momento exato em que a resolução trágica se apossara das suas faculdades. [...]

[...] recordando, reviveu os sofrimentos oriundos da tuberculose que o atingira, as lutas sustentadas consigo mesmo ante a ideia do suicídio, a tristeza inconsolável, a veraz agonia que se apoderara de suas faculdades em litígio entre o desejo de viver, o medo da moléstia impiedosa que avassalava sua organização física, supliciando-o sem tréguas, e a urgência do suicídio para, no seu doentio modo de pensar, mais suavemente atingir a finalidade a que a doença o arrastaria sob atrozes sofrimentos.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 – O reconhecimento. § 31 e 32*

## ENFERMIDADE

“Atualmente, em face da consciência de culpa que ajudou o processo de desencadeamento do câncer prostático, totalmente subjogado, pensa fugir do corpo através do famigerado suicídio.”

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Entre os Dois Mundos. Cap. 11 – O fracasso de Laercio*

## CEGUEIRA

Após décadas de prélios malogrados, de aspirações banidas da imaginação por irrealizáveis no campo da objetividade, de ideais decepcionados, de desejos tão justos quanto insatisfeitos, de esforços rechaçados, de energias varridas por sucessivos desapontamentos e vontades conjugadas para o bem tornarem ao ponto de origem enfraquecidas e rotas por impiedosos insucessos — a cegueira, amigo! que atingiu meus olhos cansados —, como desconcertante prêmio às lutas que de minhas forças exigiram impulsos supremos!

[...]

O espectro negro da eterna escuridão estendia sobre meus olhos apavorados o seu manto de trevas, que nem a ciência dos homens, nem a fé alcandorada e ingênua dos amigos que me tentavam levar à conformidade, nem os votos místicos dos corações que me amavam às potestades celestes seriam capazes de arredar!

[...]

Como viveria eu, cego?!...

Entendi que, se o Ente supremo, de quem eu não descrevia até então, existisse realmente, tal não se daria, porque não quereria certamente desgraçar-me. Esquecia-me de que existiam esparsos pelo mundo milhões de homens cegos, muitos em condições ainda mais prementes que a minha, e que eram todos, como eu, criaturas advindas do mesmo Deus! Descri porque entendi que, se havia outros cegos, que houvesse: — mas que eu não o deveria ser! Era, sim, injustiça, uma finalidade dessa para mim!

Cego!... Era o máximo!

Tão profundo quão surpreendente desespero devorava minhas vontades, minhas energias mentais, minha coragem moral, reduzindo-me à inferioridade do covarde! Eu, que tão heroicamente soubera levar de vencida os abrolhos que dificultaram minha marcha para a conquista da existência, sobrepondo-me a eles, daí para diante encontrar-me-ia impossibilitado de continuar lutando! Dei-me por vencido. Cego, eu compreendia ser a minha vida como coisa que pertencesse ao pretérito, realidade que ‘fora’, mas que já não ‘era’...

A obsessão fatal do suicídio entrou a fazer ronda sobre minhas faculdades. Enamorei-me dela e lhe dei guarida com todo o abandono do meu ser desanimado e vencido. A morte atraía-me como remate honroso de uma existência que jamais curvara a cerviz à frente fosse do que fosse! A morte estendia-me os braços sedutores, falsamente mostrando, às minhas concepções viciadas pela descrença em Deus, a paz do túmulo em consoladoras visões!

“Firmada a resolução sobre sugestões doentias; acabrunhado e a sós com a minha superlativa desgraça; insocorrido pelo sereno consolador da Fé, que teria suavizado a ardência do meu íntimo desespero; excitada a imaginação já de si mesma audaz e ardente, criei um romance dolorido a respeito de mim mesmo e, considerando-me mártir, condenei-me sem apelação!

É que tive medo e vergonha de ser cego!

Matei-me no intuito de encobrir da sociedade, dos homens, dos meus inimigos a incapacidade a que ficara reduzido!

Não! Ninguém se gloriaria vendo-me receber o amargo pão da compaixão alheia! Ninguém contemplaria o espetáculo, humilhante para mim, de minha figura vacilante, tateando nas trevas dos meus olhos incapacitados para a visão! Meus inimigos não se rejubilariam, refocilando na vingança de assistirem à minha irremediável derrota! Mil vezes não! Eu não me brutalizaria na inércia de olhar só para dentro de mim mesmo, quando o Universo continuaria irradiando vida fecunda e progressiva ao redor de minha sombra empobrecida pela cegueira!

Matei-me porque me reconheci demasiadamente fraco para continuar, dentro da noite pávida da cegueira, a jornada que, já enfrentada à boa luz dos olhos, fora farta de empeços e percalços!

Era demais! Revoltei-me até o âmago contra o destino que me reservara tão desconcertante surpresa e inconsolável permaneci sob o esmagamento da dramática ingratidão que supunha provir de Deus! Para mim, a Providência, o destino, o mundo, a sociedade, estavam errados todos: só eu estava certo, exagerando a tragédia das minhas desesperanças!

Pois quê?!... Eu, que possuía capacidade intelectual avantajada, era paupérrimo, quase faminto, ao passo que circulavam em torno a mim ignorantes e beócios de cofres recheados! Eu, que me sentia idealista e bom, vivia molestado por adversidades que me teciam continuado cerco, sitiando-me em campos que desafiavam possibilidades de vitória! Eu, cujo coração sentimental abrasava-se em ânsias generosas e ternas, de excelência quiçá sublime, a conhecer-me ininterruptamente incompreendido, incorrespondido, ferido por descasos tanto mais amaros quanto mais extensas fossem as radiações do meu sentir! Eu, honesto, probo, reto, a pautar-me por diretrizes sadias por entendê-las mais belas, ajustadas ao idealismo que acompanhava o meu caráter, a tratar com patifes, a comerciar com roubadores, a disputar com hipócritas, a confiar em velhacos, a considerar tratantes!...

“Sim, era demais!...

E depois de tão extenso panorama de desventuras — porque, para mim, indivíduo impaciente e nada conformado, esses fatos, tão vulgares na vida cotidiana, avultavam como veras calamidades morais —, o doloroso arremate da cegueira reduzindo-me à insignificância do verme, à angústia do

desamparo, à inércia do idiota, à solidão do emasmorrado!

Não pude mais!

Faltou-me compreensão para tão grande anomalia! Não compreendi Deus! Não entendi sua Lei! Não entendi a Vida! Uma torrente de confusão insolúvel alagou-me o pensamento aterrado em face da realidade! Só compreendi uma coisa: que precisava morrer, devia moer! E quando uma criatura deixa de confiar no seu Deus e Criador — torna-se desgraçada! É um miserável, é um demônio, é um réprobo! Quer o abismo, procura o abismo, precipita-se no abismo!

Precipitei-me!”

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 - No Hospital Maria de Nazaré. § 91, 96, 96 a 112*

## CEGUEIRA

[...] Convém recordar que meu suicídio derivou-se da revolta por me encontrar cego, expiação que considere superior às minhas forças, injusta punição da Natureza aos meus olhos necessitados de ver, para que me fosse dado obter, pelo trabalho, a subsistência honrada e altiva.

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 - Os Réprobos. §9*

## CEGUEIRA

Todos vós sabeis da fraqueza que me assaltou ao reconhecer-me cego! Não tive, absolutamente, forças para o terrível testemunho, na hora culminante da minha reabilitação! Oh! [...] O mesmo horror que Jacinto de Ornelas sentiu pela cegueira senti também eu, três séculos depois, ao perceber que perdera a luz dos olhos! As atormentações morais, as angústias, as humilhações insofríveis, o desespero inconsolável, ao se ver à mercê das trevas, e que levaram aquele desgraçado ao funesto erro do suicídio, também em meu ser se acumularam com tão dominante efervescência que lhe imitei o gesto, tornando-me, em 1890, suicida como ele o fora em meado do século XVII...

[...] O que se passou comigo foi, antes, o efeito lógico de uma causa por mim criada à revelia da Lei Soberana e Harmoniosa que rege o Universo! Com ela desarmonizado, enredando-me em complexos cada vez mais deprimentes através das escabrosidades perpetradas nos sucessivos ligamentos das existências corporais, fatalmente chegaria ao desastre máximo, tal o bloco de rocha que, se precipitado do alto da montanha, rola rápido e inapelavelmente até ao fundo do abismo...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 20 - A causa de minha cegueira no século XIX. § 57 e 61*

## CEGUEIRA INCURÁVEL

Na minha precedente existência [...], fiquei cego aos 30 anos, em decorrência de excessos de todo o gênero que, arruinando-me a saúde, me enfraqueceram o organismo. [...] Ao invés, porém, de me atribuir a causa original dessa enfermidade, entendi de acusar a Providência, na qual, aliás, pouco cria. Anatematizei Deus, reneguei-o, acusei-o, acrescentando que, se acaso existisse, devia ser injusto e mau, por deixar assim penar as criaturas. Entretanto, eu deveria dar-me ainda por feliz, isento como estava de mendigar o pão, à feição de tantos outros míseros cegos como eu. Mas é que eu só pensava em mim, na privação de gozos que me impunham. Influenciado por ideias tais, que o cepticismo mais exaltava, tornei-me frenético, exigente, numa palavra, insuportável aos que comigo privavam. Além disso, a vida era-me um moto-contínuo, pois que eu não pensava no futuro — uma quimera. Depois de esgotar baldamente os recursos da Ciência e reputada impossível a cura, resolvi antecipar a morte: suicidei-me.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 8 - Expições terrestres. Joseph Maître, o cego*

## CEGUEIRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

[...] Não ignoravam os circunstantes a espécie de indivíduo por mim acabada de exhibir em Portugal, às voltas com um avezado orgulho que me corrompera o caráter, porque tão ruim bagagem moral me rondava ainda os passos, fazendo-me corte acintosa, não obstante a humílima condição a que me via reduzido. O que, porém, talvez nem todos soubessem, porque se tratava de fato que o mesmo orgulho raramente me permitia esclarecer, era que eu fora paupérrimo de fortuna, lutando sempre asperamente contra a adversidade de uma pobreza desorientadora, a qual não só não me dava quartel como até desafiava quaisquer recursos, por meus raciocínios aventados, no intuito de suavizá-la; e que, para fugir à calamidade da cegueira que sobre meus olhos, sem forças de resistência, estendia denso véu

de sombras, reduzindo-me à indignação mais desapiedada que, para meu conceito, o mundo poderia abrigar, fora que me precipitara na satânica aventura cujas dolorosas consequências me condenavam às circunstâncias que todos conheciam.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 19 – O “homem velho”. § 14)*

## REMORSO POR HOMICÍDIO PREMEDITADO

E demonstrando infinita confiança em nós, Raul contou a sua história triste, procurando justificar o ato extremo.

Na mocidade, viera do interior para a cidade grande, atendendo ao convite de Noé, seu camarada de infância. Companheiro devotado e sincero, esse amigo apresentara-o, certa vez, à noiva querida, com quem esperava tecer, no futuro, o ninho de ventura doméstica. Ai! Desde o dia, porém, que vira Ester pela primeira vez, nunca mais pôde esquecê-la. Personificava a jovem o que ele, Raul, reputava como seu mais alto ideal para o matrimônio feliz. Em sua presença, sentia-se o mais ditoso dos homens. Seu olhar alimentava-lhe o coração, suas ideias constituíam a continuidade dos seus próprios pensamentos. Como, porém, fazer-lhe sentir o afeto imenso? Noé, o bom companheiro do passado, tornara-se-lhe o empecilho que precisava remover. Ester seria incapaz de traição ao compromisso assumido. Noé mostrava-se infinitamente bondoso e estimável para provocar um rompimento. Foi então que lhe nasceu no cérebro a tenebrosa ideia de um crime. Eliminaría o rival. Não cederia sua felicidade a ninguém. O colega deveria morrer. Mas como efetuar o plano sem complicações com a Justiça? Enceguecido pela paixão violenta, passou a estudar minuciosamente a realização de seus criminosos propósitos. E encontrou uma fórmula sutil para a eliminação do companheiro dedicado e fiel. Ele, Raul, passou a usar conhecido e terrível veneno em pequeninas doses, aumentando-as vagarosamente até habituar o organismo com quantidades que para outrem seriam fulminantes. Atingido o padrão de resistência, convidou o companheiro para um jantar e propinou-lhe o veneno odioso em vinho agradável que ele próprio bebeu, sem perigo algum. Noé, porém, desaparecera em poucas horas, passando por suicida à apreciação geral. Guardou ele, para sempre, o segredo terrível e, depois de cortejar gentilmente a noiva chorosa, conseguiu impor-lhe simpatia, que culminou em casamento. Atingira a realização do que mais desejava: Ester pertencia-lhe na qualidade de mulher; vieram os filhinhos enfeitar-lhe o viver, mas... A sua consciência fora ferida sem remissão. Nas mais íntimas cenas do lar, via Noé, através da tela

mental, exprobrando-lhe o procedimento. Os beijos da esposa e as carícias dos filhos não conseguiam afastar a visão implacável. Ao invés de decrescerem, seus remorsos aumentavam sempre. No trabalho, na leitura, na mesa de refeições, na alcova conjugal, permanecia a vítima a contemplá-lo em silêncio. A certa altura do destino, quis entregar-se à justiça do mundo, confessando o crime hediondo; entretanto, não se sentia com o direito de perturbar o coração da companheira, nem deveria encher de lodo o futuro dos filhinhos. A sociedade respeitava-o, acatando-lhe o ambiente doméstico. Companheiros distintos de trabalho prezavam-lhe a companhia. Como esclarecer a verdade em semelhantes contingências? Não obstante amar ternamente a esposa e os filhos, achava-se esgotado, ao fim de prolongada resistência espiritual. Receava a perturbação, o hospício, o aniquilamento, fugindo à confissão do crime que, cada dia, se tornava mais iminente. A essa altura, a ideia do suicídio tomou vulto em seu cérebro atormentado. Não resistiu por mais tempo. Esconderia o último ato do seu drama silencioso, como ocultara a tragédia primeira. Comprou um revólver e esperou. Certo dia, após o trabalho diário, absteve-se do caminho de volta ao lar e empunhou a arma contra o próprio coração, agindo cautelosamente para evitar as marcas digitais. [...]

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Missionários da Luz. Cap. 11 - Intercessão* § 145 e 146

## REMORSO

Retornando de Bruges, o desespero de Henri recrudescera de intensidade, não mais suportando a vista dos locais em que vivera feliz e cheio de esperanças. A lembrança de Franz não o abandonava, como a de Louise, como a de Olivier, e, acima de tudo, de Berthe. Mas não pensava em sua mãe, não pensava em seu pai. Era a sua obsessão recordar-se do incidente que o levava a castigar brutalmente o pobre Franz, cuja vergonha e desespero arrastaram-no ao erro supremo do suicídio. E assim, atormentado, fixara o pensamento na terrível ideia obsessiva: buscar a morte. A ideia de Deus não o consolou, não o reanimou. Henri era ímpio, embora possuísse um coração amoroso, e padre Romolo e Thom nunca haviam conseguido dele a crença e o respeito devido às Leis do Todo-Poderoso.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers - 3ª parte. Cap. 1 - O camponês soldado*

## SUICÍDIO PARA OCULTAR UMA AÇÃO MÁ

O suicídio, cujo fim seja evitar o aparecimento de uma ação má, torna-se tão condenável como o causado pelo desespero?

- O suicídio não esconde as culpas de ninguém e, pelo contrário, neste caso há duas faltas em vez de uma. Quem tiver tido coragem para fazer o mal, é preciso também tê-la para sofrer-lhe as consequências.

*Léon Denis. Catecismo Espírita. Cap. II – Moral espírita*

## VERGONHA DE UMA AÇÃO MÁ

É tão reprovável, como o que tem por causa o desespero, o suicídio daquele que procura escapar à vergonha de uma ação má?

“O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe sofrer as consequências. Deus, que julga, pode, conforme a causa, abrandar os rigores de Sua justiça.”

*ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. Item 948*

## DESEJO DE EVITAR UMA VERGONHA PARA A FAMÍLIA

Será desculpável o suicídio, quando tenha por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família?

“O que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta.

*ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. Item 949*

## VERGONHA DA PRISÃO E ENFERMIDADE

[...] suicidara-se aos trinta e sete anos de idade, julgando possível escapar à vergonha da prisão, devido a certos feitos imprudentes, bem como à ameaça de um câncer que começara a intumescer-lhe a região glótica [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 18 - “Homem, conhece-te a ti mesmo!” § 54*

## TENTATIVA DE EVITAR A PRISÃO

Desditoso e igualmente humilhado, o assassino, quando foi levado à

Corte, para julgamento, num momento de distração da guarda que o conduzia,

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Divaldo P. Franco. Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos. Cap. 19 - Criminosa trama oculta*

### **MAL DESEMPENHO ESCOLAR**

Desde muito tempo esse jovem [...] tinha fracassado várias vezes nos exames de proficiência exigidos ao fim do curso secundário. O estudo lhe era tão antipático quanto a profissão paterna; em breve ele deveria submeter-se a novo exame. Mas foi em consequência de uma viva discussão com o pai que, temendo ser reprovado mais uma vez, tomou e executou a fatal resolução.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1864 (setembro). Variedades - Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo*

### **OPRÓBRIO PELA MATERNIDADE SOLTEIRA**

[...] me suicidara, atirando-me ao mar para não sofrer o opróbrio de me tornar mãe solteira... Eu ia ser mãe e não tolerava a ideia desse filho que me desonrava...

LEON TOLSTOI e CHARLES (Espíritos). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação. Capítulo 6 - Nina. Item XII*

### **ESCRAVIDÃO – ABUSOS - MAUS TRATOS - SUICÍDIO**

De uma feita, certa escrava, muito jovem, preferira o suicídio a ser vendida a outros proprietários, separando-se daqueles que lhe eram caros ao coração — pais e irmãos.

BEZERRA DE MENEZES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. A Tragédia de Santa Maria. 2ª parte. Cap. 1 - A noite de Natal de 1863. § 12*

### **ESCRAVIDÃO – ABUSOS - MAUS TRATOS - SUICÍDIO**

— Um dia [...], tentei separar um pobre pai, que era escravo, da sua primogênita, que andaria pelas 15 primaveras, pois que ultimava negociações para a venda desta a outro senhor. Exasperada ante o fato que considerava desgraça, a desditosa suicidou-se, atirando-se ao nosso açude, incapaz de suportar a situação por mim criada...

BEZERRA DE MENEZES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. A Tragédia de Santa*

## PRISÃO EM CONDIÇÕES DESUMANAS

A Guiana Francesa é um retalho do Inferno incrustado na remota América do Sul. Nos dias decorrentes ela prevê e conseguirá, para muito breve certamente, compensadora reabilitação, que a redimirá do opróbrio de oferecer tão só o cativo e o martírio aos filhos da França. Enquadrada numa ponta do magnânimo torrão americano, cujo destino traçado nos céus deslumbrará as gerações porvindouras, a Guiana Francesa também conhecerá a redenção do seu solo e obterá dias de glórias. Presentemente, porém, é local inóspito, solitário, infeliz. Há um século seria o castigo supremo, o desespero irremediável, a desonra de que jamais se reabilitaria o desgraçado que para lá se visse banido, a morte cem vezes degradante, que não lograria as bênçãos do solo pátrio! A um degredado da Guiana não se permitirá sequer a esperança de uma tentativa de fuga. Sentinelas incorruptíveis do cativo nesse novo Hades, onde os réprobos jamais lograrão consolações — o Atlântico bravio, os atoleiros intermináveis e as matas indevassáveis são como ferozes capatazes a imporem obediência e disciplina aos pobres filhos da França que ali gemem, há muito, sob sofrimentos só por Deus avaliados! Se, acaso, a fuga é tentada pelas forças do desespero, o espectro da morte irrompe de todos os lados, abatendo, inflexível, o desgraçado que se atreveu à sobre-humana aventura. Não raro o suicídio é praticado como supremo recurso, conquanto enganoso, de libertação!

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Amor e ódio. 3ª parte - O Consolador. Cap. 7*

## HUMILHAÇÃO – MAUS TRATOS

Franz Schmidt [...] os maus-tratos e humilhações recebidos de Henri o levaram ao suicídio.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. 5ª parte. Cap. 5 - Preparativos*

## SUICÍDIO DE MULHER PRESA AOS CUIDADOS DO MARIDO PORTADOR DE ENFERMIDADE SEM CURA E ESTIGMATIZANTE

— Não será, porventura, sentir-se retido nas entranhas dos infernos o coração que, como o meu, amou loucamente uma mulher, da qual fez sua

esposa, por quem daria o sangue das próprias veias e a vida, mas que, ao adoecer, viu-a fugir de si, apavorada da sua enfermidade e da sua presença, e a qual, obrigada a voltar ao lar pelas autoridades judiciárias, para tratar do esposo desgraçado, que sou eu, tendo em vista que, como ele, estaria contaminada pelo mesmo mal, preferiu matar-se para se livrar dele, a viver e ter de suportá-lo?

[...] — Ele é paralítico também, mas somente das pernas, como o bari-ne... Bem... Mas o resto nem é bom dizer... Sinto arrepios... A mulher dele, coitadinha, conheci-a bem. Fugiu para não ser obrigada a tratá-lo. Mas as autoridades da circunscrição encontraram-na e fizeram-na voltar para tratar dele, porque tinha obrigação, tal qual eu com esta peste, acolá. Então, sabe o que fez a pobre? (Chamava-se Maria... Macha...) Pois bem, matou-se! Matou-se para se ver livre daquele excomungado!

LEON TOLSTOI (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida – Capítulo: O paralítico de Kiev*

## DESESPERO – MEDO DA VERGONHA

“Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra numa padaria e pede insistentemente que lhe vendam um pão fiado. O padeiro se recusa. A viúva reduz o pedido a meio pão e, por fim, a uma libra de pão, apenas para seus filhos famintos. O padeiro recusa ainda, deixa o lugar e vai para o fundo da padaria. Credo não ser vista, a mulher toma um pão e sai. Mas o roubo, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia.

“Um agente vai à casa da viúva e a surpreende cortando o pão em pedaços para os filhos. Ela não nega o roubo, mas se desculpa com a necessidade. Embora censurando a dureza do padeiro, o agente insiste para que ela o acompanhe até o comissário.

“A viúva pede apenas alguns instantes para trocar de roupa. Entra no quarto, mas demora bastante até que o agente, perdendo a paciência, resolve abrir a porta. A infeliz estava estirada no chão, coberta de sangue. Com a mesma faca com que cortava o pão para os filhos, tinha posto fim a seus dias.”

Tendo sido lida a notícia na sessão da Sociedade de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta a evocação dessa infeliz, quando ela mesma veio manifestar-se espontaneamente, na comunicação que segue.

[...]

“[...] Infelizmente, diante da miséria e da fome de meus pobres filhinhos, esqueci-me e fali. Então disse de mim para mim: visto que és impotente para alimentar teus filhos e que o padeiro recusa o pão aos que não podem pagar; desde que não tens dinheiro nem trabalho, morre! porque, quando não estiveres mais com eles, virão em seu auxílio. Efetivamente, hoje a caridade pública adotou esses pobres órfãos. Deus me perdoou, porque viu a minha razão vacilar e meu pungente desespero. Fui a vítima inocente de uma sociedade má, muito mal regulada. [...]

“Rogai por mim, a fim de que em breve eu possa reparar a falta cometida, não por covardia, mas por amor materno. [...]”

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (maio). *O padeiro desumano - suicídio*

### PAIXÃO PELO JOGO

[...] Quanto a mim, não desejo permanecer incógnito! Bem sabeis os motivos que me arrojaram ao pélagos ignóbil do suicídio: a paixão pelo jogo. Joguei tudo! A honra inclusive, e a própria vida!...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 - No Hospital Maria de Nazaré. §81*

### ESPERANÇA DE MAIS RAPIDAMENTE CHEGAR A UMA VIDA MELHOR

Que pensar daquele que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?

“Outra loucura! Que faça o bem e mais certo estará de lá chegar, pois, matando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para concluir a vida a que pôs termo sob o influxo de uma ideia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 950*

### SUICÍDIO COM A INTENÇÃO DE MAIS RAPIDAMENTE ATINGIR UMA VIDA MELHOR

- Que devemos pensar daquele que se suicida para alcançar mais de-

pressa outra vida melhor? - Só pela prática do bem é que poderá alcançar outra vida melhor.

*Léon Denis. Catecismo Espírita. Cap. II - Moral espírita*

### **PAIXÃO – DESEJO DE REENCONTRAR O MARIDO DESENCARNADO**

Conduzindo-me desse modo, pedi a uma das irmãs presentes, em deploráveis condições perispiríticas, expor-nos, por gentileza, a experiência de que fora objeto.

A infortunada concentrou a atenção de todos, em virtude das feridas extensas que mostrava no semblante agora erguido.

- Ai de mim! - começou, penosamente - ai de mim, a quem a paixão cegou e venceu, transportando-me ao suicídio! Mãe de dois filhos, não suportei a solidão que o mundo me impusera com a morte de meu marido tuberculoso. Cerrei os olhos ao campo de obrigações que me convidavam ao entendimento e sufoquei as reflexões ante o futuro que se avizinhava. Olvidei o lar, os filhos, os compromissos assumidos e precipitei-me no vale fundo de sofrimentos inenarráveis. [...] Leviana que fui! quando me vi só e aparentemente desamparada, entreguei meus pobres filhos a parentes caridosos e sorvi, louca, o veneno que me desintegraria o corpo menosprezado. Supunha reencontrar o esposo querido ou chafurdar-me no abismo da inexistência; todavia, nem uma realização nem outra me surpreenderam o coração. [...]

*ANDRÉ LUIZ (Espírito). Psicografia de Francisco C. Xavier. Libertação. Cap. 17 - Assistência Fraternal § 53 a 55*

### **SUICÍDIO PARA ISENTAR O FILHO DE IR PARA A GUERRA**

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa que o conhecera, desejosa de certificar-se da sua sorte no mundo espiritual.

[...]

5. A realização do vosso suicídio teve por causa unicamente a isenção do vosso filho, ou concorreram para ele outras razões? — R. Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.

*(O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas - O pai e o conscrito)*

10. [A São Luís] Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio? Resp. – Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante [...]

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1860 (agosto). O suicida da Rua Quincapoix*

## **AMOR AOS FILHOS – DESESPERO – VERGONHA – MEDO DA VERGONHA**

O padeiro desumano

Uma correspondência de Crefeld - Prússia Renana, de 25 de janeiro de 1862, e inserta em o *Constitutionnel* de 4 de fevereiro, contém o seguinte fato:

“Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra numa padaria e pede insistentemente que lhe vendam um pão fiado. O padeiro se recusa. A viúva reduz o pedido a meio pão e, por fim, a uma libra de pão, apenas para seus filhos famintos. O padeiro recusa ainda, deixa o lugar e vai para o fundo da padaria. Crendo não ser vista, a mulher toma um pão e sai. Mas o roubo, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia.

“Um agente vai à casa da viúva e a surpreende cortando o pão em pedaços para os filhos. Ela não nega o roubo, mas se desculpa com a necessidade. Embora censurando a dureza do padeiro, o agente insiste para que ela o acompanhe até o comissário.

“A viúva pede apenas alguns instantes para trocar de roupa. Entra no quarto, mas demora bastante até que o agente, perdendo a paciência, resolve abrir a porta. A infeliz estava estirada no chão, coberta de sangue. Com a mesma faca com que cortava o pão para os filhos, tinha posto fim a seus dias.”

Tendo sido lida a notícia na sessão da Sociedade de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta a evocação dessa infeliz, quando ela mesma veio manifestar-se espontaneamente, na comunicação que segue.

[...]

“Deus foi bom para a pobre alucinada e venho agradecer-vos a simpatia que tivestes a bondade de me testemunhar. Ah! Diante da miséria e da fome de meus pobres filhinhos, esqueci-me e falei. Então eu disse a mim mesma: Se és impotente para alimentar teus filhos e o padeiro recusa o pão aos que não podem pagar; se não tens dinheiro nem trabalho, morre! Se não estiveres mais com eles, alguém virá em seu auxílio.

“Com efeito, hoje a caridade pública adotou esses pobres órfãos. Deus me perdoou, porque viu a razão vacilar no meu atroz desespero. Fui a vítima inocente de uma Sociedade má, muito mal regulada. Ah! Agradecei a Deus por vos ter feito nascer neste belo país da França, onde a caridade vai descobrir e aliviar todas as misérias.

“Orai por mim, a fim de que possa em breve reparar a falta que cometi, não por covardia, mas por amor materno. Como os vossos Espíritos protetores são bons! Eles me consolam, me fortalecem, me encorajam dizendo que o meu sacrifício não foi desagradável ao grande Espírito que, sob os olhos e a mão de Deus, preside os destinos da Humanidade.”

*A POBRE MARY (Médium: Sr. d’Ambel) - ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (maio)*

## **INCONFORMAÇÃO POR SABER QUE TRANSMITIU U MA ENFERMIDADE PARA A FILHA**

À instância do médico, realmente sensibilizado, confiou-lhe o pensamento do esposo rebelde, que seria o de se suicidar, se, um dia, viesse a descobrir o infortúnio da filha ou de outrem no lar, por julgar-se culpado da contaminação.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Divaldo P. Franco. Tramas do destino. Cap. 9 - Expição e prova*

## **TERROR A UMA INEVITÁVEL ORDEM DE PRISÃO – DÍVIDAS DE JOGO – DESFALQUE**

[...]

O móvel do suicídio de Leonel, criado, como sabemos, sob pressão de inimigos invisíveis, fora o terror a uma inevitável ordem de prisão, ao cárcere humilhante e degradante, que lhe escancarava possibilidades irreprimíveis. Curvando-se àquelas influências, envolvera-se ele em complexos irremediáveis, no seio da firma comercial a que emprestava os próprios

labores profissionais, como “guarda-livros” e “caixa” [...].

[...]

— Retira, retira outras importâncias... Hás-de recuperar tudo... A sorte hoje será tua... Recuperarás tudo e reporás na “caixa” o que foi “tomado de empréstimo”... Cada um tem o seu dia... Hoje é o teu grande dia, para obteres fortuna e recompensas felizes ao muito que tens sofrido...

No entanto, perdia, ainda e sempre, porque o perseguidor o acompanhava à mesa das cartas para não deixá-lo ganhar, o que o obrigava a excepcionais habilidades profissionais, para encobrir a própria falta aos diretores da firma, através da escrita que, como principal “guarda-livros”, fazia. E longas horas de meditações e mutabilidade expressiva sobrevinham, para inquietação de toda a família. Até que, finalmente, chegou o dia em que tudo se esclareceu, tal como desejara o obsessivo, não vendo Leonel outro alvitre para a desgraçada situação a não ser a prisão ou o suicídio. As importâncias de que lentamente se apossara montavam em cerca de duzentos contos de réis (valor da época), soma que, então, representava apreciável fortuna, impossível a um funcionário das suas condições obter para saldar uma dívida. O infeliz livre-pensador, então, desamparado de quaisquer forças de reação, porquanto nem mesmo uma fé religiosa jamais concordara em cultivar, preferiu o suicídio, assim se curvando, ato por ato, atitude por atitude, às sugestões do inimigo invisível que, realmente, só desejava desgraçá-lo. Silenciaremos, porém, sobre os detalhes dolorosos desse imenso drama, rico em testemunhos da atuação obsessiva sobre um médium passivo que se ignorava, a fim de a este não identificar, faltando com a devida caridade ante suas imensas desgraças.

BEZERRA DE MENEZES (Espírito). *Psicografia de Yvonne do A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. VII*

## MÚLTIPLAS RAZÕES CONJUGADAS

- Por que procurastes abandonar vosso destino, cuja finalidade deve ser a unidade com Jesus, nosso Redentor, confiando-o à ilusão de um suicídio?!... Não sabíeis que praticáveis um crime contra Deus Pai, porque contra vós próprio, visto que é certo que todos trazemos centelhas do Criador em nós?... Julgáveis, porventura, poder aniquilar os elementos de Vida existentes em vós, essa Vida que justamente é eterna porque a recebestes do Eterno Criador? . . .

Visivelmente contrafeito, esquivou-se Amadeu através do sofisma, úni-

co recurso que lhe ocorreu na melindrosa situação:

- Felizmente, senhor, foi apenas um pesadelo... uma alucinação... Eu não me pude matar, embora o desejasse, pois que estou vivo! . . . Vivo! Vivo! Louvado seja Deus, estou vivo!..."

- Reitero a interrogação, Amadeu Ferrari: - por que desejastes desaparecer da presença de vós mesmo como de vossos semelhantes, quando o poema do Universo cantava ao vosso redor o sacrossanto dever dos compromissos, como a excelsa beleza da existência humana, que deve habilitar a Alma para o reinado da Imortalidade?

- Senhor... É que... eu desanimei... eu... sim... [...]

[...] imprescindível é que eu, autorizado pelos poderes máximos do meu e vosso Redentor, vos oriente a fim de que, examinando-a [a consciência], aprendais a vos despojardes do orgulho que vos tem cegado desde muitos séculos, impedindo que reconheçais a vós próprios e, portanto, a soberania das Leis que regem os destinos da Humanidade!

- Senhor, a miséria, a enfermidade, o desânimo, foram a causa... Cometi uma falta grave, frente a tão dolorosas circunstâncias... Não tive outro recurso a não ser o que fiz... A prisão . . . a doença..."

Sinto-me desonrado por ter lançado mão de quantias que me foram confiadas... muito embora o fizesse tentando recuperar a saúde, pois a ameaça tenebrosa de um câncer desorientava-me, justamente quando estava prestes a realizar um consórcio cuja expectativa era a minha razão de ser... A quantia era avultada... eu era bancário... A prisão ou a morte... O câncer, o roubo, pois era roubo... O ideal de amor desmoronado! Preferi o suicídio! [...] sinto-me ainda confuso [...] ... Por que, oh! por que fui colocado em tão desgraçadas circunstâncias?... A confusão turbilhona em minha mente... Intuições pavorosas segredam-me um passado do qual tenho pavor... [...] Eu tremo e vacilo... Não compreendo bem...

- Ficai atentos! A história desse vosso irmão é também a vossa história! Suas quedas mais não representam que as quedas da própria Humanidade em lutas diárias com as próprias paixões! [...] será útil lembrar que sois

todos almas decaídas a quem a iniciação em princípios de moral elevada e redentora trata de conduzir aos pórticos do Dever!

[...] circunstâncias às quais não se resignara e que, para solvê-las, comprometera-se ainda mais com um ato de desonestidade e suicídio!

[...] pobreza que desafiara todos os esforços para se remediar, de vez que Amadeu fora obstinado no trabalho e na força de vontade; [...] câncer que o torturava com garras invencíveis, corroendo-lhe a língua e a garganta lentamente; [...] repúdio de amor que absorveu suas últimas forças, incompatibilizando-o definitivamente com o desejo de viver!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 18 - "Homem, conhece-te a ti mesmo". § 63 a 65, 67 a 70, 72, 77, 79, 80*

### **MÚLTIPLOS ASPECTOS SIMULTÂNEOS - EQUÍVOCO MORAL REVELADO - ARREPENDIMENTO - VERGONHA - IDEIA DE SAÍDA INEXISTENTE - LUTA CONTRA A IDEIA DE SUICÍDIO**

[...] Sentia era horror de si mesma e não compreendia como se confiara tanto àquele aventureiro. Não saía de seus aposentos, negava-se aos alimentos e crises violentas de choro a sacudiam dia e noite. Sentia-se enferma, revoltada contra si mesma e contra tudo, e não sabia, agora, como continuar a viver. Como confiar a seus pais, a seu irmão, a seu noivo, a Arthur, esse pobre amante silencioso e resignado, tão humilde e bom na sua desventura, o terrível acontecimento que a deprimia? Qual seria a reação da família, ferida no orgulho da própria honradez? Alexis seria capaz de compreendê-la e perdoar o seu deslize? Deslize que, em verdade, fora uma traição, pois, ela não o desejara? Certamente não, não poderia compreendê-la, não poderia perdoá-la. Seria, então, repudiada, humilhada, o noivado seria desfeito, quando já toda a família assinara o contrato oficial, dois anos antes? Que vergonha, então, não seria a sua? Amava Alexis, não obstante a conduta condenável, e como viveria sem ele? Que importava Marcus, se ela o não amava? E como se arrependia da leviandade praticada, incentivando-o a cortejá-la! Nunca pensara tanto no noivo, ansiosa por seu amor, como agora, que sentia que o perdera! Nunca suas forças mentais o buscaram tanto como naqueles três tenebrosos dias, em que recordava os menores detalhes da convivência com ele, sua fisionomia doce e bela, seus gestos, as menores palavras de amor que ele lhe dirigira, sua terna afeição por ela, sua nobreza, sua honradez! Como pudera esquecê-lo, a ponto de deixar-se vencer por outro homem? E nunca pudera supor que Marcus, um fidalgo de boas tradições, chegasse a ser tão vil! Não seria

essa desgraça promovida por aquele inimigo invisível que desde a infância a torturava? E como receberia Alexis a notícia de que ela, sua noiva, pertencera a outro, traíra-o em sua ausência? Decerto que sofreria o insulto, odiá-la-ia pelo perjúrio, fugiria dela, casar-se-ia com outra, nunca mais o veria, nunca mais!

[...] Andrea continuava vencida por torturante amargura, debulhando-se em lágrimas a cada instante. E no íntimo do seu coração a ideia sinistra já se esboçava, como semente funesta lançada, pelo obsessor, no terreno fértil das suas inconseqüências:

— Se não houver outro remédio, matar-me-ei! {crença de falta de solução- oportunidade de intervenção }

[...]

E o pensamento atroz sugestionando-a, perturbando-a, desorientando-a:

— Se não houver outro remédio, matar-me-ei! {crença de falta de solução- oportunidade de intervenção; indução hipnótica do obsessor }

“Mas...” — voltava ela a raciocinar sensatamente, como se em seu íntimo correntes opostas de pensamento colidissem — “morrer tão jovem, quando sentia nas veias palpitem as fontes da vida e no coração o desejo ardente de amar e ser amada, e ânsias de infáveis venturas se acumulavam em suas aspirações? Morrer quando suas bodas se achavam tão próximas e perspectivas de céus fagueiros aguardavam sua vida conjugal? Matar-se, arrancar-se da ternura da família, tão respeitável, para dar-se à morte, mergulhar no olvido, desaparecer, nada mais ser, reverter ao pó, converter-se em mera recordação, cada vez mais esfumada, no coração daqueles a quem tanto queria? Pensava e sentia como materialista que era, e, então, crises de choro, ataques de nervos e gritos dolorosos a acometiam, revolucionando a casa, desolando os pais, decepcionando o irmão que a quisera libertar dos próprios males e fora incompreendido.” {luta íntima – o desejo não é o de morrer, mas de se libertar de uma situação considerada insolúvel – oportunidade de intervenção }

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 10 – Em Saint-Omer § 6 a 12*

## MÚLTIPLOS FATORES CONJUGADOS - CONTRARIEDADE - INSUBMISSÃO - REBELDIA - CRESCENTE DESEQUILÍBRIO EMOCIONAL - ECLIPSE DA RAZÃO INSUFICIÊNCIA DAS CONCEPÇÕES RELIGIOSAS

— Não, Andrea, não! Casar-me contigo já não é possível. Perdoar-te, sim, perdoo-te diante de Deus, que eu venero.

— Não poderei viver sem ti, Alexis, prefiro a morte!

— Viverás sim, minha pobre amiga, e ainda serás feliz ao lado de teu esposo e com teu filho nos braços...

— Alexis! Alexis! Por Deus, não me abandones! Dize que me compreendes, que não me consideras culpada! Juro-te, meu Alexis, que não resistirei a essa desgraça. Não há felicidade sem ti, e mais depressa morrerei do que consentirei em desposar Villiers.

Falava por entre soluços, abraçada a ele, em grandes estremecimentos nervosos, entrechocando os dentes, não consentindo em apartar-se dele. E ele, aflito. amparava-a, falando-lhe carinhosamente, mas retemperado por uma vigilância, por uma força de vontade em resistir às suas súplicas que ele próprio não podia compreender como as conseguia.

Durante longo tempo assim discutiram, Alexis tentando acalmá-la, Andrea enervando-se cada vez mais, compreendendo-se repelida. Mas, tal era o ardor, a veemência com que a jovem defendia a própria causa junto ao seu amado que Alexis, gradativamente, também se exaltava, sentindo ecoar no próprio ser todo aquele fervor com que a havia querido desde a adolescência.

De repente, porém, como se molas ocultas a impelisses, Andrea desligou-se dos braços do primo e, afastando-se, fitou-o com loucura na expressão e bradou estas impressionantes palavras:

— Perder-te? Viver sem ti? Unir-me para sempre a Villiers? Oh, cala-te, Alexis, cala-te, poupa-me ao menos a dor de ouvir-te aconselhar-me a tomar por esposo o homem que me desgraçou. Aconselha-me antes a morrer. Por que não me matas? Não, não creio no teu perdão. Morrerei, já que me abandonas.

— Afasta essas ideias que te deprimem, Andrea, acalma-te, minha querida! Sejamos bons irmãos para sempre, para sempre! O amor fraterno é também um seguro meio de eternizar um sentimento. Prometo-te fide-

dade eterna. jamais contrairei matrimônio. Tu sabes que eu desejei seguir a vida religiosa. Pois bem, segui-la-ei agora. Mas, por Deus, acalma-te. Regressarei amanhã bem cedo a Paris. Deixa-me partir. Não, tu não procuras morrer, porque isso é um crime e Deus...

— Não creio em Deus, desprezo-lhe a sabedoria. Tudo isso é ficção e engodo. Eu cria em ti. e uma vez que em ti também já não creio devo morrer.

Alexis sentiu-se enlouquecer. Procurava desvencilhar-se da prima, mas esta, nervosa e inconsolável, novamente agarrava-se a ele, sem consentir em libertá-lo. Ele já não podia raciocinar livremente, envolvido naquelas vibrações doentias, e lamentou a fraqueza que o fizera atender ao pedido da antiga prometida, indo vê-la em seus aposentos. Contudo, sentindo oprimir-lhe o cérebro uma vertigem de desalento, teve ainda serenidade para contestar:

— Não, minha querida, não! Deus impõe-te uma missão: a de ser esposa e mãe. Aceita-a e cumpre-a com devoção e respeito. Villiers ama-te, confia no futuro.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 13. Na hora do testemunho*

## **CORAÇÃO FERIDO E CONSCIÊNCIA CULPADA**

[...] ocorrências que se teriam desenrolado após a morte dele próprio, e que resultaram no desequilíbrio que me levou ao suicídio de então. O estado, pois, que agora ecoava da minha subconsciência seria pálido reflexo do mesmo que me acometera no passado, os delírios de um coração grandemente ferido por si próprio, e de uma consciência culpada antecedendo o ato do suicídio.

*YVONNE A. PEREIRA. Recordações da mediunidade. Capítulo: Reminiscências de vidas passadas*

## **MORTE DA ESPOSA E REMORSO POR TER CONTRIBUÍDO PARA A ENFERMIDADE DA FILHA RECÉM-NASCIDA**

Um jovem de pouco mais de 25 anos acabara de perder a esposa, e, inconformado até o desespero, de tal sorte exagerara os embates da própria dor que chegara a tentar o suicídio durante uma crise mais forte de alucinação, somente não conseguindo a consumação do sinistro intento graças à intervenção protetora de um amigo que o acompanhava. Por outro lado, débil criança recém-nascida arquejava, a respiração dolorosamente comprometida, apresentando sintomas inquietantes de broncopneumonia e

desnutrição. O infeliz pai, acometido de exasperações, quisera morrer antes de ver sucumbir a criança, uma vez que apenas alguns dias se passaram desde o trespasse da esposa, e, por isso, tentara o suicídio.

[...]

Ora, na própria noite em que, pela primeira vez, eu transpusera os umbrais do domicílio de Barbedo, informaram-me de que, ao verificar o passamento da esposa naquela inesquecível noite de Natal, surpreendera-se tão exasperadamente que, passados que foram os primeiros dias de praxe, amigos e familiares trataram de removê-lo da Fazenda, cuidadosos de lhe ministrarem tratamento mais eficiente, visto recearem a perda de sua razão. Alucinado, seu primeiro impulso fora estrangular a própria filha recém-nascida, responsabilizando-a pela perda irreparável que sofrera, sendo mister ocultar a pobre criança de suas vistas. Após, passara a responsabilizar a todos que o cercavam, os convidados inclusive, terminando por ordenar tratos cruentos aos míseros escravos, aos quais acusava de magias e sortilégios, contra a morta, em represálias a ele próprio, ao mesmo tempo que às Potestades divinas igualmente acusava pela dor que o esmagava, entre blasfêmias e alaridos selvagens. Não consentira, todavia, em abandonar a Fazenda sem que a criança o acompanhasse, apesar de perceber que todos não a desejavam expor aos rigores de uma viagem em tão tenra idade. Vendo-a adoecer em consequência dessa viagem, encheu-se de remorsos, recorrendo à ideia do suicídio no intuito de se furtar ao inferno que dentro dele mesmo crepitava com virulência.

BEZERRA DE MENEZES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. A Tragédia de Santa Maria - 2ª parte - Esmeralda de Barbedo. Cap. 2 - Bentinho § 3, 9*

### **ÍMPETO SUICIDA – SUICÍDIO CONSUMADO - AÇÃO OBSESSIVA**

Caminhava lentamente, regressando do Presbitério, e tomara a direção das pedreiras que confinavam suas terras com a aldeia de Stainesbourg, começando a subir por elas. [...] Um panorama extenso e belo, mas desolador para as suas impressões, com o Castelo ao fundo e sua Quinta à esquerda, ofereceu-se à sua vista, aprofundando sua angústia. Ali ficara longo tempo, até que a Lua cheia se elevava no horizonte. Seu cérebro estava vazio de pensamentos bons, obsidiado pela resolução infame que tomara. Nem uma prece agitara sua alma na tentativa de se resguardar da

desgraça, nem um brado de socorro Àquele que, se ele o buscasse, poderia socorrê-lo. [...] ali estava apenas servido por obsessores que o não perdoavam ainda o desatino passado. Contudo, a imagem de Berthe desenhou-se, de chofre, em seu pensamento e, atrás dela, a série de desventuras por ele julgadas irremediáveis desde o dia em que o jovem de Stainesbourg chegara à sua casa. Sua mãe passou em seu pensamento, causando-lhe forte amargura. Mas egoísta e avaro sempre de ternuras para outrem que não fosse Berthe, sufocou no coração a ternura filial para dar-se à morte sem constrangimentos. [...]

[...] de súbito, ele sacode aquela comoção e, num impulso louco, trágico, satânico, positivamente obsessivo, atira-se pela pedreira abaixo numa queda inconcebível, rolando o seu pobre corpo — templo da sua alma — da montanha granítica que o quebrava, o despedaçava, aniquilando, no mais trágico suicídio de que ali houvera notícias, aquela preciosa vida que o Todo-Poderoso lhe concedera a fim de progredir, elevar-se moralmente, reabilitar-se [...]

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 3ª parte. Cap. 5 – O erro supremo*

## **NÃO HÁ RAZÕES HONROSAS PARA O SUICÍDIO**

Assim sendo, que fique bem esclarecido que nenhum motivo neste mundo será bastante honroso para justificar o suicídio diante das leis de Deus. O suicida é que poderá ser sincero ao supor tal coisa, daí advindo então atenuantes a seu favor. O melhor mesmo é seguirmos os conselhos dos próprios suicidas que se comunicam com os médiuns: que os homens suportem todos os males que lhes advenham da Terra, que suportem fome, desilusões, desonra, doenças, desgraças sob qualquer aspecto, tudo quanto o mundo apresente como sofrimento e martírio, porque tudo isso ainda será preferível ao que de melhor se possa atingir pelos desvios do suicídio. E eles, os Espíritos dos suicidas, são, realmente, os mais credenciados para tratar do assunto.

*YVONNE A. PEREIRA. À Luz do Consolador. Capítulo: O estranho mundo dos suicidas*

## **SUICÍDIO POR AMOR**

O amor tudo sofre [...] tudo suporta.

*I Coríntios 13: 7*

O noticiário terrestre reporta-se diariamente a desvarios cometidos em nome do amor.

[...]

Suicídios sulcam de pranto e desolação a rota de lares esperançosos.

[...]

Entretanto, só o egoísmo, traduzindo apego da alma ao bem próprio, é que patrocina os golpes da delinquência, os enganamentos da posse, os erros da impulsividade e os desacertos da pressa... Apenas o egoísmo gera ciúme e despeito, vingança e discórdia, acusação e cegueira.

O amor, longe disso, sabe rejubilar-se com a alegria dos corações amados, esposando-lhes as lições e as dificuldades, as dores e os compromissos.

Não se atropela, nem se desmanda.

Abraça o sacrifício próprio, em favor da felicidade da criatura a quem ama, a razão da própria felicidade.

Por esse motivo, no amor verdadeiro não há sinal de qualquer precipitação conclamando à imoderação ou à loucura.

O Apóstolo Paulo afirmou divinamente inspirado: “O amor tudo sofre...”. E, de nossa parte, acrescentaremos: O amor genuíno jamais se desregra ou se cansa, porque realmente sabe esperar.

*EMMANUEL (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Reformador, abr. 1958, p. 74*

*EMMANUEL (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Palavras de vida eterna. Cap. 32 – O amor tudo sofre*



5

**OUTROS FATORES  
RELACIONADOS AO  
SUICÍDIO**

**A**contece ainda que um Espírito se suicidou em precedente encarnação e, como expiação, é-lhe imposto na seguinte lutar contra a tendência do suicídio. Se sair vitorioso, progride; se sucumbir, terá de recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda que a precedente e, assim, deverá lutar até que haja triunfado, pois toda recompensa na outra vida é fruto de uma vitória, e quem diz vitória diz luta. O espírita haure, pois, na certeza que ele tem deste estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia lhe poderia dar.

\*\*\*\*\*

Por mais pungentes que sejam as opressões da morte, o homem as afronta e as suporta, se for estimulado pelo exemplo. É a história do conscrito que, sozinho, recuava diante do fogo, ao passo que ficava eletrizado, vendo que os outros marchavam sem medo. Dá-se o mesmo com o suicida: a visão dos que se libertam por esse meio dos aborrecimentos e desgostos da vida os leva a pensar que em breve esse momento passará; aqueles que pudessem ser retidos pelo temor do sofrimento dirão que, desde que muitos assim o fazem, também podem fazer o mesmo; que é preferível sofrer alguns instantes a padecer durante anos. É somente nesse sentido que o suicídio é contagiante. O contágio não está nos fluidos nem nas atrações, mas no exemplo, que se acostuma com a ideia da morte e com o emprego dos meios para a executar. Isto é tão verdadeiro que quando se dá um suicídio de certa maneira, não é raro se sucederem outros do mesmo gênero. A história da famosa guarita onde em pouco tempo se enforcaram quatorze militares não tinha outra causa. O meio lá estava à vista; parecia cômodo e, por pouco que esses homens tivessem a veleidade de acabar com a vida, o aproveitavam. A simples visão poderia fazer brotar a ideia. Tendo sido o fato contado a Napoleão, este ordenou que queimassem a guarita. O mal cessou, desde que o meio já não estava à vista.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; excita, encoraja, acostuma-se com a ideia e, até mesmo, a provoca. Sob esse aspecto consideramos as descrições do gênero e que abundam nos jornais como uma das causas excitantes do suicídio: elas dão a coragem de morrer. Acontece o mesmo com os crimes, com a ajuda dos quais se excita a curiosidade pública, produzindo um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, enquanto fizeram surgir mais de um.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (julho). Estatística de suicídios*

## HISTÓRIA PREGRESSA DE SUICÍDIO

Renascendo em novo corpo carnal, remontará o suicida à programação de trabalhos e prélios diversos aos quais imaginou erradamente poder escapar pelos atalhos do suicídio; experimentará novamente tarefas, provações semelhantes ou absolutamente idênticas às que pretendia arrear; passará inevitavelmente pela tentação do mesmo suicídio, porque ele mesmo se colocou nessa difícil circunstância carreando para a reencarnação expiatória as amargas sequências do passado delituoso! A tal tentação, porém, poderá resistir, visto que na Espiritualidade foi devidamente esclarecido, preparado para essa resistência

O estado indefinível, de angústia inconsolável, de inquietação aflitiva e tristeza e insatisfações permanentes; as situações anormais que se decalcam e sucedem na alma, na mente e na vida de um suicida reencarnado, indescritíveis à compreensão humana e só assimiláveis por ele mesmo, somente lhe permitirão o retorno à normalidade ao findar das causas que as provocaram, após existências expiatórias, testemunhos severos em que seus valores morais serão duramente comprovados, acompanhando-se de lágrimas ininterruptas, realizações nobilitantes, renúncias dolorosas de que se não poderá isentar...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. § 65 e 66*

## CARACTERÍSTICAS TRAZIDAS PELO ESPÍRITO DE ENCARNAÇÕES ANTERIORES

“Maximiliano V..., rapazola de doze anos, morava com os pais à Rua des Cordiers e estava empregado como aprendiz numa tapeçaria. Esta criança tinha o hábito de ler romances folhetins. Todos os momentos que podia escapular do trabalho ele os dedicava à leitura, que lhe superexcitava a imaginação e lhe inspirava ideias acima de sua idade. Assim, imaginou sentir paixão por uma criatura que teve ocasião de ver algumas vezes, a qual estava longe de pensar que tivesse inspirado um tal sentimento. Desesperado por não ver a realização dos sonhos provocados por suas leituras, resolveu matar-se. Ontem, o porteiro da casa que o empregava encontrou-o sem vida num gabinete do terceiro andar, onde trabalhava sozinho. Enforcara-se numa corda que prendera numa viga com um enorme prego.”

[...]

Nesse fato há um difícil problema de moral, quase impossível de resol-

ver pelos argumentos da filosofia ordinária e, ainda menos, da filosofia materialista. [...] De onde vem tal precocidade? Por que certas crianças ultrapassam a idade normal para o desenvolvimento das paixões e da inteligência? Eis uma das dificuldades contra as quais vêm se chocar todas as filosofias, porque suas soluções sempre deixam uma questão não resolvida e podemos sempre indagar o porquê do por quê. Admiti a preexistência da alma e o desenvolvimento anterior e tudo se explica da maneira mais natural. Com este princípio remontais à causa e à fonte de tudo.

[...]

3. Lembrai-vos bem das circunstâncias da vossa morte?

Resp. – Parecem muito vagas. Sei que me suicidava sem motivo. Entretanto, poeta numa outra encarnação, tinha uma espécie de intuição de minha vida passada; criava sonhos, quimeras; enfim, eu amava.

[...]

5. É singular que uma criança de doze anos seja levada ao suicídio, sobretudo por um motivo como esse que vos impeliu.

Resp. – [...] Já não vos disse que, poeta numa outra encarnação, minhas faculdades tinham ficado mais amplas e mais desenvolvidas que nos outros? [...]

[...]

13. [A Maximiliano]. Desejamos ainda fazer algumas perguntas, que talvez contribuam para que vos sintais mais aliviado. Em que época vivestes como poeta? Tivestes um nome conhecido?

Resp. – No reinado de Luís XV. Eu era pobre e desconhecido; amava a uma mulher, um anjo que vi passar num parque, num dia de primavera. Depois, só a reví em sonhos, e meus sonhos prometiam que eu a possuiria um dia.

14. O nome Elvira nos parece muito romântico, o que nos leva a pensar que se trate de um ser imaginário.

Resp. – Sim; era uma mulher. Sei seu nome porque um cavaleiro que passava perto dela a chamou Elvira. Ah! era bem a mulher que minha imaginação havia sonhado. Eu a vejo ainda, sempre bela e encantadora. Ela é capaz de me fazer esquecer a Deus para vê-la e segui-la ainda.

## TENTAÇÃO À REINCIDÊNCIA NO SUICÍDIO

Figuremos um homem acovardado diante da luta, perpetrando o suicídio aos quarenta anos de idade no corpo físico. Esse homem penetra no mundo espiritual sofrendo as consequências imediatas do gesto infeliz, gastando tempo mais ou menos longo, segundo as atenuantes e agravantes de sua deserção, para recompor as células do veículo perispirítico, e, logo que oportuno, quando torna a merecer o prêmio de um corpo carnal na Esfera Humana, dentre as provas que repetirá, naturalmente se inclui a extrema tentação ao suicídio na idade precisa em que abandonou a posição de trabalho que lhe cabia, porque as imagens destrutivas, que arquivou em sua mente, se desdobram, diante dele, através do fenômeno a que podemos chamar “circunstâncias reflexas”, dando azo a recônditos desequilíbrios emocionais que o colocarão, logicamente, em contacto com as forças desequilibradas que se lhe ajustam ao temporário modo de ser. Se esse homem não houver amealhado recursos educativos e renovadores em si mesmo, pela prática da fraternidade e do estudo, de modo a superar a crise inevitável, muito dificilmente escapará ao suicídio, de novo, porque as tentações, não obstante reforçadas por fora de nós, começam em nós e alimentam-se de nós mesmos.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Ação e reação. Cap. 7 – Conversação preciosa

## TENTAÇÃO DO SUICÍDIO – TENDÊNCIA SUICIDA

Era um homem rico, instruído, poeta de espírito, possuidor de caráter são, obsequioso e ameno, de perfeita honradez. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna, e, não lhe sendo possível repará-la em razão da idade avançada, cedeu ao **desânimo**, enforcando-se em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir. Não era materialista nem ateu, mas um homem de gênio um tanto superficial, **ligando pouca importância ao problema da vida de além-túmulo**. Conhecendo-o intimamente, evocamo-lo, quatro meses após o suicídio, inspirados pela simpatia que lhe dedicávamos.

[...]

Eles chamam-me **covarde**, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. É a quarta vez que sucumbo a essa provação, não obstante a formal promessa de não falir...

[...]

Este caso particular de suicídio, posto que realizado em circunstâncias vulgares, apresenta uma feição especial. Ele mostra-nos um Espírito que sucumbiu muitas vezes à provação, que se renova a cada existência e que renovará até que ele tenha forças para resistir.

[...] A vossa provação consistia num encadeamento de circunstâncias que vos deveriam dar, não a necessidade, mas a tentação do suicídio [...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Félicien*

### RAZÕES – TENDÊNCIA À REPETIÇÃO

6. Desse modo, ninguém recebe do Plano Superior a determinação de ser relapso ou vicioso, madraço ou delinquente, com passagem justificada no latrocínio ou na dipsomania, no meretrício ou na ociosidade, no homicídio ou no suicídio, Padecemos, sim, nesse ou naquele setor da vida, durante a recapitulação de nossas próprias experiências, o impulso de enveredar por esse ou aquele caminho menos digno, mas isso constitui a influência de nosso passado em nós, instilando-nos a tentação, originariamente toda nossa, de tornar a ser o que já fomos, em contraposição ao que devemos ser.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Evolução em dois mundos. 2ª parte. Cap. 18 – Evolução e destino § 6*

### PREDISPOSIÇÃO À REINCIDÊNCIA NO SUICÍDIO

Sara vem de um suicídio moral anterior, com a natural compulsão para repetir o ato desolador. Fracassando, no amor que não soube respeitar, desertou, naquela época... Aquele que a induziu à delinquência moral, ela o reencontrou agora, não repetindo a desfortuna de destruir-lhe o lar, conforme ele lhe fizera, mas não teve forças para superar a impossibilidade da convivência anelada. [...]

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 25 - Socorro de emergência. §37*

### INDUÇÃO AO SUICÍDIO POR TEXTOS LITERÁRIOS

[...] Por tudo isso, com a leitura do seu drama, tal como foi narrado, as criaturas colocadas em situação melindrosa, na vida de relação, somente encontrariam, em suas páginas, o desânimo, o desespero, ocasionando o

suicídio, a inconformidade e a paixão incontrolável, gerando a neurastenia e a descrença, que igualmente conduzem à morte prematura...

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível*. Capítulo: O amigo beletrista

### **EFEITO INDUTOR AO SUICÍDIO DE OBRAS LITERÁRIAS QUE DESCREVEM SUICÍDIOS SEM APRESENTAR O CONCEITO MORAL - CUIDADOS DEVIDOS AO SE RELATAREM SUICÍDIOS**

Há muitos anos, antes de abandonar à Terra os meus despojos carnis, prometi a Deus e a mim próprio escrever alguma coisa que combatesse o suicídio. Não me foi, no entanto, possível o cumprimento da promessa, até agora, visto que me escapavam argumentos e possibilidades com que demonstrasse a lógica do mal que ele, o suicídio, representa para a humanidade. Muitas vezes afligi-me com a notícia de que uma e outra, e outras mulheres, arrebatadas pela paixão do amor humano, haviam imitado o gesto de certa heroína famosa de um dos meus romances, dando-se à tragédia de um suicídio, nela inspiradas. Em mais de um livro que escrevi, então, pintei o suicídio de seus heróis, deixando, porém, de apresentar o conceito moral, a consequência aterradora de tal gesto na vida do Além, para aquele que o pratica na Terra. Se os infratores se inspiravam nas histórias por mim contadas, sempre muito lidas e acatadas, sentia-me culpado, causador daquela desgraça, e cheguei mesmo a lamentar a inspiração que me levou a encerrar dramas íntimos e sociais com suicídios tão impressionantes como os que criei para as minhas personagens. Penitencio-me da falta ante Deus e os leitores, declarando que tudo venho tentando a fim de repará-la.

Depois de longo tempo de uma expectativa paciente, consegui meios de iniciar a tentativa para o cumprimento da promessa feita, pelo menos no que tange à literatura. Se minha mente, engendrando suicídios literários que modelaram outros suicídios, envolveu-me nessa faixa atormentada, hoje, superando o desequilíbrio daí provindo, tentarei reconfortar corações frágeis, vacilantes nas horas difíceis das provações, assim afastando-os do pavoroso abismo.

Que Deus abençoe as almas boas que me ajudam a retirar da consciência o peso de um remorso que comprometeu a minha paz.

LEON TOLSTOI e CHARLES (*Espíritos*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação.*  
APRESENTAÇÃO - palavras de Léon Tolstoi

## INDUÇÃO AO SUICÍDIO POR OBRAS LITERÁRIAS

12. Que pensais de Werther?

Resp. – Hoje eu lhe censuro o desfecho.

13. Essa obra não teria feito muito mal ao exaltar as paixões?

Resp. – Fez e causou desgraças.

14. Foi a causa de muitos suicídios. Sois responsável por isso?

Resp. – Se houve uma influência nociva espalhada por mim, é por isso mesmo que ainda sofro e disso me arrependo

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1859 (junho). Conversas Familiares de Além-Túmulo - Goethe*

## INDUÇÃO AO SUICÍDIO PELA LITERATURA

Seja, porém, a vossa palavra sim, sim; não, não; o que excede disso é do mal. (Mateus 5:37)

[...]

O Werther, de Goethe, é um poema de magnífica expressão literária, mas não deixa de ser vigorosa indução ao suicídio.

[...]

*EMMANUEL (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Seara dos médiuns. Cap. 40 - Verbo e atitude*

## DEPENDÊNCIA ALCOÓLICA

Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo.

“Quis morrer, e atirei-me... Oh! meu Deus! Que momento!

[...]

“Esse que acaba de se dirigir a vós foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação[...]

[...]

“Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: — um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio [...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas.* François-Simon Louvet

## DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS

A ausência da ternura no lar e a permanência dos conflitos nos relacionamentos dos adultos oferecem à criança e ao jovem uma visão deformada da realidade, que passa a representar, no seu interior, um processo que deveria ser de segura formação psicológica, tornando-se um desafio que apavora e gera instabilidade, assim contribuindo para o favorecimento das fugas espetaculares para os vícios de toda natureza, quais a toxicod dependência, o alcoolismo, o jogo de azar, conduzindo, não poucas vezes, ao suicídio e a outros comportamentos antissociais aberrantes e criminosos.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Reencontro com a Vida. Capítulo: Toxicod dependência*

## JOGO E SUICÍDIO

- O jogo é uma paixão funesta que pode arrastar o homem ao suicídio e fazer que ele se converta num dos seres mais egoístas da Terra.

LÉON DENIS. *Catecismo Espírita. Cap. II – Moral espírita*

## ABANDONO AFETIVO

Entretanto, nem a mãe e tampouco o pai, sequer uma tia ou uma prima, ou uma amiga que fosse, se dispuseram a visitar a infeliz jovem em seus aposentos, onde ela permanecia só com suas amarguras [...]

[...]

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 14 - Uma viagem ao infinito §4*

## ABANDONO AFETIVO

[...] A pouco e pouco. desenhou-se em suas recordações o seu lar e nele viu-se vivendo desde pequenina: o abandono em que a deixava sua mãe,

entregando-a desde tenra idade às amas e preceptoras mercenárias, que a criaram, e deixando-a sofrer a nostalgia dos afagos maternos, que não encheram seu coração de criança. Reviu seu pai, sempre preocupado com mil assuntos, sem jamais prestar atenção a ela senão para censurá-la; reviu o seu deficiente aprendizado escolar, os professores exigentes, suas dificuldades em assimilar as lições, atormentada sempre por aquela presença inimiga, e os castigos recebidos pelas baixas notas obtidas nos exames.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 16. Uma página de além-túmulo §11*

## **DROGAS ILÍCITAS**

Uma estranha sensação de culpa e de falta de objetivo real martelavam-no, exigindo que ante os amigos fosse o companheiro bulhento e sorridente e, a sós, se desvelasse taciturno, deprimido. Para manter a aparência de uma realidade que não sentia, a maconha, a princípio, e as anfetaminas depois, eram o caminho para a loucura ou o suicídio, qual aconteceu a vários, e prossegue sucedendo com uma crescente massa de viciados, em geral, de toxicômanos.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Painéis da Obsessão. Cap. 13 - O despertar de Maurício*



6

**COMPORTAMENTOS  
ALHEIOS E SUICÍDIO**

**E** quando se veem homens de ciência apoiarem-se na autoridade de seu saber, esforçando-se por provar aos seus ouvintes ou leitores que nada devem esperar depois da morte, não é conduzi-los a essa consequência de que, se são infelizes, nada têm melhor a fazer do que se matarem? O que lhes poderiam dizer para os desviar do suicídio? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança podem dar? Nada que não seja o nada. Devemos, pois, concluir que se o nada é um remédio heroico, a única perspectiva, melhor é cair imediatamente do que mais tarde, sofrendo, assim, por menos tempo. A propagação das ideias materialistas é, pois, o veneno que inocula em muitos a ideia do suicídio, e os que se tornam seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (julho). *Estatística de suicídios*

### PROSELITISTAS DO MATERIALISMO

[...] Grandemente culpados são os que se esforçam por acreditar, com sofismas científicos e a pretexto de uma falsa razão, nessa ideia desesperadora, fonte de tantos crimes e males, de que tudo acaba com a vida. Esses serão responsáveis não só pelos próprios erros, como igualmente por todos os males a que os mesmos derem causa. [...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas. Um ateu*

### INDIFERENÇA DAQUELES QUE DISPÕEM DE RECURSOS RELATIVAMENTE AOS NECESSITADOS

Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome?

“É um suicídio, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 947*

### IRRESPONSABILIDADE AFETIVA

Havia sete para oito meses que Luís G..., oficial sapateiro, namorava uma jovem, Victorine R..., com a qual em breve deveria casar-se, já tendo mesmo corrido os proclamas do casamento.

Neste pé as coisas, consideravam-se quase definitivamente ligados e, como medida econômica, diariamente vinha o sapateiro almoçar e jantar em casa da noiva.

Um dia, ao jantar, sobreveio uma controvérsia a propósito de qualquer futilidade, e, obstinando-se os dois nas opiniões, foram as coisas ao ponto de Luís abandonar a mesa, protestando não mais voltar.

Apesar disso, no dia seguinte veio pedir perdão. A noite é boa conselheira, como se sabe, mas a moça, prejudgando talvez pela cena da véspera o que poderia acontecer quando não mais a tempo de remediar o mal, recusou-se à reconciliação. Nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando Luís que a sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa: — Chegando à casa da moça, bateu de modo a ser reconhecido, mas a porta permaneceu fechada, recusaram abrir-lha. Novas súplicas do repellido, novos protestos, não ecoaram no coração da sua pretendida. “Adeus, pois, cruel! — exclamou o pobre moço — adeus para sempre. [...]

Decorrido um quarto de hora é que um locatário, passando pela calçada e levando luz, soltou um grito de espanto e pediu socorro.

Depressa acorre a vizinhança, e Victorine, abrindo então a porta, deu um grito de horror, reconhecendo estendido sobre o lajedo, pálido, inanimado, o seu noivo. Cada qual se apressou em socorrê-lo, mas para logo se percebeu que tudo seria inútil, visto como ele deixara de existir. O desgraçado moço enterrara uma faca na região do coração, e o ferro ficara-lhe cravado na ferida.

[...]

1. Ao Espírito S. Luís. — A moça, causadora involuntária do suicídio, tem responsabilidade? — R. Sim, porque o não amava.

2. Então para prevenir a desgraça deveria desposá-lo a despeito da repugnância que lhe causava? — R. Ela procurava uma ocasião de descartar-se, e assim fez em começo da ligação o que viria a fazer mais tarde.

3. Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver alimentado sentimentos dos quais não participava e que deram em resultado o suicídio do moço? — R. Sim, exatamente.

4. Mas então essa responsabilidade deve ser proporcional à falta, e não tão grande como se consciente e voluntariamente houvesse provocado o suicídio... — R. É evidente. 5. E o suicídio de Luís tem desculpa pelo desvario que lhe acarretou a obstinação de Victorine? — R. Sim, pois o suicídio oriundo do amor é menos criminoso aos olhos de Deus, do que o suicídio

de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia.

[...]

Por isso se vê ainda uma nova confirmação da justiça que preside à distribuição das penas, conforme o grau de responsabilidade dos culpados. É à moça, neste caso, que cabe a maior responsabilidade, por haver entretido em Luís, por brincadeira, um amor que não sentia. Quanto ao moço, este já é de sobejo punido pelo sofrimento que lhe perdura, mas a sua pena é leve, porquanto apenas cedeu a um movimento irrefletido em momento de exaltação, que não à fria premeditação dos suicidas que buscam subtrair-se às provações da vida.

[...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Luís e a pespontadeira de botinas*

### IRRESPONSABILIDADE AFETIVA

10.– Conversando com tanta franqueza, num lugar que talvez seja a antecâmara da morte para um de nós dois, desejo dizer-lhe que só um fato me perturba. Tenho as desilusões comuns a qualquer pessoa. Meu pai morreu, quando eu mal completara dois anos; minha mãe, então viúva, deu-me um padrasto, algum tempo depois; ainda na infância, fui internada num colégio de religiosas amigas e, depois disso tudo, casei-me para ter um marido diferente daquele que eu sonhava... No meio do romance, uma tragédia... Um homem, um rapaz digno, aniquilou-se por minha causa, seis meses antes do meu casamento. Precedendo o ato que lhe impôs a morte, tentou o suicídio ao ver-se posto à margem. Compadeci-me. Busquei reaproximar-me, ao menos para consolá-lo, e, quando meu sentimento balançava entre o pobre moço e o homem que desposi, ei-lo que se despede da vida com um tiro no coração... Desde aí, qualquer felicidade para mim é uma luz misturada de sombra. Embora o imenso amor que consagro a meu marido, nem mesmo a condição de mãe consegui. Vivo doente, frustrada, abatida...

*(E a vida continua. Cap. 3 – Ajuste amigo. § 10)*

[...] Aos doze anos de idade, fui internada num educandário católico, no qual me diplomei para o magistério, sem exercê-lo em tempo algum, porque, desde o baile de formatura, me vi requestada por dois rapazes, ao mesmo tempo, Túlio Mancini e Caio Serpa. Confesso que, muito moça e muito irresponsável ainda, deixei que o meu coração balançasse, entre os dois, prometendo fidelidade a ambos, simultaneamente. Quando admiti

minha escolha definitiva na pessoa de Caio, que veio a ser meu esposo, Túlio tentou o suicídio e, ao vê-lo salvo, pensei no sacrifício a que se dera por minha causa e, de novo, me inclinei para ele... Quando me dispunha a requisitar de meu noivo a exoneração de qualquer compromisso, Túlio matou-se com um tiro no coração... Depois da terrível ocorrência, casei-me...

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. E a vida continua. Cap. 10 – Evelina Serpa. § 41*

## SEDUTORES

[...] desvirtuavas pobres donzelas enamoradas e levemente confiantes, levando-as ao suicídio com a amarga traição com que as decepcionavas

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 9 – Os arquivos da alma § 51)*

## SEDUTORES

[...] Pobre mulher crédula e confiante! Vejo-a chegando ao presbitério em tempestuosa noite. Experimentais a emoção inferior do homem menos digno que sente o império absoluto sobre a presa... A pobrezinha, todavia, chora e roga-vos auxílio. Pronuncia palavras de comover corações de pedra, mostrando indefinível desalento. Percebo o que diz... Confiou excessivamente em vossas promessas e cedeu aos vossos caprichos de homem vulgar. A princípio, acreditou que não adviriam desagradáveis consequências, certa da possibilidade de fugir a quaisquer observações. Sabéis engodar-lhe a inexperiência em assuntos afetivos e proclamáveis a inocência de semelhantes relações. Contudo, agora, anunciava-se um filhinho, preocupando-lhe o coração. Quem a socorreria? Quem lhe restauraria a paz familiar? Não seria melhor a legalização dos laços existentes? Não deveriam esperar, honrados, a dádiva de um filho abençoado por Deus? Escutastes as rogativas sem abalo moral. Com a frieza dos homens de fraseologia brilhante, invocastes o dever sacerdotal como justificativa da impossibilidade, comentastes as convenções humanas e, por fim, propusestes a conciliação do problema, com um casamento apressado e indigno entre a vítima e o último de vossos servos. A jovem soluça convulsivamente, afirmando justa repulsa. Continuais na argumentação prudente e preciosa, mas, com evidentes sinais de loucura, a infeliz abandona-vos, precipitada, ganhando a via pública, sob a chuva torrencial... Acompanho-a. Regressa ao lar paterno, fundamente desequilibrada pelo vosso golpe impiedoso. Ah! que horror! Vale-se a desventurada da noite solitária e bulhenta e ingere grande dose de formicida, tentando o ato final da tragédia interior. Ninguém lhe

escuta os rugidos de sofrimento selvagem, porque os trovões ribombam no céu. Ao amanhecer, todavia, um pai aflito corre ao vosso retiro repousante e coloca-vos ao corrente do fato. Morrera-lhe a filha, misteriosamente.

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Cap. 7. Leitura mental*

## COMPORTAMENTOS ALHEIOS – SEDUÇÃO – ABUSO SEXUAL

— Quando eu contava 10 anos [...], um irmão de mamãe, que morava no interior, portanto, meu tio, veio fazer faculdade em nossa cidade, e nosso lar foi-lhe aberto, confiante, hospitaleiro. Eu o conhecera rapidamente, desde quando, muito antes, fora visitar meus avós, levado por meus pais e em companhia dos meus dois irmãos maiores: um menino e uma menina. Naquela ocasião, senti-me encantado com ele, bondoso e delicado, que brincava conosco. Ao retornar à minha casa, aquela primeira impressão foi-se diluindo com o tempo. Agora, porém, fora um choque reencontrá-lo, não obstante a minha pouca idade. Ele, todavia, pareceu-me o mesmo, porquanto dava-me preferência e acariciava-me com insistente dedicação. Suas mãos fortes e seus dedos vigorosos passeavam com ternura sobre minha cabeça, deslizando entre meus cabelos encaracolados... Osculava-me a face e foi-me dominando emocionalmente. Apesar de eu não saber distinguir um de outro sentimento, experimentava grande bem-estar ao seu lado e corria sempre em busca da sua companhia.

Novamente Lício aquietou-se, medindo as palavras que deveria utilizar. Logo depois continuou:

— Dói-me recordá-lo, em razão dos sentimentos controvertidos que me abatem...

“Um dia, com palavras dóceis, que eu não alcançava, levou-me à sedução, à ação nefasta devastadora que me prossegue afetando. Sem saber discernir, era uma brincadeira, um segredo de amor, que manteríamos, conforme deu-me instrução para uso pessoal e junto à família. Com o tempo adaptei-me e, envergonho-me de confessá-lo, passei a amá-lo, se é que um adolescente, naquele período, sabe o que é o amor.

“Em casa, em face da confiança da família e ao descuido educacional, jamais transpirou o drama que ali se desenrolava conosco.

“Por mais de três anos vivemos essa terrível aventura, que se interrompeu quando ele concluiu o curso e foi exercer a profissão noutra cidade. Desnecessário dizer que a sua partida foi um desespero para nós ambos,

que parecíamos não suportar o que ia acontecer. Impossibilitados, porém, de encontrar outra solução, o tempo selou o nosso destino com a separação. Mantivemos correspondência frequente, como ocorre nos idílios interrompidos pela distância física, e, como tais, o desfecho ocorreu, como era natural, seguindo as Leis da Vida... Ele encontrou uma jovem, a quem passou a amar realmente, deu-me ciência do fato e casou-se com ela.

“Eu estava com 15 anos. Adicionei à dor moral, outra, decorrente do vício a que me acostumara... Sem orientação, sem coragem de buscar apoio e diretriz com quem me pudesse ajudar, e temendo não os encontrar, após noites indormidas e lutas tenazes contra a ideia do suicídio que se me fixava como única solução, tombei em novas, frustrantes e arrasadoras experiências que me magoaram profundamente, dilacerando-me o coração e a dignidade interior.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 5 – Sombras e dores do mundo*

## **EXPOSIÇÃO E JULGAMENTO PÚBLICO DE ERROS, ACENTUANDO A VERGONHA E A BAIXA AUTO-ESTIMA**

A jovem sentia-se sucumbida com a perspectiva da vergonha e das humilhações que sofreria ante aquela assembleia de austeros senhores que deveriam julgá-la e decidir do seu destino.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 12 - O Conselho de família §40*

## **INCOMPREENSÃO FAMILIAR – PRECONCEITOS - CONVENIÊNCIAS**

À pobre criatura não era nem mesmo permitido o reconforto de se refugiar nos braços de sua mãe, ouvir-lhe os conselhos, aliviar-se sob a proteção de sua piedade maternal. Françoise Marie sentia aversão pela filha infeliz, ao passo que Joseph Hugo, senhor e chefe, mais do que um verdadeiro pai, proibira a esposa de visitar a filha que, para ele, nada mais era do que a ré a quem todos os castigos seriam devidos. Da mesma forma, escravizada aos preconceitos comuns à época e, acima de tudo, contaminada pelas férreas concepções que na Espanha existiam quanto à conduta de uma jovem, a condessa Françoise repudiou a filha infeliz, ao inteirar-se da sua ligação clandestina com um estranho, e foi incapaz de procurar um meio de se aproximar da reclusa para suavizar-lhe os sofrimentos.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 12. O Conselho de família § 40*

## **INCOMPREENSÃO FAMILIAR – PRECONCEITOS – CONVENIÊNCIAS – FORMALIDADES ACIMA DA COMPREENSÃO – FRATERNIDADE OU SUA FALTA**

Victor e Arthur, porém, haviam discutido longamente com o velho conde a respeito da inconveniência daquele conselho de família, humilhante para Andrea. Mas o preconceituoso aristocrata nada admitia além dos próprios raciocínios:

— Dir-se-ia que me censurais, senhor, por me verdes cumprir um dever tradicional em nossa família — replicava ele ao filho, depois de ouvir os arrazoados deste em favor da irmã. — Sabei que vos considero bastante, como filho exemplar que sois, não, porém, ao ponto de, já com a cabeça coberta de cãs, abandonar os honestos princípios, em que fui educado, pela teoria dos filósofos modernos, que pretendem corrigir, mediante a persuasão, delinquentes a quem nem as galés domariam.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 12 - O Conselho de família § 41 e 42*

## **PAIS DESCAUTELOSOS DA EDUCAÇÃO MORAL**

Integrando a repesa falange, muitos haviam patenteando o fruto nefasto da escassa educação moral obtida nos lares destituídos da verdadeira iluminação cristã! Jovens que, apenas saídos da adolescência, haviam tombado inermes ao primeiro choque com as contrariedades comuns à existência terrena, preferindo a aventura do suicídio, completamente faltos de ideal, de senso, de respeito a si mesmo, à família e a Deus! As desgraças por eles encontradas, além do suicídio, eram como o terrível atestado, o pavoroso libelo contra a irresponsabilidade dos pais ou responsáveis por eles à face de Deus, a prova infamante da desatenção com que se portaram deixando de diligenciar sólida edificação moral em torno deles! Para tais casos, soubemos que severas contas deveriam prestar futuramente às soberanas Leis os descautelosos pais que permitiram asas às perniciosas inclinações dos filhos, sem tentar corrigi-las, favorecendo assim ocasiões aos desequilíbrios desesperados de que o suicídio foi o lógico resultado!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. § 51*

## **EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA E SUA FALTA**

[...] A Condessa Françoise Marie, corroída de remorsos pelo abandono a que sempre relegara a filha, sem educá-la em bons princípios de moral,

sem cultivar em seu coração o amor e o respeito a Deus, deixando-a entregue a amas e preceptoras mercenárias [...]

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 17 - A ação benéfica da prece* §8

## EDUCAÇÃO MATERIALISTA

[...] lhe asseverava a consciência caber-lhe grande dose de responsabilidade pelo desastre do filho, uma vez que fora ela, mãe descrente dos ideais divinos, mãe imprevidente e orgulhosa cujas aspirações não gravitavam além dos gozos e das paixões mundanas, que lhe modelara o caráter, dando-lhe a beber do mesmo vírus mental que a ambos arrastara a tão deploráveis quedas morais! [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 19 - O Homem velho* §12

## COMPORTAMENTOS ALHEIOS QUE SE RESPONSABILIZAM POR SUICÍDIOS

[...]

- A minha pobre Noemi - explicou o pai, apiedado - renasceu em nosso lar, sob o impositivo de grave provação, com raízes no passado. Enalda, sua mãe, sofrera, oportunamente, penosa injunção em relação a ela, que ora a circunstância maternal deveria anular, através do amor e do perdão. Portadora, no entanto, de caráter débil e voluntariosa nos caprichos femininos, agravou a situação com sérios deslizes morais, por pouco não vindo responder pelo suicídio da filha necessitada.

[...]

- O matrimônio de Noemi com o Cândido não estava nos planos do seu processo regenerador... Sentindo-se desamada no lar, um tanto só e carente, transferiu a afetividade, com que deveria ser educada para vivência no momento próprio, para o jovem, igualmente irresponsável. Sob o apoio de Enalda, que se fascinou com o rapaz, precipitou acontecimentos que o livre-arbítrio atraiu para a complicação deles mesmos.

Passados os primeiros meses da comunhão física, surgiram as desinteligências por coisas nenhuma em que os caprichos pessoais complicam a convivência doméstica, arrojando os nubentes, quando levianos ou imaturos, em problemas de maior gravidade. Pequenos arrufos, discordância

de opinião, remoques de parte a parte tornaram-se habituais, passíveis de superações que poderiam ocorrer. Sem embargo, deixando-se fascinar pelo genro, Enalda sustentava-lhe as falsas razões, dando-lhe injustificável apoio, em detrimento da orientação e cuidados que lhe competia distender à filha.

A contínua aproximação entre sogra e genro, apesar da diferença de quase vinte anos, que os separava, degenerou em relacionamento delituoso dentro do próprio lar...

[...]

Nessa tormentosa situação mental e moral todos atraíram os seus inimigos desencarnados, abrindo campo aos processos de cruel indução obsessiva que passaram a corporificar-se.

[...]

Essa a conexão entre ele e Noemi, que passou a inspirá-la, na maneira de surpreender os licenciosos. Naturalmente, magoada, era-lhe mais fácil aceitar-lhe a ideia infeliz do que o meu pensamento, encorajando-a à luta.

[...]

Na manhã de hoje – continuou o amigo, sofrido – Noemi, duramente hipnotizada pelo inimigo, foi inspirada a armar uma cilada, na qual tombaria, como vimos. Planejou visitar amigos, prometendo retornar após o almoço e deixando os doentes morais desimpedidos, para que dessem curso às paixões dissolventes. O plano não poderia ter sido melhor urdido. Tão logo se afastou, sentindo-se sem vigilância, os levianos entregaram-se à desordem moral, sem qualquer escrúpulo...

A pobre filha, porém, não se afastou muito do lar, demorando-se por um quarto de hora no hall do edifício e retornando, sob a alegação de haver esquecido algo de que necessitava. Entrou com astúcia felina, sob a certeza de os surpreender em delito.

Desnecessário detalhar os sucessos. Tresvairada, discutiu com os inditosos traidores e, porque o marido a esbofeteasse, correu, na direção do banheiro, que trancou por dentro e tentou seccionar as veias, conforme sabemos, agora sem a imposição mental do perseguidor, que desejava dei-

zar sobre ela a responsabilidade do gesto louco, não obstante o desequilíbrio de que se encontrava possuída.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 14. O drama de Noemi*

### CALUNIADOR

[...] o infeliz, picado pelo veneno da inveja, passou a perturbar o lar honrado de um amigo, endereçando, ora ao esposo, e, noutras vezes, à senhora, cartas repletas de misérias, nas quais a infâmia passou a triturá-los, entre suspeitas infundadas, terminando por levar o marido honesto ao suicídio, envergonhado pelo comportamento da esposa, tachada de adúltera, enquanto aquela acreditava, pelas missivas recebidas, na desonra do consorte. Quando o suicídio o infelicitou, ela acreditou que fora pelo remorso e caiu em irreversível depressão, aumentando o sofrimento da família.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 7 – Fenômeno auto-obsessivo*

### CALUNIADOR

[...] Outros crimes lhe pesam na consciência, cobrando-lhe a reparação. As suas vítimas sucumbiram, não somente na trama difamatória, mas no suicídio a que você levou mais de uma... Portanto é homicida igualmente [...]

— Eles se mataram, não por minha causa...

— Veremos, meu filho... Você mesmo o constatará pela segunda vez. Acompanhem alguns lances da sua última existência corporal, que selecionamos para este momento.

[...]

Foi o suicídio da jovem, a quem difamara mediante carta criminosa ao seu enamorado, que mais o afligiu.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 18 – O despertar de Aderson. § 51 a 53, 58*

## COMPORTAMENTOS ALHEIOS QUE SE RESPONSABILIZAM POR SUICÍDIOS

[...] uma jovem se lhe afeiçãoou apaixonadamente, transformando-se em fardo desagradável. Havendo concebido dele um filho e sendo obrigada a abortá-lo no quarto mês de gestação; ao ser desprezada com indiferença, apelou para o suicídio, em que sucumbiu martirizada e desditosa...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco.  
Tormentos da Obsessão. Capítulo: Impressões marcantes*



**COMPORTAMENTOS  
DA SOCIEDADE QUE SE  
RESPONSABILIZAM POR  
FAVORECER O SUICÍDIO**

## EGOÍSMO – PENÚRIA EXTREMA - INDIFERENÇA DOS MAIS BEM AQUINHOADOS

Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome?

“É um suicídio, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 947

### EGOÍSMO

[...] quando a sociedade humana só tem por objetivo de atividade a prosperidade material e o prazer dos sentidos, mergulha no materialismo egoísta, aprecia todas as ações conforme os bens que delas retira, renuncia a todos os esforços que não levem a uma vantagem palpável, só estima os que têm posses e não respeita senão o poder que se impõe. Quando os homens só se preocupam com os sucessos imediatos e lucrativos, perdem o senso da honestidade, renunciam à escolha dos meios, desprezam a felicidade íntima, as virtudes privadas e deixam de se guiar conforme os princípios de justiça e de equidade. Numa sociedade lançada nessa direção imoral, o rico leva uma vida de moleza ignóbil, embrutecedora, e o deserdado aí arrasta uma vida dolorosa e monótona, da qual o suicídio parece ser o último lenitivo.

F. HERRENSCHNEIDER. In. ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* (1863). *União da filosofia e do Espiritismo*

### EGOÍSMO

Qual a causa da maior parte dos males da Terra, senão o contato incessante dos homens maus e perversos? O egoísmo mata a benevolência, a condescendência, a indulgência, o devotamento, a afeição desinteressada e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. Numa sociedade de egoístas não há segurança para ninguém, porque cada um, apenas buscando o próprio interesse, sacrifica sem escrúpulo o do vizinho. Muitas criaturas se julgam perfeitamente honestas, porque incapazes de assassinar e de roubar nas estradas; mas será que aquele que, por cupidez e severidade, causa a ruína de um indivíduo e o impele ao suicídio, reduzindo toda uma família à miséria, ao desespero, não é pior que um assassino e um ladrão? Assassina em fogo brando; e porque a lei não o condena e os semelhantes aplaudem sua maneira de agir e sua habilidade,

crê-se isento de censuras e marcha de frente erguida! Assim os homens estão sempre desconfiados uns dos outros; sua vida é uma ansiedade perpétua; se não temem o ferro, nem o veneno, são alvo das chicanas, da inveja, do ciúme, da calúnia, numa palavra, do assassinato moral. Que seria preciso fazer para cessar esse estado de coisas? Praticar a caridade. Tudo está aí, como diz Lamennais.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1865 (julho). Estudos Morais. A Comuna de Koenigsfeld, mundo futuro em miniatura*

## EGOÍSMO - INSENSIBILIDADE

Uma correspondência de Crefeld - Prússia Renana, de 25 de janeiro de 1862, e inserta em o *Constitutionnel* de 4 de fevereiro, contém o seguinte fato:

“Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra numa padaria e pede insistentemente que lhe vendam um pão fiado. O padeiro se recusa. A viúva reduz o pedido a meio pão e, por fim, a uma libra de pão, apenas para seus filhos famintos. O padeiro recusa ainda, deixa o lugar e vai para o fundo da padaria. Crendo não ser vista, a mulher toma um pão e sai. Mas o roubo, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia.

“Um agente vai à casa da viúva e a surpreende cortando o pão em pedaços para os filhos. Ela não nega o roubo, mas se desculpa com a necessidade. Embora censurando a dureza do padeiro, o agente insiste para que ela o acompanhe até o comissário.

“A viúva pede apenas alguns instantes para trocar de roupa. Entra no quarto, mas demora bastante até que o agente, perdendo a paciência, resolve abrir a porta. A infeliz estava estirada no chão, coberta de sangue. Com a mesma faca com que cortava o pão para os filhos, tinha posto fim a seus dias.”

Tendo sido lida a notícia na sessão da Sociedade de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta a evocação dessa infeliz, quando ela mesma veio manifestar-se espontaneamente, na comunicação que segue.

[...]

Em seguida à comunicação, o Espírito de Lamennais fez a seguinte apreciação sobre o fato:

“Essa infeliz mulher é uma das vítimas do vosso mundo, de vossas leis,

de vossa sociedade. Deus julga as almas, mas também julga os tempos e as circunstâncias; julga as coisas forçadas e o desespero; julga o fundo e não a forma. E ousa afirmar: essa infeliz matou-se não por crime, mas por pudor, por medo da vergonha. E que onde a justiça humana é inexorável, julga e condena os fatos materiais, a justiça divina constata o fundo do coração e o estado de consciência. Seria desejável que em certas naturezas privilegiadas fosse desenvolvido um dom que seria muito útil, não para os tribunais, mas para o adiantamento de algumas pessoas: esse dom é uma espécie de sonambulismo do pensamento que descobre muitas vezes as coisas ocultas, mas que o homem habituado à corrente da vida negligencia e atenua por sua falta de fé. E certo que um médium desse gênero, examinando essa pobre mulher, teria dito: “Essa mulher é abençoada por Deus porque é infeliz e esse homem é amaldiçoado porque recusou o pão”. Ó Deus, quando, pois, todos os teus dons serão reconhecidos e postos em prática? Aos olhos de tua justiça, o que recusou o pão será punido, porque Cristo disse: “Aquele que dá pão a seu próximo, a mim o dá”.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (maio). O padeiro desumano*

## **EGOÍSMO – INDIFERENÇA - CRIMES DA SOCIEDADE**

### **NECESSIDADE DA RENOVAÇÃO ÍNTIMA INDIVIDUAL E COLETIVA**

[...]

As entidades desencarnadas entrevistadas na dita taverna bebiam aguardente e cerveja, devoravam comestíveis avidamente, fumavam, jogavam cartas e dados, brigavam, discutiam, insultavam-se, esbofeteavam-se, mi-moseavam-se com epítetos de baixo calão. Nosso guardião, invisível até para nós mesmos, embora continuássemos certos da sua presença, pela segurança que sentíamos e pelas intuições com que se fazia entender, às quais ouvíamos como se se tratasse da sua voz, explicou-nos:

— A estes e a seus congêneres deve a sociedade do Rio de Janeiro grande percentagem dos acidentes verificados diariamente nas vias públicas e pelos domicílios particulares: atropelamentos, quedas, braços e pernas partidos, queimaduras, suicídios, homicídios, brigas, escândalos, confusões domésticas, assaltos etc., etc. É a atmosfera em que vivem e se agitam, porque já eram afins com ela antes de passarem para a vida invisível. É o que constantemente inspiram, sugerem e incitam, encontrando no homem um colaborador passivo, que facilmente se deixa dominar por suas terríveis seduções. A infelicidade alheia é o seu espetáculo preferido. Provocam mil distúrbios na sociedade e nos lares, pois se divertem com a

prática de malefícios. Não entendem a sublime significação dos vocábulos – amor, caridade, piedade, fraternidade, honestidade! Não creem em Deus nem têm religião. Odeiam o bem e o belo com todas as forças vibratórias que possuem. Odeiam os homens e os seguem sorradeira e covardemente, porque odiavam a própria sociedade, antes de morrerem, sabendo que não serão vistos nem pressentidos. E a perseguição mental que lhes movem, aos homens, é inveterada e implacável, afirmando eles que assim agem porque igualmente foram perseguidos, quando homens, pela sociedade, que nunca os protegeu contra os males com que tiveram de lutar: doenças, miséria, fome, falta de instrução, orfandade, desemprego, delinquência, desesperos de mil e uma naturezas... E muitos destes foram, com efeito, delinquentes que a sociedade perseguiu e levou ao desespero, em vez de ajudá-los a se reeducarem para Deus... O resultado de tal incúria por parte dos homens aí está: uma vez desaparecidos da vida objetiva, pela chamada morte, infestam, como Espíritos, a sociedade, e prejudicam-na, acobertados pelo segredo da morte...

Inquietos, ousamos perguntar ao paciente mentor, malgrado o respeito que nos inspirava: — Mas... como poderão persistir em tal procedimento contra os homens? Não existirá, no além-túmulo, uma lei que os impeça de tais monstruosidades contra pessoas que, além do mais, ignoram encontrar-se sob suas influências?...

— Minha querida irmã! – explicou veemente –, será oportuno considerar que, da mesma forma, monstruosidade será a sociedade deixar um órfão, ou um filho de pais miseráveis ou delinquentes, criar-se ao abandono, pelas ruas... E a sociedade o faz, agora, e o fez com estes mesmos que estás vendo aqui... Monstruosidade será também omitir providência humanitária para que o jovem abandonado, ou o pobre, se instrua, eduque e habilite de modo a furtar-se à humilhação da ignorância, prendendo-se na escola do dever e da honestidade... No entanto, estes que aqui vemos foram banidos pela sociedade, que lhes não facilitou escola, nem educação, nem exemplos bons, senão a dureza de coração com que os tratou... Não se instruíram porque não tiveram meios de remunerar professores, e as escolas públicas nem sempre são acessíveis aos deserdados, como estes foram... Não puderam educar-se porque o lar é que modela os caracteres, e eles, desde a infância, viveram perambulando pelas ruas.... Tal como os vemos, são ainda frutos da sociedade... Sua impiedade foi libada na impiedade que receberam... Tornaram-se criminosos inveterados, na Terra e no Além, porque foram vítimas do crime do egoísmo da sociedade... Portanto, pertencem à sociedade terrena, esta é afim com eles e eles vivem nos ambientes que lhes convêm...

— É, pois, irremediável esse mal social?...

— No presente caso, cumprirá ao homem, para evitar o distúrbio de tais influências, habilitar-se para a harmonização com a luz, ou seja, com o bem. Para isso, ele possui a consciência, além de uma experiência secular, senão milenar, das gerações que o antecederam, e cujo patrimônio de moral e sabedoria ele herdou para sua orientação. Será necessário que o homem compreenda que, como parcela divina que é, veio ao mundo também para colaborar na obra de aperfeiçoamento do planeta em que vive, e essa colaboração certamente subentenderá auxílio às almas mais frágeis do que a dele, que gravitam ao seu lado nas peripécias da evolução. Todavia, se ele prefere permanecer nas trevas do próprio egoísmo, permitindo livre curso aos instintos inferiores, negando-se a reagir contra as próprias tendências más, será envolvido pelas trevas, pois se homiziou com elas... No homem honesto, sensato, prudente, sóbrio, amigo do bem, dificilmente, ou jamais, um assédio deste encontrará repercussão... Esqueceste que isso tem livre curso no grau de afinidades e também na invigilância, na imprudência, na inadvertência de cada um?... Raciocinemos, porém: é claro que nenhum homem quererá ser atropelado e fraturar uma perna ou um braço e ir para o hospital. É verdade que tanto o honesto como o indiscreto poderá ser atropelado e passar maus quartos de horas devido ao fato. Ambos, porém, com a própria invigilância, com a imprudência, a irreflexão e a displicência com que se habituaram a encarar as coisas do mundo, deixaram-se envolver pelas faixas maleficientes daqueles invisíveis, que vibram maliciosamente, divertindo-se com o sofrimento do próximo, e se arriscaram à travessia de uma rua em local e momento impróprios, atreveram-se a uma discussão, detiveram-se mais do que conviria em qualquer bar ou taverna, tornando-se, então, passivos aos desejos dos citados invisíveis... E daí por diante...

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível* – Capítulo: Os grandes segredos do além

## EGOÍSMO – INSENSIBILIDADE – POBREZA

Talvez a jovem bordadeira se contivesse, preferindo o regaço materno aos desvios impudicos da prostituição, se a noiva exigente, para quem confeccionava o rico enxoval — senhora de tantas peças de cambraia como de um coração egoísta e caliginoso —, se portasse com humanidade, concedendo o adiantamento de parte do salário, solicitado na manhã daquele dia. O certo é que a fome é péssima conselheira, que a miséria produz revoltas e desvarios, e que só um coração inspirado no ardor de uma fé imaculada, na bondade celeste, atravessará testemunhos como esse, cum-

prindo os dispositivos evangélicos, isto é, valendo-se da doçura da paciência, firmando-se no cajado da esperança! Daí se pode deduzir e reconhecer a necessidade de as almas cristianizadas, ou simplesmente amáveis, partirem em socorro do faminto que estertora no grabato de espinhosos complexos, tão baldo de pão como de luz moral-espiritual, salvaguardando-o para o cumprimento de sagrados compromissos para com as leis do dever!<sup>1</sup>

BEZERRA DE MENEZES e CAMILO CASTELO BRANCO (*Espíritos*). *Psicografia de Yvonne A. Pereira. Nas telas do infinito. Uma história triste. Cap. 4*

## PEQUENOS DO MUNDO E A CRISE MORAL

[...]

Todo homem que observa e reflete não pode dissimular que a sociedade moderna atravessa uma crise ameaçadora. Uma profunda decomposição a corrói surdamente. O ódio que divide as classes, o engodo do lucro, o desejo dos gozos, tornam-se a cada dia mais rudes, mais ardentes. Quer-se possuir a todo preço. Todos os meios são bons para adquirir o bem-estar, a fortuna, único objetivo que se julga digno da vida. Tais aspirações não podem produzir senão duas consequências: o egoísmo impiedoso entre os felizes, o desespero e a revolta entre os infelizes. A situação dos pequenos, dos humildes é dolorosa, e muito frequentemente, mergulhados em uma noite moral onde nenhuma consolação ilumina, são levados a procurar no suicídio o fim de seus males.

LÉON DENIS. *O porquê da vida. Àqueles que sofrem - IX*

## MISÉRIA E SUICÍDIO

[...]

A miséria também tem seus horrorosos perigos: a degradação dos caracteres, o desespero e o suicídio [...]

LÉON DENIS. *O progresso. Cap. 7 - O Progresso na Imortalidade*

LÉON DENIS. *O porquê da vida. Àqueles que sofrem - VI*

1 O texto em apreço não se refere a uma personagem que se entregou ao suicídio, mas bem poderia ter sido esse o desfecho, como tem ocorrido a outros. Por esse motivo, selecionamos como uma valiosa colaboração para essa coletânea. Fica a sugestão da leitura da história completa}

## JUVENTUDE E POBREZA

[...]

Quando o filho do pobre, obrigado bem cedo a se entregar ao trabalho, não tendo para se guiar senão os ensinamentos do catecismo, chega a nelas não crer mais, é o desmoralamento, é o vácuo que se produz no seu pensamento e na sua consciência. Incapaz de, por si mesmo, elevar-se a uma concepção mais alta da existência, dos seus direitos e deveres, tendo repellido com a crença nos dogmas tudo o que possuía de noções morais, fica abandonado a todas as correntes do materialismo e da negação, sem preservativo contra os grosseiros apetites, sem defesa, nos dias de miséria, contra as sugestões do suicídio ou da depravação.

LÉON DENIS. Cristianismo e Espiritismo. Cap. 8 – Decadência do Cristianismo

## PRECONCEITOS – COSTUMES E LEIS INJUSTAS<sup>2</sup>

“Eis aí a obra de vossa sociedade e dos vossos costumes! Mas o progresso será feito. Mais algum tempo e fatos como este não irão repetir-se. Alguns indivíduos são como certas plantas colocadas numa estufa: falta-lhes o ar; sufocam e não podem espargir o seu perfume. Vossas leis e vossos costumes fixaram limites à expansão de certos sentimentos, o que muitas vezes leva duas almas, dotadas das mesmas faculdades, dos mesmos instintos simpáticos, a se encontrarem em duas ordens diferentes e, não podendo unir-se, aniquilam-se na tenacidade de quererem encontrar-se. Que fizestes do amor? Vós o reduzistes a uma pilha de moedas; vós o jogastes numa balança; em vez de ser rei, é escravo; de um laço sagrado vossos costumes fizeram corrente de ferro, cujos elos esmagam e matam os que não nasceram para serem acorrentados.

“Ah! se vossas sociedades marchassem pelos caminhos de Deus, vossos corações não se consumiriam em chamas passageiras e vossos legisladores não teriam sido forçados a manter vossas paixões pelas leis. Mas o tempo marcha e soará a grande hora, na qual podereis todos viver a verdadeira vida, a vida do coração. Quando as batidas do coração não mais forem comprimidas pelos frios cálculos dos interesses materiais, não mais vereis esses suicídios horríveis, que de vez em quando vêm lançar um desmentido sobre os vossos preconceitos sociais.”

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (julho). *Duplo suicídio por amor e dever - Estudo moral - Mensagem de Santo Agostinho*

---

2 . A respeito dos suicidas do relato Duplo suicídio por amor e dever

## ORGULHO

A generosidade! Oh! falemos disto. Ora, será generoso o homem que, confiante em sua força, depois de ter provocado a fraqueza, a esta concede a continuação de uma existência ultrajada e levada a ridículo? Será generoso aquele que, para conseguir uma coisa desejada e ambicionada, provoca seu frágil possuidor para a obter a seguir, como recompensa de sua generosidade? Será generoso aquele que, usando seus talentos criminosos, poupa a vida de seres fracos que injuriou? Será, ainda, generoso quando dá semelhante prova de generosidade ao marido ou ao irmão, a quem ultrajou indignamente, e assim o expor, pelo desespero, a um segundo suicídio?

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (novembro). Dissertações espíritas: o duelo*

## COMPROMISSOS DA SOCIEDADE PELOS SEUS ERROS

Tais como se encontram aqui, estes nada mais representam do que pequena malta de futuros leprosos que renascerão entre as amarguras das sombrias encostas do globo terrestre, nos planos miseráveis da sociedade planetária; de cancerosos e paralíticos, de débeis mentais e idiotas, nervosos, convulsos, enfermos incuráveis rodeados de complexos desorientadores para a Medicina terrena, desafiando tentativas generosas da nobre ciência... enquanto pesarão desagradavelmente na sociedade humana, pois são fruto dela, dos seus erros, a ela pertencem, sendo justo que ela própria os hospede e mantenha até quando necessário... até quando a calamitosa situação for minorada!

Levarão para o futuro corpo, que moldarão com a configuração maculada com que presentemente se encontram, todos os prejuízos derivados da dissolução dos costumes de que se fizeram incontidos escravos... e ali, como ficou esclarecido, serão grandes desgraçados a se arrastarem penosamente em estações de misérias e lágrimas...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O manicômio. § 43 e 44*

## SITUAÇÃO SOCIAL DA MULHER

A situação da mulher, na civilização contemporânea, é difícil, não raro dolorosa. Nem sempre a mulher tem por si os usos e as leis; mil perigos a cercam, se ela fraqueja, se sucumbe, raramente se lhe estende mão amiga. A corrupção dos costumes fez da mulher a vítima do século. A miséria, as lágrimas, a prostituição, o suicídio - tal é a sorte de grande número de pobres criaturas em nossas sociedades opulentas.

LÉON DENIS. *No invisível*. Cap. VII - *O Espiritismo e a mulher* § 12

## ANIMALIDADE

Mal saídos do regime poligâmico, os homens e as mulheres sofrem-lhe ainda as sugestões animalizantes e, por isso mesmo, nas primeiras dificuldades da tarefa a que foram chamados, costumam desertar dos postos de serviço em que a vida os situa, alegando imaginárias incompatibilidades e supostos embaraços, quase sempre simplesmente atribuíveis ao desregrado narcisismo de que são portadores. E com isso exercem viciosa tirania sobre o sistema psíquico do companheiro ou da companheira mutilados ou doentes, necessitados ou ignorantes, após explorar-lhes o mundo emotivo, quando não se internam pelas aventuras do homicídio ou do suicídio, espetaculares, com a fuga voluntária de obrigações preciosas.

É imperioso, assim, que a sociedade humana estabeleça regulamentos severos a benefício dos nossos irmãos contumazes na infidelidade aos compromissos assumidos consigo próprios, a benefício deles, para que se não agreguem a maior desgoverno, e a benefício de si mesma, a fim de que não regresse à promiscuidade aviltante das tabas obscuras, em que o princípio e a dignidade da família ainda são plenamente desconhecidos.

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Evolução em dois mundos*. 2ª parte. Cap. 8 - *Matrimônio e divórcio* § 8 e 9



**CARACTERÍSTICAS  
PSICOLÓGICAS QUE  
CONFEREM RISCO OU  
PROTEÇÃO PARA O  
SUICÍDIO**

## INSTINTO DE CONSERVAÇÃO E SUICÍDIO

[...] o **instinto de conservação da vida**, que lhe constitui força preventiva contra a **intemperança**, a **precipitação** e o suicídio, não obstante desconsiderados nos momentos de superlativo **desgosto**, **revolta** ou **desespero** [...]

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Temor da morte*

## PREJUÍZOS MORAIS, MENTAIS, EDUCATIVOS, SOCIAIS, MATERIAIS

[...] fomos levados a examinar, com minúcias penosíssimas, os atos errôneos praticados no transcurso da existência que havíamos destruído, observando o emaranhado de **prejuízos morais, mentais, educativos, sociais, materiais**, que nos arrastaram ao detestável resultado a que chegáramos. [...] desapontados, confessamo-nos os próprios autores dos desenganos que nos abateram nos bulhões do suicídio. Como agíramos mal no desempenho das tarefas diárias que a sociedade impunha! Como nos portáramos selvagememente em todas as horas, não obstante o verniz de civilização de que nos jactávamos!...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. § 50*

## DESGOSTO DA VIDA SEM MOTIVOS PLAUSÍVEIS - OCIOSIDADE - FALTA DE FÉ - SACIEDADE

Donde nasce o **desgosto da vida**, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?

“Efeito da **ociosidade**, da **falta de fé** e, também, da **saciedade**.”

“Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o **fito da felicidade mais sólida e mais durável** que o espera.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 943*

## DESGOSTO DA VIDA SEM MOTIVOS PLAUSÍVEIS - OCIOSIDADE

Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o **desgosto da vida**?

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 945

## DESGOSTO DA VIDA SEM MOTIVOS PLAUSÍVEIS - FALTA DE FÉ NO FUTURO - OCIOSIDADE

- Onde provém o **desgosto da vida** que se apodera de certos indivíduos, sem motivos plausíveis?

- Da **falta de fé no futuro**, e, muitas vezes também, é uma consequência da **ociosidade**.

LÉON DENIS. *Catecismo Espírita*. Cap. II – Moral espírita

## SOFRIMENTOS JULGADOS INSUPORTÁVEIS

[...] sofrimentos antes julgados insuportáveis [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 6*

## FRAQUEZA – DESCRENÇA – DESÂNIMO – COVARDIA MORAL

O suicídio é atestado de **fraqueza** e **descrença** geral, de **desânimo** generalizado, de **covardia moral**, terrível complexo que enreda a criatura num emaranhado de situações anormais.

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade*. Cap. Testemunho

## COVARDIA MORAL

E do suicídio cujo fim é fugir, aquele que o comete, às misérias e às decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos, que não têm a **coragem** de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que carecem de **energia** e de **coragem**. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as **suportam sem se queixar**, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso, ou fortuna! O acaso, ou a fortuna, para me servir da linguagem de-

les, podem, com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, cruelmente, a vacuidade dessas palavras.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 94)

### FALTA DE CORAGEM

[...] em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua **falta de coragem**

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 957

### FALTA DE CORAGEM DE ENFRENTAR AS VICISSITUDES DA VIDA

[...] O suicida **não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida;**  
[...]

ALLAN KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Cap. XII – Amai os vossos inimigos.  
Item 12 (mensagem de Santo Agostinho)

### COVARDIA – REINCIDÊNCIA NO SUICÍDIO – TENTAÇÃO DO SUICÍDIO – TENDÊNCIA SUICIDA

Era um homem rico, instruído, **poeta** de espírito, possuidor de caráter são, **obsequioso** e **ameno**, de perfeita honradez. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna, e, não lhe sendo possível repará-la em razão da idade avançada, cedeu ao **desânimo**, enforcando-se em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir. Não era materialista nem ateu, mas um homem de gênio um tanto superficial, **ligando pouca importância ao problema da vida de além-túmulo**. Conhecendo-o intimamente, evocamo-lo, quatro meses após o suicídio, inspirados pela simpatia que lhe dedicávamos.

[...]

Eles chamam-me **covarde**, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. É a quarta vez que sucumbo a essa provação, não obstante a formal promessa de não falir...

[...]

[...] A vossa provação consistia num encadeamento de circunstâncias que vos deveriam dar, não a necessidade, mas a tentação do suicídio [...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Félicien

## COVARDIA

[...] Nossa covardia, então, a mesma que nos brutalizara induzindo-nos ao suicídio [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 1 – O Vale dos Suicidas. §30)*

## COVARDIA

A covardia — a mesma hidra que me atraíra para o abismo em que agora me convulsionava [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 – Os réprobos §16)*

## COVARDIA - IMPULSIVIDADE

[...] gesto covarde e impensado

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 – Os réprobos. §33)*

## MEDO E SUICÍDIO

[...]

O **medo** é tão cruel que, diante de enfermidades irreversíveis e problemas graves de alto porte, induz a sua vítima à morte pelo suicídio, numa forma extravagante de expressar o medo de morrer sob sofrimento demorado, desse modo gerando mais rudes aflições a se estenderem por tempo indeterminado.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Capítulo: Medo e responsabilidade*

## ERRO - COVARDIA

[...] O suicídio nasce do erro, alimenta-se na covardia [...]

LÉON DENIS. *Catecismo Espírita. Cap. II – Moral espírita*

## FALTA DE CORAGEM – FUGA À LUTA HONROSA

[...] ocultando-me atrás de um suicídio a fim de evitar a luta honrosa, completamente **desencorajado** para o desempenho da missão que até os

seres inferiores da Criação observam com apego, ternura e satisfação [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 139*

## FRAQUEZA

– [...] ao suicida cumpre reparar a **fraqueza**, de que deu provas [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 – Nossos amigos, os discípulos de Allan Kardec. § 25*

## DESÂNIMO

[...] o **desânimo** gerador da **desesperança** que nos armara o gesto de suicidas...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 1 – O Vale dos Suicidas. §26*

## DESÂNIMO

[...] sinistra aventura que o **desânimo** nos reservara arrastando-nos para o abismo do suicídio!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 – Nosso amigos, os discípulos de Allan Kardec. § 14*

## INSATISFAÇÃO

[...] Invariavelmente **insatisfeitos**, seus hóspedes apresentavam o característico das criaturas **irresignadas** e **impacientadas** por tudo, além de se entregarem à dor sem se animarem a esforços para vencê-la, restando-a, antes, com o exagero de um **sentimentalismo** doentio e piegas, enquanto engendravam novos motivos para sofrer, por meio de autossugestões pesadas que lhes envenenavam todos os instantes.<sup>1</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 7*

## DESESPERO

[...] Para nada há valido o **desespero**, senão para nos tornar ainda mais

---

1 . Embora o texto se refira a Espíritos desencarnados, refere-se a características já presentes na personalidade pré-suicida, favorecendo o desfecho suicida, e que se conservavam intactas após a morte

desgraçados! Tanta **revolta** e **insensatez**... e nada mais obtivemos a não ser o agravo das nossas já tão atrozés desgraças!... Por aí se poderá ver que vimos escolhendo caminhos errados para nossos destinos...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. §42*

## DESESPERO

[...] existência a que o **desespero** acabou por destruir [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 13 – A cada um segundo suas obras. § 15*

## DESESPERO

[...] existência a que o **desespero** acabou por destruir [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 13 – A cada um segundo suas obras. § 15*

## REBELDIA

[...] intento de ludibriar a Lei divina — que lhes concedera a vida corporal terrena como precioso ensejo de progresso, inavaliável instrumento para a remissão de faltas gravosas do pretérito!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 – Os réprobos. §48*

## REBELDIA - INSENSATEZ

[...] dominava as potencialidades da nossa mente a convicção de que não passávamos de **rebeldes** cuja **insensatez** obrigava obreiros abnegados do Mundo Espiritual a sacrifícios permanentes a fim de conseguirem elevar-nos das trevas em que nos precipitáramos [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 18 – Homem, conhece-te a ti mesmo. § 2*

## INSUBMISSÃO ÀS DETERMINAÇÕES DA VIDA

[...] ousadia de se haver antecedido à determinação da justa Lei!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 13 – A cada um segundo suas obras. § 39*

## IRRESIGNAÇÃO - INSUBMISSÃO

Em março de 1865, o Sr. M. C..., negociante em pequena cidade dos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho dos seus filhos, que contava 21 anos de idade. Este moço, prevendo o desenlace, chamou sua mãe e teve forças ainda para abraçá-la. [...] Morto o doente, procuraram-na por toda a casa e foram encontrá-la enforcada num celeiro. O enterro da suicida foi juntamente feito com o do filho. Evocação deste, muitos dias depois do fato. — P. Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda? — R. Sim [...] Pobre, excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea [...]

Evocador. — Pobre mãe, compartilhamos da vossa dor. Buscastes, no entanto, um triste recurso para vos reunirdes ao vosso filho: [...]

Ela. — Não; eu julgava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno, porém **cria na reunião das almas que se amaram como nós nos amávamos...** Enganei-me... Deus não é justo nem bom, por isso que não compreende a grandeza da minha dor como do meu amor!...

[...] A morte de vosso filho era uma prova à vossa resignação; infelizmente, a ela sucumbistes quando em vida, e eis que após a morte de novo sucumbis; como pretendes que Deus recompense os filhos rebeldes? [...] Se tivésseis **aceito** a provação com humildade; se houvésseis **esperado** com **paciência** o momento da vossa desencarnação, ao entrardes no mundo espiritual, em que vos achais, teríeis imediatamente avistado vosso filho, o qual vos receberia de braços abertos.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas. Mãe e filho*

## IRREFLEXÃO - EXALTAÇÃO<sup>2</sup>

Quanto ao moço, [...] cedeu a um movimento **irrefletido** em momento de **exaltação**, que não à fria premeditação dos suicidas que buscam subtrair-se às provações da vida.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas - Luís e a pespontadeira de botinas*

---

2 . O comentário de Allan Kardec, a seguir, diz respeito ao noivo que se vê desprezado e se suicida, caso relatado em *O Céu e o Inferno*. Aqui, transcrevemos somente o comentário sobre os aspectos psicológicos prévios ao suicídio

## IMPETUOSIDADE

[...] **caráter impetuoso**, chamado a viver as inconveniências de um século em que o *morbus* terrível do suicídio se tornou mal endêmico.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 – Os réprobos. §52*

## PRECIPITAÇÃO

[...] gesto **audacioso** de **precipitação**, afrontando leis invariáveis que ainda desconheceis [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 16 – A Mansão da Esperança. § 35*

## LEVIANDADE - INCONSEQUÊNCIA

[...] levianos e inconsequentes, que, fartos da vida que não quiseram compreender, se aventuraram ao desconhecido, em procura do olvido, pelos despenhadeiros da morte!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 1 – O Vale dos Suicidas. §11*

## INCONSEQUÊNCIA - FRAQUEZA

[...] suicídio, ato próprio de caracteres fracos e inconsequentes.

LEON TOLSTOI e CHARLES (Espíritos). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação. Capítulo: Karla Alexseivna - VIII*

## DESEJO DE LIVRAR-SE, PARA SEMPRE, DE DISSABORES JULGADOS INSUPOORTÁVEIS, PROBLEMA CONSIDERADOS INSOLÚVEIS

Em geral, aqueles que se arrojam ao suicídio esperam livrar-se, para sempre, de dissabores julgados insuportáveis, de sofrimentos e problemas considerados insolúveis pela **tibiez da vontade deseducada**, que se **acovarda** em presença, muitas vezes, da **vergonha** do descrédito ou da desonra, dos **remorsos** deprimentes postos a enxovalharem a consciência, consequências de ações praticadas à revelia das leis do bem e da justiça.

Também eu assim pensei, muito apesar da auréola de idealista que minha vaidade acreditava glorificando-me a frente.

Enganei-me, porém, e lutas infinitamente mais vivas e mais ríspidas es-

peravam-me adentro do túmulo a fim de me chicotearem a alma de **descrente** e **revel**, com merecida justiça.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 – Os réprobos. §1 a 3*

## FUGA ILUSÓRIA DO DESGOSTO

[...] Querendo furtar-se ao **desgosto** que, pela primeira vez, o visitara, matou-se para dormir o eterno sono do esquecimento.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 4ª parte. Cap. 1 – O suicida)*

## FUGA

[...] Mas, se, em vez do heroísmo salvador, preferir o homem a fuga às labutas promissoras, valendo-se de um autoatentado que bem revelará a vasa de inferioridade que lhe infelicita o caráter [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 – O reconhecimento. § 62)*

## ANSEIO ILUSÓRIO DE REPOUSO E ESQUECIMENTO

A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. [...]

[...]

11. No momento de vos suicidardes não experimentastes qualquer hesitação?

— R. Ansiava pela morte... **Esperava repousar.**

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. O suicida da samaritana*

## ILUSÃO DE FUGA PELO SUICÍDIO

[...] escapadas enganosas do suicídio!

LEON TOLSTOI (Espírito). *Psicografia de Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida. Capítulo: O paralítico de Kiev*

## BUSCA ILUSÓRIA DE ALÍVIO DOS SOFRIMENTOS PELO SUICÍDIO

[...] Creio que muitas mulheres por este mundo afora, por sofrerem muito menos do que ela, têm procurado no suicídio o fictício alívio para os próprios sofrimentos.

LEON TOLSTOI e CHARLES (Espíritos). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação. Capítulo: Karla Alexseivna - V*

## AMOR PRÓPRIO

[...] A inaptidão para a carreira abraçada constitui fonte inesgotável de reveses. Depois, o amor-próprio, sobrevivendo a tudo isso, impede que o que fracassou recorra a uma profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar ao que se lhe afigura humilhação. [...]

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos. Item 928*

## FALTA DE CONFIANÇA EM DEUS

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa que o conhecera, desejosa de certificar-se da sua sorte no mundo espiritual.

[...]

(A S. Luís.) — Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio? — R. Este Espírito sofre justamente, pois lhe **faltou a confiança em Deus**, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas - O pai e o conscrito*

## DESCRENÇA

[...]preferir a **descrença** em que vivera e morrera à **conformidade** conselheira e **prudente** [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 6 – A comunhão com o alto. § 82*

## PRESUNÇÃO DE NADA ADMITIR, EMPOLGANTE E ABSORVENTE

8. Donde provinham as vossas ideias materialistas de outrora? — R. Em anterior encarnação eu fora mau e por isso condenei-me na seguinte aos **tormentos da incerteza**, e assim foi que me suicidei.

Aqui há todo um corolário de ideias. Muitas vezes nos perguntamos como pode haver materialistas quando, tendo eles passado pelo mundo espiritual, deveriam ter do mesmo a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada a alguns Espíritos que, conservando o **orgulho**, não se arreponderam das suas faltas. Para esses tais, a prova consiste na aquisição, durante a vida corporal e à custa do próprio raciocínio, da prova da existência de Deus e da vida futura que têm, por assim dizer, incessantemente sob os olhos. Muitas vezes, porém, a **presunção de nada admitir**, acima de si, os empolga e absorve. Assim, sofrem eles a pena até que, domado o **orgulho**, se rendem à evidência.

9. Quando vos afogastes, que ideias tínheis das consequências? Que reflexões fizestes nesse momento? — R. Nenhuma, pois tudo era o nada para mim. Depois é que vi que, tendo cumprido toda a sentença, teria de sofrer mais ainda.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Um ateu*

## DESATENÇÃO ÀS QUESTÕES DO ESPÍRITO

[...] Não há nesse desejo, nessa necessidade, que o pensamento tem de sondar o grande mistério, um dos mais belos privilégios do ser humano? Não é isso o que constitui a dignidade, a beleza, a razão de ser da sua vida?

Não se tem visto, todas as vezes que temos desconhecido esse direito, esse privilégio, todas as vezes que temos renunciado por algum tempo a volver as vistas para o Além, a dirigir os pensamentos para uma vida mais elevada, o havermos querido restringir o horizonte; não se tem visto, concomitantemente, se agravarem as misérias morais, o fardo da existência cair com maior peso sobre os ombros dos desgraçados, o desespero e o suicídio aumentarem a área da sua devastação e as

sociedades se encaminharem para a decadência e para a anarquia?

LÉON DENIS. *O problema do ser, do destino e da dor. Cap. II – O critério da Doutrina dos Espíritos*  
§ 53 e 54

## PREFERÊNCIA PELOS IMPERATIVOS MUNDANOS E DISTRAÇÃO DA ILUMINAÇÃO INTERIOR

A vergonha por havermos **pretendido burlar as leis superiores da Criação**, afrontando-as com o ato brutal de que usáramos; o remorso pelo **descaso à majestade do Onipotente**; a deprimente amargura de havermos dedicado nossas melhores energias aos **gozos inferiores** da matéria, atendendo de preferência aos **imperativos mundanos**, sem jamais observarmos as urgentes **requisições da alma**, deixando de nos conceder momentos para a **iluminação interior** — eram pungentes estiletos que nos penetravam o âmagô durante a sublime vistoria a que nos submetíamos[...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 – O reconhecimento. § 10*

## INDIFERENÇA AOS ENSINOS DE JESUS

[...] a infortunada ovelha desgarrada, que desdenhara ouvir as advertências do prudente e sábio Pastor da Galileia [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 6 – A comunhão com o alto. § 82*

## AUSÊNCIA DO EVANGELHO DE JESUS

[...] infelizes que não souberam a tempo se precatar, como tu, com as forças indestrutíveis que à alma fornece a Ciência Imarcescível do evangelho do Cristo!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 6 – A comunhão com o alto. § 92*

## NEGLIGÊNCIA À AQUISIÇÃO DE QUALIDADES MORAIS

[...] males [...] os quais seriam certamente suportáveis se **educação moral sólida**, estribada no cumprimento do dever, lhe inspirasse as ações diárias. Essa educação orientadora, conselheira, salvadora, portanto, de desastres como o que lamentamos neste momento, o homem somente não na tem adquirido no próprio cenário terreno, onde é chamado a realizações imperiosas, porque não a quer adquirir, visto sobejarem em torno de seus

passos, no orbe de sua residência, instruções e ensinamentos capazes de conduzi-lo às alvoradas redentoras do bem e do dever!

O incauto viajero terreno, porém, há preferido sempre desperdiçar oportunidades benfazejas proporcionadas pela divina Providência com vistas ao seu engrandecimento moral e espiritual, para mais livremente englobar-se às sombras insidiosas das paixões mantenedoras dos vícios e desatinos que o impelem ao irremediável tomo para o abismo.

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. § 41 e 42*

### **FALTA DE ENTUSIASMO PELO APRIMORAMENTO DO ESPÍRITO E ENCANTAMENTO PELAS DIVERSÕES MUNDANAS**

Andrea aceitava os importantes ensinamentos do irmão como aceitaria as lições de um curso escolar qualquer, por dever e condescendência para com a necessidade da circunstância que vivia, sem calor, sem fé, sem entusiasmo. As horas das preleções, para ela, eram enfadonhas, momentos fatigantes, que nem a satisfaziam nem a emocionavam. Não raro queixava-se mesmo da falta de distrações, da escassez de divertimentos em Saint-Omer e em Vannes. Confessava ao irmão e aos pais, agastada, não sem justas razões, que desejaria viver um pouco no mundo, pois ainda não o fizera, conhecer grandes cidades, assistir a bailes, a teatros, visitar outras terras e adotar outros costumes que a aliviassem da eterna monotonia da vida que vivia. E ela estava, certamente, com a razão. A distração é uma higiene mental e traz benefícios, quando bem escolhida e equilibrada. As almas frágeis não se bastam a si mesmas e necessitam do estímulo social para se equilibrarem num termo de vida menos solitário e penoso. [...] Por sua vez, Victor acreditava que a vida mundana seria funesta ao restabelecimento psíquico de sua irmã, a qual, para libertar-se do obsessivo que a espreitava, deveria antes voltar-se para Deus, renovar a mente e o coração para um sentido bom, escudar-se na fé e no conhecimento da ciência espiritual, a fim de se impor aos adversários e vencê-los pelo amor e a prática do bem, e não seria, certamente, por entre festas e bailes, teatros e galanteios que ela poderia adquirir tão significativos valores morais e espirituais.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 4 - O suicida reencarnado. § 2*

Andrea confessava-se encantada, fascinada pela palavra e as maneiras do visitante. Cantou, durante o serão, acompanhada por ele ao piano, com agrado dos pais, que exultavam por vê-la alegre e desfrutando saúde.

Levando vida insípida, prisioneira daquele palácio imenso, divertiu-se imensamente nessa noite, pois Marcus convidou-a até mesmo para a dança, quando sua mãe tocava, e a formosa prometida de Alexis sentia sua mãozinha delicada afagada pelas mãos do conde, enquanto seus olhos se assustavam sob o olhar provocante do dançarino.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 6 – Marcus de Villiers. § 25 e 26*

## IGNORÂNCIA PRESUNÇOSA – INFERIORIDADE MORAL

[...] **ignorância** e da **inferioridade** em que laboráveis, **presumindo possuir muito saber e muita ciência** [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 15 – Novos rumos. § 53*

## INFERIORIDADE MORAL

[...] o paciente reconhecia-se tal como era: **portador de paixões inferiores**, múltiplos defeitos, vultosos deméritos [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 16 – A Mansão da Esperança.*

## INGRATIDÃO

[...] aqueles a quem magoaram pelo suicídio... [...] **ingrato** que não trepidou feri-los com tão acerbo desgosto [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 23*

## EGOÍSMO – MANIFESTO PELA NEGLIGÊNCIA EM RELAÇÃO AOS SENTIMENTOS DOS FAMILIARES

[...]

Pensaste, acaso, no que padeci, obrigado a viver ainda naquele lar onde nasceste, depois que o abandonaste, primeiro para te entregares ao cultivo das paixões, e depois para buscar a morte voluntária fora dele? Pensaste no que sofri naquele casarão silencioso que tua saudade dominava, e quando se diria que ias e vinhas pelas salas ainda cheias da recordação da tua presença? E no que foi a minha dor ao encontrar teu corpo decomposto pelas águas, sem sequer poder beijar-te uma vez ainda? Pois tudo isso fi-

zeste sofrer a teu pai [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Os arquivos da alma*

## EGOÍSMO

[...] arraigados a **insano egoísmo**, não compreendíamos como poderia alguém dedicar-se ao bem alheio com tão elevadas demonstrações de desinteresse e amor fraterno. [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 – Nossos amigos, os discípulos de Allan Kardec. § 10*

## SENTIMENTALISMO

[...] é sabido que o sentimentalismo levado ao excesso constitui gravíssimo complexo, enfermidade moral capaz dos mais deploráveis resultados.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 6*

## SENTIMENTALISMO – IDEALIZAÇÃO – DESEJO

Maximiliano V..., criança de doze anos, suicida-se por amor

[...]

“Maximiliano V..., rapazola de doze anos [...] imaginou sentir paixão por uma criatura que teve ocasião de ver algumas vezes, a qual estava longe de pensar que tivesse inspirado um tal sentimento. Desesperado por não ver a realização dos sonhos [...] resolveu matar-se.

[...]

3. Lembrai-vos bem das circunstâncias da vossa morte?

Resp. – Parecem muito vagas. Sei que me suicidava sem motivo. Entretanto, poeta numa outra encarnação, tinha uma espécie de intuição de minha vida passada; criava sonhos, quimeras; enfim, eu amava.

[...]

5. É singular que uma criança de doze anos seja levada ao suicídio, sobretudo por um motivo como esse que vos impeliu.

Resp. – [...] poeta numa outra encarnação, minhas faculdades tinham

ficado mais amplas e mais desenvolvidas que nos outros? Oh! ainda na noite em que me encontro agora vejo passar essa sílfide de meus sonhos na Terra, e é isto o castigo que Deus me inflige, de a ver bela e leviana como sempre, passar diante de mim e eu, ébrio de loucura e de amor, quero me atirar... mas, ah! é como se estivesse preso a um anel de ferro... Chamo... mas em vão; ela nem sequer vira a cabeça... Oh! como sofro então!

6. [...] Ah! é que a amo desde muito tempo; amá-la-ei sempre... Que importa, se tiver de sofrer por toda a eternidade, se puder um dia possuí-la em outra encarnação!

[...]

8. Que podemos fazer que vos seja útil?

Resp. – Orar, visto que a prece é o orvalho divino que nos refresca o coração, a nós, pobres almas em pena e em sofrimento. Orar. No entanto, parece que se me arrancásseis do coração o próprio amor e o substituísseis pelo amor divino, então!... [...]

[...]

12. O objeto de sua paixão compartilha de seus sentimentos? Estarão esses dois seres destinados a unir-se um dia? Quais as condições de sua união e quais os obstáculos que agora a impedem?

Resp. – Os poetas amam as mulheres da Terra? Eles o acreditam por um dia, uma hora. O que eles amam é o ideal, uma quimera criada por sua ardente imaginação; amor que não pode ser satisfeito senão por Deus. Todos os poetas têm uma ficção no coração – a beleza ideal que eles acreditam ver passar na Terra; e quando encontram uma bela menina, que jamais deverão possuir, então dizem que a realidade tomou o lugar do sonho. Mas, se tocarem a realidade, cairão das regiões etéreas na matéria e, não mais reconhecendo o ser que sonhavam, criam outras quimeras.

13. [...] Em que época vivestes como poeta? Tivestes um nome conhecido?

Resp. – No reinado de Luís XV. Eu era pobre e desconhecido; amava a uma mulher, um anjo que vi passar num parque, num dia de primavera. Depois, só a revi em sonhos, e meus sonhos prometiam que eu a possuiria um dia.

[...]

[...] era uma mulher. Sei seu nome porque um cavaleiro que passava perto dela a chamou Elvira. Ah! era bem a mulher que minha imaginação havia sonhado. Eu a vejo ainda, sempre bela e encantadora. Ela é capaz de me fazer esquecer a Deus para vê-la e segui-la ainda.

15. Sofreis e podeis sofrer ainda muito tempo. De vós depende abreviar os vossos tormentos.

Resp. – [...] Não podeis avaliar o que é um desejo insatisfeito. Meus desejos serão carnavais? E, no entanto, eles me queimam, e as pulsações do coração, ao pensar nela, são mais fortes do que seriam se pensasse em Deus.

16. Nós vos lamentamos profundamente. [...] Não se diz que deveis esquecer a Elvira, mas pensar um pouco menos nela e um pouco mais em Deus, que pode abreviar os vossos tormentos se fizerdes o que for necessário. Secundaremos vossos esforços pelas nossas preces.

Resp. – Obrigado! orai e tratai de arrancar Elvira de meu coração. Talvez um dia eu vos agradeça por isto.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (maio). *Uma paixão de além-túmulo*.

## NEGLIGÊNCIA DOS DEVERES POR UMA PAIXÃO

[...] Eras pérfida, malvada!... Eu, porém, inferior devia ser, ainda mais do que tu, porque casado, sendo minha esposa nobre e digna senhora! Era pai de três inocentes criancinhas, às quais devia amor e proteção! Abandonei-os por ti, Eulina, desinteressei-me de seus encantos porque me arrebatei irremediavelmente pelos teus, estranha beleza dos torrões sul-americanos, que tu eras!...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. §60*

## NEGLIGÊNCIA DOS DEVERES POR UMA PAIXÃO

[...] Leila foi também suicida, que renegou pais, esposo, filhos, a Família, a Honra, o Dever, pelas funestas atrações das **paixões inferiores**. . .

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 - Nossos amigos – os discípulos de Allan Kardec. § 45*

## APREÇO DEMASIADO AO JUÍZO E À ESTIMA DOS HOMENS - VERGONHA

Aquele que tira de si mesmo a vida, para fugir à **vergonha** de uma ação má, prova que dá **mais apreço à estima dos homens do que à de Deus**, visto que volta para a vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-los durante a vida corpórea. Deus, geralmente, é menos inexorável do que os homens. Perdoa aos que sinceramente se arrependem e atende à reparação. O suicídio nada repara.

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 947

## VERGONHA

[...] Pois sabeis todos vós, amigos: a **vergonha da desonra** ruboriza-me ainda as faces espirituais, como no dia aziago em que me confiei ao suicídio, no intuito de livrar-me dela!...”

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 15 - Novos rumos. § 11*

## CRENÇA DE QUE MATANDO-SE PODERÁ MAIS DEPRESSA CHEGAR A UMA VIDA MELHOR – EQUÍVOCO ESPIRITUALISTA

Que pensar daquele que se mata, na **esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?**

“Outra loucura! Que faça o bem e mais certo estará de lá chegar, pois, matando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir-lhe seja permitido voltar, para concluir a vida a que pôs termo sob o influxo de uma ideia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos.”

ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Item 950

## VERGONHA CONSIDERADA INSUPORTÁVEL – DESEJO DE VINGANÇA

[...] Preciso do sangue da vingança... É de sangue que eu preciso, ainda que seja o meu próprio sangue, pois, se os não puder matar, matar-me-ei a mim mesmo para fugir à insuportável vergonha desta dor que me despedaça! Oh, dor infame, dor da desonra e do opróbrio, por que te suportas assim?!...

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 1ª parte. Cap. 3 - A bastarda de Stainesbourg*

## DESGOSTO – CORAGEM INSUFICIENTE – ESQUECIMENTO DA LIGAÇÃO COM O ALTO - EMBRIAGUEZ

Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter **vergonha e desgosto** de tudo.

“Quis morrer, e atirei-me... Oh! meu Deus! Que momento!

[...]

“Esse que acaba de se dirigir a vós foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo **desgosto, faltou-lhe a coragem**, e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à **embriaguez**; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. François-Simon Louvet*

## HEROÍSMO – INTENÇÃO DE NÃO FALTAR A UM DEVER – FALTA DE RESISTÊNCIA<sup>3</sup>

[...] se depreende haver neste suicídio circunstâncias atenuantes, encarado como ato **heróico** provocado pelo **cumprimento do dever**. Mas reconhece-se, também, que, contrariamente ao julgado, longa e terrível deve ser a pena dos culpados por se terem voluntariamente refugiado na morte para evitar a luta. A intenção de não faltar aos deveres era, efetivamente, honrosa, e lhes será contada mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria na resistência, tendo eles procedido como o desertor que se esquiva no momento do perigo.

ALLAN KAREC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Duplo suicídio, por amor e por dever*

## IMPACIÊNCIA – NERVOSISMO – IMPRESSIONABILIDADE – ARREBATAMENTO – INCONFORMAÇÃO – MELANCOLIA – SENTIMENTALISMO – MENOSPREZO AOS DEVERES CRISTÃOS

Fui, porém, muito **impaciente** e **nervoso** desde a juventude! **Impressionava-me facilmente**, era **insofrido** e **inconformado**, às vezes **melancólico** e **sentimental**... e confesso que **nunca levei a sério os verdadeiros deveres do cristão**, expresso nas santas advertências do nosso conselheiro e confessor de Lisboa. Por isso mesmo, certamente, quando se me de-

3 . O texto se refere a um homem e a uma mulher que, amando-se, porém, não podendo concretizar sua união, por se encontrarem casados cada qual com outra pessoa, para não cometerem adultério e fugirem ao sofrimento, decidem-se pelo suicídio.

parou a ruína dos meus negócios comerciais, pois não sei se sabeis que fui importador e exportador de vinhos; crivado de dívidas insolúveis; surpreendido por estrondosa e irremediável falência; sem ascendente para evitar a miséria que a mim e à minha família escancarava fauces irremediáveis; acusado por amigos e pessoas da família como responsável único do dramático insucesso; abatido pela perspectiva do que sucederia à minha mulher e aos meus filhos, a quem eu, por muito estremecer, habituara a excessivo conforto, mesmo ao luxo, mas os quais, agora que me viam castigado e sofredor, me responsabilizavam cruamente por tudo, em vez de pacientemente me ajudarem a remover a cruz dos insucessos, que a todos nos abatia, fraquejei na **coragem** que até então tivera e “tentei” desertar da frente de todos e até de mim mesmo, a fim de **poupar-me a censuras e humilhações**. [...]

[...] Caí nas trevas da desgraça!... quando tão boas oportunidades encontrei pela vida afora, facultando-me o domínio das paixões para o advento de aquisições honestas!... Esqueci-me de que o respeito a Deus, à família, ao dever, seria o alvo sagrado a atingir, pois recebi bons princípios de moral na casa paterna!... Jovem, sedutor, inteligente, culto, envaideci-me com os dotes que me assistiam e cultivei o **egoísmo**, dando asas aos instintos inferiores, que reclamavam prazeres sempre mais febricitantes... A convivência afetada da Universidade fez de mim um pedante, um tolo cujas preocupações únicas eram as exibições vistosas, senão escandalosas... Daí o perder-me no roldão das embocaduras das paixões deprimentes... E, depois, quando não mais consegui encontrar-me a fim de reconduzir-me a mim próprio, procurei a morte supondo poder esconder-me dos remorsos atrás do olvido de um túmulo!... [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. \$55 e 56*

## **ORGULHO – SUSCETIBILIDADE – DESCRENÇA – IRRESIGNAÇÃO – IRRITABILIDADE – GÊNIO – CARÁTER VIOLENTO E AGITADO**

[...] Fui indivíduo sempre **melindroso** e **suscetível** [...]

[...]

[...] sou um **indivíduo que se imaginava iluminado por um saber sem jaças**, mas que, em verdade, hoje começa a compreender que ignorava, e continua ignorando, o que a dois palmos do próprio nariz existe. Fui paupérrimo [...] com o insuportável defeito de ser **orgulhoso**. Um homem, finalmente, que não descreia da existência de um Ser superior presidindo

à sua criação, é certo, mas que, considerando-o uma incógnita a desafiar possibilidades humanas de lhe decifrar os enigmas, não somente deixava de associar o respeito a esse Ser à sua vida, como, principalmente, não lhe dava quaisquer satisfações do que fazia ou pretendia para regalo dos próprios caprichos e paixões. Será, pois, redundância afirmar que, muito sábio — tal como me julgava — arrastava a dissonante ignorância da **descrença na possibilidade de existirem leis onipotentes**, irremissíveis, partindo da divindade criadora e orientadora para dirigir a Criação, o que me fez cometer erros gravíssimos!

[...] A **resignação** nunca foi virtude a que se amoldasse o meu caráter **violento e agitado** por índole. A fundeza dos meus sofrimentos tornou-me **irritadiço, genioso**. O **orgulho** insulou-me na convicção de que para além de mim só existiriam valores sofríveis.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. 886, 89 e 90*

## **IMPULSIVIDADE – IRRESIGNAÇÃO – IMPACIÊNCIA – TOLICE – REBELDIA – VOLUNTARIOSIDADE – TEIMOSIA**

Sofreia um pouco mais os impulsos do teu caráter, meu Jerônimo! Aprende a dominar emoções, a reter ansiedades, tornando-as aspirações equilibradas sob a proteção santa da esperança! Lembra-te de que foram tais **impulsos**, desequilibrados, estribados na **irresignação**, na **impaciência** e no **desconchavo do senso**, que te arremessaram à violência do suicídio! Verás, sim, teus filhos! Porém, em teu próprio benefício peço que concordes em adiar o projeto em mira para daqui a alguns poucos meses... quando estiveres mais bem preparado para enfrentar as consequências que se precipitaram após teu desordenado gesto! Concorda, Jerônimo, em te submeteres ao tratamento conveniente ao teu estado, ao qual teus companheiros se submetem de boa mente, confiando nos servidores leais que a todos vós desejam socorrer com amor e desprendimento! Cede ao convite para a reunião de hoje à noite, porque imensos benefícios dela auferirás... ao passo que uma visita à Terra neste momento, o contato com a família, nas precárias condições em que te encontras, estariam em oposição aos planos suaves já elaborados para conduzir-te à tão necessária reorganização de tuas forças...

Mas... Eu não adquiriria serenidade para nenhum projeto futuro quando não obtivesse as desejadas informações, senhor!...

Já te lembraste de apelar para a grandeza paternal do Senhor Todo-Po-

deroso, a fim de obteres valor para a **resignação** de uma espera muito prudente, que seria coroada de êxitos?... Queremos o teu bem-estar, Jerônimo, nosso desejo é encaminhar-te a situação que te forneça trégua para a reabilitação que se impõe... Volta-te para Maria de Nazaré, sob cujos cuidados foste acolhido... É preciso que tenhas boa vontade para te elevares ao bem! Pratica a prece... Procura comungar com as vibrações superiores, capazes de te animarem a empreendimentos redentores... É indispensável que o faças por livre e espontânea vontade, porque nem te poderemos obrigar a fazê-lo nem poderíamos fazê-lo por ti... Renuncia, pois, a esse projeto contraproducente e confia em nossos bons desejos de auxílio e proteção à tua pessoa...

O ex-comerciante do Porto, porém, era **inacessível**. O caráter **rebelde e violento**, que num assomo de **voluntariedade** sinistra preferiu a morte a ter de lutar, impondo-se à adversidade até corrigi-la e vencê-la, retorquiu impacientado, não compreendendo a sublime caridade que recebia:

Confiarei, senhor... irmão Teócrito... Viverei de rojo aos pés de todos vós, se necessário for!... mas depois de rever os meus entes caros e inteirar-me das razões por que me abandonaram, ressarcindo, de algum modo, estas saudades que me despedaçam...

[...]

Afirmas grande verdade, pobre irmão! Sim! Só depois!... Só depois encontrarás o caminho da reabilitação!... Há índoles que só os duros aguilhões da dor serão bastante poderosos para corrigir, encaminhando-as para o dever!... Ainda não sofreste o suficiente para te lembrares de que descendes de um Pai Todo-Misericordioso...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 4 - Jerônimo de Araújo Silveira e família. § 52 a 56, 58*

## **CARÁTER CONFLAGRADO – DESARMONIAS – INCOMPATIBILIDADES – INSATISFAÇÃO – DESESPERO – NEURASTENIA**

[...] as **desarmonias** e **incompatibilidades** constantes, que me tornavam a vida oceano conflagrado; o peso lúgubre de pensamentos viciados por **insatisfação** doentia, que a tara **neurastênica** arrastou à completa desorganização nervosa; a desolação das trevas que se confirmavam, ta-

pando-me a luz dos olhos, que cegavam; a longa premeditação para o desfecho sinistro; o **desespero** supremo; a queda final para o abismo [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 14 – Os primeiros ensaios. § 50*

## MÚLTIPLOS ASPECTOS PRECEDENDO O SUICÍDIO – O CASO HENRI NUMIERS

Se se confirmar minha suspeita, matarei a ambos e me despenharei depois da montanha que limita nossas terras com a aldeia. Sinto-me desesperado, padre! Sabei, porventura, o que seja um homem sentir o inferno no coração? Pois eu o sei! Sabei o que seja o desgraçado amar sem ser amado, ver-se rejeitado na veneração que consagra a outrem, humilhado no seu sentimento mais caro? Pois eu o sei! É o que estou sentindo. Socorrei-me, padre Thom, meu amigo, socorrei-me, por Deus!

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 2ª parte. Cap. 3 – Dúvidas*

O ambiente da aldeia tornara-se-lhe odioso desde que Berthe o abandonara. Perdera o interesse pelo trabalho, tornara-se irascível e neurastênico, incorrigível angústia alterara-lhe até mesmo o semblante dantes sereno, e a vergonha pela ofensa impune, que sofrera, o opróbrio se sabendo apontado e ridiculizado pelos habitantes das aldeias em derredor da sua, somente eram amenizados pelas libações do álcool que, dizia, o aturdia, fazendo-o esquecer dos fatos durante algumas horas, quando, embrutecido pela embriaguez, se atirava a qualquer canto para dormir.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 3ª parte – Cap. 1 – O camponês soldado*

— Sofro, minha Berthe! Eu preferia ter-te visto morrer a ser traído dessa forma. Não posso viver sem ti e, desejando-te como louco, não desejaria também viver mais contigo. Fizeste de mim um desgraçado. Hei de matar-me a mim mesmo, para me furtar ao suplício de amar-te e detestar-te ao mesmo tempo...

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 3ª parte. Cap. 3 – A intrigante do século XVI*

[...] todos os atos de sua vida se lhe desenham no interior da consciência com uma minúcia de detalhes que o infeliz, já **alucinado**, converte-se

em verdadeiro réprobo: seus modos de **orgulhoso**, sua **indiferença pelos que o rodeiam em sua aldeia**, o **menosprezo a conselhos sensatos** que recebia, a **ingratidão** para com os pais, sua **arrogância** de ateu, suas baixezas de **ébrio** e **devasso**, primeiro em Stainesbourg, ao perder Berthe, depois em Bruges; suas refregas com os moços da aldeia, todos marcados nas faces por sua faca, o suicídio de Franz Schmidt, a que dera causa, tudo o que constituíra o seu eu atuante na intimidade do lar e na sociedade agora desfilava diabolicamente em torno dele como cenas vivas que o enlouqueciam de mistura com as torturas que já o afligiam.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 4ª parte. Cap. 1 - O suicida*

### **CARACTERÍSTICA PSICOLÓGICA DE UM ESPÍRITO SUICIDA (REENCARNADO OU NÃO)**

[...] Ao Espírito de um suicida, reencarnado ou não, nada surpreende, nada atemoriza, nada desespera, porque ele já experimentou todas as fases da desgraça superlativa. [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Reminiscências de vidas passadas*

### **CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E COMPORTAMENTOS DELAS DERIVADOS QUE SE OPÕEM ÀS AÇÕES DOS ESPÍRITOS BONS PARA EVITAR A OBSESSÃO INCONSCIENTE DE ESPÍRITOS SUICIDAS DESENCARNADOS, CAPAZ DE INDUZIR A OUTROS AO SUICÍDIO**

Infelizmente, porém, nem sempre somos compreendidos e auxiliados em nossos intuitos, porquanto os homens se entregam voluntariamente, por atitudes ímpias e completamente desgovernadas, a tais possibilidades, as quais conforme vimos afirmando, conquanto anormais, poderão verificar-se...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 - O manicômio. § 13*

### **CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E COMPORTAMENTOS DELAS DERIVADOS QUE FAVORECEM A OBSESSÃO INCONSCIENTE DE ESPÍRITOS SUICIDAS DESENCARNADOS, CAPAZ DE INDUZIR A OUTROS AO SUICÍDIO**

Para aquele que se deixou vencer pelo assédio da entidade desencarnada, os males daí resultantes serão a consequência da invigilância, da

inferioridade de costumes e sentimentos, do acervo de atitudes mentais subalternas, do alheamento da ideia de Deus, em que se prefere estagnar, esquecido de que a ideia de Deus é o manancial imarcescível a fornecer elementos imprescindíveis ao bem-estar, à vitória, em qualquer setor em que se movimente a criatura! [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O Manicômio. § 14*

### CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E COMPORTAMENTOS DELAS DERIVADOS QUE FAVORECEM A OBSESSÃO INCONSCIENTE DE ESPÍRITOS SUICIDAS DESENCARNADOS, CAPAZ DE INDUZIR A OUTROS AO SUICÍDIO

[...] Mas os homens só atendem de boa mente aos imperativos das **paixões!** Interessam-lhes tão somente as **opiniões pessoais**, os **gozos do momento!** De preferência atendem à **satisfação dos próprios caprichos**, embora deprimentes, como às exigências do egoísmo gerador de quedas fatais... e, por isso mesmo, frequentemente se dissuadem de tudo que os poderia levantar para Deus evitando-lhes desgraças e decepções — possibilidades pavorosas como as que acabei de mencionar —, pois não será desvirtuando-se diariamente, ao embalo das ruins paixões, que se imunizarão contra uma espécie de males cujo único antídoto se encontra na prática das virtudes reais, como na ascensão mental para os domínios da Luz! Fazem-se propositadamente surdos aos apelos do Protetor divino, que deseja resguardá-los das investidas do mal [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O manicômio. § 17*

### EXPIAÇÃO- TENTAÇÃO DO SUICÍDIO – RESISTÊNCIA AO MAL – RESIGNAÇÃO – FÉ INATA

Pertencia à classe mediana da sociedade e gozava de modesta abundância, ao abrigo de quaisquer privações. Os pais o destinavam à indústria e deram-lhe boa educação, porém, aos 20 anos, ele perdia a visão. Com perto de 50, veio finalmente a falecer, isto em 1845. Dez anos antes, fora acometido por outra enfermidade que o deixou surdo, de modo que só pelo tato mantinha relações com o mundo dos encarnados. Ora, não ver, já é um suplício; não ver e não ouvir é duplicado suplício, principalmente para quem depois de fruir as faculdades de tais sentidos tiver de suportar essa dupla privação. Qual a causa de sorte tão cruel? Certo não era a sua última existência, sempre moldada numa conduta exemplar. Assim é que sempre

foi bom filho, possuidor de caráter meigo e benévolo, e, quando por cúmulo de infelicidade se viu privado da audição, aceitou resignado, sem um queixume, esta prova. Pela sua conversação, pressentia-se na lucidez do seu Espírito uma inteligência pouco comum. Pessoa que o conheceu, na presunção de que poderia receber instruções úteis, evocou-lhe o Espírito e obteve a seguinte mensagem, em resposta às perguntas que lhe dirigiu:

[...]

[...] Cego e surdo me conhecestes, e para logo vos propusestes saber a causa de tal destino. “Eu vo-lo digo: Antes de tudo, importa dizer que era a segunda vez que eu expiava a privação da vista. Na minha precedente existência, em princípios do último século, fiquei cego aos 30 anos, em decorrência de excessos de todo o gênero que, arruinando-me a saúde, me enfraqueceram o organismo. Note-se que era já isso uma punição por abuso dos dons providenciais de que fora largamente cumulado. Ao invés, porém, de me atribuir a causa original dessa enfermidade, entendi de acusar a Providência, na qual, aliás, pouco cria. **Anatematizei Deus, reneguei-o**, acusei-o, acrescentando que, se acaso existisse, devia ser injusto e mau, por deixar assim penar as criaturas. Entretanto, eu deveria dar-me ainda por feliz, isento como estava de mendigar o pão, à feição de tantos outros míseros cegos como eu. Mas é que **eu só pensava em mim, na privação de gozos** que me impunham. Influenciado por ideias tais, que o cepticismo mais exaltava, tornei-me **frenético, exigente**, numa palavra, **insuportável** aos que comigo privavam. Além disso, a vida era-me um moto-contínuo, pois que eu não pensava no futuro — uma quimera. Depois de esgotar baldamente os recursos da Ciência e reputada impossível a cura, resolvi antecipar a morte: suicidei-me.

[...]

Que despertar, então, que foi o meu [...]

[...]

[...] Extenuado, fatigado, pude finalmente analisar-me a mim mesmo, e **compreendi o ascendente de um poder superior**, que sobre mim atuava, e considerei que se essa potência podia oprimir-me, também poderia aliviar-me. E **implorei piedade**. À proporção que orava e o **fervor** se me aumentava, alguém me dizia que a minha situação teria um termo. [...] Foi então que um deles me disse: “O Deus que negaste teve comiseração do teu arrependimento e permitiu-nos te dêssemos a luz, mas tu só cedeste pelo

sofrimento, pelo cansaço. Se queres participar desta felicidade aqui fruída, forçoso é provares a sinceridade do teu arrependimento, as boas disposições, recomeçando a prova terrestre em condições que te predisponham às mesmas faltas, porque esta nova provação deverá ser mais rude que a outra.” Aceitei pressuroso, prometendo não mais falir. Assim voltei à Terra nas condições que sabeis. Não me foi difícil compreender a situação, porque eu não era mau por índole; revoltara-me contra Deus, e Deus me puniu. Reencarnei trazendo a **fé** inata, razão por que **não murmurei**, antes **aceitei a dupla enfermidade, resignado**, como expiação que era, oriunda da soberana justiça. O insulamento dos meus derradeiros anos nada tinha de desesperador, porquanto me bafejava a fé no futuro e na misericórdia de Deus. Demais, esse insulamento me foi proveitoso, porque durante a longa noite silenciosa a minha alma mais livremente se alçava ao Eterno, entrevedo o infinito pelo pensamento.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 8 - Expiacões terrestres - JOSEPH MAÎTRE, O CEGO*

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DOS SUICIDAS - CARACTERES MAIS PROPENSOS AO SUICÍDIO: VOLUNTARIOSOS - HABITUADOS A VEREM SEMPRE REALIZADOS OS PRÓPRIOS DESEJOS - PROPENSÃO AO DESESPERO - VONTADE FRACA**

**CARACTERES MENOS PROPENSOS AO SUICÍDIO: HUMILDES - COMPREENSIVOS**

**PRESERVATIVOS CONTRA O SUICÍDIO - FÉ EM DEUS E EM SI MESMA - CONFORMIDADE - PACIÊNCIA - EDUCAÇÃO MORAL - RESIGNAÇÃO - HUMILDADE - COMPREENSÃO**

**FATORES DE RISCO - VOLUNTARIEDADE - DESESPERO - VONTADE FRACA**

— Muitas mulheres aí, por este mundo, por muito menos do que aquilo que sucedeu a Karla, têm dado cabo da vida. Mas é porque elas não tiveram **fé em Deus e em si mesmas**, não tiveram **conformidade** nem **paciência** e nem dispuseram de uma **educação moral superior**, como Karla dispôs. A boa educação que uma pessoa possa ter é também preservativo contra o suicídio: os caracteres **voluntariosos**, habituados a verem sempre realizados os próprios desejos, são mais propensos ao **desespero** em face da realidade, assim como os de **vontade fraca**. Os **humildes** e **compreensivos** raramente se matam, pois recebem os malogros que a existência lhes apresenta com a **resignação** que os encaminha para Deus, e a verdade é

que Deus é nosso Pai e envia o socorro de que carecemos quando nos vê sobrecarregados de aflições, mas confiantes na sua misericórdia...

LEON TOLSTOI e CHARLES (ESPÍRITOS). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação.*  
Capítulo: Karla Alexseivna - IV

## CONDUTA POSITIVA PRESERVADORA DA IDEIA DE SUICÍDIO

“Pouco a pouco, no entanto, Karla **resignou-se** ao inevitável que se impunha entre ela e seus sonhos de moça. À noite, sonhava que seres angélicos vinham até ela e lhe diziam, abraçando-a, enquanto ela se desfazia em lágrimas: “— É preciso que seja assim, minha querida, para sublimar o teu sentimento, que há séculos vive e revive em teu coração... Tu e Rupert, se muito vos tendes amado, também muito tendes infringido as Leis do Todo-Poderoso. Mas chegou o momento da reparação dos erros passados, para a sublimação pela dor, a fim de que vossa união se legitime em presença de Deus. Volta-te para o Céu e segue Jesus. O consolo descera do Alto para aliviar os teus desgostos. E mais tarde... Espera, minha querida, porque ainda abençoarás as amarguras que hoje te desolam, por amor às alegrias que te esperam...”

“Então, Karla seguiu Jesus e recebeu consolo.

“Uma das tarefas que se impusera foi **proteger noivos pobres**, para que pudessem realizar os intentos do matrimônio. Para isso, procurava trabalho para os varões, oferecia enxovais às noivas, preparava-as moralmente para o grande compromisso de mães de família.

[...]

[...] Só mais tarde, depois que me fiz homem, pude avaliar a grandeza daquele coração de mulher, que se refugiara no culto a Deus e na prática do Evangelho de Jesus Cristo a fim de bem suportar a desventura da própria vida, assim se furtando ao desespero que a poderia ter levado ao suicídio.

LEON TOLSTOI e CHARLES (ESPÍRITOS). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação.*  
Capítulo: Karla Alexseivna - V

## ESPERANÇA

Meu nome é esperança. [...]

[...]

Não me repilais, porque o anjo do desespero me faz uma guerra obstinada e se consome em vãos esforços para tomar o meu lugar junto de vós. Nem sempre sou a mais forte e, quando ele consegue me afastar, vos envolve com as suas fúnebres asas, desvia os vossos pensamentos de Deus e vos arrasta ao suicídio. Uni-vos a mim para afastar sua funesta influência e vos deixai embalar docemente em meus braços, porque eu sou a Esperança. Felícia, Filha do médium

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (Fevereiro). *Esperança*

## CORREÇÕES

*É para a vossa correção que sofreis. Deus vos trata como filhos. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não corrige?*

*Hebreus 12: 7*

Bem-aventurado o espírito que compreende a correção do Senhor e aceita-a sem relutar.

Raras, todavia, são as criaturas que conseguem entendê-la e suportá-la.

Por vezes, a repreensão generosa do Alto – símbolo de desvelado amor – atinge o campo do homem, traduzindo advertência sagrada e silenciosa, mas, na maioria das ocasiões, a mente encarnada repele o aguilhão salvador, mergulha na noite da rebeldia, elimina possibilidades preciosas e qualifica de infortúnio insuportável a influência renovadora, destinada a clarear-lhe o escuro e triste caminho.

Muita gente, em face do fenômeno regenerativo, apela para a fuga espetacular da situação difícil e entrega-se, entrega-se, inerme, ao suicídio lento, abandonando-se à indiferença integral pelo próprio destino.

Quem assim procede não pode ser tratado por filho, porquanto isolou a si mesmo, afastou-se da Providência Divina e ergueu compactas paredes de sombra entre o próprio coração e as bênçãos paternas.

Aqueles que compreendem as correções do Todo-Misericordioso rea-

justam-se em círculo de vida nova e promissora.

Vencida a tempestade íntima, revalorizam as oportunidades de aprender, servir e construir, e, fundamentados nas amargas experiências de ontem, aplicam as graças da vida superior, com vistas ao amanhã.

Não te esqueças de que o mal não pode oferecer retificações a ninguém. Quando a correção do Senhor alcançar-te o caminho, aceita-a humildemente, convicto de que constitui verdadeira mensagem do Céu.

*EMMANUEL (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Pão nosso. Cap. 88 - Correções*

## **CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE**

Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas [...]

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Capítulo: Perturbação no além-túmulo*

## **TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE**

Em expressivo número de transtornos da personalidade, o Espírito incurso nos códigos de resgate compulsório, opta pela perversidade, quando não logra atender as paixões que o comburem, culminando na fuga terrível do corpo através da armadilha do suicídio.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Reencontro com a Vida. Cap. 24 - Perversidade e suicídio*

## **CULPA – AUSÊNCIA DE AUTO-PERDÃO**

[...] a culpa que decorre do orgulho doentio, corroendo intimamente, principalmente sem que seja aliviada pelo auto-perdão, empurra para o abismo das depressões profundas, auspiciando a perda do autoamor e o desejo veemente do suicídio covarde.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos. Apresentação*

# **CRENÇA / DESCRENÇA**

**Materialismo, crise moral, crenças e concepções  
espiritualistas imperfeitas**

*Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, sejam quais forem os motivos particulares, tem sempre o descontentamento como causa. Ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão por um dia e de estar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência; só se desespera se não vê um termo para os seus sofrimentos. Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão menos que um dia? Mas para aquele que não acredita na eternidade, que julga que tudo acaba com a vida, caso se sinta oprimido pela mágoa e pelo infortúnio só vê um termo na morte; nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar os sofrimentos pelo suicídio.*

*A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as ideias materialistas são, numa palavra, os maiores excitantes do suicídio: levam à covardia moral”*

*[...] se as pessoas que cedem a tal pensamento creem na vida futura, torna-se evidente que dela fazem um juízo completamente falso e a maneira pela qual a apresentam em geral não é muito apropriada para fazerem uma ideia mais justa.*

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (julho). Estatística de suicídios*

**N**o presente capítulo, encontram-se transcritos múltiplos textos sobre os malefícios da descrença, da simples dúvida, das ideias materialistas ou da compreensão espiritualista equivocada, e o efeito positivo da compreensão plena da sobrevivência, tendo como foco o suicídio.

5. A ideia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes consequências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso. A morte nada mais restará de aterrador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-aventurança e de paz. Sabendo temporária e não definiti-

va a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao porvir, dá tudo ao presente. Nenhum bem divisando mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que se lhe afiguram reais. A perda do menor deles lhe ocasiona causticante pesar; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa perene angústia, infligindo-se ele, desse modo, a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes. Colocando o ponto de vista, de onde considera a vida corpórea, no lugar mesmo em que ele aí se encontra, vastas proporções assume tudo o que o rodeia. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, grande importância adquire aos seus olhos. Aquele que se acha no interior de uma cidade, tudo lhe parece grande: assim os homens que ocupem as altas posições, como os monumentos. Suba ele, porém, a uma montanha, e logo bem pequenos lhe parecerão homens e coisas.

É o que sucede ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura

ALLAN KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Cap. II – *Meu reino não é deste mundo*. Item 5 - *O ponto de vista*

\*\*\*\*\*

[...] para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o acabrunham, unicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a co-

vardia moral. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo. A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade.[...]

ALLAN KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo* – Cap. V – *Bem-aventurados os aflitos*. Itens 15 e 16

\*\*\*\*\*

A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. [...]

[...]

12. Como é que a ideia do futuro não vos fez renunciar a um tal projeto?

— R. Não acreditava nele, absolutamente. Era um desiludido. O futuro é a esperança.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*. Parte II. Cap. 5 – *Suicidas*. *O suicida da samaritana*

\*\*\*\*\*

Em março de 1865, o Sr. M. C..., negociante em pequena cidade dos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho dos seus filhos, que contava 21 anos de idade. Este moço, prevendo o desenlace, chamou sua mãe e teve forças ainda para abraçá-la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse-lhe: “Vai, meu filho, precede-me, que não tardarei a seguir-te.” Dito isto, retirou-se, escondendo o rosto entre as mãos. As

peças presentes a essa cena desoladora consideravam simples explosão de dor as palavras da Sra. C..., dor que o tempo acalmaria. Morto o doente, procuraram-na por toda a casa e foram encontrá-la enforcada num celeiro. O enterro da suicida foi juntamente feito com o do filho. Evocação deste, muitos dias depois do fato. — P. Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda? — R. Sim, e, sem o pesar causado por essa fatal resolução da parte dela, julgar-me-ia completamente feliz. Pobre, excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea, e tomou, para se unir ao filho, o caminho que dele mais deveria afastá-la. [...]

Evocador. — Pobre mãe, compartilhamos da vossa dor.

Ela. — [...] eu julgava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno, porém cria na reunião das almas que se amaram como nós nos amávamos... Enganei-me... Deus não é justo nem bom, por isso que não compreende a grandeza da minha dor como do meu amor!...

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas. Mãe e filho*

\*\*\*\*\*

8. Onde provinham as vossas ideias materialistas de outrora? — R. Em anterior encarnação eu fora mau e por isso condenei-me na seguinte aos tormentos da incerteza, e assim foi que me suicidei.

Aqui há todo um corolário de ideias. Muitas vezes nos perguntamos como pode haver materialistas quando, tendo eles passado pelo mundo espiritual, deveriam ter do mesmo a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada a alguns Espíritos que, conservando o orgulho, não se arrependem das suas faltas. Para esses tais, a prova consiste na aquisição, durante a vida corporal e à custa do próprio raciocínio, da prova da existência de Deus e da vida futura que têm, por assim dizer, incessantemente sob os olhos. Muitas vezes, porém, a presunção de nada admitir, acima de si, os empolga e absorve. Assim, sofrem eles a pena até que, domado o orgulho, se rendem à evidência.

9. Quando vos afogastes, que ideias tínheis das consequências? Que reflexões fizestes nesse momento? — R. Nenhuma, pois tudo era o nada para mim. Depois é que vi que, tendo cumprido toda a sentença, teria de sofrer mais ainda.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas. Um ateu*

\*\*\*\*\*

Era um homem rico, instruído, poeta de espírito, possuidor de caráter são, obsequioso e ameno, de perfeita honradez. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna, e, não lhe sendo possível repará-la em razão da idade avançada, cedeu ao desânimo, enforcando-se em dezembro de 1864, no seu quarto de dormir. Não era materialista nem ateu, mas um homem de gênio um tanto superficial, ligando pouca importância ao problema da vida de além-túmulo. Conhecendo-o intimamente, evocamo-lo, quatro meses após o suicídio, inspirados pela simpatia que lhe dedicávamos.

[...]

Eles chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. É a quarta vez que sucumbo a essa provação, não obstante a formal promessa de não falir...

[...]

Este caso particular de suicídio, posto que realizado em circunstâncias vulgares, apresenta uma feição especial. Ele mostra-nos um Espírito que sucumbiu muitas vezes à provação, que se renova a cada existência e que renovará até que ele tenha forças para resistir.

[...] A vossa provação consistia num encadeamento de circunstâncias que vos deveriam dar, não a necessidade, mas a tentação do suicídio [...]

ALLAN KARDEC. *Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Félicien*

\*\*\*\*\*

Na minha precedente existência [...], fiquei cego aos 30 anos<sup>1</sup>, em decorrência de excessos de todo o gênero que, arruinando-me a saúde, me enfraqueceram o organismo. [...] Ao invés, porém, de me atribuir a causa original dessa enfermidade, entendi de acusar a Providência, na qual, aliás, pouco cria. Anatematizei Deus, reneguei-o, acusei-o, acrescentando que, se acaso existisse, devia ser injusto e mau, por deixar assim penar as criaturas. Entretanto, eu deveria dar-me ainda por feliz, isento como estava de mendigar o pão, à feição de tantos outros míseros cegos como eu. Mas é que eu só pensava em mim, na privação de gozos que me impunham.

1 O texto se refere a Joseph Maître, cego e surdo, na última existência, tendo sido suicida em encarnação anterior, mas que sobrepujou sua expiação terrena sem murmurar, encontrando felicidade, apesar do insulamento causado pela cegueira e surdez, pela fé}

Influenciado por ideias tais, que o cepticismo mais exaltava, tornei-me frenético, exigente, numa palavra, insuportável aos que comigo privavam. Além disso, a vida era-me um moto-contínuo, pois que eu não pensava no futuro — uma quimera. Depois de esgotar baldamente os recursos da Ciência e reputada impossível a cura, resolvi antecipar a morte: suicidei-me.

[...]

Reencarnei trazendo a fé inata, razão por que não murmurei, antes aceitei a dupla enfermidade, resignado, como expiação que era, oriunda da soberana justiça. O insulamento dos meus derradeiros anos nada tinha de desesperador, porquanto me bafejava a fé no futuro e na misericórdia de Deus. Demais, esse insulamento me foi proveitoso, porque durante a longa noite silenciosa a minha alma mais livremente se alçava ao Eterno, entrevendo o infinito pelo pensamento.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 8 - Expições terrestres. Joseph Maître, o cego*

\*\*\*\*\*

A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — e seria ainda a justificação do suicídio.

ALLAN KARDEC. *Obras póstumas. Parte I. Profissão de fé espírita raciocinada*

\*\*\*\*\*

[...]

I — Doutrina Materialista A inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem nada é antes, nem depois da vida corporal.

Consequências. — Sendo o homem apenas matéria, os gozos materiais são as únicas coisas reais e desejáveis; as afeições morais carecem de futuro; os laços morais a morte os quebra sem remissão e para as misérias da vida não há compensação; o suicídio vem a ser o fim racional e lógico da existência, quando não se pode esperar atenuação para os sofrimentos; inútil qualquer constrangimento para vencer os maus pendores; viver cada um para si o melhor possível, enquanto aqui estiver; estupidez vexar-se e sacrificar o repouso, o bem-estar por causa de outros, isto é, por causa de seres que a seu turno serão aniquilados e que ninguém tornará

a ver; deveres sociais sem fundamento, o bem e o mal meras convenções; por freio social unicamente a força material da lei civil.

*ALLAN KARDEC. Obras póstumas. Parte I. As cinco alternativas da humanidade*

\*\*\*\*\*

[...] A doutrina do nadismo é a paralisia do progresso humano, porque circunscribe as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência; porque lhe restringe as ideias e as concentra forçosamente na vida material. Com essa doutrina, o homem nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações sociais, a solidariedade é vã palavra, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima — cada um por si, um direito natural; a vingança, um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode safar-se do tremedal. Uma sociedade fundada sobre o nadismo traria em si o gérmen de sua próxima dissolução.

Outros, porém, são os sentimentos daquele que tem fé no futuro; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade lhe estará perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, trabalhando para os outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, abrange a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso lugar que lhe caberá, como o de todos os seres que alcançam a perfeição.

Com a fé na vida futura, dilata-se-lhe o círculo das ideias; o porvir lhe pertence; o progresso pessoal tem um fim, uma utilidade real. Da continuidade das relações entre os homens nasce a solidariedade; a fraternidade se funda numa lei da Natureza e no interesse de todos.

A crença na vida futura é, pois, elemento de progresso, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhe fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assina um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, o em que devem aplicar-se os que a possuem.

*ALLAN KARDEC. Obras póstumas. Parte II. Cap. 39. Credo Espírita*

\*\*\*\*\*

Com a dúvida sobre o futuro, o homem, acabrunhado nesta vida pelo desgosto e pelo infortúnio, não vê senão na morte o termo dos seus sofrimentos; e assim, nada esperando, procura pelo suicídio a aproximação desse termo. Sem esperança de futuro é natural que o homem seja afetado e se desespere com as decepções por que passa. Os abalos violentos que experimenta, repercutem-lhe no cérebro e são a fonte da maioria dos casos de loucura.

Sem a vida futura, a atual se torna para o homem a coisa capital, o único objeto de suas preocupações, ao qual ele tudo subordina; por isso, quer gozar a todo custo, não só os bens materiais como as honrarias; aspira a brilhar, elevar-se acima dos outros, eclipsar os vizinhos por seu fausto e posição; daí a ambição desordenada e a importância que liga aos títulos e a todos os efeitos da vaidade, pelos quais ele é capaz de sacrificar a própria honra, porque nada mais vê além. A certeza da vida futura e de suas consequências muda-lhe totalmente a ordem de ideias e lhe faz ver as coisas por outro prisma; é um véu que se levanta descobrindo imenso e esplêndido horizonte. Diante da infinidade e grandeza da vida de Além-Túmulo, a vida terrena some-se, como um segundo na contagem dos séculos, como o grão de areia ao lado de uma montanha. Tudo se torna pequeno, mesquinho, e ficamos pasmos de haver dado importância a coisas tão efêmeras e pueris. Daí, no meio dos acontecimentos da vida, uma calma, uma tranquilidade que já constituem uma felicidade, comparadas às desordens e tormentos a que nos sujeitamos, com o fito de nos elevarmos acima dos outros; daí, também, para as vicissitudes e decepções, uma indiferença que, tirando todo motivo de desespero, afasta numerosos casos de loucura e desvia forçosamente o pensamento do suicídio.

*ALLAN KARDEC. O que é o Espiritismo. Parte II. Consequências do Espiritismo. Item 100*

\*\*\*\*\*

[...]

[...] Em resumo, adoça o Espiritismo a amargura das aflições da vida, acalma as desesperações e agitações da alma, dissipa as incertezas ou os terrores do futuro, atalha a vontade de abreviar-se a vida pelo suicídio; por isso mesmo, faz felizes aqueles que dele se penetram, e é este o grande segredo de sua rápida propagação.

*ALLAN KARDEC. O Espiritismo na sua expressão mais simples. Histórico do Espiritismo*

O suicida procura o nada e o esquecimento de todas as coisas [...] <sup>2</sup>

LÉON DENIS. *O problema do ser, do destino e da dor. Cap. X – A morte* § 40

\*\*\*\*\*

Os motivos de suicídio são de ordem passageira e humana; as razões de viver são de ordem eterna e sobre-humana. A vida, resultado de um passado completo, instrumento de futuro, é, para cada um de nós, o que deve ser na balança infalível do destino. Aceitemos com coragem suas vicissitudes, que são outros tantos remédios para as nossas imperfeições, e saibamos esperar com paciência a hora fixada pela Lei equitativa para termo da nossa permanência na Terra.

LÉON DENIS. *O problema do ser, do destino e da dor. Cap. X – A morte* §42

\*\*\*\*\*

É principalmente perante o sofrimento que se mostra a necessidade, a eficácia de uma crença robusta, poderosamente assente, ao mesmo tempo, na razão, no sentimento e nos fatos, e que explique o enigma da vida, o problema da dor.

[...]

No meio das provações, as verdades que acabamos de recordar não nos dispensam das emoções e das lágrimas; seria contra a Natureza. Ensinam-nos pelo menos a não murmurarmos, a não ficarmos acabrunhados sob o peso da dor, afastam de nós os funestos pensamentos de revolta, de desespero ou de suicídio que muitas vezes enxameiam no cérebro dos niilistas. Se continuamos a chorar, é sem amargura e sem blasfêmia.

LÉON DENIS. *O problema do ser, do destino e da dor. Cap. XXVII – Revelação pela dor* §1, 32

\*\*\*\*\*

---

2 Se o indivíduo busca mergulhar no nada para esquecer é porque acredita que a vida se resume à do corpo. A concepção materialista, assim sendo, favorece o suicídio, frente a situações consideradas intoleráveis. Consequentemente, a convicção espiritualista será um fator protetor. O conhecimento da Doutrina Espírita revela ainda que de nenhum sofrimento se exime o que atenta contra a vida, primeiro porque sofrerá muito mais amargamente, na condição de Espírito desprendido do corpo violentamente pela própria responsabilidade, segundo porque terá de repetir a experiência dolorosa fracassada, noutra existência. Daí o benefício que a disseminação da doutrina e da concepção espírita poderá ter sobre o suicídio.

- Que é o materialismo?

- A doutrina materialista é a sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios; é a negação da caridade, manancial de todas as virtudes; é a justificação do suicídio e é incompatível com a moral, base da ordem social.

LÉON DENIS. *Catecismo Espírita. Cap. II – Moral espírita*

\*\*\*\*\*

Sob a influência de tais doutrinas, a consciência só tem que emudecer e dar margem ao instinto brutal; o espírito de cálculo deve suceder ao entusiasmo, e o amor do prazer substituir as generosas aspirações da alma. Então cada um só cuidará de si próprio. O desgosto da vida, o pensamento do suicídio virão perseguir os desgraçados. Os deserdados só terão ódio para os que possuem bens e, em seu furor, reduzirão a pedaços esta civilização grosseira e material.

LÉON DENIS. *Depois da morte. Cap. VII. O materialismo e o positivismo §24*

\*\*\*\*\*

[...] Se a fé está cambaleante, se o materialismo e o ateísmo têm avançado a passos de gigante, se a dúvida, as ardentes paixões e o suicídio causam tantas devastações, é que as ondas da vida superior já não refrigeram o pensamento humano, é que a ideia da imortalidade carece de demonstração experimental. [...]

LÉON DENIS. *Cap. XVII - Joana d'Arc médium. As missões de Joana*

\*\*\*\*\*

[...]

Nunca, talvez, no decurso de sua história, a França sentiu mais profundamente a oportunidade de uma nova orientação moral. As religiões, dissemos, perderam muito de seu prestígio, e os frutos envenenados do materialismo se mostram por toda parte. Já tinham feito nascer entre as nações esse conflito sangrento que nos aproveitou tão pouco. A obra nefasta prossegue na hora presente. Ao lado do egoísmo e da sensualidade de uns, pompeiam a brutalidade e a avidez de outros. Os atos de violência, os assassinios e os **suicídios** se multiplicam. As greves se revestem de caráter cada vez mais grave. É a luta das classes, o desencadeamento dos apetites

e dos furores. A voz popular sobe e retumba; o ódio dos pequenos, contra aqueles que possuem e gozam, tende a passar do domínio das teorias para o dos fatos. As práticas bárbaras, destruidoras de toda a civilização, penetram nos costumes do operariado. Esse estado de coisas, agravando-se, nos levaria diretamente à guerra civil e à selvageria.

LÉON DENIS. *O grande enigma. Ao leitor*

\*\*\*\*\*

[...]

<sup>3</sup>Em que se tornaram as civilizações do passado, aquelas em que o indivíduo não se preocupava senão com o corpo, com as suas necessidades e as suas fantasias? Acham-se em ruínas; estão mortas. Voltamos a encontrar, precisamente em nossa época, as mesmas tendências perigosas que as perderam: são as que consistem em tornar tudo adstrito à vida material, em constituir objeto e fim da existência a conquista dos prazeres físicos. A crítica e a consciência materialistas restringiram os horizontes da vida. Às tristezas da hora presente acrescentaram a negação sistemática, a acobardadora ideia do nada. E por esse modo agravaram todas as misérias humanas; arrebataram ao homem, com as mais seguras armas morais de que dispunha, o sentimento de suas responsabilidades; abalaram até às suas profundezas o próprio foro íntimo do eu.

Assim, gradualmente, os caracteres se vão abatendo, a venalidade cresce, a imoralidade se alastra como imensa chaga. O que era sofrimento se converteu em desespero. Os casos de **suicídio** se têm multiplicado em proporções até aqui desconhecidas – coisa monstruosa e que em nenhuma outra época se viu: este flagelo do século até as próprias crianças tem contaminado.

LÉON DENIS. *Cristianismo e Espiritismo. Introdução*

\*\*\*\*\*

[...]

Quando o filho do pobre, obrigado bem cedo a se entregar ao traba-

---

3 recomendamos a leitura de todo o capítulo

lho, não tendo para se guiar senão os ensinamentos do catecismo, chega a nelas não crer mais, é o desmoroamento, é o vácuo que se produz no seu pensamento e na sua consciência. Incapaz de, por si mesmo, elevar-se a uma concepção mais alta da existência, dos seus direitos e deveres, tendo repellido com a crença nos dogmas tudo o que possuía de noções morais, fica abandonado a todas as correntes do materialismo e da negação, sem preservativo contra os grosseiros apetites, sem defesa, nos dias de miséria, contra as sugestões do suicídio ou da depravação.

[...]

É com semelhantes teorias, difundidas nas massas, que o materialismo se constituiu um verdadeiro perigo social. Desse modo, tornou mais pesado ao homem o fardo das misérias e mais sombrias as perspectivas da existência; diminuiu a energia humana, compeliu o desgraçado à tristeza, ao desespero, ou à revolta. Como, pois, estranharmos que os casamentos se tornem cada vez mais raros e os infanticídios, suicídios, alienações mentais se multipliquem? Em nossos dias, como sinal dos tempos, veem-se, muitas vezes, jovens de ambos os sexos, crianças quase, recorrer ao suicídio por motivos fúteis. O exército do vício e do assassinio engrossa em proporções assustadoras.

*LÉON DENIS. Cristianismo e Espiritismo. Cap. 8 - Decadência do Cristianismo*

\*\*\*\*\*

[...]

Se a Igreja houvesse ensinado, sob suas formas reais, as leis de justiça e de responsabilidade, a comunhão íntima dos dois mundos e a certeza do reencontro com aqueles que são amados, não veríamos tantas revoltas contra Deus, tanto desespero e suicídios.

*LÉON DENIS. O Espiritismo e o Clero Católico. A reencarnação e a Igreja - conclusão*

\*\*\*\*\*

[...]

Se tudo terminasse com a morte o ser não teria nenhuma razão de se constranger, de conter seus instintos e seus gostos. Fora das leis terrestres, ninguém o poderia deter. O bem e o mal, o justo e o injusto se confundiriam igualmente e se misturariam no nada. E o suicídio seria sempre um

meio de escapar aos rigores das leis humanas.

LÉON DENIS. *O porquê da vida. Cap. II*

\*\*\*\*\*

Dia por dia, a desesperança e o suicídio fazem novas devastações. O número de suicídios, que, em 1820, era de 1.500, calculando-se só os da França, excede agora a 8.000. Oito mil seres, todos os anos, por falta de energia e de senso moral, desertam das lutas fecundas da vida, e refugiam-se no que creem ser o nada! [...]

LÉON DENIS. *Depois da morte. Cap. VIII - A crise moral*

\*\*\*\*\*

[...]

Todo homem que observa e reflete não pode dissimular que a sociedade moderna atravessa uma crise ameaçadora. Uma profunda decomposição a corrói surdamente. O ódio que divide as classes, o engodo do lucro, o desejo dos gozos, tornam-se a cada dia mais rudes, mais ardentes. Quer-se possuir a todo preço. Todos os meios são bons para adquirir o bem-estar, a fortuna, único objetivo que se julga digno da vida. Tais aspirações não podem produzir senão duas consequências: o egoísmo impiedoso entre os felizes, o desespero e a revolta entre os infelizes. A situação dos pequenos, dos humildes é dolorosa, e muito frequentemente, mergulhados em uma noite moral onde nenhuma consolação ilumina, são levados a procurar no suicídio o fim de seus males.

LÉON DENIS. *O porquê da vida. Cap. IX*

\*\*\*\*\*

[...] pecado dos homens, a fustigar a alma daquele que se esqueceu do seu Deus e Criador!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 2 - Os réprobos. §83*

\*\*\*\*\*

[...] Eu julgava, sinceramente, que o túbulo absorveria minha persona-

lidade, transmudando-a na essência que se perderá nos abismos da Natureza: seria o nada!

“Discípulo de Auguste Comte, a filosofia levou-me ao Materialismo, ao mecanismo accidental das coisas — única explicação satisfatória que ao raciocínio pude oferecer diante das anomalias com que deparava a cada passo pela vida em fora, para me alarmar o coração e decepcionar a mente!

“Nutri sempre grande ternura e compaixão pelos homens, aos quais considerava irmãos de desgraça, pois, para mim, a vida era a expressão máxima da desgraça, embora deles procurasse afastar-me quanto possível, temendo amá-los demasiadamente, e, portanto, sofrer! Nem outra coisa compreenderia eu o que seria senão desgraça um homem nascer, viver, trabalhar, sofrer, lutar por todos os pretextos... para depois desfazer-se, irremissivelmente, no pó do túmulo!

“Não fui, jamais, dado a namoramentos, de baixa ou elevada classe. Para que amar, constituir família, contribuindo para lançar à vida outros desgraçados a mais, se a Filosofia convencera-me, além do mais, de que o amor era apenas uma secreção do cérebro?... Fui um estudioso, isso sim, e estudava a fim de me aturdir, evitando o acúmulo de elucubrações sobre a miserável situação da Humanidade. [...] Fui um infeliz, como toda a Humanidade o é! Somente no ambiente sereno do lar desfrutava alguma satisfação... Agarrei-me ao lar quanto possível, pesaroso de, um dia, ser forçado a abandoná-lo para me aniquilar entre os vermes que destruiriam minha individualidade! [...] Fui sempre fisicamente débil, franzino, um triste, sonhador infeliz e insatisfeito, apavorado do existir! Incorrigível desconsolo entenebreceu os dias de minha vida! Encerrado neste círculo deprimente, vi a tuberculose apossar-se de meu organismo, mal hereditário que me não foi possível combater! Desenganado pela Ciência, preferi, então, acabar de vez, sem maiores sofrimentos, com a matéria miserável que começava a apodrecer sob a desintegração fornecida por uma moléstia incurável, matéria que, por sua própria natureza, destinada era à podridão da morte, ao eterno tombo nas voragens do nada!

“Para que, pois, esperaria eu a marcha dolorosa da tuberculose extinguir minha individualidade em lentos suplícios, sem consolo, sem esperança compensadora no porvir de além-morte, onde não encontraria senão o aniquilamento absoluto, a desintegração perfeita, espantinho humano atirado ao desalento, do qual fugiriam todos, a própria mãe inclusive — quem o adivinharia? — temendo os perigos do contágio?!...

“Morrer era solução boa, muito lógica, para quem, como eu, só via à frente um corpo aniquilado pela doença e a destruição absoluta do ser como desanimadoras expectativas...”

[...]

[...] considero execrável pecado o não aceitar o homem a existência de Deus, sua paternidade para com as criaturas e a eternidade da alma, por mais criminoso e abjeto que seja. Felizmente para mim, foram coisas em que sempre acreditei com veemência...

Como e por que, então, vos revoltastes contra as circunstâncias naturais da vida humana, isto é, aos sofrimentos que vos couberam na desoladora partilha, a ponto de confessardes que desejastes morrer, Sr. Araújo Silveira?!... Se eu, desfavorecido pela fé, carente de esperança, desamparado pela descrença em um Ser supremo, à mercê do pessimismo a que minhas convicções conduziam, para quem o túmulo apenas traduzia olvido, aniquilamento, absorção no vácuo, me desorientasse ao embater da desventura e “tentasse” matar-me a fim de poupar-me luta desigual e inútil, concebe-se! Mas vós outros?!... Vós outros, crentes na paternidade de um Deus Criador, sede de perfeições infinitas, como dizeis, sob cuja direção sábia caminhais; vós, certos da personalidade eterna, fadada à mesma finalidade gloriosa do seu Criador, herdeira da própria eternidade existente naquele Ser supremo, para a qual marcha pela ordem natural da lei de atração e afinidade, cair em desesperações e revoltar- contra a mesma lei, pois sei que a crença num poder absoluto proíbe a infração do suicídio, é paradoxo que não se chega a admitir. Portadores de tal ciência, corações alumiados pelos ardores de tão radiosa convicção, energias revigoradas pela fortaleza de tão sublime esperança, deveríeis considerar-vos deuses também, homens sublimizados para quem os infortúnios seriam meros contratemplos de momento! Oh! pudesse eu convencer-me dessa verdade e não temeria enfrentar, novamente, nem os desgostos que arruinaram meus dias, nem a tuberculose que me reduziu ao que vedes! — revidou com lógica férrea o discípulo de Comte [...].

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 – No Hospital Maria de Nazaré. § 70 a 77*

\*\*\*\*\*

No torvelinho das atrações mundanas, como no embater das provações que o excruciam; ao choque das vicissitudes diárias, inalienáveis ao meio

em que realiza as experimentações para o progresso, como na fruição das doçuras fornecidas pelo lar próspero e feliz — jamais ao homem ocorre quaisquer esforços empreender para a iluminação interior de si mesmo, a reeducação moral, mental e espiritual cuja necessidade inapelavelmente se impõe no porvir que seu Espírito será chamado a conquistar pela ordem natural das Leis da Criação. Ele nem mesmo compreende que possui uma alma dotada dos germens divinos para a aquisição de excelentes prendas morais e qualidades espirituais eternas, germens cujo desenvolvimento lhe cumpre operar e aprimorar por meio do glorioso trabalho de ascensão para Deus, para a Vida imortal! Ignora ser justamente no cultivo desses dons que reside o segredo da obtenção perfeita dos ideais mais caros que acalente, dos sonhos venerados que suspira concretizar; e mais, que, desprezando o ser divino que em si palpita, o qual é ele próprio, é o seu Espírito imortal, descendente que é do Todo-Poderoso, dá-se voluntariamente à condenação pela dor, resvalando pelos ominosos desvios da animalidade e quiçá do crime, os quais necessariamente arrastarão a lógica das reparações, das renovações e experiências dolorosas nos testemunhos da reencarnação, quando mais suave se tornaria a jornada ascensional se meditasse prudentemente, procurando investigar a própria origem e o futuro que lhe compete alcançar!

Foi essa fatal ignorância que vos impeliu à desoladora situação em que hoje vos afligis, meus caros irmãos! [...]

[...] pois a verdade é que tudo desconheceis a respeito do Ser, da Vida, da dor e do destino... malgrado os pergaminhos que ostentáveis com galhardia na Terra, malgrado as distinções e honrarias que tanto assentavam às vossas insulsas vaidades de homens divorciados do ideal divino...!”

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 – O reconhecimento. § 43, 44, 47*

\*\*\*\*\*

[...] Confessara de Canalejas que tivera a desdita de professar doutrinas materialistas quando encarnado, renegando a ideia do Ser supremo e repelindo a luz dos sentimentos cristãos pelo domínio exclusivo da Ciência, fato que o desamparara grandemente durante os contínuos dissabores da existência, agravando, mais tarde, a própria situação moral, quando a adversidade lhe desferira o supremo golpe no lar doméstico. [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 – Nossos amigos, os discípulos de Allan Kardec. § 27*

Sincera satisfação faz que hoje nossas almas se dilatam em hosanas de agradecimentos ao Mestre magnânimo, levando-as ao júbilo do triunfo que nos é dado contemplar: vossa conversão ao estado de submissão à paternidade divina e, portanto, à aceitação do Espírito como originário da centelha emitida pela vontade do Todo-Poderoso e destinado à gloriosa evolução através da Eternidade!

Certos de que um Pai misericordioso, justiceiro, amantíssimo, vela dedicadamente por sua prole, pronto a estender mão protetora a fim de exalçá-la às imarcescíveis alegrias do seu Reino — quem dentre vós não se sentirá encorajado, bastante animado para o prélio compensador, certo da vitória final?!... Quem deixará de arregimentar toda a boa vontade de que poderá dispor a fim de todos os dias procurar elevar-se mais um grau na longa e difícil, mas não impossível, ascensão, cujo ápice é a comunhão com o Mestre bem-amado, a unidade gloriosa do seu amor?!...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 - A Torre de Vigia. § 6 e 7*

\*\*\*\*\*

[...] nunca vos preocupastes com assuntos realmente sérios, preferindo nortear vossos peregrinos dotes intelectuais para os declives das frivolidades improdutivas, próprias das sociedades humanas que se comprazem na ociosidade mental, na inércia do comodismo intelectual!..."

Calei-me contrafeito, rememorando efetivamente não poucas referências que a tal respeito obtivera quando homem, por meio de leituras e estudos, mas às quais não prestara senão relativa atenção, pois, enceguecido pela vaidade de supor-me sábio, prudente e lógico, considerava as filosofias religiosas, em geral, fontes suspeitíssimas do interesse coletivo que as ideara, reservando respeitosas deferências apenas para os santos evangelhos, os quais reputava excelentes códigos de moral e fraternidade, estatuídos, com efeito, por um Homem superior que se apresentaria como o padrão modelo da Humanidade, porém, excessivamente místico para poder ser imitado por criaturas em choques perenes com esmagadores obstáculos, tanto que, para o meu doentio entendimento, virulado pela ignorância presunçosa, que, fora do próprio âmbito azedado pelo orgulho, só trevas pode deparar, falira ele próprio na prática das normas áureas que expusera, pois deixara-se vencer num patíbulo infamante, enquanto a

Humanidade continuara resvalando para a sequência de insondáveis abismos.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 55 e 56*

\*\*\*\*\*

[...] seu evangelho de amor, assim como ao verbo da Revelação Nova, que, em seu nome, a todos convoca para a sublime transformação, ao advertir:

Ó homem, criatura forjada dos haustos radiosos do foco divino: lembra-te de que és imortal!... Pensa em que tudo o que vês, tudo o que apalpas e possuis — as conquistas hodiernas que em teu seio fomentam o orgulho, as vaidades que te cortejam o egoísmo, as loucas paixões que te arrasam o caráter, comprometendo-te o futuro; as fictícias glórias mundanas que te embalam e bajulam as presunções, escravizando-te à materialidade — tudo passará, desaparecendo um dia, destruindo-se aos fogos implacáveis da realidade, mergulhadas que serão no olvido das coisas insustentáveis que não poderão prevalecer no seio de uma criação perfeita. Mas tu persistirás para sempre! Ficarás de pé para contemplares os deploráveis escombros dos teus próprios enganos, aguardando pavidamente a aurora de novos sucessos do porvir! Lembra-te de que os mundos que rolam no infinito azul [...] os planetas longínquos [...] o próprio astro rei que te viu nascer e renascer tantas vezes sobre a Terra [...] igualmente passarão, morrerão para serem substituídos por outros exemplares novos e melhores, que por sua vez atingirão idênticos destinos! Tu, no entanto, não passarás! Resistirás à sucessão dos evos, como aquele que te criou e te tornou eterno como Ele próprio, dotando-te com a essência da Vida que é Ele mesmo, e de cujo seio promanaste!

Acautela-te por isso mesmo, ó homem! Sendo tu, por direitos de filiação, fadado à glória divina no seio da eternidade, não poderás fugir aos serviços da evolução que é imprescindível faças, dos movimentos de ascensão próprios da tua natureza, a fim de atingires a órbita de que descendes!... e, nesse longo trajeto que te será indispensável, quantas vezes infringirés os dispositivos que determinam a harmoniosa escala da tua elevação, tantas sofrerás os efeitos da dissonância que criaste contrariando a lei a que estás sujeito como criatura de um Ser perfeito!... Cuida de ti enquanto seja tempo!... enquanto está a caminho do trajeto normal, que te solicita apenas realizações benemerentes... Não vá a dor visitar-te, obrigando-te a

estágios penosos, por negligência tua no cumprimento do dever, forçando-te a lixiviar a consciência, com reparações inapeláveis, a par daquelas realizações!... Aprende com teu Pai altíssimo, que tão bem te prendou para a glória do seu Reino, o amor e o respeito ao bem, base inconfundível em que te deverás apoiar para atingires a magnífica vitória que és convidado a concretizar em honra de ti mesmo, felicidade que, por lei, é apanágio do teu Espírito imortal!... Trata, pois, de modelar teu caráter abrilhantando de virtudes essa alma que deverá refletir, em algum dia da eternidade, a imagem e semelhança do seu Criador!

Para a consecução de tão glorioso alvo foi-te concedido pelo Céu magnânimo — o Modelo ideal, o Instrutor insuperável, capaz de guiar-te à culminância do destino que te é reservado: Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus!

Ama-o! Segue-o! Imita-o!... e alcançarás o Reino do Pai altíssimo!...

Assim fala a Revelação Nova, que os invisíveis proclamam sobre a Terra.

Quem, no entanto, se dispõe a ouvi-la com reverência, porfiando em aceitar os sublimes convites que o Céu, abrindo-se por causa dela, aos homens dirige?!...

Os filhos do infortúnio, de preferência! Aqueles, cujas almas abatidas pelas supremas desilusões do mundo, tiveram os corações revivescidos ao influxo das verdades celestes que seus ensinamentos preciosos deixam entrever! Os bondosos idealistas de almas sensíveis e humildes, enamoradas do bem e do belo, os cérebros pensadores, não contaminados de indigestas teorias filhas de falíveis opiniões pessoais, e cujos surtos mentais ultrapassaram as barreiras terrestres, na ânsia incontida e generosa de se afinarem com as harmoniosas vibrações que se irradiam do perfeito!... Os grandes e poderosos, porém, os mandatários endeusados pelas boas situações terrenas, cuja bolsa bem provida e mesa lauta desafiam preocupações: o caudal imenso que só em si mesmo crê e só a si mesmo adora, porque todos os caprichos poderá comprar, todas as paixões conseguirá regaladamente saciar, refocilando no engodo das ruínas alegrias que enganam os sentidos enquanto envenenam a alma — esses preferem nada disso entender, voltando as costas a tudo quanto tenderia a deter-lhes a marcha para o precipício... Até que, com efeito, lá se despenham, não obstante os reiterados avisos esparsos desde milênios pelo mundo todo... Lá se enredam, reduzindo-se a este deplorável estado...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O manicômio. § 17 a 24*

\*\*\*\*\*

— Fui um revel, que desertei da vida apavorado com as peripécias que me surpreenderam... Nasci e vivi em Níjni Novgorod e aí também me precipitei no abismo de um suicídio cuja responsabilidade foi minha, unicamente minha! Chamei-me Dimitri Semenovitch, em minha terra. E quando me reconheci vivo, pensante, inteligente, individualizado como dantes — porventura ainda mais individualizado e inteligente do que antes do suicídio —, julguei-me presa de uma loucura insólita, loucura que desespera sem apagar o raciocínio!

“Eu não aceitava o homem dotado com uma alma imortal. Repelia, desde a juventude, a dogmatização ortodoxa da nossa igreja russa, que falava da perpetuidade da alma humana em condições ilógicas, e terminara por duvidar até mesmo da existência de um Ser supremo, porque não poderia compreendê-lo por meio das dissertações viciosas dos nossos popes. E por isso resolvi desaparecer para sempre do mundo dos vivos, confiando-me às águas protetoras do nosso Matushka Volga, ao verificar que a vida não mais satisfazia aos meus anelos...

[...]

[...] descrença em Deus, fomentadora do suicídio...

[...]

[...] fortalecido para novas tentativas de progresso nas paisagens terrestres, as quais desonrei com uma vida irregular, que me precipitou no suicídio.

*LÉON TOLSTOI (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida.  
Capítulo - A lição materna*

\*\*\*\*\*

Henri Numiers não acreditava que houvesse uma alma imortal animando seu saudável corpo de homem. Para ele, existiam apenas os ossos, as carnes, os nervos, artérias carreando o sangue necessário à vida. Era materialista. Por isso matou-se, assim tentando fugir à situação moral que o incomodava. Uma vez morrendo o homem, acreditava ele, a alma, se existisse, se extinguiria também com ele. Pensamento, amor, inteligência, sentimento, ação, honra, desonra, ódios, amarguras, decepções, tudo o que constitui o ser moral humano cria ele que se aniquilava no túmulo junta-

mente com o corpo. [...] ao primeiro amargor que a vida lhe apresentara, desejou furtar-se a ele, matando-se.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 4ª parte. Cap. 1 – O suicida*

\*\*\*\*\*

[...]

Quando o filho do pobre, obrigado bem cedo a se entregar ao trabalho, não tendo para se guiar senão os ensinamentos do catecismo, chega a nelas não crer mais, é o desmoronamento, é o vácuo que se produz no seu pensamento e na sua consciência. Incapaz de, por si mesmo, elevar-se a uma concepção mais alta da existência, dos seus direitos e deveres, tendo repellido com a crença nos dogmas tudo o que possuía de noções morais, fica abandonado a todas as correntes do materialismo e da negação, sem preservativo contra os grosseiros apetites, sem defesa, nos dias de miséria, contra as sugestões do suicídio ou da depravação.

LÉON DENIS. *Cristianismo e Espiritismo. Cap. 8 – Decadência do Cristianismo*

## ESPIRITUALISMO – MATERIALISMO – SUICÍDIO

E conhecimento espiritual da vida, demonstrando a anterioridade da alma ao corpo e a sua sobrevivência após a destruição deste. Quanto mais for materialista a comunidade, mais se apresenta consumida, desequilibrada e seus membros consumidores de droga e sexo em desalinho, sofrendo mais altas cargas de violência, de agressividade, que conduzem aos elevados índices de homicídio, de suicídio e de corrupção.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 9 – O problema das drogas*

## SUICÍDIO PERPETRADO POR QUEM CONHECE SEUS RESULTADOS

— Não desconheço a misericórdia de Deus — ripostou o agoniado genitor.

— O suicídio, porém, é crime supremo contra a vida. Ela o sabia, por haver-lhe falado mil vezes sobre a sua adaga fatal, ceifadora de todas as alegrias, destruidora de todas as bênçãos.

[...] Saber é diferente de aceitar. Sara sabia dos perigos e gravames do

suicídio, porém, alucinada, foi empurrada a vivenciar o conhecimento, que a armará de resistências morais para os futuros embates.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão, Cap. 25 – Socorro de emergência. §30 e 31*

## ESTADO ATUAL DA HUMANIDADE E SUICÍDIO

[...] Os descalabros morais são crescentes, associados à volumosa onda de violência que estarrece, ameaçando todas as construções éticas e civilizadas das gerações passadas. Os transtornos mentais decorrentes do estresse e dos vários fatores psicossociais, socioeconômicos, demonstram que se vive, na Terra, um período intermediário, prenunciador de grande renovação pela dor.

O esquecimento propositado das estruturas éticas tem facilitado a morte de nobres conquistas humanas através dos séculos: a monogamia, a família, o amor aos filhos e a recíproca dos filhos para com os pais, o respeito ao próximo, o equilíbrio sexual. Os ventos do desespero e da anarquia sopram em todas as direções, ameaçando de destruição tudo quanto encontram.

Concomitantemente, por efeito do desastre, aumenta o egoísmo, e a solidão assinala as vidas; a tristeza e a frustração se unem em clima de amargura; a fuga pelos tóxicos se torna lugar comum; o suicídio multiplica-se nas estatísticas; o desespero estiola preciosas florações da vida humana; o aborto aumenta os seus índices...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Cap. Diálogos esclarecedores*

## SITUAÇÃO ATUAL DA HUMANIDADE TERRENA – CRISE MORAL

É natural que, num momento de transição de valores, campeiem o absurdo e o fantasioso, tentando adquirir cidadania moral, ao tempo em que empurram os cidadãos na direção do fosso da promiscuidade e do desespero, da fuga pelo tabaco, pelo álcool, pelas drogas aditivas, pela alucinação, pelo suicídio...

Torna-se indispensável quão imediata uma nova ética-moral, a fim de que os valores nobres granjeados pela sociedade no curso dos milênios,

não se percam no chafurdar das paixões e no desprestígio das instituições [...]

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e Obsessão. Cap. Sexo e obsessão*

## **FÉ RELIGIOSA**

Reflexionando e, ao mesmo tempo, com a mente invadida pelo algoz, concluía, sem poder perceber que estava sendo vítima de uma consciência entenebrecida:

– O suicídio através do gás é repousante, sem dor e sem tormento, facultando ao desditoso adormecer para adentrar-se no país do nada ou no inferno sem retorno.

Essa reflexão sacudiu-o, e ele recordou-se da fé religiosa que abraçava, dando-se conta de que não a tinha em alta consideração, como o demonstavam sua conduta e seu pensamento inseguro.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e Obsessão. Cap. Recomeço difícil e purificador*



10

# **OBSESSÃO E SUICÍDIO**

## AUTO-OBSESSÃO E SUICÍDIO

[...]

Durante a reencarnação, em que se apagam, normalmente, as lembranças transatas, aquelas de naturezas criminosas desatrelam-se de permeio com as construções mentais do cotidiano, gerando perturbações, receios aparentemente infundados para o observador comum, aumentando a pouco e pouco sua liberação quase total, reincorporando-se à personalidade, agora em forma de pensamentos atuais, tumultuados, desconexos.

O paciente, incurso em tal processo, se concentra no obscuro poço das recordações que se acentuam e tomba em alucinações, delírios, porque são invadidos os centros da consciência pelas fortes impressões desagradáveis, trágicas, de que se desejava libertar.

Desaparecem os contornos das aquisições do momento, enquanto resumam as experiências arquivadas, que passam a governar em desalinho as reações da emotividade do “eu” consciente, produzindo a alienação.

Sua reativação, mesmo por processos indiretos — determinados objetos e pessoas, acontecimentos e expressões ocasionalmente produzem associação de ideias por semelhança, conseguindo projetar na consciência atual as imagens correlatas que dormem sepultadas nos escaninhos da “memória extra cerebral”, trazendo-as de volta —, faz que o enfermo se autoapie de do que lhe ocorre no seu mundo íntimo de sombras e receios, criando as auto-obsessões, geratrizes das psicoses várias, quais a maníaco-depressiva, que se expressa, dentre outra forma, pelas tentativas de suicídio com que o Espírito reencarnado supõe evadir-se novamente à justiça de que necessita; as perturbações mentais da epilepsia, quando as cenas horrendas conduzem-no às ausências, às convulsões, em face dos desequilíbrios e das conseqüências daqueles mesmos delitos, impressos como distúrbios na engrenagem encefálica, pela presença das infecções, das disritmias, etc., que são parte expressiva das psicoses endógenas estudadas pela Psiquiatria moderna, num capítulo próprio. Noutros processos, são responsáveis pelas neuroses complexas e perturbadoras.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco.*  
*Tramas do destino . Cap. 7. Auto-obsessão*

## AUTO-OBSESSÃO E SUICÍDIO

“Estamos diante, tecnicamente, de um vigoroso processo de auto-obsessão, por abandono consciente da vida e dos interesses objetivos. Quando o indivíduo mantém intensa vida mental em ações criminosas, que oculta com habilidade, mascarando-se para o cotidiano, a duplicidade de comportamento faz-se-lhe cruel transtorno que ele carpe silenciosamente. O delito, que fica ignorado das demais pessoas, é conhecido do delinquente, que o vitaliza com permanentes construções psíquicas, nas quais mais o oculta, destruindo a polivalência das ideias, que terminam por sintetizar-se numa fixação mórbida, que lentamente empareda o seu autor. Passam desconhecidos pelo mundo, esses gravames, que o eu consciente sepulta nos depósitos da memória profunda, sem que eles se aniquilem, ali permanecendo em gérmen, que irradia ondas destruidoras, envolvendo o criminoso. Às vezes, irrompem como estados depressivos graves, e noutras surgem como ‘complexos de culpa’, com fundamento real para eles mesmos, que se tornam desconfiados, acreditando-se perseguidos e fazendo quadros de torpes alienações, caindo nas malhas da loucura ou no abismo do suicídio, artifícios que buscam para aniquilar os dramas tormentosos que os esfacelam interiormente. As cenas hediondas que fixaram, retornam, implacáveis, cada vez mais nítidas, sem que quaisquer novas paisagens se lhes sobreponham.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 7 – Fenômeno auto-obsessivo*

## AUTO-FASCINAÇÃO E SUICÍDIO

[...]

Exacerbado nos seus sentimentos infelizes, o paciente autorrealiza-se adotando uma atitude de falsa superioridade com a qual anestesia os centros da razão e deleita-se no estado em que se encontra. A longo prazo, porém, perde o controle sobre a vontade, que deixa de dirigir, sob a injunção pertinaz, tornando-se ostensivamente agressivo e desfazendo a aparência, que cede lugar ao desequilíbrio que se lhe instalou com forte penetração nos mecanismos nervosos.

Nesse quadro de obsessão constritora, encontram-se inumeráveis indivíduos hospedando adversários que os vampirizam demoradamente, até

culminarem o desforço com os golpes largos das quedas na loucura, no crime ou no suicídio.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Painéis da Obsessão. Cap. 24 - Obsessão sutil e perigosa*

## OBSESSÃO E SUICÍDIO

A obsessão, ou loucura por constrangimento, é, sem dúvida, uma das mais tremendas desgraças que poderão atingir o ser humano. Constitui provação, na maioria dos casos é expiação, resgate doloroso e humilhante daquele que, no passado ou mesmo na existência vigente, andou ultrajando a Lei do Criador com atos criminosos contra o próximo. A obsessão é o desespero que envolve a criatura, a alucina e deprime, sujeitando-a às mais deploráveis consequências, até a queda moral e mesmo o suicídio.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 8 - O obsessor § 1*

## OBSESSÃO E SUICÍDIO

A variedade e tipos de obsessão são impressionantes aos olhos do bom observador. Afirmam os instrutores espirituais que as mais perigosas e difíceis de cura, porque ignoradas por todos, uma vez que não demonstram perturbações mentais no indivíduo atacado, são aquelas que ocultamente solapam a vontade do obsidiado por meio de uma sugestão contínua, ininterrupta, exercida, principalmente, durante o sono do paciente, transformando-se em hipnose maléfica. Assim submetido à ação oculta do obsessor, o obsidiado parecerá pessoa comum ao observador, mas em verdade se tornou um autômato, que descerá ao crime ou ao suicídio, se aquele assim o ordenar. Tal obsessão é dificilmente curável, asseveram os mesmos instrutores, porque conta com a cumplicidade do obsidiado, que se apraz na prática dos erros a que o opressor o induz. Vejamos o que a respeito esclarece também a entidade Dr. Adolfo Bezerra de Menezes em seu livro *Dramas da obsessão, Primeira Parte, cap. I, a nós concedido pela psicografia: Refutará o leitor, lembrando que, assim sendo, ninguém terá responsabilidades nos erros que sob tais influências cometer. Acrescentaremos que a responsabilidade permanecerá com o próprio obsidiado, visto que não só não houve a verdadeira alteração mental como também nenhum homem ou mulher será jamais influenciado ou obsidiado por entidades dessa categoria, se a estas não oferecer campo mental propício à penetração do mal,*

pois a obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades.

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: O complexo obsessão*

### **AÇÃO OBSESSIVA**

§ 14 [...] Reviu o lar paterno, o qual abandonara para seguir o seu irresistível inimigo, que a chamara até as ribanceiras do mar [...]

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 16 - Uma página de além-túmulo*

### **OBSESSÃO E SUICÍDIO**

[...] suicídios nos quais a insidiosa presença e indução de algozes desencarnados responde pelo ato tormentoso, que diariamente arrebatava em todo o mundo grande parcela da sociedade...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Tormentos da Obsessão. Capítulo: Reminiscências*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA**

[...] Espíritos de ínfima classe do Invisível — obsessores que pululam por todas as camadas inferiores, tanto da Terra como do Além; os mesmos que haviam alimentado em nossas mentes as sugestões para o suicídio [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 1- O Vale dos Suicidas. §32*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA**

[...] as vítimas da sua maldade de homicidas e obsessores que haviam levado, igualmente, tantas criaturas incautas à prática de homicídios e ao suicídio.

[...]

[...] como obsessores, uma vez desencarnados, levaram outros tantos ao suicídio, ao homicídio etc.

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: Nas regiões inferiores*

## **TÉCNICA OBSESSIVA – EXCITAÇÃO DAS IDEIAS PREEXISTENTES – TRANSMISSÃO DE QUADROS DELIRANTES – INDUÇÃO DE PENSAMENTOS DE DESGRAÇAS IMAGINÁRIAS - EXALTAÇÃO DE PAIXÃO – TRANSMISSÃO DE ELOQUÊNCIA, VEEMÊNCIA, PODER DE CONVENCIMENTO – TRANSMISSÃO DA IDEIA DE RUÍNA IRREMEDIÁVEL**

Invisível, à espreita, aproximou-se e penetrou o salão ricamente ornado. Despejou sobre Andrea, que não oferecia resistência, seus funestos pensamentos tentadores. Sugeriu-lhe atrair Alexis a um suicídio duplo, com ela, Andrea, no qual se uniriam para um “eterno enlevo”. Excitou-lhe o ciúme, dando-lhe a ver, em quadros imaginários, Alexis amando outra mulher e unindo-se a ela. Pintou-lhe, na mente exaltada, fantasiosas desgraças que a afligiriam sem o amor de Alexis. Fez com que ela exaltasse a paixão do pobre moço, seus anseios de amor, seus sentimentos viris, seus sentidos. Deu-lhe eloquência e veemência para convencê-lo de que era um desgraçado, que nada mais deveria tentar neste mundo, porque tudo ruíra à sua frente com o desenlace infeliz daquele noivado que tantas venturas prometera. E observava que Andrea, inteiramente passiva, era fiel às suas sugestões, firmando-se na ideia de suicídio e para este arrastando Alexis, cuja relutância à macabra solução era cada vez mais frágil, pois o moço fidalgo, sofredor, perdido de paixão e desesperança, deixava-se dominar pelas razões da jovem e já não sabia resistir às suas investidas senão com inexpressivos protestos.

E dizia o Espírito Arnold, bramindo em vibrações tempestuosas de uma inclemente revolta:

— Oh! Vê-los precipitados acolá, no abismo em que precipitaram meu desgraçado filho! Vê-los condenados a uma eterna desgraça, como eu vejo meu filho estar, pela sua horrível morte de outrora! Vê-los malditos para sempre, uivando dores como os desgraçados rebelados que costumo contemplar junto de mim! Ah! Vê-los definitivamente entregues a mim pelo suicídio, para, a meu gosto, e com toda a liberdade, saciar neles a minha revolta! Gozar o espetáculo dessa dupla morte, desse par, cheio de mocidade, torturado pelos pesadelos macabros que o suicídio produz, como meu filho também o foi! Eis a minha suprema, a minha primeira e única alegria desde que meu filho entrou a padecer por causa deles: matá-los por suas próprias mãos; possuí-los, depois, para torturá-los através do tempo; embebedar-me nessa alegria para que, um dia, se suavize a sede monstruosa que me requeima a alma, a sede desta vingança que ainda não foi saciada, apesar do tempo!

A tentação era, portanto, das mais atrozes. Não há inimigos, não há perseguidores terrenos que se equiparem ao inimigo de Além-túmulo. Este é a corte do mal que sutilmente penetra até os meandros do nosso pensamento e o domina, anulando nossa vontade de reação; que se infiltra em nosso íntimo com suas vibrações causticantes e o conturba, habilmente servindo-se das afinidades que lhe fornecemos, das ocasiões que criamos, das fraquezas que pomos à mostra, das inferioridades que lhe servem de veículo, de todos os nossos pensamentos e ações inferiores que lhe escancarem as portas do nosso ser moral, para nos dominar e desgraçar a seu perfeito gosto.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 13. Na hora do testemunho*

## INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO

Atada aos despojos que se exauriam com vagar, apesar da brusca interrupção vital pelo suicídio, encontrava-se a pobre equivocada, somando às dores do tóxico corrosivo as dilacerações produzidas pela autópsia.

Vigilante e triunfal, aguardando-a e alegrando-se com o sofrimento da atormentada, encontrava-se cruel obsessor, que não escondia os sentimentos de impiedade, nem os propósitos que acalentava a respeito do prosseguimento da vil planificação.

— Aí está — referiu-se Dr. Bezerra, defrontando o algoz — o pobre corresponsável pelo trágico desfecho deste drama de larga duração. Assim, a pobre irmã conduz alguma atenuante. Ela retorna à nossa esfera como suicida-assassinada. Induzida à solução insolvável, é responsável por aceitar-lhe a inspiração infeliz e vitalizá-la, quando deveria reagir, valorizando os dons da vida e preservando-a a qualquer custo. Todavia, é igualmente vítima, por haver sido empurrada ao abismo por uma inteligência lúcida que lhe planejou a desdita e pôs-se vigilante, aguardando o momento para agir com impunidade. Agora, aguarda-a, antegozando a vitória e esperando prosseguir na interminável vingança. A alucinação a que o ódio reduz o ser não tem limite...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 24 § 37 a 39*

## OBSTINAÇÃO DOS OBSESSORES – OBSESSÃO COM O OBJETIVO DE LEVAR AO SUICÍDIO

“Uma vez desencarnada — prosseguiu, finalizando, a entidade Protetora — após os primeiros meses de perturbações e desesperações, a família Aboab reuniu-se através das correntes espirituais de afinidades e simpatias, exceção feita de Ester, cujos pendores delicados e evoluídos a encaminharam naturalmente para agrupamentos apropriados ao seu grau de evolução; os demais permaneciam nos próprios ambientes trágicos de Portugal [...]. Revoltados e odientos, destituídos agora da confiança tradicional na crença ortodoxa em Moisés e os Profetas, em seus sentimentos apenas bruxuleava a ideia imprecisa de um Ente Supremo a quem não compreendiam, e ao qual, por entre gritos e blasfêmias, invocavam para que os inspirasse na vingança contra os destruidores da sua felicidade e de suas vidas carnisais [...] E, efetivamente, durante um período quatro vezes secular, Timóteo Aboab e seus três filhos não concederam tréguas nem piedade aos seus antigos inimigos. Obsidiam-nos, perseguem-nos desesperadamente, desde então, impelindo-os a desastres e desgraças constantes, até aos dias presentes, quando tencionavam impelir todos eles, agora encarnados em Leonel e sua família, ao ato do suicídio, visto que seria esta a única modalidade de perseguição que àqueles não atingira até agora. E assim os obsidiam, quer se encontrem seus antigos algozes no Espaço, como desencarnados, quer estejam na Terra com novos corpos carnisais, pois existem entre as duas pequenas falanges elos de atração tão poderosos, forjados pelo ódio e pelo crime, que impossível será a Hildebrando e seus sequazes se furtarem à presença de suas antigas vítimas, senão quando um arrependimento sincero, resoluções sadias e remissoras os inclinarem a uma modificação geral no próprio modo de proceder. O antigo Rabino e seus filhos, no entanto, até ao presente não concordaram com um novo ensejo reencarnatório, a despeito das ocasiões valiosas que piedosos agentes do Bem, incumbidos pela Espiritualidade de aconselharem os caracteres rebeldes e endurecidos à emenda dos próprios erros, lhes têm proporcionado. Descrentes da misericórdia do próprio Ente Supremo, de cujas leis, que não compreendem, se ressentem pelo muito que sofreram; não acreditando em amigos e na própria justiça, uma vez que presenciaram em Portugal governantes cruéis cometerem iniquidades contra os próprios súditos, mancomunados com hordas assassinas que se proclamavam intérpretes da Verdade, as quais se valiam do poder adquirido à sombra da religião para a prática de todas as paixões vis; repelindo toda a possibilidade de instrução filosófica, fornecida pelos instrutores espirituais, para um trabalho de reforma e esclarecimentos em si mesmos, a fim de que a

compreensão das soberanas leis da Criação os levasse à meditação, à conformidade e ao respectivo progresso, aliaram-se, no invisível, a falanges obsessoras que, endurecidas no mal, espalham os germens da desgraça por onde passam e encontram afinidades. E, por estes instruídos e adestrados, vêm, durante tão longo tempo, cobrando a seus antigos algozes todas as lágrimas que eles próprios e seus compatriotas choraram desde o primeiro dia em Lisboa até ao presente. De outro modo, os antigos inquisidores, Espíritos, com efeito, maldosos, afeitos ao erro, igualmente endurecidos, absolutamente não se preocuparam com a própria regeneração até ao momento, tratando de lealmente se voltarem para Deus a fim de resgatarem o mau passado através de realizações benfazejas, em vez de o fazerem na expiação dolorosa. Têm, ao contrário, revidado as hostilidades sempre que possível, quando desencarnados, muito embora o terror que nutrem pela presença de suas desgraçadas vítimas do século XVI, agora transformadas em algozes. E tais vêm sendo as batalhas verdadeiramente infernais que se desenrolam, desde aquela malsinada época, entre essas falanges litigantes, que Azambuja e seus acólitos, sentindo-se inferiorizados nos ardis para o revide das represálias, organizaram no invisível uma como associação defensiva contra os Aboabs... e, após mil tentativas e peripécias para se furtarem aos choques constantes daqueles, reencarnaram juntos, criando uma família carnal na Terra, por afinidades passadas, como unidos haviam sido no pretérito pela cumplicidade nos crimes praticados. E o fizeram nas seguintes posições de responsabilidades e descendência, automaticamente inspirados pela consciência culposa de cada um:

Hildebrando de Azambuja — o inquisidor-mor e maior responsável pelo drama que desgraçou os Aboabs: Leonel, o “guarda-livros” suicida.

— Condessa Maria de Faro — cúmplice de Hildebrando no caso Aboab, a qual precipitou a pedra de escândalo para a consumação do drama, com agravantes, drama que, se ela o quisesse, teria atenuado através do esforço da boa vontade: — a esposa de Leonel, cujo calvário de provações e lágrimas, nessa qualidade, formaria um volume.

— Fausto e Cosme de Mirandela e João-José: —filhos do casal reencarnado como Leonel e esposa, sendo o último Alcina, a filha suicida de Leonel. Aterrorizado ante as vinditas atrozes movidas pelos Espíritos de seus antigos amos de Lisboa, o Espírito João-José preferiu ocultar-se numa encarnação de formas femininas, esperançado de que, assim disfarçado, não pudesse ser reconhecido. Enganou-se, porém, visto que sua própria organização psíquica atraiçou-o, modelando traços fisionômicos e anormalidades físicas idênticos aos que arrastara na época citada. Encontrou-

-se, de outro modo, enredado em complexos físicos oriundos da mudança de sexo, anormalidades sexuais e mentais fáceis de fornecerem, pista de reconhecimento a um obsessivo... terminando, como vimos de início, sob pressão perseguidora de Timóteo, que sistematicamente lhe apresentava, em quadros mentais, um recipiente com solução corrosiva, por qualquer pequena contrariedade doméstica, porquanto seu desejo seria apossar-se definitivamente desse Espírito, a fim de escravizá-lo à seita macabra dos vingadores judaicos existentes no invisível, em ação contra aqueles que durante séculos vêm intransigentemente perseguindo, sem razões plausíveis, os da sua raça, sob mil formas diferentes...”

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Terceira parte. Cap. 1*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA – PERSEGUIÇÃO DE ESPÍRITO VINGATIVO**

Era o caixa de uma casa bancária do Canadá e suicidou-se a 28 de fevereiro de 1865. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico residente na mesma cidade, deu-nos dele as informações que se seguem:

“Conhecia-o, havia perto de 20 anos, como homem pacato e chefe de numerosa família. De tempos a certa parte imaginou ter comprado um tóxico na minha farmácia, servindo-se dele para envenenar alguém. Muitas vezes vinha suplicar-me para lhe dizer a época de tal compra, tomado então de alucinações terríveis. Perdia o sono, lamentava-se, batia nos peitos. A família vivia em constante ansiedade das 4 da tarde às 9 da manhã, hora esta em que se dirigia para a casa bancária, onde, aliás, escriturava os seus livros com muita regularidade, sem que jamais cometesse um só erro. Habitualmente dizia sentir dentro de si um ente que o fazia desempenhar com acerto e ordem a sua contabilidade. Quando se afigurava convencido da extravagância das suas ideias, exclamava: — ‘Não; não; quereis iludir-me... lembro-me... é a verdade...’

A pedido desse amigo, foi ele evocado em Paris, a 17 de abril de 1865.

[...]

[...] Oh! há já bastante tempo que vivia numa cidade banhada pelo Mediterrâneo. Amava, então, uma bela moça que me correspondia; mas, pelo fato de ser pobre, fui repellido pela família. A minha eleita participou-me que desposaria o filho de um negociante cujas transações se estendiam para além de dois mares, e assim fui eu desprezado. Louco de dor, resolvi

acabar com a vida, não sem deixar de assassinar o detestado rival, saciando o meu desejo de vingança. Repugnando-me os meios violentos, horrorizava-me a perpetração do crime, porém o meu ciúme a tudo sobrepujou. Na véspera do casamento, morria o meu rival envenenado, pelo meio que me pareceu mais fácil. Eis como se explicam as reminiscências do passado...

[...] Tinha em mim como que vaga intuição da minha inata fraqueza, bem como da culpa anterior, cuja lembrança em estado latente conservara. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que não era outro senão o pai da minha vítima, facilmente se apoderou de mim e fez reviver no meu coração, como em mágico espelho, as lembranças do passado. Alternadamente influenciado por ele e por meu guia, que me protegia, eu era o envenenador e ao mesmo tempo o pai de família angariando pelo trabalho o sustento dos filhos. Fascinado por esse demônio obsessivo, deixei-me arrastar para o suicídio.

[...]

[...] Os suicidas da minha categoria, incapazes por sua fraqueza de resistir aos obsessores, são menos culpados.

[...] Ao guia do médium: — Um Espírito obsessivo pode, realmente, levar o obsidiado ao suicídio? — R. Certamente, pois a obsessão que, de si mesma, é já um gênero de provação, pode revestir todas as formas. Mas isso não quer dizer isenção de culpabilidade. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, conseqüentemente, está em si o ceder ou resistir às sugestões a que o submetem.

Assim é que, sucumbindo, o faz sempre por assentimento da sua vontade. Quanto ao mais, o Espírito tem razão dizendo que a ação instigada por outrem é menos culposa e repreensível, do que quando voluntariamente cometida. Contudo, nem por isso se inocenta de culpa, visto como, afastando-se do caminho reto, mostra que o bem ainda não está vinculado ao seu coração.

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno. Parte II. Cap. 5 - Suicidas.* Antoine Bell

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA - PERSEGUIÇÃO DE ESPÍRITO VINGATIVO**

[...] grito doloroso de desespero, sinistro brado de horror e agonia, de alguém que se houvesse precipitado daquelas imensas penedias ao seio das águas [...] Seguiu-se um gargalhar diabólico, tal se alguém, louco enfu-

recido, partilhasse com alegria blasfema do desastre que motivara o grito angustioso, gargalhar que me levou a rever os esgares das falanges obsessoras que, no mundo invisível, eu me habituara a contemplar durante os serviços de socorro às trevas da ignorância, no incentivo à renovação individual de pobres sofrendores delinquentes, serviços que frequentemente era-me necessário realizar

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Prólogo - As costas da Bretanha. § 9*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - OBSESSÃO DELIBERADA - PERSEGUIÇÃO DE ESPÍRITO VINGATIVO**

— De forma alguma deixá-la-ei unir-se a Alexis... Matá-la-ei antes que isso aconteça. São dois criminosos, que merecem castigo...[...] Ai dela se me desobedecer! Odeio a miserável com todas as minhas forças, pois que duas vezes ela desgraçou meu pobre filho, por quem ainda hoje sofro, recordando aquele deplorável passado... Hei de fazê-la padecer o mesmo que meu filho padeceu por ela, vocês verão, vocês verão! [...]

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 2 - Andrea e seu obsessor §4*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - OBSESSÃO DELIBERADA - ÓDIO - VINGANÇA - APROVEITAMENTO DE MOMENTO DE CRISE (ALGUMAS FEZES PROVOCADO PELO PRÓPRIO OBSESSOR)**

Então, uma cena invisível a olhos materiais, mas brutal, desenrolou-se entre aquelas duas personagens que expiavam um grande erro cometido, no passado, contra um coração sincero que em ambos confiara com amor e devoção.

O odioso Espírito Arnold Numiers, o invisível perseguidor de Andrea, atraído, ainda uma vez, pelos pensamentos alucinados de sua inimiga, chegara até ali, vibrando as moléculas do seu ser em ondas opressoras. Contemplou, ali reunidas, abraçadas, alucinadas, as duas criaturas que resumiam o pesadelo de sua triste alma, a razão do ódio que o perdia para Deus: Andrea e Alexis, ou seja, aquela Berthe infiel, de Stainesbourg, e aquele Louis, falso amigo, irmão colaço, traidor e ingrato, assassinos ambos, do seu pobre Henri, causadores do hediondo suicídio daquele filho

que, agora, deformado, inválido numa cadeira de rodas, ali estava, bem perto, chorando, ainda e sempre, a tortura de amar sem ser devidamente amado.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 13 - Na hora do testemunho*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA – PERSEGUIÇÃO DE ESPÍRITO VINGATIVO**

Quero dizer-te, Léon, esclarecendo as incertezas em que te aprofundas, que habitas um cemitério, pois morreste! Sim, caro latinista de Florença! Não te admires da nova que te reservei: estás morto, és cadáver! Pois que, assim como me impeliste ao suicídio com tuas torpezas, eu te impeli ao mesmo gesto, com a minha vingança! Tão profundas e leais, no passado, a minha estima e a minha confiança, como intransigente se conduzirá, para o futuro, o meu rancor!... Que importa se me perca a alma nas voragens deste inferno em que me sinto soçobrar?... Se me perco, levando-te de roldão comigo, estarei recompensado do meu caliginoso destino e rejuvilar-me-ei de gozo sob os esgares da minha perdição, vendo-te padecer ao meu lado o rigor das algemas da minha vindita, que não esmorecerá jamais! Por isso, persegui-te, “matei-te”, induzindo-te a te matares por ti mesmo, a fim de melhor exercer a minha possessão vingadora, que apenas começou!...

*CHARLES (Espírito). Amor e ódio. 4ª parte – O passado. Cap. 4*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA – ESPÍRITO VINGATIVO**

[...] Em verdade, porém, Franz Schmidt, que se suicidara odiando-o, agora se vingava da afronta recebida três anos antes e encostara-se a ele, obsidiando-o, desejoso de levá-lo ao extremo.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers. 3ª parte. Cap. 1 – O camponês soldado*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA – VINGANÇA**

Lê-se no Droit:

“O Sr. Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Pont, avistou ontem um jovem que, depois de ter vagueado por algum tempo

sobre a ponte, subiu no parapeito e se jogou no Marne. Imediatamente foi em seu socorro e, ao cabo de sete minutos, retirou-o. Mas a asfixia já era completa, tendo sido infrutíferas todas as tentativas feitas para reanimar aquele infeliz.

“Uma carta encontrada com ele revelou tratar-se do Sr. Paul D..., de vinte e dois anos, residente à rua Sedaine, em Paris. A carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por o abandonar e dizia que havia dois anos era dominado por uma ideia terrível, por uma irresistível vontade de se destruir. Acrescentava que lhe parecia ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem tréguas e, malgrado todos os seus esforços, não podia impedir-se de ir para ela. Encontraram, também, no bolso do paletó, uma corda nova, na qual tinha sido feito um nó corredio. Depois do exame médico-legal, o corpo foi entregue à família.”

A obsessão aqui está bem evidente e, o que não o está menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova de que esse mal não é inerente à crença. Mas, se o Espiritismo nada tem a ver com o caso, só ele pode dar a sua explicação. Eis a instrução dada a respeito por um dos nossos Espíritos familiares, e da qual ressalta que, malgrado o arrastamento a que o jovem cedeu para a sua infelicidade, não sucumbiu à fatalidade. Tinha o seu livre-arbítrio e, com mais vontade, poderia ter resistido. Se tivesse sido espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não podia ser senão a de um Espírito mau e as consequências terríveis de um instante de fraqueza.

*(Paris - Grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868 - Médiun: Sr. Nivard)*

A voz dizia: Vem! vem! Mas essa voz do tentador teria sido ineficaz, se a ação direta do Espírito não se tivesse feito sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Por quê? Seu passado era a causa da situação dolorosa em que se achava; apegava-se à vida e temia a morte. Mas, pergunto, nesse apelo incessante que ouvia, encontrou força? Não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Superou os temores, porque, enfim, esperava encontrar do outro lado da vida o repouso que o lado de cá lhe negava. Foi enganado: o repouso não veio. As trevas o cercam, sua consciência lhe censura o ato de fraqueza e o Espírito que o arrastou escarnece ao seu redor e o criva de motejos constantes. O cego não o vê, mas escuta a voz que lhe repete: Vem! vem! E depois zomba de suas torturas.

A causa deste caso de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi impelido ao suicídio por esse que acaba de fazer cair

no abismo. Era sua mulher na existência precedente e tinha sofrido consideravelmente com a devassidão e as brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar com resignação e coragem a situação que lhe era dada, buscou na morte um refúgio contra seus males. Vingou-se depois, e sabeis como. Entretanto, o ato desse infeliz não era fatal; tinha aceito os riscos da tentação; esta era necessária ao seu adiantamento, porque só ela podia fazer desaparecer a mancha que havia sujado sua existência anterior. Aceitara seus riscos com a esperança de ser mais forte e se havia enganado: sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Rogai a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tanto necessita, a coragem e a força para não falir nas provas que tiver de suportar mais tarde. Louis Nivard

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1869 (Janeiro). *Suicídio por obsessão*.

## **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA – SIMPLES DESEJO DE FAZER O MAL – INVEJA**

[...] arrastaste ao sorvedouro do suicídio uma dezena de homens incautos, que se deixaram embair pelas funestas sugestões das tuas manhas de obsessor inteligente... desgraçando-os pelo simples prazer de praticar o mal ou por invejá-los de algum modo... [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 9 – Os arquivos da alma. § 51*

## **OBSESSÃO E SUICÍDIO**

— Em pleno amadurecimento das faculdades sexuais, sob a rigorosa assistência de um hipnotizador destacado pelo Dr. Teofrastus, foi fácil modificar-lhe o interesse e inclinar-lhe a libido em sentido oposto ao da lei natural, já que o seu corpo era masculino, produzindo irreparável distonia nos centros da emoção. Daí por diante associei-me à sua organização física e psíquica, experimentando as sensações que lhe eram agradáveis, e criamos um condicionamento em que os nossos interesses agora passaram a ser comuns. Tão fortemente me liguei à sua vida, que o ódio se converteu em estímulo e gozo, imanando-nos em processo de vampirização em que me locupleteo e por meio do qual a destruo, atirando-a cada vez em charco mais vil, até que o suicídio seja sua única solução...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos Bastidores da Obsessão. Cap. 8 - Processos obsessivos*

## OBSESSÃO E SUICÍDIO

É certo que a Divindade não necessita de homens arbitrários para estabelecer, na Terra, a justiça, o equilíbrio e a paz. Desde que se levantem falsos árbitros do direito e da ordem, alicerçados em postulados equívocos ou falsos, tornam-se, por si mesmos, mecanismos de provação, de expurgo, sob cujos propósitos sucumbem os que se encontram incursos, como delinquentes nos Soberanos Códigos, assim reparando os gravames e crimes perpetrados... Na fúria que os domina, a sede de sangue e de destruição impede-os de absorver, de momento, as ondas da reação do ódio e do rancor, não os impossibilitando, todavia, de intoxicar-se com as próprias emanções psíquicas e espirituais, bem como as daqueles que os seguem da erraticidade, levando-os a suicídios selvagens ou à alienação total...”

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Painéis da Obsessão. Cap. 17 - Desencarnação e vampirismo*

## OBSESSÃO COM O OBJETIVO DO SUICÍDIO DO PERSEGUIDO – FALANGES OBSESSORAS – GÊNIOS DO MAL – INDUÇÃO A ATRITOS EM CASA, AFASTAMENTO DE JOVEM DO LAR E ENVOLVIMENTO AFETIVO

Elucidado por Guilherme de que desejava um desforço imediato, que traduzisse todo o seu amargor, explicou-lhe, então, que a melhor maneira de se vingar seria realizada através do tempo, pelo processo lento da obsessão contínua em ambos os cômpanes da tragédia passada, induzindo-os ao suicídio para aumentar-lhes a aflição, no momento próprio...

Vinculando-se, desde logo e espontaneamente, aos comandados pelo Dr. Teofrastus, dele recebia orientação segura e constante, conseguindo faltar-se das emanções vampirizadas provenientes da jovem obsessa que começara a subjugar, enquanto e simultaneamente alucinava o amadurecido genitor, ora alquebrado.

Compreendendo chegado o momento do golpe decisivo, o Dr. Teofrastus orientara-o para provocar cenas de atritos constantes entre pai e filha, de modo a que esta em momento de desespero se evadisse do lar, buscando no namorado leviano e irresponsável o falso amparo de que se sentiria carecente.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos Bastidores da Obsessão. Cap. 3 - Técnica de obsessão*

## INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO

[...]

Referiu-se ao pavor que a dominara naqueles dias, e à visão, que não podia definir se interna ou exterior, de um ser que a ameaçava, magoado, vingador. É certo, que poderia parecer uma alucinação. No entanto, tratava-se de um homem, não poucas vezes acompanhado de outros não menos cruéis e zombeteiros, que a crivavam de acusações e fraquezas, estimulando-a ao suicídio ou levando-a à loucura total...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 31 - Retorno ao lar*

## TÉCNICA OBSESSIVA COM VISTAS A SUICÍDIO – IMPLANTAÇÃO DE CÉLULA NO CÉREBRO DO OBSIDIADO PARA REPETIR O COMANDO DE SUICÍDIO

— Iremos fazer uma implantação — disse em tom de inesquecível indiferença o Dr. Teofrastus — de pequena célula fotoelétrica gravada de material especial, nos centros da memória do paciente. Operando sutilmente o perispírito, faremos que a nossa voz lhe repita insistentemente a mesma ordem: Você vai enlouquecer! Suicida-se! Somos obrigados a utilizar os mais avançados recursos, desde que estes nos ajudem a colimar os nossos fins. Este é um dos muitos processos de que nos podemos utilizar em nossas tarefas...

Estarrecidos, vimos o cruel verdugo movimentar-se na região cerebral do perispírito do jovem adormecido, com diversos instrumentos cirúrgicos, e, embora não pudéssemos lograr todos os detalhes, o silêncio no recinto denotava a gravidade do momento. Transcorridos uns dez minutos, a cirurgia foi dada por concluída e o paciente foi removido.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos Bastidores da Obsessão. Cap. 8 - Processos obsessivos*

## INDUÇÃO AO SUICÍDIO POR PERCEBER QUE A PACIENTE PODERIA SE BENEFICIAR DAS LIÇÕES DO ESPIRITISMO

Com o conseqüente desmaio, em razão do atentado cometido, a jovem, ao ser expulsa parcialmente do corpo que desrespeitara à inspiração do antigo adversário desencarnado, deparou-o a aguardá-la, feroz e vitorioso, supondo-se em condições de prosseguir na nefasta perseguição, certo de que a arrastaria às regiões ingratas, como resultado do suicídio que supu-

nha irreversível. Era o golpe precipitado, desferido às pressas, para interditar-lhe a recuperação, quando cessada a primeira experiência expiatória que a Lei impunha à infratora, por meio da lepra abençoada. Receando que o Espiritismo lhe abrisse as portas da libertação, resolveu vitimá-la e conduzi-la após o trânsito do túmulo, como se o equilíbrio das vidas pudesse permanecer nas mãos da odiosidade e nas rédeas da alucinação...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Tramas do destino. Cap. 19 – Felicidade, desdita e nós*

## SUGESTÃO DO SUICÍDIO

[...] A morte seria para ele umas férias agradáveis... Eu lhe concederei o prazer do suplício demorado: ver ou não ver, sabendo, porém, que a filha morre a pouco e pouco em minhas mãos, enquanto lhe instilo ódio... Se quiser fugir pelo suicídio como já lhe sugeri, melhor para o meu programa... Verás, infeliz, com é bom suicidar...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Grilhões Partidos. Cap. 17 – Doutrinação e surpresas*

## INDUÇÃO AO SUICÍDIO PELO OBSESSOR QUE INICIA O PROCESSO DE REENCARNAÇÃO CONTRA SEU DESEJO ATRAVÉS DA SUA VÍTIMA

Colhido pelo inesperado, e atraído pelo fenômeno biológico da fecundação, o seu inimigo percebe que se encontra já imanado ao ovo, em razão de haver-se vinculado ao gameta masculino mediante o processo automático do renascimento.

“Essa a razão do seu desespero e agressividade ora exacerbados. Tomou nas malhas magnéticas da própria armadilha. O que aconteceria por amor, a imprevidência produziu pela violência.

Nossa presença aqui, neste momento, objetiva diminuir as cargas de perturbação, que poderão crescer, levando nossa Raulinda, desgostosa, a uma decisão mais hedionda, qual o suicídio, por dar-se conta da gravidade do acontecimento, não se encontrando com as resistências morais hábeis para suportar os efeitos do gesto impensado.

[...]

[...] O inimigo sentindo-se aprisionado pelo zigoto, que dava continuidade ao fenômeno da mitose celular, esbravejava, tentando, mentalmente, romper o vínculo magnético entre ele e o futuro corpo somático, para

produzir a anulação da vida física... Impossibilitado, começou a agir psicologicamente no comportamento da paciente, aumentando-lhe o arrependimento, exprobrando-lhe a conduta, induzindo-a ao suicídio como solução para a desonra a que se entregara. Interferindo nas tardias reflexões da moça, ampliava-lhe o pavor a respeito do futuro, das dificuldades no lar que desrespeitara, desconsiderando a confiança dos pais e desse modo, ameaçando-a, atemorizava-a mais, afirmando: — Serei teu filho, sem o desejo. Cobrarei, nos teus braços, o que me deves...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Capítulo: Ocorrência grave*

### **INDUÇÃO AO SUICÍDIO PELO OBSESSOR QUE INICIA O PROCESSO DE REENCARNAÇÃO CONTRA SEU DESEJO ATRAVÉS DA SUA VÍTIMA**

Nesse comenos, o abnegado Vicente recebeu informação de que Raulinda, aturdida e magoada em si mesma, sob a reação do adversário em processo de reencarnação e sitiada psicologicamente por outros membros do clã do Soberano, programava-se para o suicídio.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Capítulo: Noite de angústias*

### **OBSESSÃO, ENFERMIDADE E SUICÍDIO**

[...] De mente consumida pela perturbação que a si mesma se vem impondo, através das constantes transgressões às Leis de Justiça, nossa irmã sincronizou com o verdugo que a vitima e, amolentada pelas vibrações hipnóticas do seu antagonista, começou a experimentar as falsas impressões do mal de Hansen — conforme desejo do seu inimigo —, sendo atirada ao presídio-hospitalar em que vive, em quase total abandono, para que a vindita se coroe da resolução final, que o sicário aguardava: o suicídio. [...]

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos Bastidores da Obsessão. Cap. 10 – Programação redentora*

## **OBSESSÃO, ENFERMIDADE SIMULACRO E SUICÍDIO**

[...] sabíamos que a sua doença era uma enfermidade simulacro, provocada pelos fluidos maléficos do seu obsessor, que conseguira levá-la àquele lazareto para culminar com a sugestão de suicídio nefando, que a enrodiaria em teias fortes de desgraça [...]

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos Bastidores da Obsessão. Cap. 15 – Enfermidade salvadora*

## **OBSESSORES PELO SIMPLES DESEJO DE FAZER O MAL – INSPIRAÇÃO, SUGESTÃO, INCITAÇÃO, SEDUÇÃO – INCLUSIVE AO SUICÍDIO**

As entidades desencarnadas entrevistadas na dita taverna bebiam aguardente e cerveja, devoravam comestíveis avidamente, fumavam, jogavam cartas e dados, brigavam, discutiam, insultavam-se, esbofeteavam-se, mimoseavam-se com epítetos de baixo calão. Nosso guardião, invisível até para nós mesmos, embora continuássemos certos da sua presença, pela segurança que sentíamos e pelas intuições com que se fazia entender, às quais ouvíamos como se se tratasse da sua voz, explicou-nos:

— A estes e a seus congêneres deve a sociedade do Rio de Janeiro grande percentagem dos acidentes verificados diariamente nas vias públicas e pelos domicílios particulares: atropelamentos, quedas, braços e pernas partidos, queimaduras, suicídios, homicídios, brigas, escândalos, confusões domésticas, assaltos etc., etc. É a atmosfera em que vivem e se agitam, porque já eram afins com ela antes de passarem para a vida invisível. É o que constantemente inspiram, sugerem e incitam, encontrando no homem um colaborador passivo, que facilmente se deixa dominar por suas terríveis seduções. A infelicidade alheia é o seu espetáculo preferido. Provocam mil distúrbios na sociedade e nos lares, pois se divertem com a prática de malefícios. Não entendem a sublime significação dos vocábulos – amor, caridade, piedade, fraternidade, honestidade! Não creem em Deus nem têm religião. Odeiam o bem e o belo com todas as forças vibratórias que possuem. Odeiam os homens e os seguem sorradeira e covardemente, porque odiavam a própria sociedade, antes de morrerem, sabendo que não serão vistos nem pressentidos. E a perseguição mental que lhes movem, aos homens, é inveterada e implacável, afirmando eles que assim agem porque igualmente foram perseguidos, quando homens, pela sociedade, que nunca os protegeu contra os males com que tiveram de lutar: doenças, miséria, fome, falta de instrução, orfandade, desemprego, delinquência, desesperos de mil e uma naturezas... E muitos destes foram, com efeito, delinquentes que a sociedade perseguiu e levou ao desespero, em vez de

ajudá-los a se reeducarem para Deus... O resultado de tal incúria por parte dos homens aí está: uma vez desaparecidos da vida objetiva, pela chamada morte, infestam, como Espíritos, a sociedade, e prejudicam-na, acobertados pelo segredo da morte...

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível* – Capítulo: *Os grandes segredos do além*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO, APROVEITANDO-SE DO MOMENTO DE VERGONHA E REMORSO**

Atônito e envergonhado, Mauro afastou-se, quase cambaleante, sem forças para prosseguir na própria defesa, em face das evidências da sua conduta reprochável e cruel.

[...]

[...] acompanhamo-lo, a fim de que fosse evitado outro tipo de crime, que seria o suicídio, já que o indigitado obsessor induzia-o à fuga da realidade, cuja trama o subjugaria por tempo indeterminado na sua região espiritual de obscenidades inimagináveis.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e Obsessão. Cap. 5 - Conflito obsessivo*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO**

Aprofundando observação, constatamos que, ao lado da cardiopatia que se refletia em todo o aspecto do enfermo, um Espírito feroz houvera-lhe atado correntes metálicas, que lhe apertavam o tórax, enquanto tentava asfixiá-lo. O olhar do vingador buscava hipnotizar o paciente, sugerindo-lhe mentalmente o suicídio como solução.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Transição Planetária. Cap. 21 - As batalhas difíceis*

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSÃO DELIBERADA – GRUPOS ORGANIZADOS**

[...] chefes temíveis de falanges mistificadoras, perseguidores de míseros mortais, aos quais induziam muitas vezes ao suicídio [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 19 – “O homem velho” § 1*

## PLANEJAMENTO DE SUICÍDIO - ENTIDADES IRRESPONSÁVEIS

Seguindo Calderaro, fomos, em plena noite, atender infortunada irmã quase suicida.

Penetramos a residência. confortável, conquanto modesta, percebendo a presença de várias entidades infelizes.

*ANDRÉ LUIZ (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. No mundo maior.  
Cap. 13 - Psicose afetiva § 1 e 2*

## PLANEJAMENTO DE SUICÍDIO - ENTIDADES IRRESPONSÁVEIS

Socorro!... Socorro!... Minha filha, minha pobre Marina esmorece... Tenho lutado com todas as minhas forças para furtá-la ao suicídio, mas agora me sinto enfraquecida e incapaz... [...]

Acompanhando Silas, cuja presença deslocou diversas entidades da sombra que ali se ajuntavam com a manifesta intenção de perturbar, ingressamos num quarto humilde.

*ANDRÉ LUIZ (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Ação e reação.  
Cap. 12 - Dívida agravada § 19 e 34*

## INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – SUGESTÃO DE SITUAÇÃO IRREMEDIÁVEL – INDUÇÃO PSÍQUICA À AFLIÇÃO, AO DESESPERO

[...] Não seria essa desgraça promovida por aquele inimigo invisível que desde a infância a torturava? E como receberia Alexis a notícia de que ela, sua noiva, pertencera a outro, traíra-o em sua ausência? Decerto que sofreria o insulto, odiá-la-ia pelo perjúrio, fugiria dela, casar-se-ia com outra, nunca mais o veria, nunca mais!

[...] Andrea continuava vencida por torturante amargura, debulhando-se em lágrimas a cada instante. E no íntimo do seu coração a ideia sinistra já se esboçava, como semente funesta lançada, pelo obsessivo, no terreno fértil das suas inconseqüências:

8 — Se não houver outro remédio, matar-me-ei! {crença de falta de solução-oportunidade de intervenção }

[...]

E o pensamento atroz suggestionando-a, perturbando-a, desorientando-a:

— Se não houver outro remédio, matar-me-ei!<sup>1</sup>

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 10 – Em Saint Omer § 6 a 11

## INDUÇÃO OBSESSIVA A PAIXÃO

E perdia-se em ânsias insensatas, também ele como que pressionado por uma atuação obsessora. E, dominando essa paisagem de paixões que lhe ofereciam campo fértil para atingir o fim que trazia em mira, lá estava o revoltado Espírito Arnold Numiers, que não examinava os meios para atingir a sua inimiga do passado. [...]

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.*  
Cap. 9 – O sedutor §10

## INDUÇÃO OBSESSIVA A ATOS INDIGNOS – IDEIA FIXA<sup>2</sup>

No dia seguinte, Andrea levantou-se tarde e muito nervosa. Sentia-se triste e angustiada, teve crises de choro frequentes e seus pensamentos voavam para Marcus com uma insistência atordoante, alheando-a de tudo o mais.

O acontecimento da noite anterior emocionara-a até o delírio. Durante todo o dia sentiu-se ainda como envolvida por seus braços, e a impressão que tinha era que aqueles lábios ardentes não se despegavam de sua pele. [...] a imagem que dominava sua mente e todos os seus sentidos, obsidiando-os ao indescritível, não era a de nenhum ser celeste, mas a de Marcus de Villiers. Dir-se-ia uma obsessão fixada em sugestões mentais. Dir-se-ia uma alucinação histérica, um delírio, uma desesperação surda e inconsolável que lhe oprimia a vontade, escravizando-a a um desejo invencível de pensar em Marcus, de vê-lo, de falar-lhe, de pertencer-lhe.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.*  
Cap. 8 – O obsessor § 32 e 33

---

1 Ver André Luiz. In. *Estude e Viva*. F.C.Xavier / Waldo Vieira. *Influenciações espirituais sutis – fala que o obsessor aguarda o momento apropriado*

2 Ver cap. 8 de *Ação e reação*

## **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - OBSESSÃO DELIBERADA DE INIMIGOS DESENCARNADOS - OBSESSÃO INVOLUNTÁRIA E PRESSÃO MAGNÉTICA PELA PRESENÇA DOS SUICIDAS NO AMBIENTE**

[...] não vacilei nas medidas a tomar, visando a evitar novo caso de suicídio naquela família, desgraça que, através do impressionante relatório do meu jovem assistente, pressenti iminente no referido domicílio.... porquanto, além dos inimigos obsessores, sombrios e odiosos desde quatro séculos, existia ainda a permanência dos dois suicidas citados, cuja pressão magnética inferior, corrosiva, por si só seria passível de contágio mental nos demais afins, levando-os, sem mesmo disso se aperceberem, a imitar-lhes o gesto.

*BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 3*

## **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - OBSESSÃO INCONSCIENTE - EFEITO DA PRESENÇA DE ESPÍRITO SUICIDA - RESOLUÇÃO PELO ESCLARECIMENTO E DEMOÇÃO DO ESPÍRITO**

### **RELATO DO SR. E. MAGNIN, PROFESSOR DA ESCOLA DE MAGNETISMO:**

“Uma senhora, ainda bem moça, que padecia dores de cabeça de origem neurastênica, ao fim de alguns anos agravadas com uma obsessão de suicídio, me veio consultar. O minucioso exame que lhe fiz revelou um organismo isento de qualquer tara física. O lado psíquico, ao contrário, deixava muito a desejar: emotivo, extravagante, facilmente sugestionável. A enferma acusava com insistência uma opressão “enlouquecedora”, dizia ela, sobre a nuca, acompanhada de uma sensação de peso, às vezes intolerável, sobre os ombros; nessas ocasiões sentia-se assaltada de um desejo quase irresistível de matar-se. No curso de longa conversa me revelou ela que, antes de seu casamento, havia sido requestada por um oficial, a quem amava, mas com quem fora, por motivos de família, impedida de casar-se. Falecera este algum tempo depois, e a breve trecho começara ela a sentir essa obsessão de acabar com a vida. Aí estava indubitavelmente a origem da ideia obsidente, e um tratamento psicoterápico se impunha. Várias sessões, em estado de vigília, foram efetuadas sem êxito; fiz em seguida experiências de reeducação na hipnose “magnética”, e não obtive melhora alguma; sugestões imperativas no sono “hipnótico” também não produziram resultado apreciável.

Decidi então, com anuência do marido, mas sem que o soubesse a enferma, operar com o concurso de uma médium eu vinha estudando há algum tempo e que muitas vezes me surpreendera pela nitidez das percepções visuais que o seu dom de “vidente” lhe permitia descrever-me. Não revelei à médium uma única palavra da situação e só depois de haver adormecido a enferma é que a coloquei em sua presença. Preveni-a de que lhe não faria pergunta alguma e que, por sua parte, se limitasse a descrever o mais simplesmente possível o que seu dom de vista psíquica, lhe deixasse ver.

Tão depressa foi trazida ao pé da enferma, adormecida numa poltrona, descreveu um ser que parecia “agarrado” às costas da paciente. Sem deixar perceber minha surpresa, em o interesse que despertava essa observação, pedi à vidente que indicasse a posição exata do ser invisível para mim. “Com a mão direita - disse - ele aperta a nuca da enferma e com a esquerda oculta a própria frente.” Depois, ofegante de comoção, exclamou: “É um suicida e quer que ela se lhe vá reunir.” A meu pedido, lhe descreveu a fisionomia, a expressão: “um olhar singularmente estranho.” Pudemos em seguida, eu e a médium, conversar com essa personalidade. Longa e extenuante foi a minha conversação, até que vim a experimentar um alívio e uma verdadeira satisfação, ao saber pela médium que os meus argumentos haviam convencido o “espectro” e que, tocado de compaixão, ele prometia deixar sua vítima em paz. Só duas horas depois de ter a médium retirado, foi que despertei a paciente. Não lhe revelei uma única palavra da experiência, que ela devia sempre ignorar. Ao despedir-se, me disse ela: “Sinto-me hoje muito aliviada.” Dois dias depois voltou a visitar-me: a transformação era visível. Sua atitude, expressão fisionômica, maneira de vestir-se, tudo denotava completa mudança em seus pensamentos; suas naturais disposições, sua jovialidade e gosto pelas artes lhe tinham voltado de um dia para o outro. Seu marido já não a reconhecia, tão brusca fora a transição. Depois da aludida experiência, a jovem senhora não mais tornou a sentir a opressão na nuca, nem a sensação física de peso nos ombros, nem a obsessão psíquica de suicídio; sua saúde, em todos os sentidos, se tornou até hoje perfeita.

Uma discreta pesquisa me permitiu saber que o oficial em questão não morrera de febre infecciosa, como o acreditavam as pessoas de suas relações, mas que ele se tinha realmente suicidado com um tiro na cabeça. Também o seu caráter ficou averiguado ser exatamente o que descrevera

a médium, bem como o olhar “estranho”, explicado por um ligeiro estrabismo.”<sup>3</sup>

LÉON DENIS. *No invisível. Cap. XXII - Prática e perigos da mediunidade* §20

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - OBSESSÃO INCONSCIENTE DE ESPÍRITOS SUICIDAS DESENCARNADOS**

[...] os meus pobres pupilos não agravariam quem quer que fosse, conscientemente; não agrediriam, não atacariam [...] Todavia, são portadores dos mais nefandos perigos [...] Seus deploráveis estados vibratórios, rebaixados a nível superlativo de depressão e inferioridade, são de tal sorte prejudiciais que, se se aproximassem de um homem encarnado, junto dele permanecendo vinte e quatro horas, e se esse homem, ignorante em assuntos psíquicos, lhes oferecesse analogias mentais, prestando-se à passividade para o domínio das sugestões, poderia suceder que o levassem ao suicídio, inconscientes de que o faziam [...]

[...]

[...] Tais casos, como os de que tratamos, têm possibilidades de se verificar e são resultantes de infrações cometidas pelos nossos estados de imperfeição, prejuízos desagradáveis e constantes da inferioridade do planeta em que se dão. Convém notificar, porém, que não estou afirmando que tais casos sejam frequentes, mas que poderão acontecer, têm mesmo acontecido! E assim acontecerá quando exista semelhança de tendências — afinidades — entre as duas partes, ou seja, entre o desencarnado e o encarnado [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 - O manicômio. § 6, 10*

### **OBSESSÃO INVOLUNTÁRIA - CONTAMINAÇÃO FLUÍDICA - RISCO DE SUICÍDIO**

A presença de um obsessor em um recinto doméstico afeta a vida dos seus moradores, mesmo que ele não deseje molestar ninguém em particular. Suas vibrações, poluídas pela inferioridade dos sentimentos; seus pensamentos, contaminados pelo desamor, agem como cáusticos sobre as vibrações dos moradores e daí os malefícios verificados, que podem causar

3 obsessão e ideação suicida

longa série de distúrbios, desde a desavença entre os familiares, a angústia e a depressão nervosa, até a doença grave, o crime e o suicídio.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 16 - Uma página de além-túmulo

### **INDUÇÃO AO SUICÍDIO - OBSESSÃO INCONSCIENTE - ESPÍRITO SUICIDA DESENCARNADO - PREDISPOSIÇÃO DO ENCARNADO A NOVO SUICÍDIO POR MOTIVO DE TER SIDO SUICIDA EM OUTRA ENCARNAÇÃO**

[...] as funestas infiltrações vibratórias do suicida redundariam em obsessão inconsciente, da parte dele, o que até mesmo me poderia atirar a um suicídio idêntico, no próprio sótão da sinistra residência.

[...]

[...] Compreendi então que a tarefa junto ao suicida era particularmente minha, que se tratava de um pesado testemunho de fé e resistência à tentação do suicídio, que a Lei de Deus de mim exigia, e prossegui, confiando nos recursos oferecidos pela grande Doutrina dos Espíritos.

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Testemunho*

### **INDUÇÃO AO SUICÍDIO POR OBSESSÃO INCONSCIENTE DE ESPÍRITO SUICIDA DESENCARNADO**

Em segundo lugar, lembrarei que um suicida, presa de terríveis descon- trolés vibratórios, será aproximação psíquica bem mais incomodativa e perigosa para a criatura encarnada, que sofre e se enfraquece por este ou aquele motivo, do que uma pobre alma singela, ignorante, mas incapaz do mal voluntariamente, pois o primeiro poderia induzir ao suicídio, mesmo sem o desejar, aquele a quem influencia [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade, Capítulo: Complexos psíquicos*

### **INDUÇÃO AO SUICÍDIO PROVOCADA POR ENCARNADO – OBSESSÃO INDIRETA**

— Morrerei, Alexis, e tu morrerás comigo. Sim, tu morrerás comigo, porque nem na própria morte poderei ficar sem ti!

— Eu? Nunca! Oh, nunca tentarei contra a vida. E o dever sagrado que nos liga a nós próprios? E a promessa que a Deus fizemos, quando ele nos

lançou a este mundo, de conservarmos a existência por seu amor e para servi-lo? Nossa vida não nos pertence, Andrea, pertence a Deus, à nossa família, à sociedade, aos nossos deveres, ao destino glorioso para o qual Deus nos criou. Oh! Não me olhes com essa expressão alucinada! Ouve-me: és rica, bela, a dor que agora nos fere passará, e poderás ainda ser feliz. Não, por Deus, não me fales em morrermos juntos, eu não quero morrer, não quero matar-me!

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 13 - Na hora do testemunho

### **INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - OBSESSÃO INDIRETA - UTILIZAÇÃO DE PESSOAS DÓCEIS À SUGESTÃO PARA INFLUENCIAR O INDIVÍDUO ALMEJADO AO SUICÍDIO - EFEITO MAIS INTENSO SE HÁ VÍNCULOS AFETIVOS**

Ela arrebatou-o para uma das janelas que ornamentavam a sala. Levantou os reposteiros, fê-lo debruçar-se sobre o largo peitoril e falou, a voz rouca e como que satânica, completamente possuída pelo obsessor:

— Ouves? Acolá, aquele rugido? É bem perto, meu bom Alexis. Perto e rápido. É o oceano que fala. Deixar-nos-emos rolar para ele, entre um beijo e uma despedida... e quando as vagas baterem novamente, de encontro à ribanceira, teremos deixado de sofrer...

[...]

Ficando só, Alexis pusera-se a refletir, mas não conseguia coordenar as ideias. Sentia-se trêmulo e atordoado, e violentas dores de cabeça o apoucavam, traduzindo insólito mal-estar em seu estado geral. A morte, realmente, aparecia-lhe como recurso único para solucionar a dramática situação que vivia com Andrea. Tudo ficara combinado para o meio-dia seguinte, quando soasse o toque para o almoço. Eles não deveriam aparecer à mesa, como já vinham fazendo. Andrea se desculparia com o estado da própria saúde. não obstante saber inevitável a presença de Marcus; Alexis, que já anunciara a própria partida, ocultar-se-ia para somente apresentar-se a ela no momento oportuno. Encontrar-se-iam na alameda nobre do parque e, enlaçados, caminhariam para o abismo, que não distava muito. Seria, portanto, um ato premeditado, refletido, que permitiria aos interessados ensejo para se deterem e evitar o terrível ato.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 13. Na hora do testemunho

## RECORDAÇÕES DE ENCARNAÇÕES ANTERIORES – POTENCIAL DE AUTO-OBSESSÃO

Tendo exposto aos prováveis leitores a possibilidade de a criatura humana, em situação excepcional, recordar as próprias existências pretéritas, possibilidades referendadas por testemunhos insuspeitos, sentimo-nos à vontade para igualmente apresentar o nosso testemunho no singular certame, pois que também trouxemos, para a presente encarnação, certas lembranças, muito vivas, de determinados episódios de nossa anterior existência terrena. Para nós, no entanto, esse fato constituiu duríssima provação, e certamente teríamos sucumbido a uma loucura total, ou mesmo ao suicídio, se não tivéramos a felicidade de, desde muito cedo, ser amparada pela grandiosa proteção da Doutrina dos Espíritos e do Evangelho de Jesus Cristo, que, com efeito, possuem recursos para remediar todos os impasses da vida humana. [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Reminiscências de vidas passadas*

### OBSESSÃO COLETIVA E SUICÍDIO

Certa noite [...], deteve-se o médium, [...] na súplica ardorosa para visitação espiritual a um ambiente doméstico atacado de singulares manifestações de provação, intensas e dolorosas.

Uma carta chegara do Sul do país às mãos do médium, [...]. Particularizava-se a missiva pela exposição seguinte:

— “Rogo algo tentares, como espírita que és, a benefício da família do nosso amigo Leonel. Passam-se fatos verdadeiramente desorientadores, deixando perplexos os amigos da casa. Desde a morte do pobre Leonel, verificada, como sabes, por um suicídio em tão trágicas condições, a família inteira sente ímpetos para o suicídio. Não ignoras que sua filha Alcina suicidou-se também, dez meses depois dele próprio. Agora é seu filho Orlando que deseja morrer, havendo já tentado algumas vezes o ato terrível! Vivem todos a chorar, desesperados, sem ânimo para a continuação da existência. Somente a viúva de Leonel consegue algo de estimulante para se impor à situação, que é a mais anormal possível. A miséria lhes bate à porta, pois nada possuem e ninguém, senão ela, trabalha. [...]

[...] fora eu prevenido de que essa carta havia sido escrita ao meu médium [...] Procurara-me uma entidade espiritual denominada Ester, formosa e redimida [...] a qual me asseverara haver inspirado a carta a quem a escreveu, [...] visto estar ligada aos obsessores de Leonel e a este próprio

por laços espirituais seculares [...]

[...] partimos para o endereço apontado, em inspeção indispensável. Impossível, porém, nos fora ali penetrar pelos meios comuns, tal a densidade vibratória asfixiante do recinto, o clima obsessivo que expandia malefícios em derredor do lar sinistrado pela onda de tragédia que a ele se adaptava. Eu levava, no entanto, em nossa comitiva, um indígena brasileiro da raça Tamoio, Espírito hábil, honesto e obediente, que voluntariamente se associara à nossa falange, desejando servir ao Bem, e mais o nosso assistente Roberto, a quem eu muito amava e em quem confiava plenamente. Ambos ali penetraram, sacrificando a própria harmonia vibratória, a fim de se inteirarem minuciosamente do que realmente se passava.

Retornaram logo após ao Posto Mediúnico de onde haviam partido, chocados e ansiosos.

E Roberto, que chefiava a expedição, tomou a palavra (transmitiu as irradiações mentais), desincumbindo-se do noticiário sobre o reconhecimento efetuado:

— Trata-se de um caso de obsessão coletiva simples, meu caro irmão... carente de intervenção imediata de socorro espiritual, a fim de que se evitem outros suicídios na família... São, quase todos os membros dessa numerosa família, constituída do velho casal e dez filhos menores, portadores de faculdades mediúnicas ignoradas... Não cultivam o estudo edificante para o saneamento mental, nem a meditação sobre assuntos elevados do espírito, e tão-pouco a prece.... tornando-se, por isso mesmo, campo raso para os assédios das trevas.... pois que também não alimentam sentimentos religiosos de qualquer espécie, apenas afetando um interesse convencional pela crença católica romana...

[...]

— [...] Inteirei-me de que o chefe da mesma família, de nome Leonel, pôs termo à existência terrena, desfechando um tiro de revólver no ouvido direito, e que sua filha primogênita, jovem de vinte primaveras, lhe imitou o gesto alguns meses depois, servindo-se, porém, de um tóxico violento... Inteirei-me ainda de que outro filho seu, de quinze anos de idade, tentou igualmente o sinistro ato, salvando-se, no entanto, graças à ação prestimosa de amigos agilíssimos, que evitaram fosse ele colhido por um trem de ferro, pois o tresloucado lançou-se aos trilhos, enfrentando o comboio, que se aproximava...

Vimos ambos os suicidas ainda retidos no próprio teatro dos acontecimentos [...] Distinguimos também os obsessores...

— E como se apresentam estes?... Odientos, vingativos?... Sofredores, que destilam o vírus mental e vibratório contundente, sem saberem o que fazem?... Afeiçoados às vítimas por simples afinidades de caráter, ou índole?... pois sabemos que até mesmo um sentimento de amor — ou paixão — mal orientado ocasionará desastres como esses...

— [...] São ódios, vinganças pessoais de um passado que se me afigura intensamente dramático! Os obsessores pertencem às falanges do antigo judaísmo! [...]

BEZERRA DE MENEZES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 2*

### SINTONIA VIBRATÓRIA – CONDIÇÃO PARA A OBSESSÃO

[...] A ação obsessora, contudo, somente será exercida se o obsidiado, pelas suas qualidades morais inferiores, igualar-se, vibratória e moralmente, ao seu antagonista desencarnado.

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 8 – O obsessor § 1*

### ATUAÇÃO OBSESSIVA COM O OBJETIVO DE SUICÍDIO

Perguntas dirigidas a São Luís através do Sr. C..., médium falante e vidente, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na sessão do dia 12 de outubro de 1858

1. Por que o homem, que tem a firme intenção de se destruir, revoltar-se-ia à ideia de ser morto por um outro e se defenderia contra os ataques, no mesmo instante em que vai cumprir seu desígnio?

Resp. – Porque o homem tem sempre medo da morte; quando se suicida, está superexcitado, tem a cabeça transtornada e realiza esse ato sem coragem nem temor e, por assim dizer, sem ter a consciência do que faz, enquanto que, se pudesse escolher, não veríeis tantos suicidas. O instinto do homem o leva a defender a própria vida e, durante o tempo que medeia entre o instante em que seu semelhante se aproxima para o matar e aquele em que o ato é cometido, há sempre um movimento de repulsão instintiva da morte que o leva a repelir esse fantasma, que não é apavorante senão para o Espírito culpado. O homem que se suicida não experimenta esse

sentimento, porque está cercado de Espíritos que o impelem, que o auxiliam em seus desejos e lhe fazem perder completamente a lembrança do que não seja ele mesmo, isto é, dos pais e daqueles que o amam, bem como de uma outra existência. Nesse momento o homem é todo egoísmo.

[...]

3. Um dos assistentes observou que parece ter havido uma contradição entre essas derradeiras palavras de São Luís e as precedentes, quando ele disse que o homem pode ser impelido ao suicídio por certos Espíritos que a isto o excitam. Neste caso, cederia a um impulso que lhe seria estranho.

Resp. – Não há contradição alguma. Quando disse que o homem impedido ao suicídio estava cercado de Espíritos que a isto o solicitavam, não me referia aos Espíritos bons, que fazem todos os esforços para o demover dessa ideia; isto deveria estar subentendido. Todos sabemos que possuímos um anjo guardião, ou, se quiserdes, um guia familiar. Ora, tem o homem o seu livre-arbítrio; se, apesar dos conselhos que lhe são dados, persevera nesta ideia criminosa, ele a realiza e, para isso, é auxiliado pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam e que se sentem felizes, por ver que ao homem, ou Espírito encarnado, falta coragem para seguir os conselhos de seu bom guia e, muitas vezes, dos Espíritos de parentes mortos que o envolvem, sobretudo, em semelhantes circunstâncias.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1858 (novembro). Problemas morais. Sobre o suicídio*

### **DOMÍNIO OBSESSIVO – IMPOSSIBILIDADE DE REFLETIR LIVREMENTE – HIPNOSE OBSESSIVA – ANESTESIA DAS PERCEPÇÕES, SENTIMENTOS E RACIOCÍNIO**

Mas ela repeliu-o. Indignada, afasta-se dele, não mais consentindo que ele a toque. Exprobra-lhe a covardia, retirando a palavra dada na véspera, de acompanhá-la no suicídio. Insulta-o, declarando que ele jamais a amara, pois não lhe perdoara a falta cometida em sua ausência e negava-se a unir-se a ela na morte, e que ele somente consentira no malogrado matrimônio de ambos, tal como dissera Villiers, em obediência às tradições da família, que de longa data escolhia os pares que se deveriam unir em matrimônio. Está desesperada e inconsolável, a boca espumante, a fisionomia alterada, e, subitamente, lança o olhar para a escadaria lateral do palácio [...] Num gesto rápido, prevendo sua intenção, Alexis dirige-se apressadamente para ela, tentando agarrá-la à força. Andrea escapa-lhe das mãos e sai em correria vertiginosa pela estrada, em direção ao oceano,

tal como previra Alexis. Está inteiramente dominada pelo obsessor. Talvez nem mesmo possa refletir livremente sobre o que faz, embora tenha noção de tudo e não sinta forças para conter-se. Em verdade, ela nada ouve, nada reflete, não compreende o que se passa. Suas percepções, seus sentimentos, seu raciocínio estão anestesiados pelo hipnotismo nefasto do inimigo, que quer atirá-la por um abismo, como outrora ela fizera despenhar-se por um abismo aquele apaixonado Henri Numiers, filho querido do mesmo obsessor [...].

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 15. A vitória do obsessor § 34*

### **MECANISMOS DA AÇÃO OBSESSIVA OBJETIVANDO O SUICÍDIO – SUGESTÃO HIPNÓTICA DO SUICÍDIO – INFILTRAÇÃO OBSESSORA SOBRE OS PENSAMENTOS – SUGESTÃO DA IDEIA DE SITUAÇÃO IRREMEDIÁVEL - ASSASSÍNIO ESPIRITUAL**

— Os suicídios que tiveram por causa a obsessão de um Espírito perverso, sobre o encarnado, apresentam certa parcela de atenuantes para a vítima e agravantes para o algoz. Existem suicidas que se viram sugestionados a cometerem o ato terrível, através do sono de cada noite, por uma pressão obsessora do seu desafeto espiritual, desafeto que poderá ser também um espírito encarnado, e à qual não se puderam furtar, tal o paciente que, recebendo do seu magnetizador uma ordem durante o transe sonambúlico, cumpre-a exatamente dentro do prazo determinado por este, mesmo quando se passaram já muitos meses depois da experiência. Outros existem que não querem absolutamente morrer, não desejam o suicídio; que relutam mesmo contra a ideia por que se veem atormentados e se horrorizam ao compreender que algo desconhecido os arrasta para o abismo, abismo esse que temem e ante o qual se apavoram. Apesar disso, sucumbem, precipitam-se nele, uma vez que, deseducados da luz das verdades eternas, desconhecedores do verdadeiro móvel da vida humana, como da natureza espiritual do homem, não lograram forças nem elementos com que se libertarem do jugo mental terrível e malfazejo, cujo acesso permitiram. Eles veem junto a si antes de efetivado o ato, com impressionante segurança, tais se materializados fossem diante dos seus olhos corporais, os quadros mentais que o obsessor fornece através da telepatia ou da sugestão: — um receptáculo de veneno ou substância corrosiva; um revólver engatilhado, que misteriosa mão sustém, oferecendo-lho; uma queda de grande altura, onde eles próprios se veem despenhando; um veículo em movimento, sob o qual se deverá arrojear, etc. Sofrem assim, por vezes, durante meses consecutivos, sem ânimo para confienciarem com amigos,

uma agonia moral extenuante e arrasadora, uma angústia deprimente e inconsolável, que lhes agravam os males que já os infelicitavam, angústia que nenhum vocábulo humano será eficiente para bem traduzir. Notemos, todavia, que tratamos tão somente da obsessão simples, ou seja, daquela que é ignorada por todos, até mesmo pelo obsidiado, da que se não revela ostensivamente, objetivando alteração das faculdades mentais, mas que, sutilmente, ocultamente, através de sugestões lentas, sistemáticas, solapa as forças morais da vítima, tornando-a, por assim dizer, incapaz de reações salvadoras. Pouco a pouco, sob tão doentia pressão magnética, uma tristeza suprema e avassalador desânimo comprometem as energias do assediado. Aterrador alarme desorienta-o, todos os fatos da vida, mesmo os mais vulgares, se lhe apresentam ao raciocínio contaminados pela infiltração obsessora, dramáticos, maus, irremediáveis! Esquece-se ele de tudo, até mesmo do seu Criador, ao qual, em verdade, jamais considerou, mas em cujo amor encontraria proteção e forças para resistir à tentação. E somente se preocupa com o meio pelo qual se furtará aos males que o afligem. Então sucumbe sem apelação, curva-se à vontade que conseguiu dominar a sua vontade, servindo-se da sua fraqueza de homem despreocupado das razões da Vida e ignorante de si mesmo, que da existência só conheceu, muitas vezes, a feição meramente animal. Daí se concluirá, então, da necessidade de os homens procurarem conhecer a si mesmos, isto é, que possuem nos recessos da personalidade um sexto-sentido, um dom natural capaz de permitir tais desastres, se se conservar ignorado, e se eles próprios, os seus portadores, preferirem viver alheios às causas sérias e elevadas, que lhes permitiriam a harmonização com estados psíquicos superiores, que de tudo isso os eximiriam, uma vez que o obsidiado possuirá, forçosamente, para que se torne obsidiado, os ditos dons mediúnicos, tal como toda a Humanidade os possui.

Ora, o suicídio, assim efetuado, transformou-se antes num assassinio gravíssimo, contornado de agravantes, cometido pelo obsessor, que responderá pela crueldade exercida, perante a justiça do Criador Supremo. Quanto ao obsidiado, sua responsabilidade certamente foi profunda, em razão de haver permitido acesso às arremetidas inferiores, por se conservar igualmente inferior, não desejando o próprio progresso com a renovação dos próprios valores morais à procura do ser espiritual e divino existente em si, não tentando reações de ordem moral e mental para dignamente se equilibrar nos deveres impostos pela existência. [...]

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 6*

## INDUÇÃO PÓS-HIPNÓTICA INCLUSIVE AO SUICÍDIO

Ao nos distinguirem, saudaram-nos com alegria e convidaram-nos a beber, supondo-nos parceiros, ou mesmo nada supondo. Naturalmente, recusamos, como recusaríamos igual convite de encarnados. Fizemo-lo, porém, cortesmente, agradecendo a atenção. Um deles [...] disse de súbito, mal-humorado, dirigindo-se a nós mesmos: — Se não bebeis, “seus” idiotas, que viestes fazer aqui?... Ide-vos, “desmancha-prazeres”, antes que eu vos mande para o inferno com um soco... Ide-vos, ide-vos!... antes que eu vos quebre o braço ou a perna, com um encontrão... ou a cara... tanto faz...

[...]

— Olha! Tendes o braço quebrado?... Como quebrastes teu braço?... Estais com o braço partido!... Fostes atropelados?... Quando, hoje?... Sim! Sereis atropelados amanhã, partireis o braço, dareis entrada no hospital... Estarei lá para vos assistir e consolar... Partireis o braço, partireis o braço... Sereis atropelados amanhã, amanhã...

Os demais se puseram a nos olhar com atitudes zombeteiras e prorromperam em gargalhadas estridentes. Estabeleceu-se desordem, vozerio, confusão, e todo o grupo nos tocava o braço, afirmando que ele estava quebrado, pois no dia seguinte seríamos atropelados...

Dor violenta começamos a sentir então, no braço. Era o esquerdo. Seguramo-lo com a destra e procuramos examiná-lo. Estava, com efeito, fraturado, ensanguentado, o osso à mostra, e as dores eram cada vez mais atrozes. Fôramos inteiramente envolvidos pelas vibrações maléficas daquelas entidades. Certeza absoluta sentimos, então, de que no dia seguinte algo aconteceria, acarretando tal consequência para o nosso corpo carnal, completamente esquecidos de que ali nos encontrávamos sob vigilância de um guardião da Espiritualidade, para instrução. [...]

[...] o amigo espiritual explicou: — Assim fazem eles com aqueles que se deixam envolver por suas sugestões... Em vez de “braço fraturado” ou “atropelamento”; suponhamos que sugiram o suicídio, o homicídio, uma mesa de jogo, um conflito, uma rixa, um adultério... Suponhamos que, em vez de carregarem de vibrações pesadas um braço, para que a vítima o suponha fraturado e sinta dores atrozes, carreguem a mente com sugestões luxuriosas... Aí teremos também a irremediável desonra, o vício, o desregramento sexual... Far-se-á maléfica a hipnose, e aquele que não teve forças morais e vibratórias para se desvencilhar das teias em que se deixou envolver, submeter-se-á a tudo...

[...] se vos afinásseis, realmente, com eles, amanhã sofreríeis qualquer acidente, por eles provocado, talvez mesmo o atropelamento, e teríeis fraturado o braço... Eles sabem preparar o laço para os incautos...

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: Os grandes segredos do além*

## **OBSESSÃO E SUICÍDIO – AÇÃO DURANTE O SONO**

Existem obsessões que não têm senão a mesma origem: o obsessivo, que poderá ser encarnado ou desencarnado, sugere a aquele a quem deseja mal, durante o sono natural ou provocado por ele próprio. Impõe-lhe sua vontade e, ao despertar, o paciente obedece-lhe em tudo, sem forças para se furtar à tenebrosa teia. Tais obsessões são facilmente curáveis pelo Espiritismo, ou por um hábil magnetizador, que agirá com os mesmos processos, anulando a pressão do primeiro sobre o paciente. Muitos crimes de várias naturezas, suicídios, embriaguez etc., têm origem nesse fenômeno psíquico. E será bom que o homem conheça todos esses aspectos da sua própria vida, a fim de se furtar a tais possibilidades, pois, uma vida serena, votada às coisas de Deus, a educação da mente e do caráter são barreiras que interceptam tais ações da parte de entidades inferiores. Os Espíritos superiores, todavia, só se servem desse poder, natural nos homens como nos Espíritos, para finalidades elevadas ou caritativas.

LEON TOLSTOI (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida. O segredo da felicidade. Nota 103*

## **OBSESSÃO E SUICÍDIO – HIPNOSE – AÇÃO DURANTE O SONO – ORAÇÃO PELOS OBSESSORES**

O comum dos obsessivos envolve o obsidiado em vibrações nocivas, dominando-lhe a mente com sugestões perniciosas, maléficas mesmo; perturba-o, constrange-o a atos que não desejaria praticar, presenciando, no entanto, o que faz, mas sem forças para resistir, indo, às vezes, até ao suicídio, se a tempo não for socorrido pela ação caridosa das entidades protetoras ou pelas nossas preces e o próprio desejo de reagir, voltando-se para Deus e orando. Uma das mais graves obsessões é aquela provocada pela hipnose, ou sugestão do obsessivo sobre o indivíduo, durante o sono da noite. Despertando, esse homem poderá realizar os piores desatinos, cumprindo as ordens recebidas do obsessivo. E ninguém desconfiará que ele se encontre sob jugo obsessivo. Daí a necessidade da oração diária a favor de obsessivos, o que, ademais, é uma expressão de genuína caridade.

E quem se deixa assim obsidiar é cúmplice do próprio obsessivo, visto ser

in vigilante, portador de baixa moral, afastado de Deus.

YVONNE A. PEREIRA. *À luz do consolador. Capítulo: Obsessão*

### **INDUÇÃO PÓS-HIPNÓTICA AO SUICÍDIO, NO ESTADO LETÁRGICO**

Nota 20 - Nota da médium: quando, no estado letárgico, o médium recebe uma ordem do seu instrutor espiritual, verifica-se a sugestão hipnótica, que ele será levado, fatalmente, a executar, uma vez desperto. Agindo ao influxo do comando recebido, como no caso presente, o médium escreverá posteriormente, mas o trabalho será mediúnico, de qualquer forma, visto que já lhe imprimiram no ser o que deveria escrever, embora não haja propriamente a psicografia. Esta faculdade mostra-se, por isso mesmo, assaz delicada, e mesmo perigosa, pois, quando a hipnose é exercida por entidades mal-intencionadas, ou obsessoras, o “passivo” poderá cometer desatinos variados, como até mesmo o assassinio e o suicídio, sem que jamais se saiba que ele agiu por uma ordem estranha. O conhecimento do Espiritismo, porém, bem assim o cultivo das faculdades mediúnicas à luz de ensinamentos sólidos de moral, evitarão tais desarmonias, pois, reeducando o adepto, coloca o médium na situação de um agente lúcido, responsável pelas próprias tarefas. A melhor oratória que já nos foi dado praticar em tribunas de Centros Espíritas não passou de fenômeno mediúnico dessa natureza.

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: Nas regiões inferiores*

### **ACATAMENTO DA INDUÇÃO OBSESSORA DE ENCARNADO AO SUICÍDIO**

— Pois bem, não posso mais, não posso mais. Morramos juntos. Concorro contigo, seguir-te-ei na morte, não posso mais suportar minha situação de dor e vergonha. Morramos juntos e tudo se remediará. Morramos juntos!

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 13. Na hora do testemunho*

### **IMPULSO PROVENIENTE DO OBSESSOR – ÍMPETO SUICIDA**

[...] as ribanceiras do oceano estão à vista e Andrea não para. [...] Os rugidos das ondas desesperam o coração dos três varões que vão no seu encalço e tudo fazem por alcançar a enlouquecida jovem. Eles são aristocratas, homens de salão, jamais em suas vidas exercitaram corridas, não

sabem correr, ao passo que ela está eletrizada por um obsessor que poderia mesmo fazê-la levitar-se, se o quisesse [...] Nesse momento, porém, um grito hediondo de angústia e desespero fere o ar: Andrea precipita-se no vácuo e cai no abismo, desaparecendo nas águas, que são violentas.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 15. *A vitória do obsessor* §35

### ÍMPETO SUICIDA – SUICÍDIO CONSUMADO - AÇÃO OBSESSIVA

Caminhava lentamente, regressando do Presbitério, e tomara a direção das pedreiras que confinavam suas terras com a aldeia de Stainesbourg, começando a subir por elas. [...] Um panorama extenso e belo, mas desolador para as suas impressões, com o Castelo ao fundo e sua Quinta à esquerda, ofereceu-se à sua vista, aprofundando sua angústia. Ali ficara longo tempo, até que a Lua cheia se elevara no horizonte. Seu cérebro estava vazio de pensamentos bons, obsidiado pela resolução infame que tomara. Nem uma prece agitara sua alma na tentativa de se resguardar da desgraça, nem um brado de socorro Àquele que, se ele o buscasse, poderia socorrê-lo. [...] ali estava apenas servido por obsessores que o não perdoavam ainda o desatino passado. Contudo, a imagem de Berthe desenhou-se, de chofre, em seu pensamento e, atrás dela, a série de desventuras por ele julgadas irremediáveis desde o dia em que o jovem de Stainesbourg chegara à sua casa. Sua mãe passou em seu pensamento, causando-lhe forte amargura. Mas egoísta e avaro sempre de ternuras para outrem que não fosse Berthe, sufocou no coração a ternura filial para dar-se à morte sem constrangimentos. [...]

[...] de súbito, ele sacode aquela comoção e, num impulso louco, trágico, satânico, positivamente obsessor, atira-se pela pedreira abaixo numa queda inconcebível, rolando o seu pobre corpo — templo da sua alma — da montanha granítica que o quebrava, o despedaçava, aniquilando, no mais trágico suicídio de que ali houvera notícias, aquela preciosa vida que o Todo-Poderoso lhe concedera a fim de progredir, elevar-se moralmente, reabilitar-se [...]

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Cavaleiro de Numiers*  
3ª parte. Cap. 5 – *O erro supremo*

### OBSESSÃO – ARRASTAMENTO AO SUICÍDIO

[...] Havia, em seu caso, uma grande atenuante: ela fora arrastada ao suicídio por um obsessor, que a dominara. Por si só, ela não se atiraria ao

desespero, apesar do muito que sofrera. [...] a responsabilidade maior era do obsessor [...]

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 16. Uma página de além-túmulo §19

### SINTOMAS OBSESSIVOS PRÉVIOS AO SUICÍDIO – GRADUALIDADE DO PROCESSO OBSESSIVO – OBSESSÃO INICIANDO-SE NA INFÂNCIA – APROVEITAMENTO DAS FRAQUEZAS MORAIS - CASO LEONEL

[...] Mas, para que o leitor, leigo dos conhecimentos em torno das infiltrações obsessoras que podem envolver uma personalidade, possa ajuizar dos seus sintomas e a tempo procurar recursos na Ciência psíquica para debelar o terrível mal, com os corretivos fornecidos pela mesma Ciência, entendemos dever explicar algo que se passava com aquela personagem da nossa história:

As anormalidades morais e psíquicas surgiram na vida de Leonel desde a infância. Durante esse período, em que, geralmente, a criança é graciosa e gentil, passiva às disciplinas educativas, a dita personagem mostrava-se avessa aos próprios carinhos maternos, **preferindo rebelar-se contra toda e qualquer modalidade de correção** imposta pelos pais, e também pelos mestres, na Escola que frequentava, e repelindo conselhos e advertências que visavam a orientá-la para bons princípios. **Demorara a instruir-se nas escolas** onde tentava o curso primário, queixando-se de **constantes depressões**, e frequentemente tornando-se presa de violentas **dores de cabeça**, que o arrastavam a **crises de desesperos** impróprias de uma criança. Dificilmente concordava em ingerir as drogas prescritas pelo médico da família, o qual se abalava, às vezes altas horas da noite, solicitado por alguém da família, que o procurava cheio de aflição. Em presença deste, negava-se a deixar-se auscultar, embora sofresse. E, colérico e vermelho, como se uma apoplexia estivesse iminente, os olhos injetados de sangue, pela violência das dores de cabeça, que sofria, não só entrava a insultar o médico, expulsando-o de casa, como se metia debaixo das camas, dos sofás e das mesas, desfeito em choro histérico ou presa de gargalhadas suspeitas, e, tanta força empregava contra os citados móveis, debaixo dos quais se metia, que os levantava às costas e virava-os, não raro, de pernas para o ar, escandalizando os familiares e também o médico, que habitualmente aconselhava a seus pais doses de chineladas alternadas com a medicação por ele próprio prescrita, pois que em tudo aquilo, no seu modo de entender, existia também alta percentagem de má educação e rebeldia, que estavam a requisitar severa e imediata correção. De outras

vezes, verdadeiramente possesso pelas entidades trevas do Invisível, quebrava os consolos e aparadores de sua mãe e as porcelanas existentes nos armários onde se guardava a louça da casa, quebrava espelhos, vidraças, e tais eram os desatinos que sobrevinham dentro do lar, daí derivados, que, desesperado, seu pai saía para a rua, às vezes a horas adiantadas da noite, receoso de esbordeá-lo e matá-lo sob a cólera por que se sentia invadir, enquanto sua mãe caía com ataques nervosos de suma gravidade, após o que, ele próprio, caía em prostração surpreendente, abatido e sonolento, para avançar pela noite a dentro, presa de pesadelos terríveis, durante os quais se sentia envolvido em chamas, no centro de uma fogueira imensa, ou encarcerado em prisões infectas, torturado por azorragues e mil outras impressões que a custo se dissipavam.

[...]

[...] Aos dezessete, as antigas crises desapareceram, mas hábitos novos sucederam aos antigos, porventura ainda mais daninhos, perigosos: toda e qualquer soma financeira que lhe caísse sob os olhos era desviada para o jogo e o trato com mulheres desonestas. Vários empregos, em casas comerciais, foram tantos outros vexames que punham o coração de sua mãe, que por várias vezes ouviu, de empregadores do filho, queixas acerbadas da sua conduta e até insultos, ao ser ele despedido, em face do mau procedimento para com seus chefes.

[...]

Por esse tempo, o jogo absorvia-o e ele se endividava, causando sobressaltos a sua mãe, que temia vê-lo irremediavelmente desacreditado, às voltas com a Polícia. Mesmo assim, porém, apesar de encontrar-se sofriavelmente colocado e contando apenas vinte e dois anos de idade, casou-se [...]. Não foi, entretanto, mau esposo, se considerarmos que não maltratava fisicamente a mulher, sendo até amável no trato para com ela. Mas também não se poderia considerá-lo bom, visto que jamais se preocupou em proporcionar conforto à família, mantendo-a sempre em acentuada pobreza, porquanto seus desacertos fora do lar absorviam parte dos recursos obtidos do trabalho cotidiano. Sua existência, assim, após o casamento, continuou caracterizando-se pelos desacertos, que prosseguiram num crescendo angustiador.

A despeito da paciência da esposa, do seu desvelo pelo lar, ali não havia paz, nem esperança, nem confiança no destino, porque Leonel passava noites consecutivas à mesa do jogo ou locupletando-se em ceias orgiásticas

com amigos suspeitos.

[...]

Vagara, porém, o cargo de tesoureiro-caixa da fábrica [...] confiaram-lhe, interinamente, o cargo máximo da grande instituição comercial. Os primeiros meses deslizaram normalmente. Mas, de súbito, Leonel entra a sonhar com grandes quantias em seu poder, oriundas do jogo. Sente-se rico em pesadelos agradáveis, e rodeado de prazeres. Tais sonhos se distenderam em sugestões, durante a vigília, e um desejo ardente de ser rico, de viajar e conhecer a Europa, apossou-se dele, humilhando-o ante a modéstia em que via decorrer os próprios dias de existência. As sugestões dominaram seus pensamentos, e a antiga atração pelo jogo impele-o a voltar aos antros de vícios que durante algum tempo foram esquecidos. E noites se sucedem, com ele à mesa da roleta e das cartas, perdendo quantias vultosas. Na manhã seguinte, deixava de comparecer ao horário exato das suas funções, na fábrica, alterando o bom andamento dos serviços a seu cargo. Dores de cabeça violentas torturavam-no, alterando-lhe a saúde. Estado inquietante, de depressão ou excitação, sobrevém, dificultando-lhe as ações cotidianas. No decorrer de alguns meses, nada mais possuindo de seu, para jogar, porque perdia sempre, sem jamais recuperar o que ia perdendo, entrou a desviar, para o jogo, quantias confiadas à sua guarda, como “caixa” que era da importante firma.

[...]

Os dias, pois, assim se sucediam, sem alterações para Leonel e sua filha. Este tornou-se neurastênico, irritadiço. Não falava a amigos, não mais cumprimentava os próprios companheiros de trabalho. E a todos os instantes, com a mente assoberbada de preocupações, segredava-lhe a intuição das trevas, na sugestão de perseguidores implacáveis:

— Retira, retira outras importâncias... Hás-de recuperar tudo... A sorte hoje será tua... Recuperarás tudo e reporás na “caixa” o que foi “tomado de empréstimo”... Cada um tem o seu dia... Hoje é o teu grande dia, para obteres fortuna e recompensas felizes ao muito que tens sofrido...

No entanto, perdia, ainda e sempre, porque o perseguidor o acompanhava à mesa das cartas para não deixá-lo ganhar, o que o obrigava a excepcionais habilidades profissionais, para encobrir a própria falta aos diretores da firma, através da escrita que, como principal “guarda-livros”, fazia. E longas horas de meditações e mutabilidade expressiva sobrevinham, para inquietação de toda a família. Até que, finalmente, chegou o

dia em que tudo se esclareceu, tal como desejara o obsessor, não vendo Leonel outro alvitre para a desgraçada situação a não ser a prisão ou o suicídio. As importâncias de que lentamente se apossara montavam em cerca de duzentos contos de réis (valor da época), soma que, então, representava apreciável fortuna, impossível a um funcionário das suas condições obter para saldar uma dívida. O infeliz livre-pensador, então, desamparado de quaisquer forças de reação, porquanto nem mesmo uma fé religiosa jamais concordara em cultivar, preferiu o suicídio, assim se curvando, ato por ato, atitude por atitude, às sugestões do inimigo invisível que, realmente, só desejava desgraçá-lo. Silenciaremos, porém, sobre os detalhes dolorosos desse imenso drama, rico em testemunhos da atuação obsessora sobre um médium passivo que se ignorava, a fim de a este não identificar, faltando com a devida caridade ante suas imensas desgraças.

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 7*

## SINTOMAS OBSESSIVOS DE MEMBROS DE UMA FAMÍLIA DE SUICIDAS – OS FILHOS DE LEONEL

[...]

[...] Os filhos se sucediam; e, ao atingirem a segunda infância, dir-se-iam viver assustadiços, atemorizados sem saberem por que razão. Eram feios, nervosos, enfermiços, dentre todos destacando-se a filha primogênita, cujo nome, Alcina, dir-se-ia o próprio escárnio em face do seu aspecto visivelmente masculino, não obstante tratar-se de pessoa raquítica. Feia, trazendo feições anormais, inteiramente desgraciosa, exibia também um defeito físico, pois coxeava sensivelmente da perna esquerda. Nesse lar, altercações, choro, dificuldades financeiras, falta de crença em Deus e de qualquer religião, era o que ressaltava, de início, à observação de qualquer visitante ou amigo. À noite, sucediam-se, entre os filhos, pesadelos e crises idênticas aos que o próprio Leonel apresentara na infância, o que o levava a dizer, sem preocupações:

— Trata-se de atavismo... Eu fui assim, durante a infância.

[...]

[...] Por sua vez, a vida de Alcina, desde o berço, destacara-se do normal pela enfermidade. Não desfrutara, jamais, boa saúde. Irritava-se por todos os motivos. Sombria, odiosa, rodeada de complexos, reconhecendo-se desagradável a todos, retraía-se de tudo e de todos, conservando-se no inte-

rior da casa, sem jamais dignar-se a um passeio ou a uma visita, negando-se mesmo a cumprimentar os amigos da casa que porventura visitassem a família. Vivia apavorada, temendo as sombras, incapaz de penetrar sozinha qualquer compartimento da casa, asseverando que vultos tenebrosos lhe apareciam na escuridão, brandindo chicotes e oferecendo-lhe copázios de veneno a tomar. Ataques sobrevinham frequentemente, durante os quais se sentia devorada pelo fogo e chicoteada por verdugos, que gargalhavam ante seus padecimentos. Após tais crises, adoecia. E os médicos chamados a assisti-la diagnosticavam as mais disparatadas enfermidades, tais como histeria, anemia profunda, alucinação por debilidade do sistema nervoso e até verminose e infecção hepática e renal, quando em verdade o mal era psíquico e repousava numa tremenda obsessão, incurável pelos processos psíquicos, mas que poderia ser grandemente atenuada pelos mesmos processos e que, acima de tudo, lhe evitariam o suicídio.

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 7*

[...] No momento, pois, vingo-me dos meus algozes de outrora, ou de ontem, nem sei ao certo... desses, que aí estão... São esses miseráveis e depravados, que vês por aí... a chorarem hipocritamente, clamando por Deus, a quem nunca honraram e em quem não creem... como se fossem dignos de pronunciar tal nome... O que quero é despedaçá-los... Vês aquele, acolá?... O moreno, de olhos grandes e melancólicos, como os de todo hipócrita quando planeja o mal?... Ainda é o mesmo de outros tempos... Foi quem lembrou de nos dilacerar as carnes, abrindo-nos estas feridas... Conheci-o sob o nome de Fausto de Mirandela... Parece que agora usa outro nome, para melhor se poder ocultar, como faz todo covarde da sua espécie... Pretendo trucidá-lo qualquer dia desses... Quero vê-lo despedaçado, sentindo por todo o corpo as ardências torturantes que eu e meus filhos sentimos, quando nos arrancaram pedaços de nós mesmos com as tenazes em brasa, usadas pelos carrascos da Casa da Inquisição... Há dias atirámo-lo diante de um monstro de ferro e fogo, cujo roncar nos apavora, monstro que deita fogo, fumo e estrídulos dolorosos, alarmantes... Se o apanhasse, esse monstro o despedaçaria em suas garras, pois que as possuí inúmeras, grandes, terríveis, destruidoras... Porém, salvaram-no. Sei que já não sou, propriamente, um homem, mas apenas um simulacro de homem, a despeito de me sentir tão vivo e tão humano como dantes, assim como os meus filhos... e sei que eles, os meus algozes, o são, disfarçados, embora, em outras armaduras... Eles sempre se disfarçaram assim... Noutros tempos vestiam-se de amplas túnicas negras, com capuz e máscara, para não

serem reconhecidos pelas vítimas... e também temendo represálias... Não importa, são os mesmos de ainda ontem, e, por isso, vingo-me, pois este litígio desencadeou-se desde nossa arbitrária prisão, em Lisboa... A lei me dá direito do ricochete... [...]

[...] Acho-me em vésperas de colher mais dois em minhas redes, para atirá-los ao báratro dos réprobos... Tu conheces o báratro dos réprobos?... Mergulho-me nele por algumas vezes, a buscar inspiração para o meu ódio e as minhas vinganças... É horrível! Hei visto por aí todos os baixos níveis da sordidez humana, dos sofrimentos e depressões, mas nada se me afigurou mais sórdido do que a abjeção do suicida! [...] Torná-los, a todos, suicidas! Eis o meu anelo supremo! Oh, que alegria para o meu coração, que se rebelou para sempre! Já atirei dois deles:

[...]

[...] a um dei a arma com que despedaçou a cabeça: — Frei Hildebrando! Ah! Ah! confesso-te, amigo andaluz, que ajudei a acionar a molazinha mágica... Mas ao outro, ao traidor João-José, a quem aqui chamam “Alcina” — ah! ah! ah! “Alcina”!... a esse ofereci um tóxico violento: — veneno! Veneno! Morte que se dá aos traidores...

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 8*

## MEDIUNIDADE, OBSESSÃO E SUICÍDIO

Acerca desse sexto sentido que toda a Humanidade possui, a despeito de a maioria dos homens ignorar que o possui, uma vez que se desconhecem estes a si próprios, relatarei um fato que ficará como exemplo, ou padrão, para quantos análogos o leitor encontrar nos noticiários macabros [...]

[...]

A nós, no entanto, os trabalhadores do plano espiritual, cumpre o dever de esclarecer o leigo, como o espírita, de que a dita propriedade deverá ser cultivada sob princípios honestos e rigorosos, a fim de que não venha a se tornar motivo de desordem na boa harmonia íntima ou social do seu portador.

[...]

[...] o sexto sentido de que tratamos, isto é, a intuição, ou a mediunidade em geral: — É um dom, eis tudo! concedido pela Criação para a edificação,

o progresso e a felicidade do seu portador, passível de progredir em possibilidades através do exercício, do tempo e das reencarnações, algo mais delicado, profundo e superior que os demais sentidos e que necessitará ser devidamente amado, respeitado e cultivado dentro dos postulados da Moral, da Justiça, do Amor e da Fé, a fim de que não se anule, como se anularia a visão de uma criatura que desde o nascimento vivesse às escuras, e se não resvale ao choque das impurezas humanas.

[...]

Assim sendo, o caso que vos contarei em Seguida é perfeitamente verdadeiro e não uma ficção. Corrobora ele a assertiva de que a mediunidade é dom natural que convirá ao seu portador não ignorar que a possui, mas sim estudá-la, aceitá-la, cultivá-la, educá-la em princípios sérios a fim de se eximir a perigos fatais.

A personagem, aqui figurada com o nome de Leonel, possuía dons mediúnicos. Porém, tratando-se de um livre-pensador, cujo orgulho repudiava qualquer tendência para as questões metafísicas, e que ao Espiritismo preferia ridiculizar num combate chistoso e desprezível, ignorava-se a si mesmo, desconhecendo, voluntariamente, que em sua própria natureza humana carregava a possibilidade de se deixar influenciar e dirigir pelos habitantes do mundo invisível, cuja existência absolutamente não admitia.

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 1*

## MEDIUNIDADE, OBSESSÃO E SUICÍDIO

Existem obsessões produzidas pela hipnose, durante o sono natural. O médium, ignorante das próprias faculdades, e que, no caso, em geral não será espírita, deixa-se dominar por um inimigo invisível, durante o sono. Afina-se com o caráter deste e recebe suas ordens ou sugestões, tal como o sonâmbulo às ordens do seu magnetizador. Ao despertar, reproduz, mais tarde, em ações da sua vida prática, as ordenações então recebidas, as quais poderão levá-lo até mesmo ao crime e ao suicídio. Será prudente que a oração e a vigilância sejam observadas com assiduidade, particularmente antes do sono corpóreo, a fim de proteger o médium contra esse terrível perigo, pois que isso favorecerá uma como harmonização de sua mente com as forças do Bem, o que evitará o desastre.

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível. Capítulo: Sutilezas da mediunidade*

## MEDIUNIDADE – MAL USO - SUICÍDIO

[...] O médium, que se permite enovelar em problemas dessa natureza, torna-se vítima de obsessões que culminam, quase sempre, na loucura, no suicídio ou no assassinato... Os seus sicários utilizam-se das suas impulsividades e o arrojaram aos despenhadeiros da amargura de difícil retorno.”

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco.*  
TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Capítulo: Serviços de desobsessão

## MEDIUNIDADE, LETARGIA, OBSESSÃO E RELAÇÕES COM SUICÍDIO

“A catalepsia, tal como a letargia, não é uma enfermidade física, mas uma faculdade que, como qualquer outra faculdade medianímica insipiente ou incompreendida, ou ainda descurada e mal orientada, se torna prejudicial ao seu possuidor. Como as demais faculdades, suas companheiras, a catalepsia e a letargia também poderão ser exploradas pela mistificação e pela obsessão de inimigos e perseguidores invisíveis, degenerando então em um estado mórbido do chamado perispírito, tendência viciosa das vibrações perispirituais para o aniquilamento, as quais se recolhem e fecham em si mesmas como a planta sensitiva ao ser tocada, negando-se às expansões necessárias ao bom funcionamento do consórcio físico-psíquico, o que arrasta uma como neutralidade do fluido vital, dando em resultado o estado de anestesia geral ou parcial, a perda da sensibilidade, quando todos os sintomas da morte e até mesmo o início da decomposição física se apresentam, e somente a consciência estará vigilante, visto que esta, fagulha da Mente divina animando a criatura, jamais se deterá num aniquilamento, mesmo temporário.

[...]

“Tanto a catalepsia como a letargia, pois elas são faculdades gêmeas, se espontâneas (elas poderão ser também provocadas e dirigidas, uma vez que a personalidade humana é rica de poderes espirituais, sendo, como foi, criada à imagem e semelhança de Deus), se espontâneas, serão, portanto, um como vício que impõe o acontecimento, como os casos de animismo nas demais faculdades mediúnicas, vício que, mais melindroso que os outros lembrados, se a tempo não for corrigido, poderá acarretar consequências imprevisíveis, tais como a morte total da organização física, a loucura, dado que as células cerebrais, se atingidas frequentemente e por demasiado tempo, poderão levar à obsessão, ao suicídio, ao homicídio e a graves enfermidades nervosas: esgotamento, depressão, alucinações etc. Uma vez contornadas por tratamento psíquico adequado, transformar-

-se-ão em faculdades anímicas importantes, capazes de altas realizações supranormais, consoante a prática o tem demonstrado, fornecendo aos estudiosos e observadores dos fatos mediúnicos vasto campo de elucidação científica-transcendental.

[...]

“Um Espírito encarnado, por exemplo, já evolvido, ou apenas de boa vontade, senhor das próprias vibrações, poderá cair em transe letárgico, ou cataléptico, voluntariamente, alçar-se ao Espaço para desfrutar o consolador convívio dos amigos espirituais mais intensamente, dedicar-se a estudos profundos, colaborar com o bem e depois retornar à carne, reanimado e apto a excelentes realizações. Não obstante, homens comuns ou inferiores poderão cair nos mesmos transes, conviver com entidades espirituais inferiores como eles e retornar obsidiados, predispostos aos maus atos e até inclinados ao homicídio e ao suicídio. Um distúrbio vibratório poderá ter várias causas, e uma delas será o próprio suicídio em passada existência. Um distúrbio vibratório agudo poderá ocasionar um estado patológico, um transe cataléptico, tal o médium comum que, quando esgotado ou desatento da própria higiene mental ou moral (queda de vibrações e, portanto, distúrbio vibratório), dará possibilidades às mistificações do animismo e à obsessão. Nesse caso, no entanto, o transe cataléptico trará feição de enfermidade grave, embora não o seja propriamente, e será interpretado como ataques incuráveis, indefiníveis etc. O alcoólatra poderá renascer predisposto à catalepsia porque o álcool lhe viciou as vibrações, anestesiando-as, o mesmo acontecendo aos viciados em entorpecentes, todos considerados suicidas pelos códigos da Criação. Em ambos os casos a terapêutica psíquica bem aplicada, mormente a renovação mental, influindo poderosamente no sistema de vibrações nervosas, será de excelentes resultados para a corrigenda do distúrbio, enquanto que a atuação espírita propriamente dita abrirá novos horizontes para o porvir daquele distúrbio, que evolverá para o seu justo plano de faculdade anímica.

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Faculdades em estudo*

### **MEDIUNIDADE, INTERESSE PESSOAL, COMPANHIAS ESPIRITUAIS, OBSESSÃO E SUICÍDIO**

— Há 27 anos, quando a vós foi exigido o testemunho do Desinteresse, que integra a série de provas programadas pela Iniciação constante dos métodos da Escola de regras orientais a que vosso espírito é subordinado, esse irmão, que cognominas de Beletrista, sofredor, mas amável, bem-

-intencionado, espiritualmente incompetente, e ansioso por algo sublime que o renovasse, norteador-lhe os passos na jornada espiritual, foi o indicado para a tentação que seria mister sofrêsseis, como Espírito delinquente perante o Evangelho, necessitado de testemunhos renovadores ante as leis eternas.[...]

[...] Se quando outrora, ele a vós se dirigiu pela primeira vez, tentando convencer-vos a anuir aos seus intentos, oferecendo-vos “fortuna” e “glória”, vós o tivésseis atendido, resultaria de tal conluio uma obsessão para vós mesmos, a qual possivelmente redundaria em suicídio, pois que teríeis exposto as vossas faculdades, positivas como são, às forças inferiores do Invisível, visando a interesses mundanos, pois, então, seríeis abandonados ao vosso livre-arbítrio [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Devassando o invisível*, Capítulo: O amigo beletrista

### **CARNAVAL – PSICOSFERA – AUMENTO DOS SUICÍDIOS – AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS**

Não obstante, como sempre ocorre em situações dessa natureza, equipes operosas de trabalhadores espirituais em serviços de emergência rezejavam-se, infatigáveis, procurando diminuir o índice de desvarios, de suicídios a breve e a longo prazo pelas conexões que então se estabeleciam, para defender os incautos menos maliciosos, enfim, socorrer a grande mole em desequilíbrio ou pronta para sofrer-lhe o impacto.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 1 – Resposta à oração*

### **ABORTO – OBSESSÃO POR VINGANÇA – INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO**

O desenfreado desejo de vingança, do então adversário, obrigava-o a permanecer ao lado de quem lhe deveria ser devotada mãe, enclausurando-a nas teias dos propósitos inconfessáveis de que ora se encontrava dominado, para levá-la ao suicídio por qualquer processo que lhe estivesse ao alcance.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 4 – Programática reencarnatória*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS CONTRA A OBSESSÃO – AFASTAMENTO COMPULSÓRIO TEMPORÁRIO DO OBSESSOR - OPORTUNIDADE DE MODIFICAÇÃO CONCEDIDA AO OBSIDIADO**

[...] Algumas vezes, para que haja ensejo de o obsidiado procurar renovar-se moral e mentalmente, em busca da cura, o obsessor pode ser constringido a afastar-se. É a misericórdia do Alto em ação salvadora, abrangendo os litigantes.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 8 – O obsessor § 1*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS CONTRA A OBSESSÃO – AFASTAMENTO COMPULSÓRIO TEMPORÁRIO DO OBSESSOR - AUSÊNCIA DE MODIFICAÇÃO DO OBSIDIADO E DO OBSESSOR – RETORNO DA ATIVIDADE DO OBSESSOR, ALGUMAS VEZES, REDOBRADA**

[...] Se, porém, o obsidiado conservar-se relapso e não se aproveitar do ensejo bendito para se melhorar, e se o obsessor, nesse espaço de tempo, por sua vez, não tomar resoluções regeneradoras que o convençam de que é preciso perdoar e esquecer o passado, porque a vingança perpetua o crime sem consolar o vingador e remediar o passado, a aproximação dos dois adversários far-se-á novamente e, frequentemente, tornar-se-á mais violenta do que o era antes. Daí poder-se-á concluir que são dois criminosos em litígio, duas almas infelizes que se punem e castigam, pois o obsessor é tanto ou mais desgraçado do que o obsidiado, e que ambos sofrem porque querem sofrer. A bondade do Alto, sempre atenta, socorre geralmente essas duas ovelhas transviadas. Mas raramente é entendida. Comumente, então, o litígio continua no mundo espiritual, espraia-se em dores e situações inconcebíveis aos seres humanos cujos sentimentos equilibrados jamais passaram por esse estágio de trevas. Do mundo espiritual retornam os litigantes, então, à reencarnação: são irmãos consanguíneos, são pai e filhos ou mãe e filhos que se detestam, cujo lar é o inferno em que estagiam, mas cujas vidas, atadas no ergástulo da convivência diária e do dever, tendem a modificar-se, marchando para a reconciliação necessária, porque a lei que rege os Espíritos, filhos de Deus, é amor e progresso, que impelem à perfeição.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 8 – O obsessor § 1*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS CONTRA A OBSESSÃO – AFASTAMENTO COMPULSÓRIO TEMPORÁRIO DO OBSESSOR – AUSÊNCIA DE APROVEITAMENTO PELO ENCARNADO**

Vimos que Andrea repudiara o ensejo que o Alto lhe concedera na pessoa do irmão, Victor de Guzman, o qual desejara reeducá-la para Deus e as virtudes. Em vez de atendê-lo, envolveu-se nas paixões inferiores, dando-se aos desfrutes de um aventureiro que pretendia amá-la, excitada pela solidão.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 8 – O obsessor § 4*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS CONTRA A OBSESSÃO - AFASTAMENTO COMPULSÓRIO TEMPORÁRIO DO OBSESSOR - COMPORTAMENTO DO OBSESSOR DURANTE O PERÍODO DE AFASTAMENTO**

Quanto ao obsessor, vejamos o que lhe sucedera durante o intervalo do ensejo que igualmente obtivera, a fim de procurar reeducar-se para Deus e a prática da sua lei de amor, perdão e progresso.

[...]

Arnold Numiers, pois, o Espírito perseguidor de Andrea, no momento em que Victor evocara as forças superiores do mundo astral a fim de ajudá-lo a libertar a irmã, vira-se constrangido a concordar em afastar-se, cedendo a uma proposta sumamente grave que lhe fizera Victor: permitir tréguas à sua inimiga, de modo a que esta se recuperasse, renovando-se moralmente com a aquisição de virtudes capazes de apagar o mau passado que vivera em encarnação anterior. Soltara um grito de raiva e pavor ao se ver devassado por um jato vivo de luz, grito que fora traduzido por Andrea, quando Victor com ele se entendera por intermédio da mesma. Durante muito tempo, ele vagou pela atmosfera das imediações do Palácio de Saint-Omer, desolado e impotente, como que tolhido em sua liberdade, sem poder atingir o ambiente de onde saía, mas sem perder de vista a paisagem em que se movimentavam a jovem de Guzman e seu primo Arthur. A este contemplava de longe, como refletido por entre neblinas, com ternura e saudade, mas a Andrea vigiava incessantemente, alimentando o ódio em que se envolvia, com o intransigente desejo de que todos os males e desgraças do mundo se abatessem sobre ela.

Por meio das vibrações daquela claridade que sobre ele incidia, qual advertência protetora da misericórdia do Alto, ouvia, como eco provindo

de longe, trazido por vibrações benfazejas, conselhos de paz, convites ao perdão e ao esquecimento, sugestões para um retiro nas estâncias reeducativas do Além, murmúrios de preces, mil atrações para uma renovação mental e vibratória, por intermédio de trabalho edificante do bem. Mas resistia, atendo-se ao que supunha o dever de vigiar Arthur contra as investidas de Andrea, pois não confiava nela, lembrava-se das desgraças que esta àquele infligira no passado e não perdia um só dos seus atos na vida prática e íntima. Quando do desastre que reduzira Arthur à invalidez, seu desespero, como Espírito, não teve limites. O isolamento em que se reconhecia, como que ilhado pela luz devassadora, a dor de ver “seu filho” tão querido de outras vidas preso a uma cadeira de rodas tornou-o inconsolável, curtindo, então, desesperos inauditos. Sabia que tal acontecimento era consequência do terrível suicídio por esse filho praticado ainda ontem, em outra vida, e que esse suicídio tivera por causa Andrea, ou seja, a infame Berthe de outro tempo, e seu ódio avolumou-se quiçá com maior furor. Outra vez revia as cenas pavorosas daquele dia do passado, na aldeia de Stainesbourg: o suplício de seu filho Henri (o Arthur de agora) rolando, ensanguentado, a pedreira imensa que dominava o burgo onde viviam, seu corpo dilacerado encontrado por ele próprio, seu pai, no fundo do vale, e o sepultamento tardio e solitário à beira do riacho, em terra profana, porquanto não era permitido, pelas leis religiosas, o sepultamento do suicida em terra consagrada pela Igreja. E atordoado, alucinado por essa visão implacável, extraída por sua rebeldia do fundo das próprias recordações, transtornava-o a outra, não menos atroz para o seu coração inconsolável: Arthur detido na cadeira de rodas, como as punido pelo próprio suicídio, levando-o a crises de desespero impressionantes, durante as quais repetia:

— Ela há de pagar! Levá-la-ei ao suicídio, como ela levou ao suicídio o meu pobre filho.

[...]

[...] o obsessor de Andrea, certo dia, viu Arthur chorar copiosamente, a sós em seu quarto, quando todo o castelo já mergulhara no silêncio noturno.

[...]

Arnold Numiers compreendeu que a causa dos novos sofrimentos de Arthur provinha ainda de Andrea. Andrea. Procurou-a, então, cioso de perscrutar sua conduta desde quando dela se afastara atendendo às súplicas de Victor, que desejara reeducá-la. Fiel à própria palavra, mantivera-se

afastado durante todo esse tempo, não obstante continuar atento e conservando seu antigo ódio. [...]

[...]

[...] foi encontrar Andrea nos braços de um homem, na semiobscuridade de uma latada de rosas, que a luz da Lua mal iluminava. Então compreendeu o que se passava. Era mais uma traição, das muitas que ela tão bem sabia praticar contra aqueles que a amavam. Era por isso que Arthur sofria e chorava. Andrea era infiel ao noivo, aos pais, ao irmão, e a ele, que também a amava e quisera vê-la pura e dignificada por si mesma.

Era uma hipócrita, que traía a um e a outro, não merecendo, portanto, a consideração de que se via rodeada, o nome tradicional e honrado que trazia, nem a confiança do noivo, que nela depositava fé e esperanças. Compreendeu que Arthur continuava amando-a com toda a sua alma. Que se resignara a perdê-la em favor do irmão, escolhido pela família para desposá-la, mas que a quisera pura e respeitável como todos a julgavam ser. Sua aversão, seu rancor, seu desprezo pela infeliz menina não teve, então, limites. Vendo-a ali, nos braços de um estranho, embriagando-se com seus beijos, alucinando-se sob o calor dos seus abraços, os pensamentos do obsessivo retrocederam no tempo, sem ele próprio o desejar, e viu-se no século XVI, sofrendo o drama da traição de Ruth Carolina a Luís de Narbonne. Pensou no que esse seu filho adotivo de então sofrera, engodado pelo fermentado amor dessa mesma personagem que ali estava, sob a latada de rosas, disfarçada em novas roupagens carnavais. Relembrou, depois, o drama de Henri Numiers, Numiers, torpemente enganado e novamente traído por essa mesma mulher, em existência decorrida no século XVII, e pensou em Arthur, reencarnação do primeiro e do segundo, sozinho e sofrendo, numa cadeira de rodas, a chorar no isolamento da noite a consequência de um suicídio cuja causa fora ela própria. E dizia consigo mesmo, ali, enquanto a contemplava:

— Eu me penalizei desta criatura e creio até que cheguei a amá-la, quando ela se chamava Ruth Carolina e tivera a família massacrada pelo terrível decreto de Catarina. Sua vingança contra o meu Luís foi cruel e desumana. Fui, contudo, seu amigo e até cheguei a compreender e relevar o seu crime contra ele, por amor dele próprio. Amei-a um século mais tarde, quando ela se chamou Berthe de Stainesbourg e foi a esposa do meu pobre Henri, a quem levou ao suicídio com novas traições. Perdoá-la-ia sim, agora — quem sabe? —, se a visse arrependida, ajudando o pobre Arthur a carregar a cruz que ela própria para ele criou. Fiz um pacto com seu irmão, a quem

admiro e respeito porque soube perdoar a Luís o horrível massacre,<sup>35</sup> e comprometi-me a deixá-la à vontade, a fim de se reformar moralmente e iniciar caminhos novos, para o bem de todos. Mas, em vez disso, que vejo? Traição, sempre traição! Sempre a mesma, desde os tempos de Catarina! Traidora e indigna! Eu sabia que ela não se submeteria aos desejos do irmão. Necessita sofrer, sofrer muito! O que ela sofreu depois dos dramas que a atingiram não foi sofrimento, foi revolta e rebeldia. Agora, tenho-te, miserável, e não te deixarei tão cedo!

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.  
Cap. 8 – O obsessor § 4, 6 a 8, 10,13 15 a 17*

## **MEIOS DE SE LIBERTAR DA AÇÃO OBSEDENTE CAPAZ DE INDUZIR, ENTRE OUTRAS COISAS, AO SUICÍDIO**

### **AFASTAMENTO TEMPORÁRIO DO OBSESSOR E RETORNO, CASO O PERSEGUIDO NÃO SE EMENDE**

Comumente, se alguém é assediado ou mesmo obsidiado por um inimigo do mundo invisível, é possível libertar-se dele, seja por intervenção de outrem bastante digno de aconselhar e convencer o malfeitor a emendar-se da feia ação que pratica, seja pela intervenção dos Espíritos protetores do obsidiado, que ouviram os seus rogos e vieram em seu socorro, seja ainda pelo amparo dos próprios guias espirituais do algoz, que desejam a sua emenda e praticam a caridade aconselhando-o, ou simplesmente porque a lei do progresso muitas vezes impede que o obsessor permaneça no atraso do seu ódio. Todavia, a maioria desses obsessores, se bem que se retirem da faixa vibratória do seu desafeto, nem por isso o abandonam definitivamente. Permanecem em observação, vigiando suas ações diárias, seus sentimentos na vida cotidiana. Se o obsidiado emenda-se dos próprios feitos, progredindo em moral, depurando os pensamentos, aperfeiçoando o coração para a prática do bem, o obsessor, sem forças de ação, porquanto o outro se afinou com a luz, acaba por deixá-lo completamente, indo ao ponto de respeitá-lo e envergonhar-se do que fez contra ele. Se, porém, não houve reforma alguma e o obsidiado permanece no indiferentismo, ou volta a mostrar as mesmas imperfeições que o afinaram com o seu perseguidor, este tornará a segui-lo e, então, o faz com redobrada violência, quando não se acompanha de comparsas que o ajudam a exercer a maléfica influência. Segue-se daí que a observação e a prática demonstram que, em grande número de casos, o obsidiado é o principal curador de si mesmo, e que, se ele próprio não exercer a vontade soberana de corrigir

as próprias tendências más, a cura tornar-se-á difícil e mesmo impossível. Além do mais, comumente, ainda, a obsessão arrasta um complexo tormentoso, difícil de ser superado: é que ela é, frequentemente, a expiação de erros e crimes praticados em existências remotas, quando vítimas ou desafetos de outras épocas vingam ofensas graves então recebidas. E como o obsidiado envolveu-se nessa faixa criminosa, sem procurar dela afastar-se, renovando-se para o amor de Deus e o progresso de si mesmo, torna-se juguete do malefício próprio e alheio e tudo então pode acontecer, até mesmo o suicídio, suprema desgraça de um obsidiado, suprema desgraça para um obsessor, cuja responsabilidade é grave perante as Leis de Deus.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.  
Cap. 6 – Marcus de Villiers § 19*

### **MEIOS DE MANTER LIVRE DE INFLUÊNCIAS OBSESSORAS – ANTÍDOTO DA OBSESSÃO – PRÁTICA DOS MANDAMENTOS**

[...] O maior antídoto contra a obsessão, porém, é a prática dos mandamentos da Lei de Deus. Aquele que a esses mandamentos observa, com as virtudes daí adquiridas, estará imunizado contra as investidas obsessoras dos infelizes a quem o ódio inveterado, o despeito, a inveja ou a vingança jungiram às trevas.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.  
Cap. 8 – O obsessor § 1*

### **MEIO DE LIBERTAÇÃO DA AÇÃO OBSIDENTE – REFORMA MORAL**

[...] Sua cura, como vemos, será difícil, pois que exigirá reformas morais acentuadas, e a reforma do caráter de uma criatura é obra de séculos, não de dias ou de meses, como muitos de nós vimos presumindo.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.  
Cap. 8 – O obsessor § 1*

## MEIO DE SE EVITAR A OBSESSÃO

Convém que essas coisas sejam ditas aos homens para que, algum dia, venham eles a aprender que será mais fácil e meritório amar que odiar, perdoar que vingar, esquecer ofensas que sofrer indefinidamente, recordando-as, evitar a obsessão, portanto, do que praticá-la ou sofrê-la, pois, repetimos, uma vez sendo-lhe dado livre curso, ela exigirá séculos para se extinguir.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha.  
Cap. 8 – O obsessor § 2*

## OPORTUNIDADE NÃO APROVEITADA – SUBMISSÃO AO AMOR DE DEUS – ENCAMINHAMENTO PARA UMA VIDA DIGNA E FELIZ

Sente-se impelida a um fim que sabe tenebroso, porém não mais consegue retroceder. Agora é tarde para fugir a esse fim. Ela poderia ter evitado esse trágico destino se fosse mais submissa ao amor de Deus e aos conselhos e exemplos de seu irmão, que a desejou encaminhar para uma vida digna e feliz. Para cumprir-se a lei de Deus, não havia necessidade de que ela se matasse para expiar o crime cometido contra Henri, porque o trabalho, o arrependimento e o amor, a par da prática do bem, igualmente redimem o pecador. Mas, ela a nada quis ouvir e entregou-se ao inimigo invisível sem nenhum desejo de reação. E agora era tarde para reagir. [...]

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.  
Cap. 15. A vitória do obsessor § 34*

## OBSESSÃO E SUICÍDIO – RESPONSABILIDADE DO OBSIDIADO POR FACILITAR O DOMÍNIO – DESPREZO DAS OPORTUNIDADES DE ATENUAR AS INFLUÊNCIAS

O suicídio na Bretanha, resultado de várias existências de aventuras e paixões, tivera grandes atenuantes em vista da terrível obsessão que sofreu desde a infância. Mas isso não a isentava de culpa, porque ela se entregara voluntariamente ao obsessor, facilitando-lhe o domínio com o mau procedimento diário, desprezando ensejos para livrar-se dele ou, pelo menos, atenuar suas influências.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.  
Cap. 18. Epílogo § 1*

## OBSESSÃO E SUICÍDIO – AMPLA ANÁLISE

Sem que desejemos encontrar responsáveis diretos pelas desditas que desabam sobre a criatura humana, justo é considerarmos a alta carga de compromissos infelizes com que arca o Materialismo, na atual conjuntura moral e social do planeta.

Negando os valores éticos, relevantes da vida, incita ao imediatismo do prazer a qualquer preço e, conformando o utilitarismo como solução para os problemas gerais, tira do Espírito os estímulos da coragem nobre, facultando o desbordar das paixões violentas, que irrompem alucinadas, em caudais de revolta e desajuste.

Da vida somente preconizando a utilização da matéria, estabelece a guerra pela conquista do gozo, de que o egoísmo se faz elemento essencial.

Quando faltam os recursos para os cometimentos que persegue, arroja o homem ao crime, em razão de assentar os seus valores no jogo das coisas a serem conquistadas, aumentando as frestas das competições insanas, nas quais a astúcia e a deslealdade assumem preponderância em forma de comportamento do ser.

Obviamente, existem pessoas que militam nas hostes do Materialismo e mantêm uma filosofia existencial digna, tanto quanto uma estrutura ética respeitável.

Referimo-nos à Doutrina, em si mesma que, anulando as esperanças da sobrevivência, abrevia as metas da vida, retirando as resistências morais diante do sofrimento e das incertezas, dos acontecimentos desastrosos e das insatisfações de vária gênese.

Desarmado de recursos otimistas e sem esperança, o homem não vê alternativa, senão a do mergulho da consciência nas águas torvas do suicídio nefasto, quando chamado a testemunhos morais para os quais está despreparado.

Não apenas isto ocorre, quando o homem estabelece, para o seu comportamento, uma estrutura materialista trabalhada pelo estudo numa reação psicológica contra os postulados religiosos que não abordam ou não enfrentam os problemas graves da vida com os argumentos da razão e da lógica, ainda apelando para a fé destituída de discernimento e de conteúdo científico.

Incluímos, também, os que, desestruturados por fatores sociais, cul-

turais, econômicos e emocionais, embora catalogados como membros de qualquer Igreja, se deixam conduzir por atitudes negadoras, em franco processo de entrega materialista. Frágeis, emocionalmente, em presença de qualquer desafio tombam e diante de qualquer infortúnio desfalecem. Não se dão ao trabalho de reflexionar sobre as finalidades da existência física, vivendo, não raro, em expressões de primarismo automatista das necessidades primeiras, sem mais altos voos do pensamento ou da emoção...

Outra larga faixa dos homens se encontra em vinculação com o processo revolucionário do momento, em que filosofias apressadas e doutrinas ligeiras empolgam os novos aturdidos fiéis, para logo os abandonar sem as bases sólidas de sustentação emocional, com que enfrentariam as inevitáveis vicissitudes que fazem parte do mecanismo da evolução de todos os aprendizes da escola terrena.

Sem os exercícios da reflexão mais profunda, nem os hábitos salutarés da edificação do bem em si mesmos, sem a constante da prece como intercâmbio de forças parafísicas, derrapam nas atitudes-surpresa, avançando para o alçapão mentiroso do suicídio. E o fazem de um salto, quando excitados ou em profunda depressão, ou logram alcançá-lo mediante o largo roteiro da alienação em quadros neuróticos, psicóticos, esquizofrênicos...

A princípio, o processo, porque instalado nas matrizes da personalidade em decorrência de vidas passadas que foram malogradas, apresenta predisposições que se concretizam em patologias dominadoras, abrindo brechas para as invasões psíquicas obsidentes que se vulgarizam e alastram, dando lugar a uma sociedade ansiosa, angustiada, assinalada por distonias graves...

Não desconsiderando os fenômenos de compulsão suicida, de psicoses profundas que afetam as estruturas da personalidade, pululam os inter-cursos obsessivos em verdadeiras epidemias que ora grassam, alarman-tes...

A princípio, manifestam-se como uma ideia que se insinua; doutras vezes, são um relâmpago fulgurante na noite escura dos sofrimentos, como solução libertadora.

Posteriormente, fazem-se fixação do pensamento infeliz que se adentra, dominando os painéis da mente e comandando o comportamento, assomando em configuração de ser, o autocídio, a melhor atitude, mais correta solução ante problemas e desafios.

Com o tempo, desaparece a polivalência das conjecturas, surgindo o monoideísmo, em torno do qual giram as demais aspirações que cedem lugar ao dominador psíquico, agora senhor da área do raciocínio que se apaga, para dar campo ao gesto tresvariado, enganoso, sem retorno...

A obsessão é clamorosa enfermidade social que domina o moderno pensamento, que desborda do império de fatores dissolventes, elaborados pela mecânica do materialismo disfarçado de idealismos voluptuosos que incendeiam mentes e anestesiam sentimentos.

A reflexão e o exame da sobrevivência do Espírito, o posicionamento numa ética cristã, o estudo da ciência e filosofia espíritas, constituem seguras diretrizes para conduzir a mente com equilíbrio, preservando as emoções com as quais o homem se equipa em segurança para o prosseguimento na escalada da evolução.

Conflitos, que todos trazemos de ontem como das experiências de hoje, fazem parte da área de crescimento pessoal de cada Espírito, devendo ser liberados através da ação positiva, diluídos no bem, sublimados pelas atividades do idealismo superior antes que constituam impedimentos ao avanço, freio no processo de crescimento, amarra constritora ou campo para a fixação de ideias obsessivas, de que personalidades perversas do mundo espiritual se utilizam para o comércio ultor da loucura e do suicídio lamentável...

Cada suicida em potencial necessita, é certo, de apoio fraternal, terapia espiritual, compreensão moral de quantos o cercam e assistência médica especializada. No entanto, considerando a gravidade do problema que avulta, ao paciente compete a parte mais importante e decisiva, que é, de início, a mudança de atitude mental perante a vida e, logo, o esforço por melhorar-se moralmente, metodologia esta, com que se elevará acima das vibrações deletérias, liberando-se da ação dos Espíritos enfermos, perturbados e perturbadores que enxameiam na psicofera da Terra de provas e expiações, no seu processo de regeneração.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco.  
Painéis da Obsessão. Capítulo: Painéis da obsessão*

## INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – OBSESSOR HÁBIL - IDEIA OBSESSIVA DE IRREMEDIABILIDADE – AÇÃO SOBRE O CENTRO CEREBRAL E CENTROS MOTORES

O irmão Anacleto, sempre vigilante, solicitou-nos que nos concentrássemos no chakra cerebral do paciente e, ao fazê-lo, pude captar a indução pertinaz e contínua:

– A solução para tal crime é o suicídio, porta aberta para a liberdade – pensava o sofredor telementalizado pelo ignorado inimigo oculto. Como enfrentar a vergonha, a humilhação, o opróbrio geral? E se a massa humana, sempre sedenta de sangue, em tomando conhecimento da hediondez resolvesse fazer justiça com as próprias mãos? Nunca faltaria quem desse o primeiro grito em favor do linchamento, e logo as feras se atirariam furiosas contra a vítima que seria destroçada sem qualquer piedade. Só o suicídio poderia resolver-lhe o drama perverso.

Fui tomado de espanto ante a habilidade do indigitado inimigo. Ele não se permitia trair, parecendo ser alguém que estivesse interessado na destruição do adversário, inspirando-lhe de tal forma a ideia da morte como se lhe nascesse no íntimo atribulado. Fixando-o, transmitia-lhe a ideia da fuga como solução, fazendo crer tratar-se de uma autorreflexão e nunca de uma alossugestão. Mediante esse comportamento, fazia o enfermo supor que a atitude desejada era lógica e, portanto, credível de aceitação.

Mauro recordou-se de uma jovem que lhe trouxera, através da confissão, a narrativa do desespero em que se asfixiava ante a gravidez inesperada de que se encontrava objeto. Repudiada pelo amante que lhe abusara da confiança, e sabendo que a família jamais lhe entenderia a situação, tanto quanto receando os preconceitos sociais então vigentes, recorrera-lhe ao auxílio, por não encontrar outro caminho exceto o do autocídio. Ante o próprio conflito, que já o atormentava na ocasião, tentou dissuadi-la do gesto tresloucado sem muita convicção, sentindo-se fracassado, porque, logo depois, na noite imediata, a infeliz recorrera à morte mediante o gás que abrira e deixara-se anestesiá-lo no quarto de banho, onde antes tivera o cuidado de vedar todas as saídas e entradas de oxigênio.

Reflexionando e, ao mesmo tempo, com a mente invadida pelo algoz, concluía, sem poder perceber que estava sendo vítima de uma consciência entenebrecida:

– O suicídio através do gás é repousante, sem dor e sem tormento, facultando ao desditoso adormecer para adentrar-se no país do nada ou no

inferno sem retorno.

[...]

Estimulando-o à ação devastadora, o inimigo ia-lhe assenhoreando-se do pensamento, com o propósito de tomar-lhe o centro dos movimentos e acioná-lo para que executasse o plano covarde de fuga [...]

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e Obsessão. Cap. 10 - Recomeço difícil e purificador*

## **OBSESSÃO E SUICÍDIO – OBSESSÃO POR RAZÕES PESSOAIS E INIMIZADE AO ESPIRITISMO**

– Tenho que o massacrar, tornando-o inimigo de tudo e de todos, antipatizado pelo seu puritanismo hipócrita, pelas suas atitudes de muitas exigências com os demais e benignidade para com ele próprio... Depois, trabalharei a sua consciência para que desperte e numa boa ação hipnótica levá-lo-ei à depressão para a qual tem tendências fortes, e exultarei com o seu suicídio vergonhoso.

“Aí teremos duas vitórias. A primeira delas, o exemplo de um adepto da Doutrina que diz afirmar a imortalidade, tombar no autocídio, demonstrando que, em verdade, não acreditava no que parecia viver. A segunda, o fracasso pessoal, que me dará ensejo de o receber aqui e darmos prosseguimento ao nosso combate, quando não terá como nem para onde fugir.”

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Perturbações Espirituais. Cap. 14 - Providências salvadoras*

## **OBSESSÃO – PSICOSE MANÍACO-DEPRESSIVA - SUICÍDIO**

— Como a inspiração espiritual se faz em todos os fenômenos da Natureza, inclusive nas atividades humanas, é compreensível que, além das tormentosas obsessões muito bem catalogadas por Allan Kardec — simples, por fascinação e subjugação —, os objetivos mantidos pelos perseguidores sejam muito variados. Eis porque as suas maldades abarcam alguns dos crimes hediondos, tais como: autocídios, homicídios, guerras e outras calamidades, em face da intervenção que realizam no comportamento de todos aqueles que se afinizam com os seus planos nefastos. Agindo mediante hábeis programações adrede elaboradas, vão conquistando as resistências do seu dependente mental, de forma que, quase sempre, porque não haja uma reação clara e definitiva por parte da sua vítima, alcançam os objetivos morbosos a que se entregam enlouquecidos.

“Quando das suas graves intervenções no psiquismo dos seus hospedeiros, suas energias deletérias provocam taxas mais elevadas de serotonina e noradrenalina, produzida pelos neurônios, que contribuem para o surgimento do transtorno psicótico maníaco-depressivo, responsável pela diminuição do humor e desvitalização do paciente, que fica ainda mais à mercê do agressor. É nessa fase que se dá a indução ao suicídio, através de hipnose contínua, transformando-se em verdadeiro assassinio, sem que o enfermo se dê conta da situação perigosa em que se encontra. Sentindo-se vazio de objetivos existenciais, a morte se lhe apresenta como solução para o mal-estar que experimenta, não percebendo a captação cruel da ideia autocida que se lhe fixa na mente. Não poucas vezes, quando incorre no crime infame da destruição do próprio corpo, foi vitimado pela força da poderosa mentalização do adversário desencarnado. Certamente há, para o desditoso, atenuantes, em razão do processo malsão em que se deixou encarcerar, não obstante as divinas inspirações que não cessam de ser direcionadas para as criaturas e as advertências que chegam de todo lado, para o respeito pela vida e sua conseqüente dignificação.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Tormentos da Obsessão. Cap. Novos descortinos*



11

# **DEPRESSÃO E SUICÍDIO**

## **PREVENÇÃO SECUNDÁRIA - DEPRESSÃO COMPLICADA POR OBSESSÃO - INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO - PAPEL DO ESPIRITISMO E DOS ESPÍRITAS - ATENDIMENTO FRATERO - TERAPÊUTICA ESPÍRITA - LEITURA - ORAÇÃO - PASSES - FREQUÊNCIA À CASA ESPÍRITA - CULTO A O DEVER - SOLIDARIEDADE - DESOBSESSÃO**

Estávamos cooperando com os médiuns passistas, quando o nosso mentor foi procurado por uma senhora desencarnada em avançada idade, que vinha rogar socorro especial para o neto, naquele momento sendo orientado pelo atendente fraterno.

Mentalmente convocados, seguimos os demais membros da equipe e acompanhamos o diálogo de um dos jovens depressivos, que também sofria constritora obsessão de uma entidade insensível e vingativa. O aspecto do desencarnado era repelente e permitia perceber-se que se encontrava em fase de transformação lupina... Acoplada ao jovem, perispírito a perispírito, beneficiava-se das suas energias, absorvendo-as por intermédio dos chacras genésico e cerebral, ao tempo em que o induzia à fuga pelo suicídio...

Aturdido, sem equilibrada coordenação das ideias, com dificuldade e lentidão de pensamento, o paciente dizia-se infeliz, não sabendo o rumo a tomar, conforme narrava ao ouvinte atento. Encontrava-se sob tratamento psiquiátrico e as drogas que usava eram muito fortes, não conseguindo reverter o processo depressivo, ao tempo em que mais o perturbavam. Estava disposto a parar a terapêutica, porém, sentia ímpetos de atirar-se pela janela do apartamento em que morava num décimo piso, buscando a morte, que seria inevitável.

- Nesse ínterim - explicou com dificuldade - a avozinha me apareceu em sonho, amparando-me.

No dia imediato experimentei uma paz que já não recordava de haver sentido antes, mas logo depois voltaram as estranhas sensações e tornaram-se agudos os impulsos para o salto no vazio...

Em casa, sou muito martirizado por meu pai - lamentou com voz trêmula - que me considera um demente e preguiçoso, o que mais me atormenta e assusta. Não fosse o apoio de minha mãe e já teria resolvido essa dificuldade..."

Parou a narrativa e deixou-se dominar pela emoção das lágrimas.

Era jovem com menos de 25 anos de idade, apesar do desgaste que demonstrava, dando-lhe aparência de envelhecimento precoce.

Inspirado pelo seu guia espiritual que demonstrava sentimento de compaixão pelo enfermo, o amigo ouvinte explicou-lhe:

– Nem toda doença é, realmente, apenas doença. Conforme você ouviu na palestra, há pouco, todos provimos de existências anteriores nas quais nem sempre mantivemos uma conduta sóbria ou digna, prejudicando, pela nossa incúria, outras pessoas que não conseguiram perdoar-nos. A morte arrebatou uns e outros, mantendo as consequências do seu comportamento escritas na consciência. Ao retornarmos à Terra para darmos continuidade ao processo evolutivo, defrontamos os gravames que seguiram conosco, agora, em forma de resgate, sofrimento, perturbação, especialmente provocados por aqueles que padeceram em nossas mãos ou graças a nós...

Não poucos, desses Espíritos, sedentos de vingança, vinculam-se-nos mentalmente e transmitem-nos os seus pensamentos negativos, desejando o nosso fracasso.

A depressão é uma das formas pela qual a Divina Consciência ajusta os endividados morais, porque a culpa adormecida na consciência ressurge, gerando conflitos e perturbando as neurocomunicações. Concomitantemente, porém, aqueles adversários investem furiosos contra a nossa fragilidade e agravam-nos o distúrbio, intoxicando-nos com as suas energias deletérias, com os seus pensamentos de ódio e, com o tempo, conseguem dominação quase absoluta sobre a nossa vontade.

Torna-se necessário um grande esforço para nos desprendermos da situação desditosa, recuperando a lucidez mental e o interesse pela vida.

Você fez muito bem em vir até nós, e acredito que haja sido a sua avó generosa quem o inspirou a essa tomada de decisão.

Não desanime, porquanto agora começa uma fase nova e feliz na sua atual existência. Mediante a terapia pelos passes, as instruções que absorverá nas palestras públicas e o seu esforço mental, você conseguirá libertar-se da constrição afligente do perseguidor e dos impulsos que o empurram para o suicídio... Se resolvesse o problema, o suicídio seria uma forma de libertar-se do mesmo. No entanto, porque a vida prossegue, aquele que foge das aflições dessa forma, as reencontrará no além-túmulo ampliadas, somando-se às dores impostas pelo gesto de covardia.

Recorra à oração, a leituras edificantes, de forma que o seu pensamento abandone o pessimismo e passe a cultivar a esperança e a alegria existencial, assim contribuindo para a normalização das neurocomunicações, graças, também, aos medicamentos que irão cooperar em favor do seu equilíbrio.

Passe à sala de passes, beneficiando-se, desde já, e re programe a sua existência. Você somente poderá ser ajudado se resolver por ajudar-se, oferecendo a sua parte, que é indispensável, nesse processo muito complicado.

Revelando melhor ânimo, o jovem levantou-se e retornou ao recinto onde estivera antes.

Um médium solícito acercou-se-lhe e aplicou-lhe passes com vibrações de saúde e paz.

Por nossa vez, o mentor também contribuiu com a sua energia poderosa, praticamente anestesiando o acompanhante desencarnado, sandeu e cínico, que zombava da sua vítima...

Ato contínuo, Dr. Bezerra afirmou à avozinha confiante que, ainda, naquela noite, o neto seria convenientemente atendido, além do auxílio que acabara de auferir.

O jovem, que se apresentara antes quase vencido, renovou-se, experimentou a esperança de conseguir a cura, e assessorado pela avó saiu refletindo de maneira diferente a respeito do problema que o angustiava.

Quando a verdadeira solidariedade viger entre as criaturas humanas e todas se recordarem de que o bem-estar de um membro redundará na alegria de todos, mudar-se-ão os quadros do sofrimento, em razão do auxílio recíproco que predominará, vencendo o egoísmo e as paixões primárias responsáveis pelos desastres morais e espirituais que assolam a Terra.

A missão do Espiritismo é a de conduzir as consciências aos irreprocháveis cultos do dever, tendo o amor como diretriz segura e insubstituível, o que não implica aceitação dos disparates apresentados pelos insanos, mas coragem para divulgar e viver o bem em todas e quaisquer situações, trabalhando-se pela ordem e pelo progresso, tanto individual quanto coletivo.

Mais tarde, quando as tarefas convencionais da instituição foram encerradas, o nosso benfeitor convidou-nos e, ante a aquiescência do gene-

roso Hermano, programou o trabalho de socorro ao jovem depressivo e obsidiado.

Às primeiras horas da madrugada, estávamos todos reunidos, os mesmos que participáramos do socorro ao rabino judeu, para o enfrentamento com as lutas que sempre recrudescem, especialmente nestes graves dias de transição planetária...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Amanhecer de uma Nova Era. Cap. 12 - As lutas recrudescem*

## DEPRESSÃO

[...] durante uma daquelas deprimentes crises de hipocondria, que me arrastavam ao desejo do suicídio [...]

YVONNE A. PEREIRA. *Ressurreição e vida. Capítulo: O segredo da felicidade*

## DEPRESSÃO E SUICÍDIO

Em outras ocasiões, experimentando os efeitos danosos dos atos transatos, debilitam-se diante de enfermidades dilaceradoras ou de transtornos na área da afetividade, que os empurram a fugas espetaculares na direção de depressões graves, que redundam em suicídios danosos e de consequências imprevisíveis.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Entre os Dois Mundos. Capítulo: Entre os dois mundos*

## TRAIÇÃO E ABANDONO DA ESPOSA – DECEPÇÃO – VERGONHA – ORGULHO FERIDO - HUMILHAÇÃO - DEPRESSÃO

No ano de 1840, sofri um desgosto tão profundo que a ideia do suicídio aparecia-me, tenazmente, como única possibilidade de sair honrosamente dos terríveis complexos que me passaram a obsidiar. Já tentara contra a existência por duas vezes. E sentia a alma de tal forma ferida e desorientada, que não encontrava meio de reequilíbrio na brilhante vida social a que me habituara, pode-se dizer, desde a infância. [...]

[...]

No entanto, o caso era que, no ano de 1838, contando eu 32 primaveras, apaixonara-me loucamente por uma linda e jovem aristocrata francesa, que excursionava pelos países do Norte com a família, e se demorara lon-

go tempo em São Petersburgo. Resolvi, então, casar-me. E sem nada mais perquirir senão os impulsos do coração, pedi-a em casamento, disposto a não deixá-la regressar à França quando os pais resolvessem regressar, pois confessava a mim próprio, muito comovido, que me seria impossível viver sem ela. Fui aceito como pretendente, não obstante haver observado certa relutância por parte da própria jovem e algumas restrições por parte de seus pais, que declararam peremptoriamente que o casamento só se realizaria em Paris, e que assim não sendo não dariam consentimento. Roguei, então, à minha prometida que intercedesse por nosso amor junto dos pais, pois ser-me-ia difícil obter do Imperador licença para me consorciar fora da Rússia, visto que eu servia num corpo da Guarda, junto dele. Mas nem por ela sendo atendido, submeti-me a tudo, uma vez que realmente me sentia enlouquecer de amor.

Exonerei-me, então, do cargo junto ao Tzar, renunciei a comodidades e vantagens de uma carreira militar rápida e parti para a França com a família, tendo-me casado em Paris e regressado à Rússia com minha esposa, muito feliz e empolgado pela existência encantadora que junto dela presumia poder levar, embora houvesse despendido grandes somas com os preparativos das bodas, as viagens de ida e volta e a reparação da minha mansão de verão, no campo, e da casa de residência, em São Petersburgo.

Muito generoso, o Imperador readmitiu-me nos serviços da Guarda, a pedido de amigos influentes, e tudo era esperança e prosperidades em minha vida. Todavia, estranha inquietação, melancolia indecifrável compungia minha alma, sem que eu pudesse atinar por que razão tais sentimentos teimavam em empanar o brilho da felicidade que eu julgava ter conquistado, tendo o cuidado, entretanto, de encobrir de minha mulher o estado mórbido que me amargurava.

Dois anos depois, fui surpreendido com a brutal traição daquela a quem desposara, a qual preferira abandonar-me, fugindo vergonhosamente para seu país natal com um jovem compatriota seu, que visitava a Rússia e a quem — explicava ela na carta que me deixara — amava desde a juventude, a despeito da oposição dos pais; e o qual fora a São Petersburgo reclamar os direitos que um persistente amor lhe conferia, inconformado com o matrimônio que a ela haviam imposto, e com quem vivia clandestinamente havia já um ano, sem que eu de nada suspeitasse.

Ora, a minha dor, com a vergonha da humilhação que me fora infligida, ferira-me violentamente por ser eu altamente colocado na sociedade, rico, descendente de ilustre família moscovita, possuindo um título de nobreza

e uma patente de capitão no exército de um poderoso soberano da Europa, ao passo que me vira preterido, no conceito de minha própria mulher, por um simples artista, um pobre pintor de retratos, um fabricante de miniaturas a óleo, obrigado a trabalhar para viver.

LEON TOLSTOI (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida. Cap. 8 - O segredo da felicidade*

### **OBSESSÃO – DEPRESSÃO – SUICÍDIO**

[...] ao mergulho em distúrbio depressivo sob a ação mental de vingador inclemente que o induziu ao suicídio...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Tormentos da Obsessão. Capítulo: Impressões marcantes*

### **CONVIVÊNCIA ESPIRITUAL MÁ DURANTE O SONO – DEPRESSÃO – INCLUSIVE SUICÍDIO**

[...] Outrossim, a convivência espiritual má, durante o sono, poderá arrastar-nos a depressões generalizadas, redundando em enfermidades e até em obsessão e, possivelmente, em suicídio.

YVONNE A. PEREIRA. *À luz do consolador. Capítulo: Sonhos*

### **OBSESSÃO – DEPRESSÃO – SUICÍDIO**

– Tenho que o massacrar, tornando-o inimigo de tudo e de todos, antipatizado pelo seu puritanismo hipócrita, pelas suas atitudes de muitas exigências com os demais e benignidade para com ele próprio... Depois, trabalharei a sua consciência para que desperte e numa boa ação hipnótica levá-lo-ei à depressão para a qual tem tendências fortes, e exultarei com o seu suicídio vergonhoso.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Perturbações espirituais. Cap. 14 – Providências salvadoras*

### **DEPRESSÃO**

— A depressão, também identificada anteriormente como melancolia, é conhecida na Humanidade desde recuados tempos, por estar associada ao comportamento psicológico do ser humano. A Bíblia, especialmente no Livro de Jó, entre outros, apresenta-nos vários exemplos desse distúrbio que ora aflige incontável número de criaturas terrestres. Podemos identificá-la na Grécia antiga, considerada como uma punição infligida pelos deuses

aos seres humanos em consequência dos seus atos incorretos. Encontramo-la, desse modo, também presente no século IV a.C., graças a diversas referências feitas por Hipócrates. Mais tarde, no século II a.C., Galeno estudou esse transtorno como resultado do desequilíbrio dos quatro humores: sangue, bílis amarela, bílis negra e fleuma, que seriam responsáveis pelo bem-estar e pela saúde ou não dos indivíduos. Aristóteles assevera que Sócrates e Platão, como muitos outros filósofos, artistas, combatentes gregos, foram portadores de melancolia, que acreditava estar vinculada às capacidades intelectuais e culturais do seu portador. A Igreja romana, a partir do século IV, também passou a considerá-la e defini-la, ligando-a à tristeza, sendo tida como um pecado decorrente da falta de valor moral do homem para enfrentar as vicissitudes do processo existencial. Posteriormente, esteve associada à acídia, passando a ser definida com mais severidade como um pecado cardinal, em razão de tornar os religiosos preguiçosos e amedrontados ante as tarefas que deveriam desempenhar. As lendas a seu respeito fizeram-se muito variadas e as discordâncias, complexas, vinculando-a, não raro, à bílis negra, responsável pelo ato impensado de Adão ao comer a maçã no paraíso...

“A história da medicina também relata que, já no século X, um médico árabe, estudando a melancolia, confirmou que ela resultava da referida e tradicional bílis negra. Com o Renascimento, porém, esse transtorno passou a ser tido como uma forma de insanidade mental, surgindo diferentes propostas terapêuticas de resultado duvidoso.

“À medida que se processava o progresso cultural, a melancolia passou a expressar os estados depressivos e, a partir de 1580, tornou-se popular na literatura, com características melhor definidas. Foi a partir do século XVII que a tese de Galeno começou a ser superada e lentamente substituída por definições que abrangiam a natureza química e mecânica do cérebro, responsável pelo distúrbio perturbador. Não obstante a descoberta da circulação do sangue pelo eminente Harvey, que facultou a apresentação de novos conceitos explicativos para a depressão, esclarecendo que se podia tratar de uma deficiência circulatória, permaneceram ainda aceitos os conceitos ancestrais de Galeno, e, por efeito, a terapia se apresentava centrada nos métodos da aplicação de sangrias, purgantes, vomitórios com o objetivo de limpar o corpo, eliminando os humores negros nefastos. No século XIX, ainda por um largo período foi denominada como hipocondria, responsável pela ansiedade mórbida referente ao estado de saúde e às funções físicas... Logo depois, passou à condição de uma perturbação mental, de um estado emocional deprimido.

“A melancolia alcançou homens e mulheres notáveis que não conseguiram superá-la e padeceram por largos períodos a sua afligente presença, em alguns casos, conduzindo-os a perturbações profundas e até mesmo a suicídios hediondos. Inúmeros poetas, escritores, artistas, religiosos, cientistas famosos não passaram sem sofrer-lhe a incidência cruel, dando margem a que alguns desavisados pensassem que se tratava da exteriorização da genialidade de cada um...”

[...]

— A depressão é hoje classificada como uma perturbação do humor, uma perturbação afetiva, um estado de mal-estar que se pode prolongar por tempo indeterminado. Foi o admirável Emil Kraepelin, o nobre psiquiatra alemão, quem apresentou melhores análises sobre a depressão no século passado, classificando-a como de natureza unipolar, quando é menos grave, mais simples e rápida; e bipolar, quando responsável pelas associações maníacas. Aprofundadas pesquisas ofereceram novas classificações nos anos sucessivos, incluindo as melancolias de involução, que se manifestam em forma de medo, de culpa e de vários distúrbios do pensamento. O eminente psicanalista Sigmund Freud sugeriu o luto como responsável pela depressão, resultado da perda de um ser amado ou de outra natureza. A perda, para o nobre mestre austríaco, produz dilacerações psicológicas muito graves, gerando distúrbios comportamentais que se prolongam por tempo indeterminado. Concomitantemente, outros pesquisadores estabeleceram que a depressão poderia ser endógena, quando originada em disfunções orgânicas, portanto, de natureza biológica; e reativa, como consequência de fatores psicossociais, socioeconômicos, sociomoraes, em razão das suas nefastas consequências emocionais. Outros observadores, no entanto, detiveram-se em analisar a depressão sob dois outros aspectos: a de natureza neurótica e a de natureza psicótica. A primeira é mais simples, com melhores possibilidades terapêuticas, enquanto que a segunda, por se caracterizar pelas alucinações e ilusões perturbadoras, exige procedimentos mais cuidadosos e prolongados.

“A depressão, seja como for considerada, é sempre um distúrbio muito angustiante pelos danos que proporciona ao paciente: dores físicas, taquicardias, problemas gástricos, inapetência, cefalalgia, sentimento de inutilidade, vazio existencial, desespero, isolamento, ausência total de esperança, pensamentos negativos, ansiedade, tendência ao suicídio... O enfermo tem a sensação de que todas as suas energias se encontram em desfalecimento e as forças morais se diluem ante a sua injunção dolorosa. “A perturbação depressiva ainda pode apresentar-se como grave e menos grave,

crônica ou distímica, cuja fronteira é muito difícil de ser estabelecida. Somente através dos sintomas é que se podem defini-las, tendo-se em vista as perturbações que produz nos pacientes. Nesse sentido, a somatização decorrente de estigmas e constrangimentos que lhe facultam a instalação pode dar lugar ao que Freud denominou como perturbação de conversão, graças à qual um conflito emocional se converte em cegueira, mudez, paralisia ou equivalentes; enquanto outros psicoterapeutas, discordando da tese, acreditam que esses fenômenos resultem de perturbações físicas não identificadas... “Por outro lado, a fadiga tem sido analisada como responsável por vários estados depressivos, especialmente a de natureza crônica, que se apresenta acima do nível tolerável de gravidade. Não obstante, a depressão também se manifesta em crianças e jovens, estruturada em fatores endógenos e outros de natureza sociológica, decorrentes do relacionamento entre pais e filhos, do convívio familiar e comunitário conflitivo...

[...]

[...] “A depressão, seja como for considerada, é sempre um distúrbio muito angustiante pelos danos que proporciona ao paciente: dores físicas, taquicardias, problemas gástricos, inapetência, cefalalgia, sentimento de inutilidade, vazio existencial, desespero, isolamento, ausência total de esperança, pensamentos negativos, ansiedade, tendência ao suicídio...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco.*

*Tormentos da Obsessão. Capítulo: Distúrbio depressivo*<sup>1</sup>

---

1 Sugerimos a leitura do capítulo, na íntegra



12

**PREVENÇÃO PRIMÁRIA**

## CONCURSO FRATERO DE CADA CORAÇÃO GENEROSO, NO TRABALHO DA SOLIDARIEDADE

[...] intuito de estudarmos e realizarmos ações combativas às ideias de suicídio, às inclinações mórbidas, detentoras de infernal predisposição que contaminava as diferentes classes sociais [...]

[...] o tempo corria e nada obtínhamos que registrasse algo de bom e meritório no severo livro da consciência!

[...]

[Fernando de Lacerda] *Avultam nas camadas sociais terrenas, como nas invisíveis, problemas dolorosos a serem solucionados, desvarios a serem moderados, infinitas modalidades de desgraças, desventuras acérrimas a afligirem a Humanidade, requisitando concurso fraterno de cada coração generoso a fim de serem ressarcidas, consoladas!*

[Fernando de Lacerda] *Nos hospitais, nas prisões, nas residências humildes como na opulência dos palácios, por toda a parte encontram-se mentes enoitadas pela incompreensão e pelo desespero, corações precipitados pelo ritmo violento de provações e de problemas insolúveis neste século! Em qualquer recanto onde se haja ocultado a descrença, onde a paixão se instale e a desventura e o infortúnio se mesclêm de revolta ou desânimo; onde a honra, a moral, o respeito próprio e alheio não forem consultados para a prática das ações, e onde, enfim, a vida se converteu em fonte de animalidade e egoísmo, lavra a possibilidade de uma queda nos abismos de trevas onde vos agitastes entre raivosas convulsões!*

[Fernando de Lacerda] *Diligenciai por encontrar tais recantos: estão por aí, a cada passo!... Aconselhai o pecador a deter-se, em nome da vossa experiência!... e apontai-lhe, como bálsamo para as amarguras, aquele mesmo que desdenhastes quando homem e hoje reconheceis como o único refrigerio, a única força capaz de soerguer a criatura da desgraça para enobrecê-la à mirífica luz da conformidade nos prélios dignificantes de onde sairá vitoriosa, quaisquer que sejam as decepções que a açoitem: o amor de Deus! A submissão ao irrevogável! Tornai-vos consoladores, exercitando agenciar a beneficência, segredando sugestões animadoras e reconfortativas ao coração das mães aflitas, dos jovens desesperados pelas desilusões prematuras, das desgraçadas mulheres atiradas ao lodo, cujos infortúnios raramente encontram a compassividade alheia, as quais sofrem insuladas entre os espinhos das próprias inconsequências, desencorajadas de reclamarem, para si também, a ternura paternal de Deus, a que, como as demais criaturas têm sacrossantos direitos! São, todos estes, seres que estão a requisitar alento protetor dos corações sensíveis, bem-intencionados, quando mais não seja com a dádiva*

*luminosa de uma prece! Pois dai-lho, uma vez que também o recebestes de almas serviçais e ternas, quando vos encontráreis a bracejar entre bramidos de dor, nas trevas que vos surpreenderam após a tragédia em que vos deixastes enredar! Contai-lhes o que vos sucedeu e concitai-os a sofrerem todas as situações deploráveis que os deprimem, com aquela paciência e aquele valor que vos faltaram, a fim de que não venham a passar pelos transe dramáticos que vos endoideceram além das fronteiras da vida objetiva!*

[...] Tanto quanto se tornou possível, levamos a essas amarguradas almas enjauladas na carne o lenitivo da nossa solidariedade, ora insuflando-lhes conformidade no presente e esperança no futuro, ora procurando, por todos os meios ao nosso alcance, minorar as causas morais dos muitos desgostos que percebíamos duplicando seus males.

[...] segredar sugestões de paciência, esperança e bom ânimo aos que assim expungiam débitos embaraçosos de existências antigas ou consequências desastrosas de despautérios do próprio presente. [...] murmurando aos seus pensamentos, como mo permitiam as dificuldades, o grande consolo da moral radiosa por mim entrevista ao contato dos eminentes amigos que me haviam assistido e confortado no estágio hospitalar onde me asilaram os favores do Senhor supremo! E muitas vezes compreendi que obtinha êxitos, que corações tarjados pelo desânimo e pela desolação se reanimavam às minhas sinceras e ardentes exortações telepáticas! [...] sugerir advertências e conselhos prudentes a pobres dominados, como ele o fora, pelo letal arrastamento, tudo tentando no intuito de afastar do abismo ao menos um só daqueles infelizes, suplicando forças ao Alto, concurso dos mentores que ele sabia dedicados à ação de desviar do suicídio incautos que se deixam rodear de mil possibilidades desastrosas.

Estendemos tais ensaios, após, às prisões, obtendo êxito no sombrio silêncio das celas onde se elaboravam remorsos, no trabalho da meditação... E por fim invadíamos domicílios particulares à cata de sofredores inclinados à possibilidade de suicídio, e que aceitassem nossas advertências contrárias por meio de sugestões benévolas. Havia casos em que o único recurso que nos ficava ao alcance era o sugerir a ideia da oração e da fé nos poderes supremos, induzindo aqueles a quem nos dirigíamos, geralmente mulheres, a mais amplo devotamento à crença que possuíam. [...]

Assim foi que viajamos pelo interior do Brasil procurando, quanto possível, prevenir contra a malfazeja tendência observada, tristemente, por nossos guias, no caráter impulsivo dos brasileiros, tendência que dava em resultado estatísticas inquietadoras nos casos de suicídios!

Obs. [§82 a 84 - Palavras do médium português Fernando de Lacerda, em desdobramento, a um grupo de Espíritos suicidas em processo de recuperação, do qual fazia parte Camilo Castelo Branco]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 14 – Os primeiros ensaios. § 67, 68, 82 a 94*

## ARMADURA MORAL

[...] A evolução do Espírito para a Luz é bela e grandiosa, não resta dúvida. A vida do homem, na sua incessante escalada para o melhor até o divino, é gloriosa epopeia que honra aquele que a vive! Mas o trajeto é duro, meu amigo! Os espinhos e as urzes semeiam essas estradas redentoras, exigindo do peregrino da Luz as mais ativas energias, os mais edificantes sacrifícios! Reconheço-te sincero, idealista animado de dignificante boa vontade, e isso muito me satisfaz! Contudo, o entusiasmo por si só não levará ninguém à vitória real, senão à aventura duvidosa! **Pondera na necessidade de te aprestares com armas morais sólidas, para a travessia tumultuosa a que te obrigarás a fim de conquistares o primeiro degrau dessa imensa espiral evolutiva do teu destino, e o qual há de ser, simplesmente, a próxima existência**

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 12 – Prelúdios de reencarnação. § 82*

## ENSINOS MORAIS

[...] os ensinamentos que vos ministraremos influirão bastante na vitória que devereis alcançar contra vós próprios.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 16 – A Mansão da Esperança. § 36*

## EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO LAR – EVANGELIZAÇÃO NA INFÂNCIA E JUVENTUDE

A senhora minha mãe era pessoa simples, humilde, de poucas letras, mas boa devota à crença e ao respeito a Deus. Afirmava aos filhos [...] que todas as criaturas trazem uma alma imortal, criada pelo Ser supremo e destinada à gloriosa redenção pelo amor de Jesus Cristo, e que dessa alma daríamos contas, um dia, ao Criador e Pai! Nunca mais, desde então, obtive ciência de mais alto valor! Considero as aulas ministradas por minha mãe, durante o serão da família, superiores às que, mais tarde, aprendi na Universidade. Infelizmente para mim, sorri à sabedoria materna, embrenhando-me pelos desvios das paixões mundanas... Contudo, ó minha mãe! eu aceitava a possibilidade da crença formosa que tentaste infundir em

minha alma revel! Não fui propriamente ateu!...

Ó minha mãe, tu dizias a verdade! Ó meu Deus! Meu Deus! Tu existes! E eu a renegar-te sempre com meus atos, minhas paixões, meu descaso às tuas normas, minha indiferença criminosa aos teus princípios!... [...] Eis que nada tenho a dizer-te, Senhor, senão que minhas paixões infelicitaram-na, quando o que determinaste ao criá-la era que eu a conduzisse obedientemente ao teu regaço de Luz!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 3 - No Hospital Maria de Nazaré. §43 e 44*

## **EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA – ENSINO DO EVANGELHO ÀS CRIANÇAS – EVANGELIZAÇÃO INFANTIL**

[...] certa vez, não sei como, comecei a pensar em minha mãe, falecida bem antes do meu ato... Revi, em pensamento, oprimido de saudades, seu vulto grave e doce, indo e vindo entre os afazeres de nossa casa. Revi o seu semblante pensativo, os olhos sempre baixos, absorvidos de preocupações, o lenço de traços coloridos à cabeça, atado abaixo do queixo, o manto de lã grossa envolvendo-lhe o pescoço e os ombros para protegê-los contra os ventos... Recordei seus trabalhos para conosco, seus filhos. Suas insônias desveladas sobre nossos berços, seus conselhos e suas zangas, seus sacrifícios! Relembrei os serões, junto da lareira, ao passo que a nevada assolava as ruas impedindo-nos sair, as lições repetidas, todas as noites, sobre o nascimento de Jesus Cristo numa caverna de pastores, exemplificando a humildade, da morte na cruz, entre malfeitores, exemplificando o amor e o perdão, e ouvi-a novamente dizer, para repetirmos:

“Pai nosso, que estais nos Céus... Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo... Meu anjo da guarda, velai pelo nosso sono e o nosso destino, pelo amor de Deus...

“Minha mãe amava as escrituras santas e lia-as, de vez em quando, o bastante para algo nos esclarecer durante os serões do longo inverno, em nossa casa de Níjni Novgorod. Falava-nos, então, da bondade do Nazareno ante os infortúnios dos deserdados do mundo, a par das orações que ensinava. Falava das curas sensacionais nos cegos de nascença, nos paralíticos e nos leprosos. E das parábolas tão lindas, poemazinhos simples, extraídos da vida cotidiana de cada ouvinte, poemazinhos que ouvíamos com os corações embevecidos, como outras tantas histórias admiráveis: “

‘Era uma vez um homem que descia de Jerusalém para Jericó, mas foi

assaltado por um bando de ladrões...’— Era ‘O bom samaritano’, símbolo do amor ao próximo... “

‘Um homem tinha dois filhos. Disse-lhe o mais novo, um dia: — Pai, dá-me a parte da herança que me toca. O pai atendeu-o e o moço, preparando suas malas, partiu para uma terra longínqua...’

“Era a enternecedora história do Filho Pródigo, que retrata a vida de todos os homens, perante as Leis do Criador... “‘Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edifica a sua casa sobre a rocha. E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha...’ “Era a advertência sobre a necessidade de considerar os ensinamentos do próprio Senhor... “Ou então repetindo, para que aprendêssemos as sentenças, os conselhos, as advertências prudentes:

“‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém irá a Deus senão por mim...’<sup>17</sup> “‘Eu sou a Luz do mundo; o que me segue não andará em trevas, mas terá o lume da vida...’<sup>18</sup> “‘Se vós permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e ser-vos-á concedido...’ “‘Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando...’ “‘Um só mandamento vos deixo: Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amo...’

“Mais tarde, o turbilhão da vida arrebatou as impressões dulçorosas daquelas sublimes noites domésticas, quando o Evangelho do Senhor nos era doado como lição indispensável... e eu tudo esqueci, porque era revel. Mas, depois, na treva do meu opróbrio de suicida, tais recordações refluíram dos escombros do pretérito para se tornarem no consolo que logrei para o presente... “Fui criança outra vez, ao sabor das recordações. De novo orei sobre o regaço de minha mãe, como altar, qual pecador ante a imagem do seu anjo bom. Novamente eu me embeveci ante aquele doce Jesus que nasceu numa caverna de pastores exemplificando a humildade, que amava as criancinhas, curava os cegos e os leprosos e perdoava aos pecadores. De novo eu me inclinei, levado por um respeitoso temor, diante dos nichos existentes pelas paredes de nossa casa, ajoelhei-me ante os ‘ícones’ da amada Nossa Senhora de Kazan, acendi a lamparina humilde, renovei as águas das vasilhas em que minha mãe depositava rosas e violetas para homenageá-la, ouvindo sem cessar, qual se se tratasse de uma redentora obsessão:

“‘Vinde a mim, vós que sofreis, e Eu vos aliviarei...’

“Eu sou a Luz do mundo, o que me segue não andarรก em trevas...”

“Entรกo, meu amigo, a formosa luz da esperança norteou minhas forças debandadas pela descrença em Deus, fomentadora do suicídio... “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém irรก a Deus senão por mim...” “Pai nosso, que estais nos Céus...”<sup>24</sup> “Meu anjo da guarda, velai por meu destino, pelo amor de Deus...” “Era a paciente, a maviosa voz de minha mãe que repetia as lições da infância aos meus ouvidos... Era um fraseado duloroso que, agora, extraído das profundidades da minha consciência, se misturava aos estertores do meu desespero, insistia, perseverava, firmava-se em meu pensamento com a força das recordações, ecoava em meu coração, em todo o meu desgraçado ser, dominando ânsias e aniquilando revoltas para conceder-me o equilíbrio necessário a rumos novos... “Por meio das lembranças da minha infância, com as lições recebidas da boa vontade de minha mãe em me encaminhar para o bem, sim! reequilibro-me agora, fortalecido para novas tentativas de progresso nas paisagens terrestres, as quais desonrei com uma vida irregular, que me precipitou no suicídio. “Sim, meu caro amigo! Fazei-me o favor, quando possível, de dizer às mulheres que são mães, e que vivem ainda sobre a Terra, que não se descurem de ensinar a sublime moral do Evangelho aos seus filhos pequeninos, no aconchego suave do lar. As sementes por elas lançadas naqueles corações iniciantes germinarão mais tarde ou mais cedo, revolvidas pelos labores ásperos do infortúnio ou do progresso, ainda mesmo se torturas consequentes de um suicídio os assinalem no mundo das almas sofredoras como maus crentes que necessitarão repetir a experiência dolorosa da vida terrestre, a que se desejaram furta por engodos da violência suprema!”

LEON TOLSTOI (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida.*  
Cap. 2 - Lição materna

## EDUCAÇÃO CRISTÃ DA CRIANÇA

Na maioria das vezes, a criança é um Espírito rebelde, infrator das Leis divinas em passadas existências, que reencarna a fim de se reeducar nos valores necessários ao progresso. Será preciso, então, que, desde os seus primeiros anos de vida planetária, os pais encaminhem os filhos, com seriedade e perseverança, para o aprendizado do Evangelho, dando-lhes ensinamentos para se firmarem nos preceitos do bem, da verdade e da justiça, a fim de que se tornem homens honestos, respeitáveis e úteis à sociedade, fis servidores do Cristo de Deus.

Infância bem dirigida à cidadão benemérito no futuro,  indivíduo redimido na pátria espiritual.

Infância mal corrigida ou esquecida é sobrecarga para a coletividade, é reincidência no mal, delinquência e suicídio, provações dilatadas, responsabilidades para o indivíduo, para os pais e para a sociedade.

Encaminhemos a infância para o amor de Jesus Cristo e cedo haverá paz entre os homens.

*Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim, jamais terá sede. (João, 6:35)*

*Yvonne A. Pereira. Contos amigos. Capítulo: As aventuras de Paulo*

## **EDUCAÇÃO MORAL QUE SITUE O INDIVÍDUO ACIMA DOS TOLOS PRECONCEITOS DO ORGULHO**

A inaptidão para a carreira abraçada constitui fonte inesgotável de reveses. Depois, o amor-próprio, sobrevivendo a tudo isso, impede que o que fracassou recorra a uma profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar ao que se lhe afigura humilhação. Se uma educação moral o houvesse colocado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais se teria deixado apanhar desprevenido.

*ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. Item 928*

## **ELIMINAÇÃO DOS ABUSOS E PRECONCEITOS DA SOCIEDADE**

Demais; eliminai da vossa sociedade os abusos e os preconceitos e deixará de haver desses suicídios.”

*ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. Item 949*

## **FORMAÇÃO DA CRENÇA NA VIDA FUTURA NO ESPÍRITO DAS MASSAS**

[...]

Outros, porém, são os sentimentos daquele que tem fé no futuro; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade lhe estará perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, trabalhando para os outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, abrange a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso lugar que lhe caberá, como o de todos os seres que alcançam a perfeição.

A crença na vida futura é, pois, elemento de progresso, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhe fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assina um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, o em que devem aplicar-se os que a possuem.

ALLAN KARDEC. *Obras póstumas. Parte II. Cap. 39. Credo Espírita*

### **ENSINO POPULAR QUE VENHA A ESCLARECER QUANTO À ORIGEM, OS DEVERES E O DESTINO – NOVA CONCEPÇÃO DO MUNDO QUE FIXE O ALVO DA EXISTÊNCIA – ENSINO QUE INCENTIVE O APERFEIÇOAMENTO - FILOSOFIA DOS ESPÍRITOS**

Dia por dia, a desesperança e o suicídio fazem novas devastações. O número de suicídios, que, em 1820, era de 1.500, calculando-se só os da França, excede agora a 8.000. Oito mil seres, todos os anos, por falta de energia e de senso moral, desertam das lutas fecundas da vida, e refugiam-se no que creem ser o nada! [...]

[...]

[...] é preciso que um novo ensino popular venha esclarecer as almas quanto à sua origem, aos seus deveres e destinos.

[...]

De onde virão a luz, a salvação, o reerguimento? [...]

Para levantar o nível moral, para deter a dupla corrente da superstição e do cepticismo, que arrastam igualmente à esterilidade, é preciso uma nova concepção do mundo e da vida que, apoiando-se no estudo da Natureza e da consciência, na observação dos fatos, nos princípios da razão, fixe o alvo da existência e regule a nossa marcha para adiante. O que é preciso é um ensino do qual se deduza um incentivo de aperfeiçoamento, uma sanção moral e uma certeza para o futuro.

Ora, essa concepção e esse ensino existem já e vulgarizam-se todos os dias. Por entre as disputas e as divagações das escolas, uma voz fez-se ouvir: a voz solene dos mortos. Ergueram-se, do outro lado do túmulo, mais vivos do que nunca, e, perante suas instruções, descerrou-se o véu que nos ocultava a vida futura. O ensino que nos dão vem reconciliar todos os sistemas inimigos, fazendo brotar uma chama nova dos escombros, das cinzas do passado. Na filosofia dos Espíritos encontramos a doutrina oculta que

abrange todas as idades. [...]

LÉON DENIS. *Depois da morte. Cap. VIII - A crise moral*<sup>1</sup>

**ENSINO SOBRE O DESTINO HUMANO, A FINALIDADE DA VIDA, A COMUNICABILIDADE DOS MORTOS, A POSSIBILIDADE DA REPARAÇÃO PELAS PROVAS, O RESGATE PELOS SOFRIMENTOS E A ASCENÇÃO ETERNA DOS SERES**

[...]

Se a Igreja houvesse ensinado, sob suas formas reais, as leis de justiça e de responsabilidade, a comunhão íntima dos dois mundos e a certeza do reencontro com aqueles que são amados, não veríamos tantas revoltas contra Deus, tanto desespero e suicídios.

LÉON DENIS - *O Espiritismo e o Clero Católico. A reencarnação e a Igreja - conclusão*

**EDUCAÇÃO POPULAR BASEADA EM UMA DOCTRINA ESPIRITUALISTA VASTA E RACIONAL - CONCEPÇÃO SIMPLES, NÍTIDA, CLARA DA VIDA E DO DESTINO - INÍCIO NA INFÂNCIA**

[...]

Mas, de que serviriam as recriminações, as críticas vãs? Vale melhor procurar remédio, isto é, os meios de criar uma sociedade mais feliz e melhor, uma sociedade onde a Justiça, o Direito, a Moral não seriam mais vãs aparências, porém realidades vividas. Onde encontrar o raio consolador que esclarece e aquece as almas em penúria, detendo os desesperados sobre a crista do suicídio, opondo um Freio às paixões desordenadas que invadem o mundo?

Para isso, o mais essencial seria dar ao povo uma nova educação, baseada sobre uma doutrina espiritualista vasta e racional. É preciso antes de mais nada que os pensadores que guardaram a luz projetem suas radiações sobre seus irmãos mais ensombrecidos a fim de dissipar os maus fluidos que os envolvem; cabe, sobretudo, à escola, inculcar na juventude os princípios regeneradores, pois não se forma uma sociedade sem todas as suas peças e é preciso começar na infância a preparar a obra do século.

É preciso uma concepção simples, nítida, clara da vida e do destino. Para coroar a educação popular é preciso uma alta moral despreendida de

<sup>1</sup> Recomendamos a leitura de todo o capítulo

preconceitos, de seitas e de castas, impregnada de piedade humana, de piedade para com tudo e com todos, os que sofrem aqui embaixo, homens e animais; estes últimos são muitas vezes vítimas inocentes da brutalidade humana.

[...]

LÉON DENIS. *Socialismo e Espiritismo*. Cap. III

## **EDUCAÇÃO MORAL SÓLIDA BASEADA NO CUMPRIMENTO DO DEVER**

[...] males que dantes o afetavam, os quais seriam certamente suportáveis se educação moral sólida, estribada no cumprimento do dever, lhe inspirasse as ações diárias. Essa educação orientadora, conselheira, salvadora, portanto, de desastres como o que lamentamos neste momento, o homem somente não na tem adquirido no próprio cenário terreno, onde é chamado a realizações imperiosas, porque não a quer adquirir, visto so-bejarem em torno de seus passos, no orbe de sua residência, instruções e ensinamentos capazes de conduzi-lo às alvoradas redentoras do bem e do dever!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. § 41*

## **ESTUDO DE CASOS EXEMPLARES DE ABNEGAÇÃO, DEDICAÇÃO AO PRÓXIMO, HUMILDADE, PACIÊNCIA**

Em cada dia de reunião, eram oferecidas aos circunstantes, como em particular aos internos, horas gratíssimas de sublime aprendizado, durante o qual nos ofertavam comoventes exemplos de abnegação, de dedicação ao próximo, de humildade e paciência, como de heroísmo e valor moral frente à adversidade, os quais caíam em nosso âmago como generoso estímulo ao progresso que necessitávamos tentar. Esse aprendizado, concedido pela empolgante elucidação extraída da própria história da Humanidade com suas lutas e dores inumeráveis, suas vitórias e reabilitações, era-nos ministrado, conforme foi esclarecido, por nossos próprios mestres e mentores ou pelas caravanas visitadoras que até nós desciam no intuito fraterno de contribuir para nosso conforto e progresso. Porém, muitos dramas fortes, vividos pelas próprias damas da Vigilância, assim como por personagens destacadas de nossa Colônia, como Ramiro de Guzman e os dois de Canalejas, foram-nos permitidos conhecer como exemplificação e advertência, muitos apresentados mesmo como modelos dignos de serem

imitados. E esses dramas mais não eram do que a narrativa, que faziam, das lutas sustentadas durante as experiências do progresso, dos sacrifícios testemunhados na encarnação ou através de labores incansáveis no Espaço. Sobre o que nos davam a conhecer, éramos convidados, depois, a opinar e fazer apreciações e comentários morais e artísticos, observando nós outros, entre muitas outras coisas importantes para o nosso reajuste nos campos da Moral, o fato surpreendente de encontrar-se o homem rodeado das mais formosas expressões de uma Arte superior entre todas, durante as lides profundas de cada dia: - a Arte gloriosa de aprender a desenvolver em si mesmo os valores espirituais que se encontram latentes em suas profundezas anímicas!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 21 - O elemento feminino. § 11)*

### **RACIOCÍNIO INSPIRADO NO DEVER, NA FÉ EM NÓS MESMOS E NO AMOR DE DEUS**

Depois de tão complexos exames voltávamos a novas reuniões a fim de aprendermos como de preferência devíamos ter agido para evitar o suicídio, quais deveriam ter sido os atos diários, os empreendimentos, se não nos afastáramos do raciocínio inspirado no dever, na fé em nós mesmos e no paternal amor de Deus! Em vários casos, a solução para os problemas, que abriram as portas para o abismo, encontrava-se a dois passos de distância do sofrimento; surgiria o socorro enviado pela Providência ao seu filho bem-amado, dentro de alguns dias, de poucos meses, bastando somente que este se encorajasse para diminuta espera, em glorioso testemunho de vontade, paciência e coragem moral, necessário ao seu progresso espiritual! Então concluímos com decepcionante surpresa que fácil teria sido a vitória e até a felicidade, se buscáramos no amor divino a inspiração para os ditames da existência que desgraçadamente destruíramos!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 - O reconhecimento. § 52*

\*\*\*\*\*

### **SOFRIMENTOS HEROICAMENTE SUPORTADOS - VONTADE DE VENCER**

[...] os sofrimentos, quando heroicamente suportados, dominados pela vontade soberana de vencer, são como esponja mágica a expungir da consciência culposa a caligem infamante, muitas vezes, de um passado crimi-

noso, em anteriores etapas terrenas [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 – O reconhecimento. § 62*

### **SUBMISSÃO AOS IMPERATIVOS DA LEI**

[...] um roteiro único apresentava-se como recurso a possíveis suavizações em porvir cuja distância não podíamos prever: submetemo-nos aos imperativos das leis que havíamos infringido, observarmos conselhos e orientações fornecidos por nossos amorosos mentores, deixando-nos educar e guiar ao sabor do seu alto critério, como ovelhas submissas e desejosas de encontrar o consolo supremo de um aprisco...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 5 – O reconhecimento. § 67*

### **ELEVAÇÃO DO ESTADO VIBRATÓRIO ÀS CONDIÇÕES DE SUPORTAR A PROGRAMAÇÃO**

Assim é, portanto, que o que nos competia realizar em vosso benefício foi integralmente realizado, isto é, levar hábil e pacientemente vosso estado vibratório às condições de suportardes programação nova em vossa trajetória de Espíritos delinquentes que, por isso mesmo, muito terão a realizar. [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 11)*

### **ESTUDO DA CIÊNCIA DA VIDA**

Prevenção para suicidas em vias de reencarnar – extensivo aos que se encontram reencarnados e trazem

Uma nova reencarnação será inevitável no vosso caso. Devereis repetir a experiência terrena que malograstes com o suicídio, negando-vos ao cumprimento do sagrado dever de viver o aprendizado da dor, em benefício de vós mesmos, de vosso progresso, vossa felicidade futura! [...]

[...] poderíeis, caso vos sentísseis verdadeiramente inclinados aos estudos da ciência do Invisível, fazer um curso de iniciação entre nós, o que – vo-lo afiançamos – vos habilitaria sobremodo para a vitória, suavizando ainda as agruras e percalços inerentes às experiências reabilitadoras, dolorosas como são elas, como sabeis, pois, o que vos ofereceríamos, com

tais ensinamentos, seria justamente a ciência da Vida, sob os auspícios do grande educador Jesus de Nazaré, cuja doutrina a Humanidade insiste em rejeitar, desconhecendo que, rejeitando-a, é a própria felicidade, é a glória imarcescível para o seu destino infindo que afasta para um futuro remoto!

Essa ciência, poderíeis apreendê-la na Terra mesmo, porque lá existem vários elementos, sólidos e verazes, capazes de iluminar cérebros e corações, impulsionando-os para o caminho da Verdade. Na grandiosa história da Humanidade rebrilham vultos eminentes, assinalados com as veras credenciais das virtudes e da sabedoria que lhes conferiram o título de instrutores capazes de orientar os homens para os seus magníficos destinos de filhos da Divindade suprema. Desceram eles das altas esferas espirituais, reencarnaram entre seus irmãos, os homens; diminuíram-se no sacrifício do corpo carnal, a fim de servirem aos soberanos desígnios do Criador por meio do amor às criaturas menos evolvidas, às quais procuram educar e elevar, concedendo às operosidades relativas a tão sublime ideal o melhor dos esforços e da boa vontade que alcandoram suas almas de missionários e instrutores! Em Jesus de Nazaré encontrareis o mais eminente desses respeitáveis vultos que perlustraram as sombrias plagas terrenas, e sob sua orientação agiram os demais, visto que até hoje nenhuma entidade que habitou a Terra teve capacidade para atingir, com o pensamento remontado às origens do planeta, a época exata em que o Senhor amado recebeu das mãos do Todo-Poderoso a Terra e suas humanidades para levantá-las do abismo inicial, educá-las e glorificá-las nas irradiações da luz imortal!

Mas... há milênios que vindes reencarnando na Terra e até agora, de tão preciosos tesouros nela depositados pelas inestimáveis bondades do Céu, jamais cogitastes de vos servir... por eles haveis passado indiferentemente, sem lhes examinar sequer o valor devido, sendo de temer que, se partirdes daqui sem as habilitações que lá, na Terra, também poderíeis colher, continueis debatendo-vos no mesmo círculo vicioso em que vindes permanecendo... pois sois fracos, não sabeis resistir às tentações do próprio orgulho e necessitais de forças para recomeçar a caminhada...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 12 a 16*

## **ORAÇÃO E VIGILÂNCIA – RACIOCINAR À LUZ DO DEVER, DA MORAL, DO BEM<sup>2</sup>**

[...] chegados à crosta terrestre, convém refletais com a máxima prudência — orando e vigiando —, como aconselharia nosso divino Modelo, isto é, raciocinando claramente às inspirações do dever, da moral, do bem, e não vos deixando arrebatado por antigos desejos e seduções, pelas vaidades, pela ociosidade tão comum nas baixas regiões do planeta.

[...] não para desfrutar alegrias e venturas a que não tendes direito ainda, porquanto não as conquistastes, mas em busca de habilitações para os prélios do progresso que cumpre atinjais!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 21 e 22*

## **CONFIANÇA NA PROVIDÊNCIA DIVINA – RESIGNAÇÃO FRENTE AO IRREMEDIÁVEL – FÉ - ORAÇÃO – ESFORÇO DE MANTER CORRENTE MAGNÉTICA SIMPÁTICA**

Aconselhou-me a confiar na Providência divina, que jamais abandona qualquer criatura que lhe suplique assistência; a resignar-me com o irremediável [...] a revigorar-me na fé [...] oração constante, ao esforço para estabelecer corrente magnética simpática, em súplicas a Maria para que me socorra, esclareça, console, preparando-me intimamente para o futuro.

[...]

O desânimo é mau conselheiro [...] Será de bom aviso meditareis serenamente no alvitre fornecido pela experiência de irmão Teócrito<sup>3</sup>. Aparentemente é um conselho trivial e inexpressivo. Mas fica sabendo que encerra sabedoria profunda e representa a chave áurea com que descerrarás barreiras que se te afiguram existir nas estradas para a reabilitação! Que importa, aliás, uma existência de trinta, sessenta anos de sacrifícios, na qual o corpo carnal poderá ser mutilado, se com ela é que reconquistaremos a honra espiritual, a paz que nos falta à consciência, no ensejo para a realização salvadora que nos identificará com a lei que infringimos?!...

2 A presente orientação dirigia-se aos desencarnados suicidas parcialmente reabilitados a quem foi permitida a visita à crosta, mas se aplica à experiência do retorno à Terra, pela reencarnação e, experiência vivenciada por muitos que hoje se debatem nas tentações do suicídio e, por isso, decidimos selecionar

3 refere-se ao conteúdo do § 33

Não temas os serviços da expiação, Mário, uma vez que todos nós, os que erramos, carecemos do seu concurso para desobrigarmos a consciência e, portanto, o destino, das responsabilidades aviltantes cujo volume tanto nos indispõe com as harmonias da Lei divina, criando anormalidades em torno de nós. Tens o futuro diante de ti a fim de auxiliar-te na renovação moral de que necessitas! Ele afirmará ao teu raciocínio, se te quiseres dar ao trabalho de ilações prudentes e sérias, que poderás expungir da alma o reflexo humilhante das más ações com a interferência dos deveres santificadores! Se, portanto, é necessário renovar a experiência terrena em corpo mutilado, a fim de que aprendas nas dificuldades daí originadas a te servires de todo o conjunto do envoltório carnal somente em sentido dignificante, não vaciles, enfrenta o sacrifício! [...] E se a tempo souberes clarear o teu ser com os resplendores da confiança em Deus, da esperança na sua paternal bondade, alimentando-o de coragem e resignação, certo de que jamais te abandonará nas asperidades do caminho reparador o amor daquele Pai que não condena, e sim ajuda a sua criatura a se erguer do abismo em que se deixou resvalar, poderás até mesmo sorrir à desgraça, deparar encantos ao longo do calvário que palmilhares!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de vigia.)*

### **MEIOS DE SE PREVENIR DO CONTÁGIO OBSESSIVO – REAJUSTAMENTO DOS SENTIMENTOS À PRÁTICA DO BEM E DO DEVER – COMUNHÃO COM O ALTO – HIGIENIZAÇÃO MENTAL**

A mesma Lei, sob a contradita da qual aquelas possibilidades poderão subsistir, também faculta aos homens meios eficazes de defesa!

Por meio da higienização mental, no reajustamento dos sentimentos à prática do verdadeiro bem, assim como no cumprimento do dever; nas harmoniosas vibrações originadas da comunhão da mente com a Luz que do Alto irradia em tons de beneficência para aqueles que a buscam, poderá a individualidade encarnada imunizar-se de tal contágio [...] Tratando-se de um vírus psíquico, é claro que o antídoto será análogo, harmonizado em energias opostas, também psíquicas...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O manicômio. § 11 e 12*

## MEIOS DE SE PREVENIR DO CONTÁGIO OBSESSIVO – ALERTAS – CONSCIÊNCIA – CRENÇAS E TRADIÇÕES SAGRADAS DE TODOS OS POVOS – MORAL CRISTÃ – ESPIRITISMO

E não existirá, porventura, meio seguro de prevenir o homem do nefando perigo a que se encontra exposto [...]?

[...] Existem vários meios pelos quais são eles avisados, e até posso mesmo assegurar que o alarme é permanente, incansável, ininterrupto, eterno! – e não dirigido a este ou àquele grupo de cidadãos, apenas, mas à Humanidade inteira!

Os avisos de que carecem os homens para se desviarem não só desse ominoso resultado, como dos demais tormentos que poderão atingi-los durante os ensaios terrenos para o progresso, estão nas advertências da própria consciência de cada um, a qual é o porta-voz da legislatura por que se deverá pautar, esboçando-lhe a prática do dever como proteção contra todo e qualquer malogro que possa surpreendê-lo na sociedade terrena como na espiritual! Estampam-se nos dispositivos que as crenças e tradições sagradas de todos os povos popularizam através das gerações, assim como se encontram nas resenhas da moral educativa legada ao gênero humano, como aos Espíritos pertencentes à Terra, pelo grande Mestre nazareno, a qual, longe de ser fruto do misticismo hiperbólico de um povo apaixonado e fantasista, como presumem os supostos espíritos fortes, é, ao contrário, a norma lógica e viva, cuja aplicação nos atos da vida prática diária virá garantir ao homem — à Humanidade — os estados felizes com que há milênios sonha, pelos quais se debate em lutas incessantes e inglórias, mas para a conquista das quais tem desperdiçado tempo valioso, deixando de abraçar os únicos elementos que o ajudariam na heroica odisseia, isto é, o respeito às leis que regem o Universo e presidem ao seu destino, a autorreforma indispensável e dali consequente! E presentemente, com absoluta eficiência, estão nos códigos luminosos da chamada Nova Revelação que preside, nos tempos atuais, sobre a Terra, à transformação social que se esboça no mencionado planeta. Facultando francas relações entre os planos objetivo e invisível; estabelecendo e popularizando a comunhão de ideias entre nós, os Espíritos desencarnados, e os homens ainda retidos na armadura carnal, a Nova Revelação instruirá a quantos se interessarem pelos edificantes e magnos assuntos da sua especialidade, assim permitindo aos homens receberem do Invisível tudo o de que necessitarem realmente, a fim de se fortalecerem para a ciência da vitória. Assim sendo, necessariamente o homem conhecerá todos os aspectos da vida do Invisível que o estado do seu progresso moral e mental permitir!

Suas glórias e belezas ser-lhe-ão desvendadas; os supostos segredos que envolviam a morte, em planos indevassáveis, serão solucionados por fatos clarividentes e elucidativos, assim como os perigos que o cercam — como os de que tratamos —, os abismos, as calamidades de que poderia ser vítima por parte de habitantes do Invisível, ainda inferiorizados. Tudo quanto os Espíritos têm podido tentar para despertar a atenção dos homens no intuito de instruí-los, advertindo-os no que concerne aos seus destinos espirituais, há sido tentado por meio da Nova Revelação.

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O manicômio. § 15 a 17*

### **APLICAÇÃO DA CORAGEM MORAL, FRENTE AOS EMBATES DA VIDA – RESIGNAÇÃO FRENTE AO INEVITÁVEL**

[...] suicídio, estado já de si mesmo calamitoso e, por isso mesmo, digno de ser evitado com a aplicação da coragem moral, frente aos embates comuns à existência, e com resignação ante o inevitável. [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 21 – O elemento feminino. § 29*



13

**PREVENÇÃO SECUNDÁRIA**

**M**as – perguntarão – por esse meio destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios não motivados, desse insuportável desgosto da vida, que nada parece justificar? Esta causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, se o Espiritismo só curasse estas, já seria muito; a primeira é, propriamente falando, da alçada da Ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo: Nós curamos aquilo que nos diz respeito; por que não curais o que é da vossa competência? Contudo, não hesitamos em responder à questão afirmativamente.

Evidentemente certas afecções orgânicas são alimentadas, e mesmo provocadas, pelas disposições morais. O desgosto da vida o mais das vezes é fruto da saciedade. O homem que tudo usou, não vendo nada além, está na situação do ébrio que, tendo esvaziado a garrafa e nada mais tendo, a quebra. Os abusos e o excessos de toda sorte levam forçosamente a um enfraquecimento e a uma perturbação das funções vitais; daí uma porção de doenças cuja fonte é desconhecida e que julgamos causativas, quando, na verdade, são apenas consecutivas; daí, também, uma sensação de langor e de desalento. O que faltaria ao hipocondríaco para combater suas ideias melancólicas? Um objetivo na vida, um móvel à sua atividade. Que objetivo pode ter se em nada crê? O espírita faz mais do que acreditar no futuro: sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem à frente, que a vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz conforme o emprego que faça da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que fizer. Ora, certo de viver depois da morte, e de viver muito mais tempo do que na Terra, é muito natural que pense em ser ali o mais feliz possível; além disso, certo de lá ser infeliz se não fizer o bem, ou mesmo se, não fazendo o mal, nada faz, compreende a necessidade de uma ocupação, o melhor preservativo contra a hipocondria. Com a certeza do futuro, tem um objetivo; com a dúvida, não o tem. É tomado pelo tédio e acaba com a vida porque nada mais espera. Que nos permitam uma comparação um pouco trivial, mas à qual não falta analogia: Um homem passou uma hora assistindo a um espetáculo. Se pensa que a peça acabou, levanta-se e sai; mas se souber que ainda vão representar coisa melhor e mais longa do que o que viu, ficará, mesmo que no pior lugar. A espera do melhor nele vencerá a fadiga.

As mesmas causas que levam ao suicídio também provocam a loucura. O remédio de um é o remédio da outra, como o demonstramos alhures. Infelizmente, enquanto a Medicina só levar em conta o elemento material,

privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, o qual representa papel tão ativo num grande número de afecções.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1862 (julho). *Estatística de suicídios*

## PREVENÇÃO CONTRA O SUICÍDIO

Quando a ideia de suicídio, porventura te assome à cabeça, reflète, antes de tudo, na Infinita Bondade de Deus, que te instalou na residência planetária, solidamente estruturada, a fim de sustentar-te a segurança no Espaço Cósmico.

Em seguida, ora, pedindo socorro aos Mensageiros da Providência Divina.

Medita no amor e na necessidade daqueles corações que te usufruem a convivência. Ainda que não lhes conheças, de todo, o afeto que te consagram e embora a impossibilidade em que te reconheces para medir quanto vales para cada um deles, é razoável ponderes quantas lesões de ordem mental lhes causarias com a violência praticada contra ti mesmo.

Se a ideia perniciosa continua a torturar-te, mesmo que te sintas doente, refugia-te no trabalho possível, em que te mostres útil aos que te cercam.

Visita um hospital, onde consigas avaliar as vantagens de que dispões, em confronto com o grande número de companheiros portadores de moléstias irreversíveis.

Vai pessoalmente ao encontro de algum instituto beneficente, a que se recolhem irmãos necessitados de apoio total, para os quais alguns momentos de diálogo amigo se transformam em preciosa medicação.

Lembra-te de alguém que saibas em penúria e busca avistar-te com esse alguém, procurando aliviar-lhe a carga de aflição.

Comparece espontaneamente aos contatos com amigos reeducandos que se encontrem internados em presídios do teu conhecimento, de maneira a prestares a esse ou aquele algum pequenino favor.

Não desprezes a leitura de alguma página esclarecedora, capaz de renovar-te os pensamentos.

Entrega-te ao serviço do bem ao próximo, qualquer que ele seja e faze empenho em esquecer-te, porque a voluntária destruição de tuas possibi-

lidades físicas, não só representa um ato de desconsideração para com as bênçãos que te enriquecem a vida, como também será o teu recolhimento compulsório à intimidade de ti mesmo, no qual, por tempo indefinível, permanecerás no envolvimento de tuas próprias perturbações.

*EMMANUEL (Espírito) Psicografado por Francisco C. Xavier. Pronto Socorro. Cap. XXIX - Prevenção contra suicídio*

### **AMIZADE – SOLIDARIEDADE CRISTÃ**

[...] se não encontráramos a satisfação por que suspirávamos — imerecedores que éramos dela — no entanto adquiríramos o mais precioso bem a que um Espírito delinquente poderá aspirar para lhe servir de promissor farol nas estradas onde se assentará o seu calvário de expiações: abnegados irmãos, amigos tutelares fiéis aos elevados princípios cristãos do amor e da fraternidade!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 18*

### **AMOR FRATERNAL ENTRE O INSTRUTOR E OS ALUNOS**

Participou-nos, em seguida, que sua primeira aula consistiria na apresentação de sua personalidade a nós outros, seus discípulos. Que necessário seria que o conhecêssemos intimamente, a fim de que seus exemplos nos estimulassem na senda espinhosa em que seríamos chamados a solver vultosos débitos, porquanto será sempre de boa pedagogia que o mentor apresente seus próprios exemplos aos alunos, a quem inicie, e também para que aprendêssemos a amá-lo, a nele confiar, tornando-nos seus amigos, considerando-o bastante digno de ser ouvido e acatado. Que pudéssemos, em primeira análise, observar nele próprio os efeitos imarcescíveis de um caráter reedificado pelo amor do Bom Pastor, redimido pelos preceitos que deveríamos, por nossa vez, conhecer para nos reerguermos das sombras da impiedade em que jazíamos, pois a verdade era que desconhecíamos totalmente o Cristianismo legado pelo Mestre nazareno, não éramos cristãos, senão adversários do Cristo, ovelhas rebeladas que, em verdade, não conheciam o seu Pastor!

[...] Quando cessou o dramático desfile, o belo instrutor adolescente surgia ao nosso entendimento como um ser amado de quem nunca mais nos desejaríamos apartar! Fora, por assim dizer, um consórcio de nossas almas com a sua o que se verificara por meio das exposições feitas, porquanto, a mais viva atração afetiva nos impelia para ele, correspondendo,

assim, os nossos sentimentos aos seus nobres e fraternos desejos.

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 17 – “Vinde a mim” § 2 e 3*

## COMPREENSÃO FRATERNA PARA COM AS PESSOAS QUE INTENTAM O SUICÍDIO

[...] pobre Espírito que em tão sinistras condições abandonava o seu far-do corpóreo.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Prólogo – As costas da Bretanha. § 10*

## DIÁLOGO FRATERO - DESPERTAMENTO PARA OS DEVERES - PROMESSA DE APOIO – CONVITE À FELICIDADE E NÃO À MORTE

Entrementes, Alexis inicia a tentativa para dissuadi-la do suicídio. Fala-lhe com eloquência, despertando-a para o dever, lembrando-lhe o filho que ela traz consigo, aludindo a Deus e suas leis e ao crime que ela cometeria ante o Céu, a família, a sociedade, o pai de seu filho, a si própria. Fala-lhe de Villiers, o qual, afinal, é um fidalgo merecedor de acatamento, e da felicidade que ele, certamente, pode dar-lhe, pois que a ama. Conta-lhe, em nuances emocionantes, o sonho que tivera naquela noite: a presença de sua mãe, de seu pai, de sua avó, e diz-lhe das impressões trazidas ao despertar, impressões que o aconselham a deter-se ante o suicídio e a fazê-la, igualmente, deter-se. Lembra-lhe Arthur, tão infeliz, que ficaria em doloroso desamparo se ele, Alexis, e ela própria desaparecessem por um crime de suicídio. Fala-lhe dos deveres para com Deus, para com seus pais, para com o filho inocente que ela está gerando. Promete-lhe eterna fidelidade diante de Deus: seguirá, dali por diante, a vida religiosa, pois foi sempre o seu mais caro ideal, não realizado até aquela data devido ao compromisso assumido para com seus tios, a fim de desposá-la. E termina por esta categórica afirmativa:

— Não. Andrea, eu não quero morrer, não quero, não posso matar-me! E nem consentirei que o faça. Vamos subir para casa. Nossa família espera para o almoço em tua honra. Vamos ao encontro da felicidade, não da morte!

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 15 - A vitória do obsessivo §32 e 33*

## **EDUCAÇÃO E REEDUCAÇÃO DA CRIANÇA E DO JOVEM SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DAS DOCTRINAS ESPIRITUALISTAS, BASEADA NA BONDAD E NA PERSUAÇÃO, NO AMPARO FRATERN E NA CARIDADE CONSOLADORA**

– Não podeis acusar-me de não a ter podido reeducar no exíguo espaço de dois anos, conforme pretendi. Se a educação de Andrea me fora confiada desde sua infância, afianço-vos que suas condições morais hoje seriam outras. As doutrinas espiritualistas que professo parecem-me bem mais humanas e justas do que os tradicionais preceitos de nossos avós, que excluem a bondade e a persuasão e prescrevem a severidade e o rigor nos casos como o que vivemos, nos quais mais eficientes seriam o amparo fraterno e a caridade consoladora. {Falta de educação religiosa, moral, espiritual, mental, para a vida verdadeira; falta do amparo fraternal e a caridade consoladora e, ao mesmo tempo, o uso da severidade e do rigor}

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 12. - O Conselho Familiar. § 43*

## **CONSCIÊNCIA DA TRANSITORIEDADE DAS ADVERSIDADES TERRENAS**

[...] o remorso inconsolável de preferir a descrença em que vivera e morrera à conformidade conselheira e prudente, frente às penas da adversidade, pois, reconhecia agora, tardiamente, que todos os dramas que a vida terrena apresenta são meros contratemplos passáveis, contrariedades banais, comparados aos monstruosos sofrimentos originários do suicídio, cuja natureza e intensidade nenhum ser humano, mesmo um Espírito desencarnado, é competente para avaliar, uma vez que as não tenha experimentado!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 6 - A comunhão com o alto. § 82*

## **FORTALECIMENTO MORAL - ENTENDIMENTO DA TRANSITORIEDADE DOS SOFRIMENTOS**

- Coragem, peregrino do pecado! Volta ao ponto de partida e reconstrói o teu destino e virtualiza o teu caráter aos embates remissores da Dor Educadora! Sofre e chora resignado, porque tuas lágrimas serão o manancial bendito onde se irá dessedentar tua consciência sequiosa de paz! Deixa que teus pés sangrem entre os cardos e as arestas dos infortúnios das reparações terrenas; que teu coração se despedace nas forjas da adversidade;

que tuas horas se envolvam no negro manto das desilusões, calcadas de angústias e solidão! Mas tem paciência e sê humilde, lembrando-te de que tudo isso é passageiro, tende a se modificar com o teu reajustamento às sagradas leis que infringiste... e aprende, de uma vez para sempre, que és imortal e que não será pelos desvios temerários do suicídio que a criatura humana encontrará o porto da verdadeira felicidade...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 22 – Últimos traços. § 46*

### **RESIGNAÇÃO AO SOFRIMENTO – TUDO É REMEDIÁVEL – PARA TUDO HÁ SOLUÇÃO NO AMOR A DEUS E NA BENEFICÊNCIA AO SEMELHANTE**

E Alexis ouviu, ainda, esta advertência:

Sofre, filho querido, tudo quanto a Terra possa dar-te em amarguras e padecimentos, e não te entregues ao suicídio, porque multiplicarias as próprias desventuras. [...] Sofre, pois, a dor do teu amor traído, porque ele não está perdido, e sim apenas adiado o momento de poderes fruir a felicidade de possuí-lo definitivamente. Sofre a vergonha, sofre o abandono, sofre o desprezo, sofre o olvido, sofre a solidão do coração e a mágoa da traição, sofre tudo, meu filho, porque tudo isso é remediável, porque para tudo isso encontrarás solução no amor a Deus e na beneficência ao teu semelhante. A única coisa irremediável é a consequência de um ato de suicídio. [...]

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. Cap. 14 - Uma viagem ao infinito § 33 e 34*

### **REEDUCAÇÃO MENTAL, MORAL, DOS SENTIMENTOS – EDUCAÇÃO DOS IMPULSOS**

[...] atendemos com as atenções inspiradas nos estatutos da Legião, que, no caso, aplica a reeducação, tratamento inteiramente moral, porque o mal que a Jerônimo infelicitava, como o que atormenta a vós outros, somente com a renovação individual, operada interiormente pelo próprio paciente, será removido...

A paixão mórbida que desequilibradamente nutriu pela esposa e pelos filhos [...] humanos! Jerônimo amava egoisticamente, desorientadamente, entrincheirando o coração contra toda a possibilidade de amparo que a razão e o lúcido raciocínio poderiam conferir... e, como não deveis ignorar,

cumpre-nos estar sempre advertidos de que, nem mesmo aos próprios filhos, deverá o homem amar discricionariamente, com os impulsos cegos da paixão!<sup>1</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 21 e 22*

## DESPERTAMENTO DO GOSTO PELA EXISTÊNCIA

Eu e meus auxiliares velaremos por eles aqui, no Recolhimento, ajudando-os à readaptação às coisas da Terra, despertando-lhes o gosto pela existência no seio generoso do planeta tão bem-dotado pela sabedoria do Todo-Misericordioso, e que só os desvarios do homem tornaram inclemente e ingrato!... pois convém não esquecer que o suicida desencantou-se da permanência na sociedade terrena, ele a detesta e quisera afinar-se com outra que lhe falasse melhor aos anseios íntimos!<sup>2</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 12 – Prelúdios de reencarnação. § 53*

## REEDUCAÇÃO MORAL

[...] Deveis, por isso mesmo, iniciar conosco um curso de reeducação moral-mental-espiritual, que é o que vos tem faltado [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 16 – A Mansão da Esperança. § 34*

## CULTIVO DOS PRECIOSOS DONS DO ESPÍRITO

[...] houvésseis cultivado os preciosos dons do Espírito, assim vos aposando dos sublimes conhecimentos das Ciências Psíquicas, além de não haver convosco a possibilidade de uma derrota produzida por suicídio, porquanto vos teríeis colocado em planos muitas vezes superiores aos em que medram as paixões e insânias que a este dão causa [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 17 – “Vinde a mim” § 7*

1 Embora o texto se refira aos cuidados com suicidas desencarnados, aplica-se igualmente aos encarnados

2 Não será também esse o trabalho a desenvolver, entre os encarnados com o desgosto pela vida e a ideiação suicida, inclusive o entendimento da vida corporal e suas lutas como único recurso para atingir o estado de paz?

## AUTO-CONHECIMENTO

Outros cursos fazíamos [...] através de estudos profundos, análises tão penosas quão sublimes! E nestas mesmas análises entrava a necessidade de estudarmos a nós próprios, aprendendo a nos conhecermos intimamente! Exames pessoais melindrosos eram efetuados com minúcias aterrorizantes para o nosso orgulho e para a nossa vaidade, paixões daninhas que nos haviam ajudado na queda para o abismo [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 18 - "Homem, conhece-te a ti mesmo" § 1*

## AUTO-CONHECIMENTO - ENTENDIMENTO DA CONDIÇÃO DE ESPÍRITO ETERNO E DA DESTINAÇÃO DO ESPÍRITO

- Nenhuma tentativa para o reerguimento moral será eficiente se continuarmos presos à ignorância de nós mesmos! Será indispensável, primeiramente, averiguarmos quem somos, donde viemos e para onde iremos, a fim de que nos convençamos do valor da nossa própria personalidade e à sua elevação moral nos dediquemos, devotando a nós próprios toda a consideração e o máximo apreço. Até aqui [...] tendes caminhado cegamente, pelas etapas das migrações na Terra e estágios no Astral, movimentando-vos em círculo vicioso, sem conhecimentos nem virtudes que vos induzissem a progresso satisfatório. Engolfados nos desejos impuros da matéria, passivos aos impulsos cegos das mais danosas paixões ou embrutecidos na ganga obscura dos instintos, tendes ignorado, propositadamente, graças à má-vontade, ou absorvidos por criminosa indiferença, que ao nosso ser o Todo-Poderoso enalteceu com essências que Lhe são próprias, as quais nos é dever cultivar sob as bênçãos do progresso, até que floresçam e frutifiquem na plenitude da vitória para que fomos, por isso mesmo, destinados!...

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 18 - "Homem, conhece-te a ti mesmo" § 52*

## AUTO-CONHECIMENTO

Muitas pessoas pensam evadir-se da responsabilidade, escudando-se na desculpa de que se armam: "Não sabia o que estava fazendo", como se alguém, em sã consciência, no estado atual do conhecimento ético e religioso da Terra, possa ignorar o gravame do suicídio, particularmente no Ocidente, onde o Cristianismo, por meio de todas as igrejas de fé, o procreve e condena. Outrossim, todos possuímos na consciência, exceção feita

aos imbecis e outros dementes, a noção do que é certo e errado, moral e imoral. A preferência pessoal, em razão do estado de evolução espiritual de cada um, dá-nos, porém, maior ou menor dimensão, agrava ou atenua nossas responsabilidades.

Lisandra, agora, discernia e compreendia bem ser responsável pela própria desdita, atenta ao semblante da mãe, vincado por acicates implacáveis, rasgado pelas garras férreas do sofrimento que colocara ácido nas feridas, sem uma queixa, sem uma blasfêmia, sem um estrugir de revolta...

Pela primeira vez na vida, no quarto em que o sol penetrava a flux, se deu conta dos desatinos da sua insensatez e do quanto a genitora devia amargar, asfixiada no silêncio do martírio. Repassou, mentalmente, as cenas que presenciara com o pai agressivo e a resignação materna, o posterior internamento na colônia de hansenianos e a indescritível angústia que lhe sombreara os olhos claros, que perderam o fulgor primitivo...

Na reflexão edificante, fixou a tia solteira, que renunciara comodidades e afetos, envelhecendo no serviço de “boa samaritana” junto à cunhada e aos sobrinhos, a quem doara a vida por amor, também, sem qualquer azedume ou reclamação... E ainda agradeciam a Deus! Por que ela se sentia tão infeliz?

— Por que sou tão infeliz?! — perguntou com débil voz, saindo da reflexão para a realidade objetiva.

No acolhedor silêncio do quarto, cada um por sua vez meditava. A interrogação trouxe-os todos ao recinto arejado, e D. Artêmis, que retinha na sua a mão da filha, sentada ao lado do leito, respondeu inspiradamente:

— Porque a felicidade se encontra onde cada qual coloca o coração, conforme ensinou Jesus. Se você situa as aspirações no prazer fugidivo, no ouro mentiroso e nas paixões que ardem e se apagam breve, a sua ausência produz a desdita. No entanto, se pensa em paz de consciência, retidão moral e dever corretamente cumprido, como metas de dignidade e honradez, a ventura se estabelecerá no coração tranquilo...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco.  
Tramas do destino. Cap. 19 - Felicidade, desdita e nós*

## COMPREENSÃO DA ETERNIDADE E DA RAZÃO DA VIDA – ACEITAÇÃO – RESIGNAÇÃO – PACIÊNCIA – CORAGEM

Os motivos de suicídio são de ordem passageira e humana; as razões de viver são de ordem eterna e sobre-humana. A vida, resultado de um passado completo, instrumento de futuro, é, para cada um de nós, o que deve ser na balança infalível do destino. Aceitemos com coragem suas vicissitudes, que são outros tantos remédios para as nossas imperfeições, e saibamos esperar com paciência a hora fixada pela Lei equitativa para termo da nossa permanência na Terra.

LÉON DENIS. *O problema do ser, do destino e da dor. Cap. X – A morte* §42

## RECONCILIAÇÃO COM A VERDADEIRA FÉ CRISTÃ – RESIGNAÇÃO NA DESVENTURA – RENÚNCIAS NECESSÁRIAS

Urgia fossem afastadas daqueles eternos insatisfeitos e voluntariosos as atrações pelas paixões mundanas e pessoais, os arrastamentos impuros e caprichosos que os perderam. Cumpria à Instituição que os acolhia instruí-los para os ditames da resignação na desventura, para as resoluções decisivas, para as renúncias inalienáveis, reconciliando-os ainda com a verdadeira fé cristã, que até então desprezavam conhecer à luz do devido critério.<sup>3</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 11 – Outra vez Jerônimo e família. § 11*

## ILUMINAÇÃO PELO EVANGELHO

— Vai, Aníbal... e dá dos teus labores à Legião de minha mãe! Socorre com meus ensinamentos, que tanto prezas, os que mais destituídos de luzes e de forças encontras, confiados aos teus cuidados... Pensa, de preferência, naqueles cujas mentes hão desfalecido sob as penalidades do suicídio... Entreguei-os, de há muito, à direção de minha mãe, porque só a inspiração maternal será bastante caridosa para erguê-los para Deus! Ensina-lhes a minha palavra! Desperta-os, recordando-lhes os exemplos que deixei! Por meio de minhas lições, ensina-os a amar, a servir, a dominar as paixões, apondo sobre elas as forças do conhecimento, a encontrar as estradas da redenção no cumprimento do dever, que para os homens tracei, a sofrer com paciência, porque o sofrimento é prenúncio de glória, alavanca poderosa do progresso... Abre-lhes o livro das tuas recordações!

3 Embora o texto se refira aos cuidados com suicidas desencarnados, aplica-se igualmente aos encarnados com ideação suicida e a alguns dos cuidados que se deve ter com eles

[...] e ilumina-os com as claridades do meu evangelho, pois é só isso o que lhes falta!...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 16 – A Mansão da Esperança. § 56*

## COMPREENSÃO DE JESUS E DA SUA DOUTRINA - A NATUREZA EXCEPCIONAL E A MISSÃO DIVINA DE JESUS

A partir daquele dia assistíamos periodicamente às aulas de Aníbal [...]

O catedrático explanou, de princípio, as causas da vinda de Jesus à Terra. Arrebatador desfile de civilizações passou, gradativamente, pela tela mágica [...] Sem a palavra messiânica as sociedades terrenas, então, se nos afiguraram, com efeito [...] um mundo sem a aquecedora luz de um globo solar, um coração vazio da força impulsionadora da Esperança! [...]

[...] E era empolgante, era belo e comovedor [...] ressuscitarmos do silêncio dos séculos a existência das sociedades que se foram na sucessão das idades [...] Ao nosso entendimento se apresentou a vida da Humanidade desde os primórdios [...] a história magnífica do crescimento das sociedades que lutaram sobre a crosta do planeta [...] trabalhando continuamente em busca do mesmo progresso, enamoradas do mesmo alvo – a Perfeição!

[...] Fazendo parte dessa sociedade terrena, dessa humanidade desgraçada, ímpia e sofredora que desconhece Deus por preteri-lo às paixões, éramos solidários com seus mesmos infortúnios, pois que também nossos [...]

Até que, em certa aula [...] Aníbal apresentou-nos a figura inconfundível, a figura inesquecível do Meigo Rabi da Galileia, através das lembranças reproduzidas na tela magnética com o colorido vivo e sedutor da realidade! Então, a epopeia augusta do Cristianismo, desde a manjedoura humilde de Belém transformada em berço celeste, desenvolveu-se magistralmente, em estudos fecundos para o nosso entendimento, que começou a soletrar, só então, a palavra sacrossanta da redenção! As cenas descritas pelo expositor [...] mostravam circunstanciadamente, com clareza impressionante, as prédicas inesquecíveis do Divino Mensageiro, os discursos sugestivos [...], as lições resplandecentes da mais elevada e pura moral, lançadas aos ares da Judéia humilde e oprimida, mas ecoadas pelos recantos mais longínquos do mundo quais convites amistosos e perenes à regeneração dos costumes para o reinado do verdadeiro Bem, apelos amorosos de confr-

ternização pessoal e social, para a concretização de uma Pátria ideal na Terra, cujas normas de governo Ele oferecia através de Sua oratória impecável, de Sua exemplificação na vida prática sem precedentes, como nas fulgurações imperecíveis daquela áurea Doutrina cujo alvo era a educação moral do homem, cuja finalidade era sua exaltação para a glória da vida sem ocaso, da Vida Eterna na unidade com Deus! A imagem sedutora do Enviado Celeste gravou-se, por assim dizer, também em nossas mentes, em traços cativantes e indeléveis, tornando cada um de nossos corações sincero enamorado do Cristianismo, predispostos a aquisições morais sob suas benéficas inspirações [...]

Igualmente nos dizia que o mundo terreno desconhece grande parte dos ensinamentos por Ele trazidos, pois que, destruídos foram muitos aspectos, verdadeiramente feéricos, da Verdade Divina por Ele exposta, rejeitados que foram pela má-fé ou pela ignorância presunçosa dos homens! Mas que, no entanto, soara o momento em que sua Doutrina Grandiosa seria devidamente alçada para o conhecimento de todas as camadas sociais! Para isso, a Terceira Revelação de Deus aos homens era já fornecida à Humanidade em nome do Redentor... e nós mesmos, que éramos Espíritos, estávamos convidados a colaborar nesse empolgante movimento chefiado pelo Mestre, procurando falar com os homens a fim de revelar-lhes estas coisas todas, porquanto a chamada Terceira Revelação mais não era do que um intercâmbio ostensivo, minucioso, de ideias entre os Espíritos e a Humanidade, subordinado aos ditames da Ciência Universal como da Moral Excelente do próprio Cristo de Deus!

conhecemos as pelejas ardentes dos discípulos pela difusão do Testamento regenerador do Mestre, o martírio dos humildes e abnegados cristãos, inspirados sempre pela força imanente da fé... e a reforma consequente dos indivíduos que se submetiam àqueles princípios regeneradores e educativos! Estudamos, analisamos e investigamos tudo quanto fora possível à nossa mentalidade suportar em torno da Doutrina de Jesus Nazareno. [...] incomparável Doutrina que tem origem no próprio pensamento divino, e que, sendo a Lei mesma estatuída pelo Criador de Todas as Coisas, um dia envolverá em suas imperecíveis fulgurações todos os setores das sociedades terrestres e espirituais!

Sentíamo-nos atraídos e arrebatados. Só então compreendemos a razão da súbita transformação daquela Maria de Magdala, tão sedutoramente apontada no Evangelho do Senhor; daquele Saulo de Tarso, vaso escolhido do Messias Celeste; e o que dantes nos parecia mito, lendas imaginosas de orientais místicos, avultou-se em nosso entendimento como fato lógico

e irresistível, que não poderia deixar de existir tal como se deu e as tradições narraram! Apresentado à nossa compreensão assim, naturalmente, com singeleza, desataviado dos mistérios com que os homens teimam em ofuscar-lhe a grandeza, o Enviado Celeste impôs-se à nossa convicção realmente como o Mestre por excelência, o Guia Incomparável, devotado ao superior ideal da regeneração humana através do Amor, da Justiça, do Trabalho! Compreendemo-lo e amamo-lo, então, o necessário para nos abastecermos da Fé e da Esperança, qualidades indispensáveis ao Espírito em marcha de progresso, as quais, havia séculos, faltavam nos cabedais dos nossos corações!

Esse admirável curso requereu de nossa boa-vontade e esforços, e da abnegação do nosso preceptor espiritual, longos anos de dedicação e estudos incansáveis, assim como de exemplificação e prática, visto ser a Doutrina Messiânica prática por excelência, confirmando-se invariavelmente através da vida cotidiana de cada adepto. Era a iniciação cristã rigorosamente ministrada, de forma a não nos deixar motivos nem ensejos para futuros deslizes nos campos da Moral!

Mas a caminhada afigurava-se árdua, demasiadamente longa para muitos de nossos cômpanes, os quais se deixavam turbar frente ao labor espinhoso e constante, que se tornaria imprescindível desenvolver. Todavia, chegáramos a uma época de nossa existência de Espíritos em que já não era possível estacionar, vergados sob as crenas do desânimo. Reagíamos contra as ameaças da fraqueza, da angústia feraz que nos rondava, compreendendo que urgia prosseguir a despeito do infinito de lutas que acentavam nas dobras do porvir, enquanto que a protetora voz da Consciência nos advertia de que, com o Lente Magnífico de Nazaré, adquiriríamos cabedais justos para a jornada que se delineava ao nosso pávido entendimento de delinqüentes arrependidos!

“Vinde a mim, vós que sofreis, e eu vos aliviarei...”

E nós atendíamos ao doce e irresistível chamamento e avançávamos... e seguíamos... Jesus-Cristo, Divino Redentor das almas frágeis e rebeladas cumpria a promessa: atraía-nos com seus ensinamentos sublimes, tomava-nos para seu redil e convencia-nos a perseverar em seus conselhos, provando-nos todos os dias, através da transformação miraculosa que em nosso ser se operava, o caridoso interesse em desviar-nos da desgraça para encaminhar-nos à redenção!

Empolgados por esse curso atraente, que tanto alívio nos trouxera, es-

quecíamos os dramas penosos, o desequilíbrio das paixões que nos haviam desgraçado [...] para eficiência da preparação, [...] tínhamos aulas práticas, nas quais testemunharíamos a eficiência do aprendizado teórico [...]

[...] Vivíamos reclusos, era bem verdade [...] mas também não era menos verdadeiro que vivíamos rodeados de uma assistência seleta, no âmbito social de uma plêiade de educadores e intelectuais cuja elevação de princípios ultrapassava tudo quanto poderíamos conceber! E porque compreendêssemos que tal reclusão era-nos como dádiva magnânima a auxiliar-nos o progresso, a ela nos resignávamos com paciência e boa-vontade.

Diariamente, ao entardecer, eram-nos permitidos recreios no grande parque da Universidade. Reuníamos-nos então em grupos homogêneos e nos dávamos a conversações, comentários em torno de nossas vidas e da situação presente. Nossas boas preceptoras, as vigilantes de cada grupo, geralmente tomavam parte em tais recreios [...]

[...]

Então orávamos, [...] orávamos sentindo em cada dia o ósculo de benéfico reconforto vivificando nossas almas, tal se misericordiosos bálsamos refrescassem nossas consciências das excessivas ardências que se haviam rasgado em nosso ser pelas garras infames do suicídio que nos deprimira e desgraçara à frente de nós mesmos!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 17 - "Vinde a mim". § 2, 3, 7, 12 a 26, 28*

## **FORTALECIMENTO EM JESUS – PRECE E RESPOSTA DO ALTO – AMPARO DOS BONS ESPÍRITOS**

Sentiu que lágrimas ardentes corriam de seus olhos, banhando-lhe as faces. O vulto longínquo de seu mestre religioso, Henrique de Modena, de Madrid, surgiu de suas lembranças e ele recordou a constante advertência que dele ouvia, nos distantes dias escolares:

— Nasceste para o sofrimento, Alexis d’Evreux, eu bem o sei. Mas lembra-te, meu filho, de que, sejam quais forem as amarguras e decepções que a vida te apresente, encontrarás consolo e forças aos pés de Jesus-Cristo.

Então. ele caiu de joelhos junto daquele banco que fora testemunha dos seus sonhos de amor. Elevou, súplice, o coração para o Alto, para o Infinito, num gesto fervoroso de submissão ao Criador. Rogou ao Todo-Poderoso que se condoesse da sua miséria e o socorresse naquele momento de

provação. Que o Céu o reanimasse, para que ele pudesse expulsar de si os ecos daquela tentação que o arrastava ao suicídio. Não, mil vezes não! Ele não desejava matar-se. Mas sentia-se impelido a esse crime por uma força mórbida que o enlouquecia.

A prece foi vibrante, arrancada da alma por um impulso humilde de fé e confiança. Suave sonolência como que o atingiu em seguida. Debruçou-se sobre o banco e, ajoelhado, ali permaneceu durante alguns minutos, enquanto o sereno da madrugada orvalhava seus cabelos. E, em dado instante, sob a suave ação daquele estado insólito, eis que o doce contacto de uma advertência espiritual repercutiu em sua consciência, qual intuição protetora:

— Volta para casa, meu filho, deita-te e dorme. E, acima de tudo, confia em Deus. E Deus será contigo.

Seria uma voz de Além-túmulo? Era uma vibração, apenas. Mas, nessa vibração, Alexis reconheceu o tom vocal de sua avó, a dedicada mãe que ele conhecera.

Então, levantou-se lentamente e dirigiu-se para o palácio. Deitou-se sobre o leito, sem mesmo despir-se, e adormeceu profundamente, como se ação magnética benfazeja descesse em seu socorro.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 13 - Na hora do testemunho*

## **PRECE - AUTO-CONHECIMENTO - REEDUCAÇÃO MENTAL - EXERCÍCIOS DE LIGAÇÃO COM OS PODERES DO ALTO - PIEDADE - COMPREENSÃO - AUSÊNCIA DE JULGAMENTO - SOLIDARIEDADE**

O convite à prece, ao exame individual interior, era repetido e satisfatoriamente explicado todos os dias, antes do ingresso nos gabinetes para a higienização fluídica operada pelos dedicados psiquistas. Esses os principais recursos a serem tentados na ocasião para tratamento dos enfermos, visto que seriam tentativas para a reeducação mental, exercícios que levariam o paciente a estabelecer mais tarde correntes harmoniosas com os benéficos poderes do Alto; e tão transcendente ensinamento era enunciado singelamente, ao critério de métodos ao alcance daquelas mentes conturbadas, e sob inspirações de uma doce e fraternal caridade cuja fragrância penetrou até o âmago das nossas almas comovidas ante a visão de tão nobres corações devotados ao auxílio amoroso para com o próximo!

O jovem obreiro, sincero, humilde no seu imensurável esforço pela caridade, não enxergava, naqueles réprobos feios e repulsivos a quem servia, o indivíduo maculado pelos erros vergonhosos, nem a configuração astral execrável do que fora um homem dissoluto que dispersara a faculdade nobre dos sentidos no domínio dos gozos impuros. O que ele via e piedosamente amava, desejando servir e engrandecer, eram irmãos menores do que ele, os quais mandava o dever fossem ajudados pelos mais velhos a galgar as escarpas do progresso; eram almas destinadas à glorificação da Luz, que necessitavam orientar-se na longa estrada em que realizariam o espinhoso trajeto da ascensão para o foco sublime, gerador da Vida!<sup>4</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 - O Manicômio. § 68 e 69*

## DESENVOLVIMENTO DO AMOR A DEUS, DA PRECE, DO AMOR AO PRÓXIMO

Aprendi, porém, a respeitar a ideia de Deus, o que já era uma força vigorosa a me escudar, auxiliando-me no combate a mim mesmo. Aprendi a orar, confabulando com o Mestre Amado nas asas luminosas e consoladoras da prece lídima e proveitosa! Muito trabalhei, esforçando-me diariamente, durante quarenta anos, ao contacto de lições sublimes de mestres virtuosos e sábios, a fim de que, das profundezas ignotas do meu ser, a imagem linda da Humildade surgisse para combater a figura perniciosa e malfazeja do Orgulho que durante tantos séculos me vem conservando entre as urzes do mal, soçobrado nos baixios da animalidade! Ao influxo caridoso dos legionários de Maria também comecei a soletrar as primeiras letras do divino alfabeto do Amor, e com eles colaborei nos serviços de auxílio e assistência ao próximo, desenvolvendo-me em labores de dedicação àqueles que sofrem, como jamais me julgara capaz! Lutei pelo bem, guiado por essas nobres entidades, estendi atividades tanto nos parques de trabalhos espirituais acessíveis à minha humílima capacidade como levando-as ao plano material, onde me foi permitido contribuir para que em vários corações maternos a tranquilidade voltasse a luzir, em muitos rostinhos infantis, lindos e graciosos, o sorriso despontasse novamente, depois de dias e noites de insofrida expectativa, durante os quais a febre ou a tosse e a bronquite os haviam esmaecido, e até no coração dos moços, desesperançados ante a realidade adversa, pude colocar a lâmpada bendita da Esperança que hoje norteia meus passos, desviando-os da rota perigosa e

4 Embora o texto se refira ao tratamento concedido aos suicidas desencarnados, pode ser aplicado ao trabalho junto aos encarnados com história de tentativas de suicídio, quando a compreensão, a ausência de julgamento, a piedade, a orientação à prece serão sempre importantes

traíçoera do desânimo, que os teria impelido a abismos idênticos aos por mim conhecidos! Durante quarenta anos trabalhei, pois, denodadamente, ao lado de meus bem-amados Guardiães! Não servi tão só ao Bem, experimentando atitudes fraternas, mas também ao Belo, aprendendo com insignes artistas e “virtuosos” a homenagear a Verdade e respeitar a Lei, dando à Arte o que de melhor e mais digno foi possível extrair das profundezas sinceras de minh`alma.

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 22 – Últimos traços. § 3*

## A PRECE

A prece, meus caros irmãos, será o vigoroso baluarte capaz de manter serenos os vossos pensamentos à frente das tormentas oriundas das experiências e renovações indispensáveis ao progresso que fareis. Aprendendo a alçar a mente ao Infinito, nas suaves e singelas expressões de uma oração sincera e inteligente, estareis de posse da chave áurea que vos levantará o segredo da boa inspiração. Orando, apresentando-vos, confiantes e respeitosos, ao Pai supremo, como é dever de cada um de nós, dele recebereis o influxo bendito de forças ignotas, que vos habilitarão para o heroísmo necessário às lutas das realizações cotidianas, próprias daqueles que desejam avançar pelo caminho do progresso e da luz! Impulsionados pela oração bem sentida e compreendida, aprendereis, progressivamente, a mergulhar o pensamento nas regiões festejadas pelas claridades celestes, e voltareis esclarecidos para o desempenho das mais árduas tarefas!

É no intuito de vos iniciar nesse roteiro proveitoso que vos convido a estenderdes o pensamento pelo Infinito, acompanhando o meu... Não importa que a rescaldante lembrança dos delitos cometidos para trás vos pese nas consciências, nem que, por isso, dificuldades de expansões vos entrem o necessário desprendimento. O que é preciso, o que se torna urgente e inadiável é querer iniciar a tentativa, é vos arrojardes, vigorosamente reanimados pela mais viva coragem que puderdes convocar nas profundezas do ser, para a caminhada pelos compensadores canais da prece... porque, sem que vos prepareis nesse curso iniciático de conjugação mental com os planos superiores, como haveis de neles penetrar a fim de vos edificardes?!”

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 16 – A Mansão da Esperança. § 76 e 77*

## PRECE

Seria, pois, necessária a reação enérgica da vontade daquelas duas almas infelizes para que pudessem resistir ao tentador, opondo-se-lhe com uma decisão no sentido do bem, até à súplica veemente à misericórdia do Criador, como defesa suprema. Quer Andrea, quer Alexis, devedores do passado, eram chamados a dar um testemunho de virtude e fé naquele dia. A lei sábia, que determina os efeitos das causas, presidindo a harmonia da reparação de atos maus cometidos numa existência em existência posterior, exigia de um e de outro a prova decisiva, para vencerem o mal e prosseguirem demandando o bem pelas sendas futuras. Se Andrea, nesse dia, procurasse o auxílio da Providência através de uma prece fervorosa, como tanto lhe aconselhara o irmão no espaço de dois anos, o auxílio viria em seu socorro e ela se libertaria do jugo que a desejava perder. E, da mesma forma, se Alexis reagisse à tentação que o assediava estaria salvo e daria o testemunho que a lei suprema dele exigia. Entretanto, exausto, vencido, mas sem verdadeira convicção íntima, Alexis, em dado momento, exclamou:

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.  
Cap. 13. Na hora do testemunho)*

## PRECES INTERCESSÓRIAS

Outrossim, quantos e quantos resultados excelentes obtemos com preces dirigidas a Deus pelo obsessor de fulano ou de beltrano, cujo tratamento está sob nossa responsabilidade! A quantos desesperados, inclinados ao suicídio, nossas preces particularizadas tem consolado e encorajado para o prosseguimento das lutas da existência! Quantos enfermos ficam aliviados após as nossas súplicas a Deus por eles, e quantas situações dramáticas do nosso próximo são suavizadas sob o ardor das nossas rogativas ao Alto em seu benefício, através da prece especialmente feita para ele! Evidentemente, também esse é o trabalho santo do amor e da caridade operando milagres através da fé. Nenhum guia espiritual jamais nos veio dizer que não façamos tais rogativas. Ao contrário, se dirigem um trabalho de desobsessão, se tratam de um doente, se concedem conselhos aos seus consulentes, todos são unânimes em recomendar a prece pelo obsidiado e seu obsessor, pelo doente fulano, pelo sofredor beltrano, pelo Espírito desencarnado deste ou daquele, sem prejuízo das preces gerais, para a coletividade.

*YVONNE A. PEREIRA. À luz do consolador. Capítulo: Preces especiais*

## LITERATURA ESPÍRITA

[...] Nesse período de convalescença encaminhou-se às minhas mãos o belo livro concedido pelo Espírito Emmanuel ao médium Francisco Cândido Xavier, Paulo e Estêvão, o qual eu considero a mais importante obra concedida aos homens pela Espiritualidade superior, depois da Codificação do Espiritismo. Li-o, reli-o e estudei-o com a alma voltada para o Céu e ali encontrei não apenas legítimo conforto para o coração, mas também orientação nova para a minha vida. Ao terminar sua leitura e meditação, senti-me como que ressurgida para Deus. [...] Aprendi com Paulo de Tarso, naquele livro, novos roteiros, decisões novas para minha experiência terrena. Em verdade, eu nunca desejara outra coisa senão me dedicar definitivamente à Doutrina Espírita, afastar-me das lutas mundanas, das incompreensões, viver exclusivamente para Deus, e minha própria mediunidade desde muito era aplicada nos serviços severos da mesma Doutrina. No entanto, minhas provações, que desafiaram todas as possibilidades de alívio e resistência, perturbaram-me o desempenho mediúnico durante muito tempo, tendo eu reconhecido então que me cumpria realizar tarefas no campo espírita, não suave e comodamente, mas em plena luta, bracejando contra as marés do infortúnio, das opressões, da má vontade do mundo a meu respeito. Assim reanimada, eu me predispus novamente ao trabalho espírita em geral, que praticava desde muito antes... aguardando os novos testemunhos anunciados pelo amigo Charles, os quais, com efeito, logo depois exigiram de mim todos os valores morais de que eu seria capaz...

YVONNE A. PEREIRA. *Recordações da mediunidade. Capítulo: Os arquivos da alma*

## PASSES E IRRADIAÇÕES

Diariamente mantinha um significativo trabalho de passes e irradiações beneficentes onde quer que residisse. Eram verdadeiras sessões, que eu realizava a sós com Deus e os meus Guias, durante as quais orava pelos desencarnados e lia trechos de Doutrina Espírita ou de Evangelho oferecidos aos mesmos, pedindo a Jesus que os fizesse ouvi-los e coparticipar de minhas preces. Muitas vezes via-me rodeada dessas entidades durante esse trabalho, via-as reconfortadas e satisfeitas, e assim consegui dilatar o meu coração em um grande amor por todas elas. Incluo nesse número muitos obsessores, e sei que, ao desencarnar, grande número de amigos me esperam no Além a fim de, por sua vez, me ajudarem também. Orava ainda pelos sofrendores encarnados, pelos amigos, etc., e após pedia as consultas e receituário solicitados por outrem, depois do que sobreviviam os trabalhos psicográficos de literatura. E isso eu fazia desde o ano de 1926,

nos centros e, preferentemente, sozinha, em minha residência, até madrugada. Foram horas de intensa felicidade, as únicas horas felizes que, em verdade, conheci, durante as quais o mundo espiritual se abria para mim e se me revelava; eu convivia com os Espíritos e com eles me instruía, trabalhava e progredia. Com esse trabalho, silencioso, ignorado, humilde, consegui curar doentes do corpo e da alma, orientar médiuns e centros espíritas, reconciliar cônjuges desajustados, reequilibrar lares desarmonizados, consolar corações, evitar suicídios e até esclarecer Espíritos sofredores. E tenho certeza de que Jesus abençoava os meus esforços para acertar, porque assim me revelava a assistência espiritual benéfica de que sempre desfrutei e a paz de consciência que me consolava. Esse trabalho poderia ter lido realizado em centros espíritas. Mas a burocracia e o formalismo impediram-mo. Então, realizei-o sozinha, com os companheiros do mundo invisível, que não usam formalismo nem burocracia.

*YVONNE A. PEREIRA. À luz do Consolador. Dados biográficos de Yvonne A. Pereira para a Federação Espírita Brasileira*

## **DESOBSESSÃO**

Relato do Sr. E. Magnin, professor da Escola de Magnetismo:

“Uma senhora, ainda bem moça, que padecia dores de cabeça de origem neurastênica, ao fim de alguns anos agravadas com uma obsessão de suicídio, me veio consultar. [...] A enferma acusava com insistência uma opressão “enlouquecedora”, dizia ela, sobre a nuca, acompanhada de uma sensação de peso, às vezes intolerável, sobre os ombros; nessas ocasiões sentia-se assaltada de um desejo quase irresistível de matar-se. No curso de longa conversa me revelou ela que, antes de seu casamento, havia sido requestada por um oficial, a quem amava, mas com quem fora, por motivos de família, impedida de casar-se. Falecera este algum tempo depois, e a breve trecho começara ela a sentir essa obsessão de acabar com a vida. Aí estava indubitavelmente a origem da ideia obsidente, e um tratamento psicoterápico se impunha. [...]

Decidi então, com anuência do marido, mas sem que o soubesse a enferma, operar com o concurso de uma médium eu vinha estudando há algum tempo e que muitas vezes me surpreendera pela nitidez das percepções visuais que o seu dom de “vidente” lhe permitia descrever-me. [...] Tão depressa foi trazida ao pé da enferma, adormecida numa poltrona, descreveu um ser que parecia “agarrado” às costas da paciente. Sem deixar perceber minha surpresa, em o interesse que despertava essa observação, pedi à vidente que indicasse a posição exata do ser invisível para mim. “Com a

mão direita - disse - ele aperta a nuca da enferma e com a esquerda oculta a própria frente.” Depois, ofegante de comoção, exclamou: “É um suicida e quer que ela se lhe vá reunir.” A meu pedido, lhe descreveu a fisionomia, a expressão: “um olhar singularmente estranho.” Pudemos em seguida, eu e a médium, conversar com essa personalidade. Longa e extenuante foi a minha conversação, até que vim a experimentar um alívio e uma verdadeira satisfação, ao saber pela médium que os meus argumentos haviam convencido o “espectro” e que, tocado de compaixão, ele prometia deixar sua vítima em paz. Só duas horas depois de ter a médium retirado, foi que despertei a paciente. Não lhe revelei uma única palavra da experiência, que ela devia sempre ignorar. Ao despedir-se, me disse ela: “Sinto-me hoje muito aliviada.” Dois dias depois voltou a visitar-me: a transformação era visível. Sua atitude, expressão fisionômica, maneira de vestir-se, tudo denotava completa mudança em seus pensamentos; suas naturais disposições, sua jovialidade e gosto pelas artes lhe tinham voltado de um dia para o outro. Seu marido já não a reconhecia, tão brusca fora a transição. Depois da aludida experiência, a jovem senhora não mais tornou a sentir a opressão na nuca, nem a sensação física de peso nos ombros, nem a obsessão psíquica de suicídio; sua saúde, em todos os sentidos, se tornou até hoje perfeita.

Uma discreta pesquisa me permitiu saber que o oficial em questão não morrera de febre infecciosa, como o acreditavam as pessoas de suas relações, mas que ele se tinha realmente suicidado com um tiro na cabeça. Também o seu caráter ficou averiguado ser exatamente o que descrevera a médium, bem como o olhar “estranho”, explicado por um ligeiro estrabismo.”

*LÉON DENIS. No invisível. Cap. XXII - Prática e perigos da mediunidade*

## **PAPEL DOS MÉDIUNS E DA MEDIUNIDADE NO ATENDIMENTO ESPIRITUAL, DESOBSESSÃO E PREVENÇÃO DE SUICÍDIOS - DESOBSESSÃO**

Voltei as atenções para o médium [...] e aconselhei, psicograficamente:

— “Reuni vossos companheiros mais afins para uma sessão íntima, amanhã, extraordinária, especial, para tratarmos desse caso, O menor número de adeptos possível e absolutamente nenhuma assistência, senão apenas o presidente e os seus médiuns. Não prescindiremos da vossa colaboração fraterna. Meditai e orai, a fim de vos equilibrardes em harmonizações com as forças benfazejas do Alto, pois estareis exercendo a Fraternidade no que

de mais sublime e real ela encerra, visto que conjugareis esforços na prática de operações transcendentais, cujo instrutor maior é o próprio Mestre da Humanidade, o Senhor Jesus-Cristo!”

*BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 3*

## **CONDIÇÕES PARA O TRABALHO MEDIÚNICO DESOBSESSIVO**

[...] ambiente doutrinário, faculdades mediúnicas a contento, amor ao trabalho, boa vontade em servir ao Bem servindo ao sofredor, circunspeção nos atos — todos os dispositivos, necessários aos grandes feitos espíritos, encontraríamos nas personalidades daquele punhado de discípulos cujos labores se verificavam continuamente sob rigorosa vigilância espiritual [...]

*BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 3*

## **DESOBSESSÃO – DEMOÇÃO DOS OBSESSORES**

De posse de tão preciosas informações, estabeleci o único programa lícito perante as leis da Fraternidade: — tentar a reeducação dos litigantes à base da cristianização das suas individualidades espirituais, muito embora estivesse certo de que o aprendizado que se seguiria apresentar-se-ia longo e espinhoso, através de uma ou mais reencarnações. Seria tarefa árdua para nós outros, que os deveríamos aconselhar e instruir, auxiliando-os no reajustamento indispensável, mas seria necessário, imprescindível que assim fosse, e tanto eu como meus dedicados companheiros de trabalho estávamos dispostos a tentar o certame, uma vez que outro não seria o nosso dever de cooperadores do Grande Mestre Nazareno. Aliás, cumpre ao obreiro tão somente a realização dos serviços confiados à sua competência, sem discutir se serão os mesmos penosos, difíceis ou de fácil execução.

Na noite seguinte à nossa entrevista com a entidade espiritual orientadora das duas falanges em apreço, realizou-se a reunião dos médiuns de minha confiança, por mim solicitada, e eu e mais alguns obreiros ligados à agremiação terrena, patrocinadora do feito, levamos ao fenômeno da incorporação o antigo Rabino e seus filhos.

Em verdade ser-nos-ia dispensável aquela reunião. Resolveríamos, sim, o lamentável drama espiritual, dispensando o concurso humano. Mas três fatores existiam, poderosos, que nos animavam ao feito: — ensinamento e

aprendizado para os próprios homens, que urgentemente necessitam conhecer os grandes dramas da Humanidade distendidos para o Além-Túmulo; ensejo de progresso para os médiuns e cooperadores terrestres nos setores da Fraternidade, que assim se habilitariam à prática de inestimável feição da Beneficência, e mais facilidade para a conversão dos endurecidos Espíritos diante do fenômeno mediúnico-espírita, cujo aspecto impressionante é de grande importância para um desencarnado.

Os debates com o Presidente da mesa eram vivos, eloquentes e acres por parte de Timóteo e de Joel, e menos resolutos por parte dos jovens Saulo e Rubem, que se diriam apenas o eco das ações do pai e do irmão, como que obsidiados os seus Espíritos pela ação constante de duas vontades mais poderosas; ponderados, profundos e não menos vivos e eloquentes por parte do Presidente, que trazia a seu favor, a par de outros fatores, quatro séculos de progressos gerais e ainda a lógica irrefragável e vigorosa fornecida pela Doutrina Espírita. E seria belo vê-los e ouvi-los!... Confesso que sorri de sincero júbilo contemplando os meus disciplinados pupilos empenhados em tão formosa peleja transcendental, a benefício do próximo! E, o coração se me dilatando em fervoroso desejo da vitória do Amor, acionei intuições ao Presidente dos trabalhos, auxiliando-o quanto possível no generoso empreendimento. Ele e Timóteo dir-se-iam, então, o quadro vivo de duas épocas que se empenhavam em lutas: — para resistir ao tempo, uma, que era sombria e cheia de amarguras, recordando um pretérito de opressões, para implantar as luzes do conhecimento e da esperança, convidando a criatura à liberdade através da Verdade; a outra, que trazia o futuro por fanal sob as alegrias do Consolador! Ambos cultos, conhecedores do terreno filosófico que representavam, os seus discursos lembrariam a oratória das Academias gregas, onde os mais belos temas filosóficos eram levantados para debates que honrariam oradores e ouvintes.

E duas horas de argumentações se escoaram, durante as quais a inusitada tragédia de Lisboa foi citada e revivida através do verbo queixoso e magoado dos antigos judeus, com toda a patética amargura da sua realização, esgotando os médiuns, que se viram obrigados a elevar do olvido uma época já desaparecida nas dobras do tempo e os seus problemas, sob injunções irresistíveis de um formoso, mas penoso fenômeno, tornado torturante pelo choque dos fluidos contundentes que seu ódio e suas dores emitiam! Mas, subitamente, surgiu Ester em plena reunião, tornando-se visível aos comunicantes e videntes. Ester, a virgem sacrificada que, depois de quatro séculos de ausência, retorna aos seus, mais formosa sob a estruturação espiritual do que jamais o fora na terrena, coroada de rosas agora, recordando as flores preferidas na mansão judaica, um jacto de luz

azul a irradiar ondulações sublimes ao redor de toda a sua configuração espiritual [...]

Tomadas de um deslumbramento que tocava as raias do pavor, as quatro individualidades endurecidas se detiveram nos enunciados de revolta. Quedaram-se respeitosas, concentradas na felicidade inapreciável de revê-la e de ouvi-la, pois, dizia-lhes, murmurando docemente, como numa cavatina angelical:

— “Sim, meus amados de outrora, meus amados de hoje e de sempre! Eis-me novamente convosco, para nunca mais nos separarmos! Mas, para que tão grandiosa ventura se concretize, necessário será que eu vos recorde um sagrado dispositivo da lei da nossa raça... A lei suprema, fornecida por Javé, o Deus de Israel, ao maior profeta dos hebreus, nas sagradas escarpas do Sinai, estatui, como principal dever dos filhos de Abraão, este mandamento, que encerra todos os demais que os homens e os Espíritos deverão observar para serem agradáveis ao Criador:

— “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu entendimento, e o próximo como a ti mesmo”... — e não o ódio secular que vindes alimentando em vossas almas para desgraça vossa e impossibilidade de nossa própria felicidade... Se os vossos inimigos do passado faliram no cumprimento desse dever, deixando de observar o dispositivo supremo do Código Divino, e, assim, ofendendo-vos profundamente, também infringistes o mesmo sagrado dispositivo, odiando e revidando ofensas... Quatro séculos são passados, meus amados, desde a noite terrível de nossa prisão em Lisboa... Dom João 3º, outrora cruel e desumano, encontra-se agora em franco ressurgir para a redenção do seu Espírito, através de operosidades generosas e heroicas em torno de povos e falanges sociais, pois, à frente da lei suprema, aquele que muito errou muito deve construir de aproveitável e excelente, para expungir, com o inverso do que praticou outrora, as sombras que lhe aviltam a consciência... E ele o tem feito através das reencarnações, pelas vias da abnegação e do sacrifício, inspirado num arrependimento construtivo! Depois de horas desesperadoras dos mais negros remorsos, em que também conheceu o amargor das lágrimas derramadas por aqueles a quem perseguiu através das leis que criou, sofreu ele próprio, com agravantes terríveis, o rigor das mesmas leis, em encarnação obscura e humilde, que posteriormente tomou em Portugal mesmo, nascendo em círculo familiar da própria raça que ele tanto perseguiu, para provar o desacerto das leis e instituições por ele próprio criadas! E durante todo esse tempo, enquanto o tirano arrependido do mal praticado tratava de se erguer para novos ciclos de pro-

gresso, vós, que éreis honestos e bons, mas não possuíeis boa vontade para perdoar e esquecer as ofensas recebidas, permanestes estacionários no ódio, cristalizados na prática das vinganças, e tanto odiastes e tanto feristes, revidando ofensas... que auxiliastes o progresso e a emenda dos vossos próprios inimigos de outrora, os quais, hoje, já se encontram em melhores condições morais perante a lei suprema do que vós outros... pois o certo é que eles não mais odeiam a quem quer que seja e que um grande e sincero arrependimento, do passado mau, os predispõe a futuro honroso e reparador... É tempo, pois, de perdoar para serenar o coração e tratar de progredir... É tempo de amar a Deus nas pessoas dos vossos irmãos de Humanidade e não apenas aos compatriotas e correligionários da mesma fé religiosa... Vinde comigo... e eu vos exporei, em serões tão doces como aqueles de outrora, sob a amenidade das oliveiras do nosso solar querido, não mais as leis rigorosas de Israel, que nos eram lembradas pelos velhos códigos hebreus, mas as suaves leis do amor e da fraternidade estatuídas por aquele grande “Rabboni” que me agasalhou e enalteceu em vossa ausência...

Impressionados e temerosos, nada responderam, mas seguiram com ela. Exaustos, os meus médiuns não mais resistiriam. Despertei-os. Refeitas foram as suas energias por nós. Mas a reunião no mesmo Centro prolongou-se ainda, conquanto subordinada, agora, aos planos exclusivamente invisíveis.

*BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Terceira parte. Cap. 2*

## **LIBERAÇÃO OBSESSIVA - BENEFÍCIOS**

[...] Rafael, sem a pertinaz sugestão da vingança que o consumia, mantida pela antiga vítima, libertava-se da constrição do desafeto, não, todavia, da imperiosa necessidade de reparação dos males praticados contra aquele e suas demais vítimas.

Renovando-se pela fé e modificando-se pela dor, solveria os gravames com amorosa atitude de resignação perante a vida, em criteriosos pagamentos enobrecidos. Sem as induções teleconduzidas por Jules, não estava propenso, relativamente, a agravar a situação, em face da rebeldia, do desespero, da alucinada fuga pelo suicídio ou a criar novos comprometimentos por meio da sistemática animosidade contra todos e tudo.

O amor, portanto, prossegue sendo a mais eficiente terapia para todas as doenças, e o perdão ao mal o melhor contributo para a vitória do bem...

Antes do encerramento da feliz reunião, o irmão Natércio agradeceu ao Senhor os resultados obtidos e exortou todos ao exercício da caridade, como medida preventiva contra os males que existem no homem, assim impedindo a sua erupção perigosa.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Tramas do destino. Cap. 20 – O amor vence o ódio*

## **DESOBSESSÃO - PAPEL DO ESPIRITISMO, DOS ESPÍRITAS E DO CENTRO ESPÍRITA – CUIDADOS PARA QUE SE OBTENHAM OS RESULTADOS PREVISTOS PELA ESPIRITUALIDADE**

As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados dos seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação. Essas vibrações, esses fluidos especializados, muito sutis e sensíveis, hão de conservar-se imaculados, portando, intactas, as virtudes que lhe são naturais e indispensáveis ao desenrolar dos trabalhos, porque, assim não sendo, se mesclarão de impurezas prejudiciais aos mesmos trabalhos, por anularem as suas profundas possibilidades. Daí porque a Espiritualidade esclarecida recomenda, aos adeptos da Grande Doutrina, o máximo respeito nas assembleias espíritas, onde jamais deverão penetrar a frivolidade e a inconsequência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves, visto que estas são manifestações inferiores do caráter e da inconsequência humana, cujo magnetismo, para tais assembleias e, portanto, para a agremiação que tais coisas permite, atrairá bandos de entidades hostis e malfeitoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja.

Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitadas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e depreciações; onde, em vez do gargalhar divertido, se pratique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da co-

munhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais, um Centro assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registados no Além-Túmulo como casas beneficentes, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas, serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer.

Ora, convinha à programação por mim estabelecida em torno do caso Leonel e os Judeus que estes últimos iniciassem no próprio ambiente do Centro já mencionado o seu aprendizado mais urgente, visto que muito prejudicados se encontravam eles, pelo acervo de quatro séculos de hostilidades, para que os removêssemos tão subitamente para o Espaço, a despeito das possibilidades que tínhamos de o fazer. Aliás, o seu embrutecimento vibratório, a exiguidade da sua visão espiritual, que não perceberia senão formas pesadas, se adaptariam melhor ao sistema físico-humano, enquanto que, no Além, nos seriam necessárias materializações mui penosas a fim de que nos fizéssemos devidamente compreendidos. O ambiente no núcleo espírita em que se desenrolava o feito em apreço prestava-se ao magno serviço. Não se ouvia repercutir ali, nas vibrações distendidas, o eco da maledicência e tão-pouco o do comentário. Não retinha o som do gargalhar nem as trepidações insulsas de cenas e acontecimentos próprios do mundo. Não se retratavam em sua atmosfera nenhuma outra cena ou nenhuma sequência de palavreado que não fossem a proteção ao sofredor, o consolo a um desencarnado em confusões, a assistência paternal aos desvalidos da fé e da esperança. Resolvi, por isso mesmo, que meus pupilos do momento habitassem temporariamente aquele Centro, nos exemplos e ações de cujos trabalhadores, encarnados e desencarnados, se instruísem quanto à verdadeira significação da Doutrina do Cristo, pois, até então, para eles, o Cristianismo seria perseguições e rapinagem, ódio e assassínio, sangue e corrupção!

— “Fala-nos do grande Rabboni, teu amigo, que concedeu asilo e proteção a nossa Ester, e que acolhe perseguidos e desgraçados como nós...” — solicitava o velho Timóteo ao meu assistente Roberto, passados que foram os transportes de satisfação pela visita de Ester.

— “Sim, falarei dele, meus caros amigos, ou alguém mais abalizado do que eu, porém, mais tarde... De início, apreciareis e deduzireis, vós mesmos, dos seus ensinamentos, através das ações de discípulos seus que, como homens que ainda são, dirigem e movimentam esta associação terrena em cuja sede vos encontrais hospedados... Ester e eu, embora não residindo aqui, permaneceremos às vossas ordens, vigilantes para vos atendermos em quaisquer esclarecimentos necessários... Mas creio será inútil, pois melhor analisareis o valor da Doutrina desse grande Mestre, observando o labor dos seus discípulos, que nela se orientam e disciplinam.”

E assim foi que, com efeito, durante seis meses habitando aquele Centro de fraternidade, o doutor Timóteo do século 16 e seus três filhos assistiram a curas de paralíticos e de obsidiados, realizadas em nome e pelo amor de Jesus-Cristo, o Nazareno, através daquele grupo de médiuns a quem nós, os do invisível, tínhamos o dever de acionar. Contemplaram e admiraram a dedicação abnegada, diária, de um serviço de assistência a enfermos do corpo e da alma, sem esmorecimentos, sem queixas nem reclamações, antes sob a irradiação da sã ternura do coração e da sublime alegria daquele que já vislumbra em si mesmo as alvoradas do reino de Deus! Assistiram às doces tarefas da fraternidade se distenderem até ao invisível, no socorro a obsessores, a suicidas, a corações endurecidos no mal, como a desesperados e tristes que vagueiam pelos planos invisíveis sem forças para a emenda. Viram o órfão socorrido, o mendigo acalentado na sua miséria, o presidiário assistido no seu tugúrio, esclarecido na sua ignorância e esperançado no futuro redentor dentro das próprias lágrimas do opróbrio, o faminto saciado, o abandonado encaminhado ao trabalho honroso, a decaída retornando ao dever, o ignorante orientado ao caminho do aprendizado compensador. E tudo isso realizado sob o critério da Doutrina do grande Mestre do Cristianismo! Visitando, porém, a intimidade do lar de cada um daqueles médiuns que contribuía para a melhoria da sua própria situação, constataram que suas vidas eram consagradas ao honesto cumprimento dos deveres sociais e profissionais, dedicadas ao bem e ao respeito do próximo, em qualquer setor! E ainda que, se sofriam, oravam e se resignavam, certos de melhor futuro; e, se eram ofendidos por inimigos gratuitos, poderiam sofrer e chorar em silêncio, mas sem blasfêmias nem revides vingadores, porque o perdão era tão fácil e espontâneo naqueles corações como o sorriso nas faces da criança... Nem uma palavra insultuosa ao próximo jamais ouviram, nem uma delação ou intriga, nem uma apropriação indébita, nem um perjúrio, nem a maledicência, nem o abuso e o vitupério! E tudo isso eles também analisaram e compreenderam que era a verdadeira educação fornecida por aquela Doutrina Cristã, que eles

havam conhecido falseada no século XVI, mas que agora se surpreendiam de vê-la praticada em Espírito e Verdade, em nome do grande “Rabboni”, seu fundador, cujo nome — descobriram através dos ensinamentos desses seus discípulos — era Jesus Nazareno!

Sim! “Jesus-ben-Joseph” de Nazaré, mas nascido na Judeia, na cidade de David, exatamente o Messias anunciado pelos profetas de Israel... e como ele, Timóteo, e seus filhos, perseguido pelas hienas clericais até ao desespero do suplício e da morte forjada pelos interesses pecaminosos dos homens!

Durante o espaço de tempo que ali passaram, assistiram, graves e quedos, acomodados entre a assembleia de ouvintes, como quaisquer encarnados, ao estudo e à oratória espírita e evangélica. E nós, então, acionando a técnica do “Laboratório do Mundo Invisível”, criávamos para os seus entendimentos — valendo-nos do poder da nossa vontade — os panoramas expostos pelos oradores e explicadores, panoramas que eles passavam a ver como em cenas teatrais ou cinematográficas, pois que as vibrações dessa casa de comunhão com o Alto, por se conservarem imaculadas, facilitavam a delicadeza e a eficiência do melindroso, sublime trabalho. Um curso eficiente, pois, de legítimo Cristianismo e de Filosofia Espírita levaram a efeito os antigos hebreus através de tais processos, visitando ainda outras agremiações merecedoras da nossa confiança e observando outros tantos adeptos fiéis às recomendações do Consolador. Pela mesma época, outrossim, foram-lhes demonstrados em aprendizado, através de dolorosa, mas grandiosa exposição da retrospectiva da memória (exame consciencial dos arquivos mentais), os antecedentes do drama terrível de Lisboa: — Aboab e filhos haviam existido em Jerusalém ao tempo dos primeiros cristãos como autoridades judaicas e romanas, exercendo então, sobre os inofensivos adeptos do Cristianismo nascente, atrocidades análogas às que tantos anos mais tarde vieram a experimentar, por sua vez, sob as garras da Inquisição de Portugal! Então, compreendendo claramente a lógica dos fatos, ou a lei de causa e efeito, humilharam-se, reconhecendo o erro em que incorriam havia séculos, e, desfeitos em lágrimas de sincero arrependimento, renderam-se à evidência da irresistível doutrina do Amor, do Perdão e da Fraternidade, que desde os dias longínquos do Calvário irradia redenção para a sucessão dos séculos. E constataram, assim, que aquela fé clerical que, sob os auspícios do “Santo Ofício” de sacrílega memória, se pretendeu impor pela crueldade da violência, longe estava de se assemelhar às blandiciosas lições daquele doce “Rabboni” que recomendava aos seus discípulos:

— “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei...”

Quanto a Leonel, que desde quatro séculos vem espiando as tenebrosas consequências dos seus crimes de inquisidor-mor, presentemente, arrependido e lamentando o passado, encontra-se em vias de ressurgimentos gerais para a definitiva regeneração, disposto aos mais severos testemunhos exigidos pela consciência para a própria reabilitação. Seus trajetos pelas estradas do futuro, tais como os de sua filha Alcina (o antigo João-José, espião de Azambuja), serão ainda ásperos, visto que, ao demais, o suicídio por obsessão não os isentou de responsabilidades, pois se houve, efetivamente, sugestões externas impelindo-os ao feito macabro, estas, no entanto, lhes não tolheram a possibilidade de raciocinar para se defenderem, arredando-as, o que não fizeram porque, realmente, preferiam as paixões arrasadoras do mundo ao suave contacto mental com o amor de Deus através da Prece, que lhes teria fornecido forças de resistência contra a tentação. Prontos se encontram ambos, mas agora sinceramente, a estreitarem nos braços, definitivamente, aqueles pobres judeus que outrora lhes franquearam, confiantes, a Intimidade do lar doméstico, esperando da sua honradez pessoal o mesmo respeito e consideração idêntica. E o farão — afirmaram ambos, em momento solene de certa reunião do mundo invisível, em presença de instrutores dedicados — por amor daquele Eterno Deus cujas leis protetoras lhes forneceram ensejos novos de resgate e reabilitação dos crimes passados.

Acrescentarei, finalmente, que o antigo Rabino Timóteo Aboab, já reencarnado nos dias atuais, receberá em seu futuro lar conjugal — como filhos de um consórcio legítimo — além dos seus mesmos três filhos de outrora, em novas experiências de reabilitação e progresso, também aquele pobre Leonel e sua filha Alcina, aos quais impeliu ao suicídio através de um constante, sistemático trabalho de obsessão simples ignorada. E assim sendo terá de arcar com as provações e as responsabilidades de pai carnal daqueles que renascerão envoltos no angustioso complexo oriundo do suicídio. E Joel, Saulo e Rubem serão, por isso mesmo, irmãos consanguíneos daquele que foi o terrível Azambuja de sinistra memória, como daquele ignóbil João-José, os quais, porém, se vêm redimindo lentamente, através dos penosos, mas eficientes serviços expiatórios concedidos pela lei divina da Reencarnação!

Assim é, meus caros amigos, que o conhecimento legítimo da Doutrina Espírita, como a boa e lúcida prática da mediunidade, resolvem problemas seculares, pois não esqueceréis de que foi através da mediunidade bem orientada, à luz do Evangelho do Cristo e sob o rigor da Ciência Transcenden-

dental, que os Aboabs se encaminharam para a regeneração individual... e que a família de Leonel, igualmente convertida sob orientações espiritistas, obteve forças e ensejos para o único alvo que lhe caberia atingir a fim de lograr serenidade para progredir moral e espiritualmente, isto é — o amor e o respeito às soberanas leis de Deus...

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Terceira parte. Cap. 3*

## **MEDIUNIDADE E AMPARO AOS QUE PADECEM A IDEIAÇÃO SUICIDA**

Muitos corações existem sangrando junto de nós, comumente sem que os percebamos; são irmãos urgentemente necessitados de uma advertência, um esclarecimento, uma receita que os alivie de sofrimentos físicos. Uma mensagem do Alto, conselheira, amorosa, que um médium desse tipo, isto é, psicógrafo, obtenha do Além para eles, quando solicitado, poderá até mesmo salvá-los do suicídio e normalizar-lhes a existência, encaminhando-os para a luz da verdade e do amor a Deus. Mas, para que o médium possa realizar esse feito importante — embora pouco notado pelos observadores, por realizado na discrição silenciosa da Caridade, que se não evidencia nem envaidece —, é imprescindível que ele conheça pontos importantes do Evangelho e da Doutrina dos Espíritos, a fim de que os guias espirituais que o assistirem encontrem em seu cérebro elementos para desenvolver-lhe a prédica, isto é, o conselho, a orientação legítima.

YVONNE A. PEREIRA. *À luz do consolador. Cap. Psicografia e caridade*

## **PAPEL DAS MEDICAÇÕES NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO**

Na atualidade, grande número de pacientes portadores de alienação por obsessão transita por gabinetes de respeitáveis psiquiatras que lhes prescrevem drogas aditivas de que se encharcam, viciando a vontade, que perde os comandos e demorando-se abúlicos, sofrendo dependências de demorada erradicação. Sem o controle da vontade, que sofre a ação barbitúrica da droga e a pernicioso interferência da mente perturbadora, o enfermo tem dificuldade de lutar, utilizando-se dos recursos desobsessivos cujos efeitos dele dependem. É claro que não censuramos este procedimento psiquiátrico, tendo em vista que, em determinados quadros da loucura, a providência é salutar, especialmente nos muito agitados, nos catatônicos, nos psicóticos maníaco-depressivos, mesmo que estejam sob

a indução de adversários desencarnados, evitando-se, dessa forma, a consumação do suicídio provocado, mas não o seu uso genérico.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Painéis da Obsessão. Cap. 24 – Obsessão sutil e perigosa*

## AÇÃO DOS ESPÍRITAS EVITANDO UM SUICÍDIO

### SUICÍDIO IMPEDIDO PELO ESPIRITISMO

Escrevem-nos de Lyon, em 3 de outubro de 1864:

“Conheceis a reputação do capitão B... É um homem de fé ardente, de convicção comprovada; dele já falastes em vossa Revista. Há algum tempo achava-se nas margens do rio Saône, em companhia de um advogado, espírita como ele. Prolongando o passeio, aqueles senhores entraram num restaurante para almoçar e logo viram outro viajante, entrando no mesmo estabelecimento. O recém-chegado falava alto, ordenava o prato com brusquidão e parecia querer monopolizar o pessoal do restaurante. Vendo esse sem-cerimônia, o capitão disse em voz alta algumas palavras um pouco severas ao recém-vindo. De repente sentiu-se tomado de estranha tristeza. O Sr. B... é médium audiente; ouve distintamente a voz de seu filho, do qual recebe frequentes comunicações, murmurando ao seu ouvido: ‘O homem tão rude que estais vendo vai suicidar-se. Vem aqui fazer sua última refeição.’

“O capitão levanta-se precipitadamente, dirige-se ao desordeiro e lhe pede perdão por ter externado tão alto o seu pensamento. Depois o arrasta para fora do estabelecimento e lhe diz: ‘Senhor, ides suicidar-vos.’ Houve grande estupefação da parte do indivíduo, ancião de setenta e seis anos, que lhe respondeu: ‘Quem vos pode revelar semelhante coisa?’ – ‘Deus’, respondeu o Sr. B... Depois, começou a falar-lhe docemente e com bondade sobre a imortalidade da alma e, reconduzindo-o a Lyon, o entreteve sobre o Espiritismo e de tudo quanto em casos tais Deus pode inspirar, a fim de encorajar e consolar.

“O velho contou-lhe sua história. Antigo ortopedista, tinha sido arruinado por um sócio infiel. Ficando doente, viu-se forçado a ficar longo tempo no hospital; mas, uma vez curado, sua saúde o atirou no olho da rua, sem nenhum recurso. Foi recolhido por uma pobre operária, criatura sublime que, durante meses seguidos, o alimentou, sem a isto ser obrigada por nenhum laço que não fosse a piedade. Mas o medo de lhe continuar sendo um fardo o havia impelido ao suicídio.

“O capitão foi ver a digna mulher, encorajou-a, ajudou-a; mas quando se tem de viver, o dinheiro acaba depressa e ontem todo o parco mobiliário da operária teria sido vendido se alguns espíritas não tivessem resgatado os poucos móveis de seu único quarto, pois, desde que passou a alimentar o velho, há um ano, a casa de penhores havia apreendido colchões, cobertores, etc. A penhora foi suspensa graças aos bons corações, tocados por esse generoso devotamento. Mas não é tudo: é preciso continuar até que o velho tenha conseguido um refúgio junto às irmãs de caridade.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1864 (novembro). Suicídio impedido pelo Espiritismo*

## SOLUÇÃO PARA OS DESEQUILÍBRIOS DA ALMA CAPAZES DE LEVAR O INDIVÍDUO AO SUICÍDIO

— Seu mal tornou-se incurável sobre a Terra. É a desarmonia consigo própria, que poderá levá-la ao suicídio. Somente o tempo, as vidas sucessivas, o resgate, a reeducação da mente, o amor a Deus, à verdade e ao próximo corrigirão tais distúrbios. Todavia, a Caridade universal facultou-me o meio de suavizar tão doloroso estado de coisas. E a Ciência Transcendental ensina-me o processo de atingir esse meio.<sup>5</sup>

LEON TOLSTOI (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida. Capítulo: O segredo da felicidade*

## AÇÃO DOS BENFEITORES – ATUAÇÃO DURANTE O SONO SOBRE PESSOAS COM IDEAÇÃO SUICIDA

[...] De outras vezes solicitavam nossa cooperação no empenho de consolar grandes infelizes, isto é, pessoas encarnadas que atravessavam testemunhos dolorosos na série de provações convenientes, e cuja tendência para o desânimo e a desesperação poderia tornar-se fatal. Levavam-nos então para a sede da agremiação a que pertenciam e, ali, enquanto seus fardos materiais continuavam em profundo sono, assim como os daqueles por quem se interessavam, reanimavam os pobres sofredores expondo-lhes conceitos vivos e prudentes, ministrando-lhes os grandiosos ensinamentos evangélicos que enriqueciam suas próprias almas e deles faziam grandes e animosos batalhadores diários, incapazes de se julgarem vencidos, desanimados, desesperados!... E era então que emprestavamos nossa dolorosa experiência, aquiescendo em **falar da sinistra aventura que o desânimo nos reservara arrastando-nos para o abismo do suicídio!** Belarmino encontrava ensejos, então, para expandir seu verbo arrebatador

5 Recomendamos a leitura completa de toda a história narrada sob o título de “O segredo da felicidade”, uma vez que somente o texto integral poderá transmitir com perfeição a lição nele contida

de orador fecundo e brilhante; e por mais de uma vez pôde ele arrebatá-lo, de uma queda certa, infelizes que já se inclinavam para a enoitada região da qual provínhamos.

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 – Nossos amigos, os discípulos de Allan Kardec. § 14*

## **PROGRAMA DE AÇÕES SALVADORAS**

[...] Victor, o irmão terno e generoso, o pai que, em verdade, ela conhecia, e que tudo tentara para aliviar seus sofrimentos, mas com quem pouco pudera conviver, dado que ele se fora para o Oriente quando ela ainda não podia perceber as coisas da vida. Que remorso, agora, por não se ter esforçado por atendê-lo, curvando-se aos seus conselhos!

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 16 - Uma página de além-túmulo § 11*

## **A SOLUÇÃO NÃO APROVEITADA – SUBMISSÃO AO AMOR DE DEUS – ENCAMINHAMENTO PARA UMA VIDA DIGNA E FELIZ**

Sente-se impelida a um fim que sabe tenebroso, porém não mais consegue retroceder. Agora é tarde para fugir a esse fim. Ela poderia ter evitado esse trágico destino se fosse mais submissa ao amor de Deus e aos conselhos e exemplos de seu irmão, que a desejou encaminhar para uma vida digna e feliz. Para cumprir-se a lei de Deus, não havia necessidade de que ela se matasse para expiar o crime cometido contra Henri, porque o trabalho, o arrependimento e o amor, a par da prática do bem, igualmente redimem o pecador. Mas, ela a nada quis ouvir e entregou-se ao inimigo invisível sem nenhum desejo de reação. E agora era tarde para reagir. [...]

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 15 - A vitória do obsessão § 34*

## **EXERCÍCIO DO BEM – PRÁTICA - TRABALHO**

[...] um terceiro curso, o qual se resumia no ensaio da aplicação, na vida prática, dos valores adquiridos durante os estudos e observações dos cursos anteriormente mencionados. [...] esse terceiro aprendizado, orientado para a prática da observância das Leis da Providência, que, havia séculos, infringíamos [...] desenvolvia-se, geralmente, fora do santuário [...]

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 18 - "Homem, conhece-te a ti mesmo" § 5*

## **AFASTAMENTO DO DESÂNIMO - TRABALHO NO BEM**

O desânimo é sempre mau conselheiro, cujas sugestões devemos fustigar com todas as nossas melhores forças! Reagi, meus amigos, voltando vossas vontades para a Força suprema, de onde emanam as energias que alimentam o Universo... e logo sentireis que disposições regeneradoras reerguerão vossas capacidades para o prosseguimento da jornada...

Quando vos sentirdes pusilânimes e tristes diante do inevitável, trabalhai! Procurai na operosidade, na ação enobrecedora e honesta o restaurador para as faculdades em crise! Nunca seremos tão insignificantes e destituídos de possibilidades, quer na Terra quando homens ou no Invisível como Espíritos desagregados da carne, que não nos permitamos servir ao nosso próximo, cooperando para seu alívio e bem-estar. Em vez de vos aprisionardes neste Pavilhão, dando largueza de expansão a pensamentos cruciantes e improdutivos, que vos agravam os sofrimentos, vinde comigo, a visitar vossos irmãos que sofrem mais do que vós e se acham hospitalizados ainda, ergastulados no drama de trevas que sobre vós também já se estendeu... Voltemos ao Hospital a fim de rever os amigos, os colegas, os enfermeiros que bondosamente por vós zelaram, consolando vossos corações esmorecidos pela dor, os médicos que vos auxiliaram a expulsar da mente as impressões contumazes que vos amorteciam a coragem...

Aquiescemos. O dia todo, por ele acompanhados, visitamos novos enfermos, dirigimos frases solidárias a pobres recém-chegados do Vale Sinistro, abraçamos Joel e demais dedicados amigos que por nós se desvelaram por dias e noites de angustiada memória, apresentamos respeitos e homenagens aos eminentes psiquistas que tantas vezes se abeiraram de nossos leitos levando-nos caridosos refrigérios nas reconstituintes energias das suas virtudes hialinas!... E por tudo isso suave reconforto bordejou nossas apreensões, ensinando-nos a buscar tréguas para as próprias dores, aliviando as dores alheias, aquecendo-nos junto de corações virtuosos capazes de nos compreenderem!

## **MOMENTOS DE LAZER DE QUALIDADE SUPERIOR – CONFRATERNIZAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE – EVOCAÇÃO DA FIGURA DE JESUS – DESPERTAMENTO DAS FACULDADES PARA NOVAS CONQUISTAS MORAIS, MENTAIS, INTELECTUAIS E ESPIRITUAIS**

Aos domingos repousávamos. Ainda mais não éramos que indivíduos cujas faculdades espirituais pouco desenvolvidas e, ainda mais, abaladas pelo traumatismo vibratorial provocado pelo suicídio, não permitiam labores continuados, como víamos exercerem nossos devotados instrutores, que jamais se achavam ociosos. Descansávamos, portanto, divertíamos-nos mesmo, tomando parte em reuniões fraternas efetuadas pelas vigilantes ou visitando, em caravanas amistosas, outros Departamentos da Colônia, inferiores ao nosso, assim revendo velhos amigos e antigos mestres, como Teócrito, e, dessa forma, prestando solidariedade e conforto a irmãos mais desditosos do que nós, que se encontrassem, por sua vez, naquelas dependências conhecidas. Nem assim, como vemos, deixávamos totalmente de exercer atividades. Aprendíamos, ainda! Progredíamos em conhecimentos obtendo, nas citadas reuniões, noções de Arte Clássica Transcendental, [...] nova modalidade de servir a Deus e à Criação [...] utilizando-se do Belo, empregando a Beleza!... [...] nossos mestres, em sendo cientistas, também se revelavam estetas, enamorados da Suprema Beleza que se origina do Sempiterno Artista!

[...] Sua recordação arrastava para nossas lembranças a imagem dulcíssima do Mestre de Nazaré, a quem em toda a Colônia denominavam o Mestre dos Mestres, o Magnífico Reitor da Espiritualidade! Sentíamos-nos, então, encorajados, certos de que estávamos sob sua dependência, efetivamente abrigados em seu redil, por Ele amados e por ele mesmo protegidos.

[...] Tornava-se evidente que os educadores por que nos víamos dirigidos subordinavam seus métodos às normas estatuídas por Jesus de Nazaré, ao qual inequivocamente demonstravam venerar como orientador e chefe do movimento impetrado não apenas em nosso favor, como da Humanidade toda. Que se tratava de iniciados cristãos de alta classe moral não tínhamos, pois, nenhuma dúvida. E se eram filósofos, cientistas, pesquisadores, sociólogos, pedagogos eméritos, como mais tarde tivemos ocasião de verificar, também era fora de dúvida que era na sublime Escola de Moral e Fraternidade estabelecida pelo Cristo de Deus que extraíam modelos e métodos para exercerem, entre os homens encarnados e os Espíritos em

trânsito, as elevadas aptidões que possuíam.

[...] acordando-nos as faculdades para novas conquistas morais, mentais, intelectuais e espirituais!

[...] Inicialmente explicou-nos que cumpria, com efeito, recebermos, em primeiro lugar, os ensinamentos morais expostos nos Evangelhos do Redentor, a fim de que, ao encanto de suas palavras remissoras, adquiríssemos critério suficiente para, só então, atingirmos outros esclarecimentos que, ministrados à revelia da reeducação moral fornecida por aqueles, resultariam estéreos senão mesmo nulos, se se não tornassem, antes, prejudiciais! A moral divina do Cristo Jesus, porém, saneando, de algum modo, nossa mente e, portanto, nosso caráter, de muita vileza que nos congestionava as faculdades, havia, naqueles dois anos de aplicação incansável, predisposto nosso “eu” para, agora, receber o prosseguimento do curso que nos favoreceria habilitações para reerguimento moral decisivo! [...] iríamos também receber os rudimentos do Ensino Secreto [...] apenas, o bastante para nos fortalecermos para a eficácia da reparação que devíamos à Lei, pois éramos ainda muito frágeis, mentes traumatizadas pela violência do ato que exorbitara da Lei da Natureza, caracteres viciados pelo abuso de séculos e séculos submersos no demérito da materialidade! Que o Ensino seria concedido gradativamente, de acordo com nossas capacidades [...] éramos convidados a partilhar da assembleia luminosa da Verdade, porquanto fora justamente a falta dos mesmos ensinamentos que nos levara, de queda em queda, até à calamitosa situação da queda máxima através do suicídio!

[...] se radicava em nosso Espírito o respeito, a veneração por Aquele Ser Supremo e Criador a quem havíamos negado, de quem descrêramos pela dobadura dos séculos, mas a quem agora rendíamos graças, apavorados e ínfimos que nos sentíamos frente à sua Grandeza, ao passo que também felicíssimos ao nos reconhecermos seus filhos, herdeiros da sua glória eterna!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 18 - “Homem, conhece-te a ti mesmo”. § 5, 6, 9, 12, 17 19, 24*

## **PROGRAMA DE AÇÕES DE FORTALECIMENTO DO ESPÍRITO**

[...] Ela poderia, portanto, vencer os testemunhos necessários sob o amparo de tão fiéis corações, bastando para isso elevar-se para Deus pelo cumprimento de sagrados e inadiáveis deveres.

[...]

Entrementes, comprometendo-se com o obsessor da irmã a tentar, no prazo exíguo de dois anos, a reeducação moral e mental da mesma, a fim de habilitá-la a uma defesa contra as trevas espirituais que a perseguiram, Victor de Guzman pôs mãos à obra logo nos primeiros dias após a noite de Natal, durante a qual presenciara Andrea debater-se contra o seu inimigo invisível. Como prosélito das doutrinas espiritualistas e médico que era, principiou por escolher alimentação conveniente à enferma: hortaliças, legumes, frutas, leite, ovos, chá. Em seguida, ginásticas respiratórias e demais exercícios apropriados à elasticidade e bem-estar fisiológico, como a circulação do sangue, o funcionamento renal, intestinal etc. Exercícios de higiene mental: educação do pensamento, repressão aos desejos menos discretos, renovação dos hábitos diários, se estes não condissessem com a harmonia divina, projeção das ideias no sentido do bem e do sublime, à procura do Ser divino e da sua essência dentro de si mesma, e leituras moralizadoras e recreativas que a instruissem para a vida prática, e o estudo sobre a natureza, para que ela se sentisse agradavelmente unida à Criação divina que cerca o homem no belo planeta em que vive e não continuasse a profaná-lo com a sequência dos próprios erros, que necessariamente quebrariam a harmoniosa teia que poderia ser a sua vida. Tratava-se de um curso rápido de introdução à doutrina espiritualista, então aceita por numerosos filósofos orientais e mesmo ocidentais, tentando salvar a irmã de si mesma e, logicamente, da inferioridade moral que lhe escancarava as portas para a ação obsessora.

Não era, porém, de boa mente que Andrea se submetia a esses rigorosos métodos, pois a própria música e a análise e a declamação dos grandes poemas, então muito em voga, eram incluídas na terapia a que o médico ocultista desejava submetê-la.

[...]

Falava-lhes dos Apóstolos do Senhor, de suas tremendas responsabilidades diante de Deus e dos homens, de suas lutas e sofrimentos pela difusão da Boa Nova do Cristo, de seus deveres e sua devoção aos princípios do evangelho. Falava-lhes dos mártires que, por amor à nova fé ensinada pelo Filho de Deus, tudo suportaram de boa mente e cheios de esperanças, recordando, para exemplo aos ouvintes, o grande amor e a grande esperança que todos eles tiveram na vitória do reino de Deus, na proteção do Cristo e na ressurreição da alma e sua imortalidade após a morte do corpo. Toda a epopeia sublime do Cristianismo desenrolava-se, então, em presença dos

ouvintes pela palavra ardente de Victor, que viajara pela Palestina e se sentia como que impregnado daquelas cenas vividas pelos seguidores de Jesus. E explicava-lhes ainda o código de leis morais existente no Sermão da Montanha, nas prédicas do Senhor à beira dos lagos ou a sós com seus amigos e discípulos. Dava-lhes o Evangelho redentor raciocinado, meditado, detalhado. E até as primeiras horas da madrugada entretinha-os com a sua palavra bela e sábia.

De outras vezes, Victor apresentava como temas para suas belas preleções o raciocínio sobre a existência da alma e seus poderes, sua imortalidade, sua marcha para o progresso e o bem até Deus, através das sucessivas migrações, ou reencarnações; a comunicação com a alma dos mortos, o poder da oração, enfim, mil ensinamentos redentores de que o homem não pode prescindir para a sua evolução geral e conquista da paz do coração. Visitava os pobres e os enfermos das aldeias próximas, tratava gratuitamente de suas enfermidades e minorava suas aflições; ministrava-lhes os ensinamentos evangélicos, lecionava alfabetização às crianças das cercanias, era, por assim dizer, um apóstolo do bem, um servidor do Cristo, tal como o fora em suas duas anteriores existências, quando devotadamente servira a Deus, amando o próximo. E, por toda parte aonde ia, fazia Andrea acompanhá-lo, ensinando-lhe o caminho a seguir, e associava-a a todos os movimentos tentados em favor do próximo [...]

[...]

Infelizmente, porém, se muitos daqueles servidores e visitantes presentes e Alexis, encantados, sorviam com avidez as palavras iluminadas do ilustre orador e seus exemplos de cristão, assinalando-os na mente e também no coração; para tristeza do próprio Victor, Andrea não só deixava de se interessar pelas palavras do irmão como até adormecia profundamente, enquanto ele discursava. [...]

CHARLES (Espírito). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha.*  
Cap. 3 - Victor. § 5, 14, 15, 18, 19, 21

**CONSCIENTIZAÇÃO DOS DEVERES PRÓPRIOS E DOS SOFRIMENTOS  
A SEREM INFLIGIDOS AOS ENTES AMADOS COM A CONSUMAÇÃO**

## DO SUICÍDIO

[...] Ó meu Deus! Que triste é ver-se a criatura órfã e abandonada, ainda na infância, neste mundo repleto de torpezas!... Meu pobre e querido pai, por que te mataste, por quê?... Não amavas então a teus filhos, que se desgraçaram com tua morte?... Por que te mataste, meu pai?... Oh! não tiveste sequer compaixão de nós?... Lembro-me tanto de ti!... Eu te amava! Eu sim!... Muitas vezes, naqueles primeiros tempos, chorei inconsolável, com saudades tuas, tão bondoso eras para com teus filhos!... Se nos amavas, por que te mataste, por quê?... Por que preferiste morrer, lançar-nos à miséria e ao abandono, a lutar por amor de nós?... Por que não resististe aos dissabores, prevendo que tua falta desgraçaria teus pobres filhos que só contigo contavam neste mundo?... Se viveras e nos houveras terminado a criação eu seria hoje, certamente, um homem útil, respeitado e honesto, quando, na verdade, não passo de um precito maculado pela desonra irreparável!...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 4 – Jerônimo de Araújo Silveira e família. § 106*

## RECONCILIAÇÃO

[...] Ela envergonhava-se de tais máculas e pedira uma existência nova, de resistência ao mal, de testemunhos de fé e obediência ao dever, de trabalhos e devotamento ao bem. Acareada com o obsessivo, nele reconheceu aquele “Monsieur de B...” do século XVI, pai adotivo de Luís de Narbonne, que a desejou proteger e salvar do mal num dia decisivo para seu futuro espiritual; e também Arnold Numiers, pai de Henri, do século XVII, que tanto a havia querido. Atraíçara pai e filho, criminosamente, em duas existências consecutivas. Deu razão a Arnold por havê-la odiado e vingado a ofensa, e prostrou-se a seus pés, pedindo-lhe perdão em nome de Deus. O rude Espírito levantou-a, apertou-a nos braços e exclamou, por entre lágrimas:

Perdoo-te, sim! Perdoo-te por amor ao meu filho, que tanto te tem amado através do tempo. Perdoa-me tu também, em nome do mesmo Deus.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 18. Epílogo §1 e 2*

## ESTUDOS SOBRE O LEGÍTIMO PAPEL DA MULHER NAS SOCIEDADES TERRENAS

[...] a jovens suicidas, levadas ao sinistro ato por desequilíbrios sentimentais ou não, decepções amorosas, etc., etc [...] deveres que acabavam de desacatar através da grave infração cometida com o suicídio [...] Cursavam, enfim, uma Academia Feminina, onde deveriam aprender o legítimo papel a que é chamada a mulher a exercer em contacto com as sociedades terrenas, isto é, o papel da mulher virtuosa e cristã, porquanto fora justamente a deficiência desse ajuste o móvel dos arrastamentos que redundaram na temerosa infração em que se precipitaram!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 3ª parte. Cap. 21 - O elemento feminino. § 59*

## RESISTÊNCIA À IDEIA OBSESSIVA

### FORÇA DE VONTADE NO CUMPRIMENTO DO DEVER

Entretanto, nos refolhos da alma, lá nos recessos do seu ser, a ideia do suicídio não se firmara em Alexis, não fora aceita. O seu eu superior rejeitava-a, abominava-a. As impressões exteriores, essas sim, foram violentadas e se curvavam à coação. Alexis encontrava-se no momento mais crítico de sua vida. Poder-se-ia dizer que o móvel do seu renascimento outro não fora senão aquele: renunciar e testemunhar força de vontade para resistir ao mal, pelos compromissos que trouxera ao reencarnar. Se resistisse à tentação, se fosse forte e atendesse à voz da consciência, que lhe murmurava o cumprimento do dever, então seria a glória de ter vencido a si próprio. para dar-se a Deus. Quando, em Flandres, nos fins do século XVII, existira sob o nome de Louis de Stainesbourg, dera causa ao suicídio de Henri Numiers, acumpliciado com Andrea, que então existira sob o nome de Berthe, servindo-se da traição a um irmão colação e grande amigo. Agora, via-se colocado ante as consequências do antigo ato, a fim de vencê-las pela ação do livre-arbítrio. Era o testemunho que a lei dele exigia.

CHARLES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 13. Na hora do testemunho*

\*\*\*\*\*

### REFLEXÃO SOBRE OS DEVERES PRÓPRIOS DOS QUAIS NÃO SE DEVE AFASTAR – MODIFICAÇÃO DO PADRÃO MENTAL - RECONDUÇÃO AO

## **EQUILÍBRIO MOMENTANEAMENTE PERDIDO – DISSIPAÇÃO DOS FLUIDOS OPRESSORES - ARREFECIMENTO DA IDEACÃO SUICIDA – RAZÃO DAS ONDAS DE IDEIAS SUICIDAS**

[...] Na ampla galeria dos aposentos particulares da família, descobriu entreaberta a porta dos aposentos de Arthur, seu pobre gêmeo. Entrou. Ao pé do leito, velando com a doçura do amigo e o saber do médico, Victor esforçava-se em corrigir os distúrbios nervosos que desde cedo abateram o infeliz inválido. Terríveis convulsões epilépticas, provocadas pelas duras emoções sofridas durante o conselho de família, arremeteram sobre ele, prostrando-o num inferno de sofrimentos. Agora Arthur dormia sono agitado que pouco o confortaria. Alexis contemplou o gêmeo com angústia:

— Aqui, junto deste leito, velando o pobre enfermo, é que deve ser o teu lugar, e não tramando desatinos com Andrea. És tu, não Victor, que deves ampará-lo! — bradou-lhe a consciência; e estranha piedade pelo irmão confrangeu-lhe o coração.

[...]

Dirigiu-se ao parque. [...] Agora, sob a placidez da noite, dir-se-ia que os vapores condensados que tolhiam sua vontade iam, lentamente, se dissipando, libertando-o da opressão satânica criada por Andrea. Rememorou, sem o desejar, todos os principais lances de sua vida: órfão de mãe ao nascer, juntamente com seu gêmeo Arthur; criado pela avó materna, a bela e boa Louise de Guzman, e pelos tios de Guzman d’Albret; órfão de pai na adolescência, sua vida fora um traço de dissabores, não obstante a nobreza dos títulos e os bens de fortuna, e por isso bem cedo pensara em Deus e se tornara fervoroso crente. Reviu, em pensamento, as próprias investidas para atingir a vida religiosa, que parecia preencher o vazio que sua alma sofria: a oposição da família, que preferia vê-lo brilhar na sociedade; o amor de Andrea, que transformara suas aspirações, e agora... Arthur apareceu em seu pensamento como o pobre mártir a quem deveria socorrer, dedicando-se a ele como a um filho querido, carecedor de todo o amparo e do seu devotamento. O amor deste por Andrea, ao invés de afastá-lo do gêmeo, aproximara-o ainda mais. Pouco lhe importava que Arthur o considerasse antes um rival. Singular piedade por aquele que não lograra ser amado e fora preterido pela família fazia-o porventura mais amigo do irmão. Por isso, do fundo da alma, perdoava-lhe as hostilidades: era enfermo e infeliz, e antes carecia de consolo e proteção.

Villiers, com sua traição, Andrea, com sua anormal personalidade, dançaram, depois, em sua mente, torturando-lhe o coração apreciações pe-

nosas. Viu-os unidos, meditou que se pertenceriam porque assim pareceu determinar o destino. Afigurou-se-lhe, de repente, hediondo crime arrebatado Andrea de Villiers; ela seria mãe de um filho dele, e como consentir ele, Alexis, em morrer com ela, matando-a e matando aquele ente que ela traz em si, um filho do bom Deus, que tinha direitos a também existir sob as luzes do Sol?

Indescritível aflição o perturbou, e ele murmurou para si mesmo. na solidão do parque:

— Morrer? Matar-me? Oh, meu Deus, estarei louco? Como pude pensar semelhante horror? Por que prometi a Andrea que juntos morreríamos?

Estremeceu, então, ansioso, caindo em si e compreendendo a tentação. Penosa confusão de ideias tumultuou-lhe o cérebro. Enérgica, a consciência começava a reagir, reconhecendo o erro em que desejava precipitar-se.

— Não, meu Deus, é um crime! Socorrei-me, Senhor, salvai-me desta monstruosa tentação! Não, não devo morrer, não devo deixar que Andrea morra! Que fazer, meu Deus, que fazer para remediar esta situação?

— Servir a Deus! — murmurou-lhe a consciência. — Amar os que sofrem, proteger Arthur, a quem muito deves...

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 13. Na hora do testemunho*

## **REVELAÇÕES DOS BENFEITORES ESPIRITUAIS**

Por sua vez, a lembrança das cenas do meu suicídio na passada existência e as revelações concedidas pelo Espírito Charles durante o transe acima citado, a certeza do seu amor imortal, da sua proteção constante, explicando-me as razões do acúmulo das provações que me feriram e infundindo-me coragem nova, foram outros tantos bálsamos que me revigoraram. Eu tinha a impressão de que acabara de reencarnar para existência nova.

*YVONNE A. PEREIRA. Recordações da mediunidade. Capítulo: Os arquivos da alma*

## **PREVENÇÃO PARA SUICIDAS EM VIAS DE REENCARNAR – EXTENSIVO AOS QUE SE ENCONTRAM REENCARNADOS E TRAZEM**

## PREDISPOSIÇÃO AO SUICÍDIO

Uma nova reencarnação será inevitável no vosso caso. Devereis repetir a experiência terrena que malográstes com o suicídio, negando-vos ao cumprimento do sagrado dever de viver o aprendizado da dor, em benefício de vós mesmos, de vosso progresso, vossa felicidade futura! [...]

[...] poderíeis, caso vos sentísseis verdadeiramente inclinados aos estudos da ciência do Invisível, fazer um curso de iniciação entre nós, o que — vo-lo afixamos — vos habilitaria sobremodo para a vitória, suavizando ainda as agruras e percalços inerentes às experiências reabilitadoras, dolorosas como são elas, como sabeis, pois, o que vos ofereceríamos, com tais ensinamentos, seria justamente a ciência da Vida, sob os auspícios do grande educador Jesus de Nazaré, cuja doutrina a Humanidade insiste em rejeitar, desconhecendo que, rejeitando-a, é a própria felicidade, é a glória imarcescível para o seu destino infindo que afasta para um futuro remoto!

Essa ciência, poderíeis apreendê-la na Terra mesmo, porque lá existem vários elementos, sólidos e verazes, capazes de iluminar cérebros e corações, impulsionando-os para o caminho da Verdade. Na grandiosa história da Humanidade rebrilham vultos eminentes, assinalados com as veras credenciais das virtudes e da sabedoria que lhes conferiram o título de instrutores capazes de orientar os homens para os seus magníficos destinos de filhos da Divindade suprema. Desceram eles das altas esferas espirituais, reencarnaram entre seus irmãos, os homens; diminuíram-se no sacrifício do corpo carnal, a fim de servirem aos soberanos desígnios do Criador por meio do amor às criaturas menos evoluídas, às quais procuram educar e elevar, concedendo às operosidades relativas a tão sublime ideal o melhor dos esforços e da boa vontade que alcandoram suas almas de missionários e instrutores! Em Jesus de Nazaré encontrareis o mais eminente desses respeitáveis vultos que perlustraram as sombrias plagas terrenas, e sob sua orientação agiram os demais, visto que até hoje nenhuma entidade que habitou a Terra teve capacidade para atingir, com o pensamento remontado às origens do planeta, a época exata em que o Senhor amado recebeu das mãos do Todo-Poderoso a Terra e suas humanidades para levantá-las do abismo inicial, educá-las e glorificá-las nas irradiações da luz imortal!

Mas... há milênios que vindes reencarnando na Terra e até agora, de tão preciosos tesouros nela depositados pelas inestimáveis bondades do Céu, jamais cogitastes de vos servir... por eles haveis passado indiferentemente, sem lhes examinar sequer o valor devido, sendo de temer que, se partirdes daqui sem as habilitações que lá, na Terra, também poderíeis colher,

continueis debatendo-vos no mesmo círculo vicioso em que vindes permanecendo... pois sois fracos, não sabeis resistir às tentações do próprio orgulho e necessitais de forças para recomeçar a caminhada...

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 8 – A Torre de Vigia. § 12 a 16*

## ACOLHIMENTO AOS POTENCIAIS SUICIDAS

### NA PRESENÇA DO CRISTO

*Pois amém vos digo: até que passem o céu e a terra, não passará um iota ou traço da Lei, até que tudo se realize. (Mateus 5:18)*

A ciência dos homens vem liquidando todos os problemas alusivos ao reconforto da humanidade.

Observou a escravidão do homem pelo próprio homem e dignificou o trabalho, através de leis compassivas e justas.

Reconheceu o martírio social da mulher que as civilizações mantinham em multimilenário regime de cativo e conferiu-lhe acesso às universidades e profissões.

Inventariou os desastres morais do analfabetismo e criou a grande imprensa.

Viu que a criatura humana tombava prematuramente na morte, esmagada em atividade excessiva pela própria sustentação, e deu-lhe a força motriz.

Examinou o insulamento dos cegos e administrou-lhes instrução adequada.

Catalogou os delinquentes por enfermos mentais e, tanto quanto possível, transformou as prisões em penitenciárias-escolas.

Comoveu-se, diante das moléstias contagiosas, e fabricou a vacina.

Emocionou-se, perante os feridos e doentes desesperados, e inventou a anestesia.

Anotou os prejuízos da solidão e construiu máquinas poderosas que interligassem os continentes.

Analizou o desentendimento sistemático que oprimia as nações e ofereceu-lhes o correio e o telégrafo, o rádio e a televisão que as aproximam na direção de um mundo só.

Entretanto, os vencidos da angústia aglomeram-se na Terra de hoje como enxameavam na Terra de ontem...

Articulam-se em todas as formas e despontam de todas as direções.

Perderam o emprego que lhes garantia a estabilidade familiar e desorientam-se, abatidos, à procura de pão.

Foram despejados do teto, hipotecado à solução de constringentes necessidades, e vagueiam sem rumo.

Encontram-se despojados de esperança, pela deserção dos afetos mais caros, e abeiram-se do suicídio.

Caíram em perigosos conflitos da consciência e aguardam leve sorriso que os reconforte. Envelheceram, sacrificados pelas exigências de filhos queridos que lhes renegaram a convivência nos dias da provação, e amargam doloroso abandono.

Adoeceram gravemente e viram-se transferidos da equipe doméstica para os azares da mendicância.

Transviaram-se no pretérito e renasceram, trazendo no próprio corpo os sinais aflitivos das culpas que resgatam, pedindo cooperação.

Despediram-se dos que mais amavam no frio portal do túmulo e carregam os últimos sonhos da existência cadaverizados no esquife do próprio peito.

Abraçaram tarefas de bondade e ternura e são mulheres supliciadas de fadiga e de pranto, conduzindo os filhinhos que alimentam à custa das próprias lágrimas.

Gemem, discretos, e surgem na forma de crianças desprezadas, à maneira de flores que a ventania quebrou, desapiedada, no instante do amaneher.

Para eles, os que tombaram no sofrimento moral, a ciência dos homens não dispõe de recursos.

É por isso que Jesus, ao reuni-los em multidão, no tope do monte, des-

fraldou a bandeira da caridade, e, proclamando as bem-aventuranças eternas, no-los entregou por filhos do coração...

Companheiro da Terra, quando estendas uma palavra consoladora ou um abraço fraterno, uma gota de bálsamo ou uma concha de sopa, aliviando os que choram, estás, diante deles, na presença do Cristo, com quem aprendemos que o único remédio capaz de curar as angústias da vida nasce do amor, que se derrama, sublime, da ciência de Deus.

*EMMANUEL (Espírito). Psicografia de Francisco C. Xavier. Reformador 1963 (janeiro), p. 21*  
*EMMANUEL (Espírito). Psicografia de Francisco C. Xavier. Cap. 2 - Na presença do Cristo*

## DESÂNIMO

### AUXILIAR E SERVIR

*[...] Amarás [...] o teu próximo como a ti mesmo. (Lucas 10:27)*

Irmãos! Quando estiverdes à beira do desânimo, porque alfinetadas do mundo vos hajam ferido o coração; quando o desespero vos ameace, à vista das provações que se vos abatem na senda, reflitamos naqueles companheiros outros que se agoniam, junto de nós, em meio dos espinheiros que nos marginam a estrada; nos que foram relegados à solidão sem voz de amigo que os reconforte; nos que tateiam, a pleno dia, ansiando por fio de luz que lhes atenua a cegueira; nos que perderam o lume da razão e se despencaram na vala da loucura; nos que foram arrojados à orfandade, quando a existência na Terra se lhes esboça em começo, naqueles que estão terminando a romagem no mundo, atirados à ventania; nos que desistiram do refúgio na fé e se encaminham, desorientados, para as trevas do suicídio; nos que se largaram à delinquência, comprando arrependimentos e lágrimas na segregação em que expiam as próprias faltas; nos que choram escravizados à penúria, a definharem de inanição!...

Façamos isso e aprenderemos a agradecer a Bondade de Deus que a todos nos reúne em sua bênção de amor, de vez que a melancolia se nos transformará no ser em clarão de piedade, ensinando-nos a observar que, por mais necessitados ou sofredores estejamos, dispomos, ainda do privilégio de colaborar com Jesus, na edificação do Mundo melhor, pela felicidade de auxiliar e pelo dom de servir.

## AMPARO AO POTENCIAL SUICIDA

### EM NOSSOS CAMINHOS

*Ele disse: o que praticou a misericórdia com ele. Disse-lhe Jesus: vai e faz tu do mesmo modo. (Lucas 10:37)*

Revisando a Parábola do samaritano, lembramo-nos de que hoje milhares de irmãos nossos sobem do passado em direção do futuro pelos caminhos do presente, desfalecendo, muitas vezes, sob dificuldades e provocações que os deixam semimortos:

[...]

os que perderam a fé em meio das experiências necessárias à evolução e estiraram-se no desânimo, à beira do suicídio;

[...]

À frente de quantos surpreendas na estrada, caídos em sofrimento, interrompe-te para compreender e servir. Determina a caridade nos sítios no lugar daqueles que necessitam de amparo, doando-lhes o melhor de nós, com a certeza de que provavelmente amanhã serão eles, os socorridos de agora, nossos próprios benfeitores. Entre os companheiros de humanidade que conhecem o campo de trabalho e passam, de longe, com receio de serem incomodados, e aqueles que foram espoliados na coragem de caminhar e na alegria de viver, recordemos o samaritano que se deteve na marcha dos próprios interesses e auxiliou espontaneamente ao próximo sem nada perguntar e, conforme a lição do Cristo, façamos nós o mesmo.

*EMMANUEL (Espírito). Psicografia de Francisco C. Xavier. Viajor. Capítulo: Em nossos caminhos*

### PREVENÇÃO SECUNDÁRIA – COMPREENSÃO – CARIDADE

Embora a excepcional gravidade do ato execrável do jovem padre, o bispo optou por não evidenciar o mal, nem dar-lhe notoriedade, que em nada auxiliaria a sociedade, e possivelmente mais a perturbaria.

[...]

Naturalmente, receou que o drama tomasse novo curso no porvir, o que não é raro de acontecer. No entanto, preferiu correr o risco, confiante no sincero esforço do paciente e no tratamento a que se permitira submeter. Ele próprio buscaria a melhor clínica para o seu sacerdote e dar-lhe-ia assistência pessoal, a fim de que o enfermo não enveredasse pela loucura ou viesse a cometer o hediondo crime do suicídio, tal a gravidade da situação em que se encontrava. Eram reflexões bem-urdidas, porque, não fosse a ajuda divina, e Mauro ter-se-ia suicidado, às vésperas, ou mesmo antes, conforme fora a esse crime induzido pelos seus inimigos espirituais...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e Obsessão. Cap. 13 - Decisões felizes*

### **PREVENÇÃO DO SUICÍDIO – PASSES – ORAÇÃO - DESLINDAMENTO DE OBSESSOR INDUTOR DO SUICÍDIO – TRATAMENTO ESPIRITUAL – PAPEL DO ESPIRITISMO E DOS ESPÍRITAS - SOLIDARIEDADE – REDE DE APOIO**

Um dos espíritos encarregados dos passes na sala de largas proporções e que se encontrava a postos, passou a aplicar-lhe a terapia própria, conseguindo deslindá-la dos fluidos do inimigo irado que se sentiu vencido nos propósitos de levá-la ao suicídio. Com essa ideia havia sido ela conduzida ao Centro espírita por uma familiar devotada, dando-se, então, conta do que lhe iria suceder, e ao contato das energias saturadas de vigor e de paz, foi lentamente diminuindo o pranto e escutando a voz intracraniana da abnegada mãezinha, que agora encontraria ressonância para ajudá-la no processo de libertação do transtorno que se apresentava sob os dois aspectos: o psicológico e o obsessivo...

Quando as luzes aumentaram o nível de claridade, já que o salão ficara suavemente iluminado para a etapa final da reunião, a amiga surpreendeu-se com o aspecto da paciente, que lhe murmurou timidamente:

– Não sei o que se passou há pouco. Somente posso constatar que estou invadida por um bem-estar que havia desaparecido de mim nos meses últimos. Tive a sensação de rever minha mãe e de ouvi-la emocionada, encorajando-me. Uma estranha ocorrência me tomou, como se eu houvesse sido desatrelada de algo constringente que me esmagava o tórax e detinha meu pensamento na ideia fixa do suicídio... Pude orar, o que não fazia há muito tempo.

Ato contínuo, segurou a mão da prima, num gesto de gratidão, quase sorrindo, enquanto a acompanhante emocionada lhe retrucou:

– Jesus ouviu-nos as rogativas e você está sendo abençoada pela oportunidade do refazimento.

Após um pequena pausa, concluiu:

– Isto, porém, não representa a cura, e sim, a primeira vitória no processo de recuperação. Os medicamentos irão auxiliando-a no reequilíbrio das neurocomunicações, graças às substâncias responsáveis pela alegria e pelo bem-estar, enquanto a terapêutica espírita afastará algum adversário desencarnado que se compraz com o seu estado depressivo e, certamente, planeja arrebatá-la do corpo, para prosseguir no infeliz processo vingador... Essa batalha você a vencerá com o esforço próprio e as bênçãos dos Céus. Não abandone o recurso benéfico agora ao seu alcance, mas permaneça vigilante, porque o espírito que foi afastado tentará voltar, e o fará com mais força e revolta.

A jovem abraçou a familiar, e pediu-lhe:

– Ajude-me na minha fraqueza e não me deixe sucumbir. Agora eu sinto o poder de Jesus em minha vida... Necessito vencer esse mal que me toma e viver, a fim de poder ser útil a mim mesma e à Humanidade.

Retribuindo-lhe o afeto espontâneo, a esclarecida companheira anuiu de boa mente, arrematando:

– Tudo que estiver ao meu alcance dedico-o a você, mas a parte mais difícil e persistente é a que lhe diz respeito, em razão dos seus compromissos para com a vida...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Amanhecer de uma Nova Era. Cap. 3 - Planejamento de atividades espirituais*

## **PESSOAS COM TRANSTORNO DE PERSONALIDADE E CHANTAGEM DE SUICÍDIO**

Dessa forma, sentindo-se gentilmente repelida e aspirando os fluidos tóxicos do comparsa espiritual vingador, transformou a paixão vulgar em meta essencial da existência, chantageando o homem correto, que a recusava... Altas horas da noite telefonava-lhe, ameaçando narrar o que dizia ser seu sofrimento ao marido, suicidando-se depois e inculcando-o.

[...]

— Encerre imediatamente esse capítulo triste da sua existência que

você não está a desenhar. Colhido pela irmã em desalinho, a quem busca ajudar, use de franqueza sem agressividade e não volte a vê-la.

Como se despertasse para a reflexão decisiva, Francisco interrogou:

— E se, induzida pelo mal que nela reside e pela Entidade má com a qual se homizia psiquicamente, ela vier a suicidar-se?

O Sr. Almiro meditou, manteve-se calmo e redarguiu:

— Seria profundamente lamentável essa ocorrência inditosa para ela, como também para nós todos. No entanto, a opção é dela. A pretexto de auxiliá-la, sem que ela deseje ajudar-se, não é lícito que você se perca e se desequilibre, sabendo, conforme cremos, que você é somente um capricho a mais, um brinquedo nas mãos levianas de uma pessoa inconsequente, bem como de Entidades vingativas.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Capítulo - Vidas em perigo*

## **PESSOAS COM TRANSTORNO DE PERSONALIDADE E CHANTAGEM DE SUICÍDIO**

[...]

— Haverá — voltei a indagar — perigo de uma ocorrência suicida, conforme a sua ameaça com extravagante caráter de chantagem?

— É imprevisível — ripostou meditativo. — As criaturas insensatas reagem quando deveriam agir, assumem posturas, quando contrariadas, as mais extravagantes, porque são acionadas pelos instintos, abandonando as diretrizes da razão. Não obstante, estaremos buscando auxiliá-la com os recursos ao nosso alcance, interessados como nos encontramos em ajudar a todos, porém, não podemos violentar o livre-arbítrio de criatura nenhuma. Quem pretende ascender, facilmente recebe ajuda para erguer-se; da mesma forma, aquele que prefere os pauis, com igual liberdade ali se demora. A decisão, portanto, é de cada pessoa, conforme as luzes do discernimento que possua.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Capítulo. Ocorrência grave*

## **PESSOAS COM TRANSTORNO DE PERSONALIDADE E CHANTAGEM DE SUICÍDIO**

[...]

— E se eu suicidar-me? — Pior para a cara irmã, porquanto somente aumentará a sua carga de aflição, sem qualquer lenitivo para as próprias angústias. Um erro não elimina outro, sem lhe diminuir a intensidade de danos. Somente a coragem que enfrenta desafios resolve os problemas que criamos para nós mesmos.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco.  
TRILHAS DA LIBERTAÇÃO. Capítulo: Escândalo e paz*



14

**EFEITO PROTETOR DO  
ESPIRITISMO**

**E**spiritismo não só vem confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes possíveis: o testemunho daqueles que nela se encontram. E faz mais, ao no-la mostrar sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo permitida a dúvida, muda o aspecto da vida; sua importância diminui em razão da certeza que se adquire de um futuro mais próspero. Para o crente, a vida se prolonga indefinidamente para além do túmulo; daí a paciência e a resignação que naturalmente afastam a ideia do suicídio; daí, numa palavra, a coragem moral.

Sob esse aspecto tem ainda o Espiritismo um outro resultado muito positivo e, talvez, mais determinante. Bem diz a religião que o suicídio é um pecado mortal, pelo qual se é punido. Mas como? Pelas chamas eternas, nas quais não mais se acredita. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo explicar a sua posição infeliz, mas com uma diferença: as penas variam de acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme à justiça de Deus; que, em vez de serem uniformes, são a consequência muito natural da causa que provocou a falta, o que não se pode deixar de aí ver uma soberana justiça, distribuída com equidade. Entre os suicidas uns há cujo sofrimento, não obstante temporário, nem por isso é menos terrível e capaz de fazer refletir a quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O espírita tem, assim, como contrapeso ao pensamento do suicídio vários motivos: a certeza de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando a vida, chega a um resultado inteiramente oposto ao que esperava; que se liberta de um mal para cair noutro pior, mais longo e mais terrível; que não poderá rever no outro mundo os objetos de suas afeições, aos quais queria unir-se. Chega, assim, à conclusão de que o suicídio é contra os seus interesses. É por isso que o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável; de onde se pode inferir que, quando todo o mundo for espírita, não mais haverá suicídios voluntários, o que acontecerá mais cedo do que se imagina.

...

Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, apenas do ponto de vista do suicídio, constatamos que a lógica de um a ele conduz, enquanto a lógica do outro dele afasta, o que é confirmado pela experiência.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (julho). Estatística de suicídios*

## PONTO DE VISTA PELO QUAL O ESPÍRITA ENCARA A VIDA

Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, a par do futuro que o aguarda; a vida se lhe mostra tão curta, tão fugaz, que, aos seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis, no curso de uma viagem. O que, em outro, produziria violenta emoção, mediocrementemente o afeta. Demais, ele sabe que as amarguras da vida são provas úteis ao seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque ser recompensado na medida da coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe dão, assim, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e suicídio. Conhece também, pelo espetáculo que as comunicações com os Espíritos lhe proporcionam, qual a sorte dos que voluntariamente abreviam seus dias e esse quadro é bem de molde a fazê-lo refletir, tanto que a cifra muito considerável já ascende o número dos que foram detidos em meio desse declive funesto. Este é um dos resultados do Espiritismo. Riam quanto queiram os incrédulos. Desejo-lhes as consolações que ele prodigaliza a todos os que se hão dado ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas.

ALLAN KARDEC. *O livro dos Espíritos* INTRODUÇÃO. Item XV

## IDEIAS ESPÍRITAS - CERTEZA DA VIDA ESPIRITUAL - COMPREENSÃO - RESIGNAÇÃO - CORAGEM NAS AFLIÇÕES - MODERAÇÃO NOS DESEJOS - BANIMENTO DA IDEIA DE ABREVIAR OS DIAS DA EXISTÊNCIA

[...] Fora presumir da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das ideias espíritas. A ação que estas exercem não é certamente idêntica, nem do mesmo grau, em todos os que as professam. Mas, o resultado dessa ação, qualquer que seja, ainda que extremamente fraco, representa sempre uma melhora. Será, quando menos, o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto deriva da só observação dos fatos, porém, para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem outra coisa, que não somente fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos.

O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida

como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa, nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que de temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue.

O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto, que, perdendo a vida terrena três quartas partes da sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos. Daí, também, o banimento da ideia de abreviar os dias da existência, por isso que a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que temos a faculdade de tornar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os entes que nos são caros, oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo, a que assiste incessantemente, incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar.

*ALLAN KARDEC. O livro dos Espíritos. Conclusão. Item VII*

### **MANEIRA DE CONSIDERAR A VIDA TERRESTRE - CALMA E RESIGNAÇÃO – PRESERVATIVO CONTRA O SUICÍDIO**

A calma e a resignação hauridas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam.

O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem. Ora, aquele que está certo de que só é desventurado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando nenhum termo divisa para os seus sofrimentos. E que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas, para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os

infortúnios e as aflições o acabrunham, unicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a covardia moral. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo. A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a coragem moral.

O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Apresenta-nos os próprios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra: a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável já é o número dos que têm sido, pelo Espiritismo, obstados de suicidar-se, podendo daí concluir-se que, quando todos os homens forem

espíritas, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, forçoso será reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.

ALLAN KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Cap. V – Bem-aventurados os aflitos. Itens 14 a 17

### **FORTALECIMENTO DA ESPERANÇA - COMPREENSÃO DE QUE O SUICÍDIO NÃO ISENTA QUEM QUER QUE SEJA DO SOFRIMENTO; APENAS O AGRAVA**

[...] Concebe-se o suicídio quando a vida é sem esperança; procura-se então fugir-lhe a qualquer preço. Com o Espiritismo, ao contrário, a esperança fortalece-se porque o futuro se nos desdobra. O suicídio deixa de ser objetivo, uma vez reconhecido que apenas se isenta a gente do mal para arrostar com um mal cem vezes pior. Eis por que o Espiritismo tem sequestrado muita gente a uma morte voluntária.[...]

ALLAN KARDEC. *O Céu e o Inferno*. Parte II. Cap. 5 – Suicidas. Um ateu  
ALLAN KARDEC. *Revista Espírita 1861 (Fevereiro)*. Palestras familiares de além-túmulo. Um ateu.

### **PONTO DE VISTA PELO QUAL O ESPÍRITA ENCARA A VIDA – CONHECIMENTO DOS SOFRIMENTOS DEPLORÁVEIS DOS SUICIDAS**

[...] afirmo que, bem compreendido, ele [o Espiritismo] é um preservativo contra a loucura e o suicídio.

Entre as causas mais numerosas de excitação cerebral, devemos contar as decepções, os desastres, as afeições contrariadas, as quais são também as mais frequentes causas do suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado, que as tribulações não são para eles senão os incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que em outro qualquer produziria violenta comoção, afeta-o mediocrementemente. Ele sabe que os dissabores da vida são provas que servirão para o seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque sua recompensa será proporcional à coragem com que as houver suportado. Suas convicções dão-lhe, pois, uma resignação que o preserva do desespero e, por consequência, de uma causa incessante de loucura e de suicídio. Ele sabe, além disso, pelo espetáculo que lhe dão as comunicações com os Espíritos, a sorte deplorável dos que abreviam voluntariamente os seus dias, e este quadro é bem de molde a fazê-lo refletir; também é considerável o número

dos que por esse meio têm sido detidos nesse funesto declive. É um dos grandes resultados do Espiritismo.

ALLAN KARDEC. *O que é o Espiritismo. Segundo diálogo – O cético*

### **CERTEZA DA VIDA FUTURA – PONTO DE VISTA – COMPORTAMENTO FRENTE ÀS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA**

Ante a incerteza das revelações feitas pelos Espíritos, perguntarão: para que serve, então, o estudo do Espiritismo?

Para provar materialmente a existência do mundo espiritual. Sendo o mundo espiritual formado pelas almas daqueles que viveram, resulta de sua admissão a prova da existência da alma e sua sobrevivência ao corpo.

As almas que se manifestam, nos revelam suas alegrias ou seus sofrimentos, segundo o modo por que empregaram o tempo de vida terrena; nisto temos a prova das penas e recompensas futuras.

Descrevendo-nos seu estado e situação, as almas ou Espíritos retificam as ideias falsas que faziam da vida futura e, principalmente, acerca da natureza e duração das penas.

Passando assim a vida futura do estado de teoria vaga e incerta ao de fato conhecido e positivo, aparece a necessidade de trabalhar o mais possível, durante a vida presente, que é tão curta, em proveito da vida futura, que é indefinida.

Suponhamos que um homem de vinte anos tenha a certeza de morrer aos vinte e cinco anos, que fará ele nestes cinco anos que lhe restam? trabalhará para o futuro? certamente que não; procurará gozar o mais possível, acreditando ser uma tolice submeter-se a fadigas e privações, sem proveito. Se, porém, ele tiver a certeza de viver até aos oitenta anos, seu procedimento será outro, porque então compreenderá a necessidade de sacrificar alguns instantes do repouso atual para assegurar o repouso futuro, durante longos anos. O mesmo se dá com aquele que tem a certeza da vida futura.

A dúvida relativamente a esse ponto conduz naturalmente a tudo sacrificar aos gozos do presente, daí ligar-se excessiva importância aos bens materiais.

A importância que se dá aos bens materiais excita a cobiça, a inveja e o ciúme do que tem pouco contra aquele que tem muito.

Da cobiça ao desejo de adquirir, por qualquer preço, o que o vizinho possui, o passo é simples; daí ódios, querelas, processos, guerras e todos os males engendrados pelo egoísmo.

Com a dúvida sobre o futuro, o homem, acabrunhado nesta vida pelo desgosto e pelo infortúnio, não vê senão na morte o termo dos seus sofrimentos; e assim, nada esperando, procura pelo suicídio a aproximação desse termo. Sem esperança de futuro é natural que o homem seja afetado e se desespere com as decepções por que passa. Os abalos violentos que experimenta, repercutem-lhe no cérebro e são a fonte da maioria dos casos de loucura.

Sem a vida futura, a atual se torna para o homem a coisa capital, o único objeto de suas preocupações, ao qual ele tudo subordina; por isso, quer gozar a todo custo, não só os bens materiais como as honrarias; aspira a brilhar, elevar-se acima dos outros, eclipsar os vizinhos por seu fausto e posição; daí a ambição desordenada e a importância que liga aos títulos e a todos os efeitos da vaidade, pelos quais ele é capaz de sacrificar a própria honra, porque nada mais vê além. A certeza da vida futura e de suas consequências muda-lhe totalmente a ordem de ideias e lhe faz ver as coisas por outro prisma; é um véu que se levanta descobrindo imenso e esplêndido horizonte. Diante da infinidade e grandeza da vida de Além-Túmulo, a vida terrena some-se, como um segundo na contagem dos séculos, como o grão de areia ao lado de uma montanha. Tudo se torna pequeno, mesquinho, e ficamos pasmos de haver dado importância a coisas tão efêmeras e pueris. Daí, no meio dos acontecimentos da vida, uma calma, uma tranquilidade que já constituem uma felicidade, comparadas às desordens e tormentos a que nos sujeitamos, com o fito de nos elevarmos acima dos outros; daí, também, para as vicissitudes e decepções, uma indiferença que, tirando todo motivo de desespero, afasta numerosos casos de loucura e desvia forçosamente o pensamento do suicídio.

*ALLAN KARDEC. O que é o Espiritismo. Parte II. Consequências do Espiritismo. Item 100*

## **PACIÊNCIA FRENTE ÀS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA - FORTALECIMENTO DA RELIGIÃO**

Qual poderá ser a utilidade da propagação das ideias espíritas? – Sendo o Espiritismo a prova palpável e evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do materialismo, essa negação de toda religião, essa chaga de toda sociedade. O número dos materialistas que ele conduziu a ideias mais sãs é considerável e aumenta diariamen-

te: só isso seria um benefício social. Não somente prova a existência e a imortalidade da alma, como ainda mostra o seu estado feliz ou desgraçado, conforme os méritos desta vida. As penas e recompensas futuras não são mais uma teoria, mas um fato patente aos nossos olhos. Ora, como não há religião possível sem a crença em Deus, na existência da alma e nas penas e recompensas futuras, o Espiritismo traz de volta a essas crenças as pessoas nas quais elas estavam apagadas; resulta daí que ele é o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas: dá religião aos que não a possuem, fortifica-a naqueles em que é vacilante, consola pela certeza do futuro, faz suportar com paciência e resignação as tribulações da vida e desvia do pensamento o suicídio, ideia que naturalmente repelimos quando vemos as consequências; eis por que são felizes os que penetraram em seus mistérios. Para eles o Espiritismo é a luz que dissipa as trevas e as angústias da dúvida.

ALLAN KARDEC. *Revista Espírita* 1859 (janeiro). À S. A. Príncipe G

### **PERDA DE ENTES QUERIDOS E IDEAÇÃO SUICIDA - CONHECIMENTO DO ESPIRITISMO E PROTEÇÃO CONTRA O SUICÍDIO**

O segundo caso, aqui anotado, é o do negociante Debrus, de Valence, cuja única filha, Rose, nascida muitos anos depois do matrimônio, era ternamente amada. Todas as esperanças do pai e da mãe concentravam-se na filha estremecida; mas, aos 12 anos, foi a menina bruscamente atacada de uma meningite aguda, que a levou. Inexprimível foi o desespero dos pais e a ideia do suicídio mais de uma vez visitou o espírito do pobre pai. Cobrou, porém, ânimo devido a alguns conhecimentos que tinha do Espiritismo e teve a alegria de tornar-se médium.

LÉON DENIS. *O problema do ser, do destino e da dor*. Cap. XXVII - *Revelação pela dor* §40

### **DESESPERADOS DETIDOS NO DESEJO DO SUICÍDIO**

É grande a missão do Espiritismo, são incalculáveis as suas consequências morais. Data somente de ontem e, entretanto, que tesouros de consolação e esperança já não espalhou pelo mundo! Quantos corações contristados, frios, não aqueceu ou reconfortou! Quantos desesperados retidos sobre o declive do suicídio! O ensino desta doutrina, sendo bem compreendido, pode acalmar as mais vivas aflições, comprimir as mais fogosas paixões, despertar a todos a força da alma e a coragem na adversidade.

LÉON DENIS. *Depois da morte*. Cap. XXVIII - *Utilidade dos estudos psicológicos*

## **INTERCÂMBIO MEDIÚNICO - EXORTAÇÕES POR COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS E AFASTAMENTO DO SUICÍDIO**

[...]

Sendo o mundo dos Espíritos, em grande parte, constituído pelas almas que viveram na Terra, e sendo as Inteligências de escol, em um meio como no outro, em diminuto número, facilmente compreenderemos que na sua maior parte as comunicações de além-túmulo sejam destituídas de grandeza e originalidade. Quase todas, entretanto, têm um caráter moral incontestável e denotam louváveis intenções. Quantas pessoas desoladas têm podido, por esse meio, receber dos que amaram e julgavam perdidos palavras de ânimo e conforto!

Quantas almas hesitantes na obscura trilha do dever têm sido animadas, desviadas do suicídio, fortalecidas contra as paixões, mediante exortações vindas do outro mundo!

*LÉON DENIS. Cristianismo e Espiritismo. Cap. 9 - A nova revelação - O Espiritismo e a ciência*

## **ESPIRITISMO, DEMONSTRAÇÃO DA IMORTALIDADE E PROTEÇÃO CONTRA O SUICÍDIO**

[...]

Considerando esses fatos, bem numerosos já e que se multiplicam dia a dia, pode-se desde logo calcular o número considerável de pobres almas que o Espiritismo fortaleceu e consolou. Ele preservou do suicídio grande número de desesperados. Demonstrando-lhes a realidade da sobrevivência, restituiu-lhes a coragem e o apreço à vida.

*LÉON DENIS. Cristianismo e Espiritismo. Cap. 11 - Renovação*

## **ESPIRITISMO E AFASTAMENTO DA IDEIA DE SUICÍDIO**

O Espiritismo já trouxe ao Espiritualismo muitos materialistas obstinados, que até então haviam resistido a todos os argumentos teológicos. É que o Espiritismo faz mais do que argumentar: torna as coisas patentes. É, pois, o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas, porque dá ao homem a convicção de seu destino futuro e, neste sentido, deve ser acolhido como um benefício para a humanidade. Em muitos corações ele reanimou a fé na Providência, fez nascer a esperança em substituição à dúvida. Fez mais: arrancou mais de uma vítima ao suicídio, restabeleceu a paz e a concórdia nas famílias, acalmou ódios, amorteceu paixões brutais, desarmou a vin-

gança e levou a resignação às almas sofredoras.

ALLAN KARDEC. *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.*  
Cap. XI – *Influência do Espiritismo*

## **INTERCÂMBIO COM OS ESPÍRITOS – CONSELHOS DO ALÉM – SUAVIZAÇÃO DOS SOFRIMENTOS – PROTEÇÃO CONTRA O SUICÍDIO**

[...]

Quantos desgraçados, vergados sob o peso da vida, consumidos pelos sofrimentos, pelas enfermidades, pelas decepções, envolvidos pela ideia do suicídio, encontraram nos conselhos do Além — com a coragem de viver e a força moral — uma suavização de seus sofrimentos!

LÉON DENIS. *Espiritismo e o Clero Católico. O Espiritismo e as contradições da Igreja* – Cap. III

## **SERENIDADE FRENTE ÀS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA**

Grandes entusiastas da fé, concitavam-nos ao amor a Deus, à esperança na sua paternal bondade, à confiança no porvir por Ele reservado ao gênero humano, à coragem para vencer, como bases inalienáveis de serenidade no grande esforço pelo progresso! Afiançavam ser, todos eles, atestados infismáveis, patéticos, da excelência dos ensinamentos filosóficos ministrados pela Doutrina de que eram filiados, Doutrina cujas bases, assentadas na moral grandiosa do divino Modelo e na Ciência do Invisível, transformara-os em rijas fortalezas de fé, capazes de resistirem a toda e qualquer adversidade com ânimo sereno, mente equilibrada e sorriso nos lábios, estampando o céu que traziam em si mesmos graças aos conhecimentos superiores que tinham da Vida e dos destinos humanos! Expunham, então, cheios de eloquência, os ardores da adversidade com que muitos deles lutavam, e, ouvindo-os, abismávamo-nos, e nossa admiração crescia, tornando-os maiores no conceito que deles fazíamos: este varão respeitável, chefe de família numerosa, era paupérrimo, vivendo a lutar sem tréguas pela subsistência dos seus; aquele outro, incompreendido no lar, isolado no seio da própria família, que lhe não respeitava o direito sagrado de pensar e de crer como lhe aprouvesse; esta senhora, carregando a pesada cruz de um matrimônio desventurado, subjugada ao imperativo de duras humilhações e desgostos diários!... Eis, porém, mais esta, que vira morrer o filho único em plena juventude, arrimo e doçura da sua viuvez e da sua velhice!... Enquanto esta jovem, nas vésperas do consórcio ternamente almejado, se vira recompensada, na sua doce e prometedoras dedicação, com o perjúrio abominável daquele que lhe despertara os primeiros arroubos do coração!... pois, o ser

iniciado no Espiritismo Cristão não exclui a necessidade de grandes reparações e testemunhos dolorosos!

No entanto, a serenidade, a paciente conformidade presidiam a tais choques em seus corações! Haviam-se voltado confiantes para o seio amorável de Jesus, fiéis ao convite terno que lhe conheciam permanente! Abriram os corações e o entendimento às doces influências celestes, alcandorando-se aos influxos assistenciais de seus guias instrutores... e agora marchavam confiantes, demandando o futuro, certos da vitória final! Não tiveram pejo, antes foi com visível bom humor que narraram que dentre eles havia os que iam para o cumprimento do dever em suas reuniões sem ter feito a refeição da tarde, por escassez de recursos, mas que nem por isso se sentiam desgraçados, pois esperavam que o Pai supremo, que veste os lírios dos campos e provê as necessidades dos pássaros que voam no ar, também teria com que lhes remediar a situação, tão depressa quanto possível... e fortes se sentiam para, por si mesmos, e escudados na fé e no bom ânimo dela consequente, reagirem contra a penúria do momento, e vencerem!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 1ª parte. Cap. 7 - Nossos amigos, os discípulos de Allan Kardec. § 7 e 8*

## **RECORDAÇÕES DE ENCARNAÇÕES ANTERIORES – PROTEÇÃO DO ESPIRITISMO**

Tendo exposto aos prováveis leitores a possibilidade de a criatura humana, em situação excepcional, recordar as próprias existências pretéritas, possibilidades referendadas por testemunhos insuspeitos, sentimo-nos à vontade para igualmente apresentar o nosso testemunho no singular certame, pois que também trouxemos, para a presente encarnação, certas lembranças, muito vivas, de determinados episódios de nossa anterior existência terrena. Para nós, no entanto, esse fato constituiu duríssima provação, e certamente teríamos sucumbido a uma loucura total, ou mesmo ao suicídio, se não tivéramos a felicidade de, desde muito cedo, ser amparada pela grandiosa proteção da Doutrina dos Espíritos e do Evangelho de Jesus Cristo, que, com efeito, possuem recursos para remediar todos os impasses da vida humana. [...]

*YVONNE A. PEREIRA. Recordações da mediunidade. Capítulo: Reminiscências de vidas passadas*

## CONVENCIMENTO DOS INCRÉDULOS – CONDIÇÕES DE SUPORTAR AS MISÉRIA DA VIDA COM RESIGNAÇÃO

Terminais vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as consequências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de sua individualidade após a morte, do livre-arbítrio do homem, das penas e recompensas futuras, seria uma doutrina profundamente imoral. Longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, cujo inimigo mais poderoso é o materialismo. Mais ainda: por suas consequências ensina a suportar com resignação as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, conforme os divinos preceitos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos endurecidos ele fez renascer; quantas vítimas arrancou ao suicídio pela perspectiva da sorte reservada aos que abreviam a vida, contrariando a vontade de Deus; quantos ódios acalmou, quantos inimigos aproximou! É a isso que chamais fazer mal às almas? Não; não podeis pensar assim. Prefiro supor que, se o conhecêsseis melhor, o julgaríeis de outra maneira. Direis que a religião pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo. Mas acreditais que teria sido melhor, para aqueles que ela encontrou rebeldes, permanecerem numa incredulidade absoluta? Se o Espiritismo triunfou sobre eles, se lhes tornou claro o que antes era obscuro, evidente o que lhes parecia duvidoso, onde o mal? Para mim, em lugar de perder almas, ele as salvou.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1859 (maio). Refutação de um Artigo do “Univers”*

## DESTRUIÇÃO DO MATERIALISMO – CONSOLAÇÕES – MODIFICAÇÃO MORAL

Com efeito, o Espiritismo é a destruição do materialismo. É a prova patente, irrecusável, daquilo que certas pessoas chamam futilidades, a saber: Deus, a alma, a vida futura, feliz ou infeliz. Este flagelo, como o chamais, tem outras consequências práticas. Se soubésseis, como eu, quantas vezes fez ele voltar a calma aos corações ulcerados pela mágoa; que doce consolação tem espalhado sobre as misérias da vida; quanto ódio tem acalmado, quantos suicídios tem impedido, não zombaríeis tanto. Suponde que um de vossos amigos venha dizer-vos “Eu estava desesperado; ia estourar os miolos; mas hoje, graças ao Espiritismo, sei quanto isto me custa e desisto totalmente.” Se outro indivíduo vos disser: “Eu invejava o vosso mérito, a vossa superioridade; vosso sucesso impedia-me de dormir; queria vingá-lo, derrotar-vos, arruinar-vos, até mesmo matar-vos. Confesso que correstes grandes perigos. Hoje, porém, que sou espírita, compreendo tudo

quanto esses sentimentos têm de ignóbil e os abjuro. E, em vez de vos fazer mal, venho prestar-vos um serviço.” Provavelmente direis: “Ótimo! Ainda bem que existe algo de bom nessa loucura.”

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1859 (dezembro). Resposta ao Sr. Oscar Comettant*

## CONFIANÇA NO FUTURO<sup>1</sup>

No caso em questão, teria sido o Espiritismo um remédio eficaz para evitar o suicídio? Sem dúvida. Ele teria dado a esses dois seres uma confiança no futuro que haveria mudado completamente sua maneira de encarar a vida terrestre e, por conseguinte, lhes teria dado a força moral que lhes faltou. Supondo que tivessem tido fé no futuro, o que ignoramos, e que o seu objetivo, ao se matarem, fosse o de se reunirem mais depressa, teriam sabido, por inúmeros exemplos análogos, que chegariam a resultados diametralmente opostos e se achariam separados por muito mais tempo do que se estivessem na Terra, pois Deus não permitiria recompensa à infração de suas leis. Assim, certos de não poderem realizar seus desejos, mas, ao contrário, de se acharem numa posição cem vezes pior, seu próprio interesse os levaria a ter mais paciência.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (julho). Duplo Suicídio por Amor e Dever: Estudo moral*

## RENASCIMENTO DA CONFIANÇA

Segue a enumeração das causas que o haviam levado à absoluta incredulidade religiosa e que não mencionamos por uma questão de respeito. “Todas essas considerações repassavam diariamente por meu espírito; o desgosto apoderara-se de mim; eu havia caído num estado de cepticismo duríssimo; depois, em minha triste solidão de aborrecimento e desespero, estava decidido a pôr termo a meus dias tão infelizes pelo suicídio.

“Ah! Senhor! Não sei se alguém jamais poderá fazer uma ideia do efeito sobre mim produzido pela leitura de O Livro dos Espíritos. Renasceu a confiança, o amor de Deus se me apoderou do coração e eu sentia como se um bálsamo divino se espalhasse em todo o meu ser. Ah! dizia a mim mesmo, em toda a vida busquei a verdade e a justiça de Deus e não encontrei senão abusos e mentiras; e agora, na velhice, tenho a felicidade de encontrar essa verdade tão desejada. Que mudança em minha situação que, de tão triste, tornou-se tão ditosa! Agora me acho continuamente em presença de Deus e de seus Espíritos bem-aventurados, meu criador, protetores, amigos fiéis. Creio que as mais belas expressões poéticas seriam insuficientes para

<sup>1</sup> A respeito dos suicidas do relato Duplo suicídio por amor e dever

figurar uma situação tão agradável. Quando meu peito fraco o permite, busco distrair-me entoando hinos e cânticos que, parece, lhes são mais agradáveis. Enfim, sou feliz, graças ao Espiritismo. Ultimamente escrevi a meu filho que, ao me enviar aqueles livros, tornou-me mais feliz do que se me tivesse aquinhoado com a mais brilhante fortuna.”

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (Setembro). Perseguições*

## CONHECIMENTO DAS CONSEQUÊNCIAS DO SUICÍDIO

Outra prova de que aqueles indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo demonstra, não por simples teoria moral, mas por numerosos e consideráveis exemplos, que o suicídio é severamente castigado; que aquele que julga escapar às misérias da vida por uma morte voluntária antecipada aos desígnios de Deus, cai num estado muito mais infeliz. Sabe, pois, o espírita – e disso não pode duvidar – que, pelo suicídio, troca-se um mau estado passageiro por outro pior e que pode durar bastante. É o que teriam sabido aqueles indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, avançando que essa doutrina conduz ao suicídio, falou de uma coisa que ele próprio desconhecia.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1863 (abril). Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo*

## FORTALECIMENTO DO ESPÍRITO

A loucura tem como causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figura, ao menos em três quartas partes, a mágoa, o desespero, o desapontamento e todas as tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver tais coisas com indiferença, é atenuar a causa mais frequente que o leva à loucura e ao suicídio. Ora, essa força ele a tira da Doutrina Espírita bem compreendida. Ante a grandeza do futuro que se descortina aos nossos olhos, e de que dá prova patente, as tribulações da vida tornam-se tão efêmeras que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem deixar traços. O verdadeiro espírita não se liga à matéria senão o estritamente indispensável para as necessidades da vida; mas, se algo lhe falta, conforma-se, porque sabe que está aqui de passagem e que uma sorte muito melhor o aguarda. Também não se aflige por encontrar acidentalmente uma pedra em seu caminho. Se o nosso homem estivesse imbuído dessas ideias, em que se teriam tornado aquelas terras aos seus olhos? A contrariedade que sofreu teria sido insignificante ou nula, e uma desgraça imaginária não o teria conduzido a uma desgraça real. Em resu-

mo, um dos efeitos – e, podemos dizer, um dos benefícios do Espiritismo – é o de dar à alma a força que lhe falta em muitas circunstâncias, e é nisto que ele pode reduzir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os fatos mais simples podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É mostrando as aplicações do Espiritismo nos casos mais vulgares que se fará compreender toda a sua sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1860 (junho). Uma Semente de Loucura*

### **FORTALECIMENTO MORAL**

Longe de admitir o Espiritismo como causa do aumento da loucura, dizemos que é causa atenuante, que deve diminuir o número dos casos produzidos pelas causas ordinárias. Com efeito, entre estas causas, é preciso colocar em primeira linha os pesares de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes da fortuna, as ambições não concretizadas. O efeito destas causas está na razão da impressionabilidade do indivíduo. Se tivéssemos um meio de atenuar essa impressionabilidade, este seria, incontestavelmente, o melhor preservativo. Pois bem! este meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Um que se teria suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que o leva a suportar o mal com paciência; não só não se matará, mas, em presença da maior adversidade, conservará fria a razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. Dar-lhes-eis essa calma com a perspectiva do nada? Não, pois ele não entrevê nenhuma compensação e, se não tiver o que comer, poderá comer-vos. A fome é terrível conselheira para quem acredita que tudo se acaba com a vida. Pois bem! o Espiritismo faz suportar até a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que se segue à morte do corpo. Eis a sua loucura.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1863 (fevereiro). A loucura espírita*

### **FÉ INABALÁVEL NA BONDAD E NA VIDA FUTURA**

[...] à medida que o Espiritismo, dando fé inabalável na bondade de Deus e na vida futura, graças a ele os homens que fizerem o bem pelo bem serão menos raros do que o são hoje; os jornais terão menos crimes e suicídios a registrar e mais atos da natureza dos que deram lugar a estas reflexões.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1863 (outubro). Benfeitores anônimos*

## DESTRUIÇÃO DO MATERIALISMO

Qual poderá ser a utilidade da propagação das ideias espíritas? – Sendo o Espiritismo a prova palpável e evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do materialismo, essa negação de toda religião, essa chaga de toda sociedade. O número dos materialistas que ele conduziu a ideias mais sãs é considerável e aumenta diariamente: só isso seria um benefício social. Não somente prova a existência e a imortalidade da alma, como ainda mostra o seu estado feliz ou desgraçado, conforme os méritos desta vida. As penas e recompensas futuras não são mais uma teoria, mas um fato patente aos nossos olhos. Ora, como não há religião possível sem a crença em Deus, na existência da alma e nas penas e recompensas futuras, o Espiritismo traz de volta a essas crenças as pessoas nas quais elas estavam apagadas; resulta daí que ele é o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas: dá religião aos que não a possuem, fortifica-na naqueles em que é vacilante, consola pela certeza do futuro, faz suportar com paciência e resignação as tribulações da vida e desvia do pensamento o suicídio, ideia que naturalmente repelimos quando vemos as consequências; eis por que são felizes os que penetraram em seus mistérios. Para eles o Espiritismo é a luz que dissipa as trevas e as angústias da dúvida.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1859 (janeiro). À S. A. Príncipe G*

## FORÇA E CORAGEM NAS PROVAÇÕES DA VIDA

Contudo, vejamos se, fora do ensinamento puramente moral, os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto pretendem alguns.

[...]

2o – Pela firme crença que desenvolve, exerce poderosa ação sobre o moral do homem; impele-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e lhe desvia do pensamento o suicídio.

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1865 (agosto). O que ensina o Espiritismo*

## ENTENDIMENTO DA CAUSA, OBJETIVO E CONSEQUÊNCIAS DAS TRIBULAÇÕES DA VIDA – CONSOLAÇÕES - CORAGEM

“Pergunto, agora, se é possível a um Espírito encarnado recuar diante de uma prova já começada.” A esta pergunta respondemos: Sim. Os Espíritos recuam muitas vezes ante as provas que escolheram; não têm coragem de as suportar e, até mesmo, de as enfrentar, quando chegado o momento. Aí está a causa da maioria dos suicídios. Recuam ainda quando se lastimam

e se desesperam, perdendo, assim, os benefícios da prova. Eis por que o Espiritismo, dando a conhecer a causa, o objetivo e as consequências das tribulações da vida, dá, ao mesmo tempo, tantas consolações e tanta coragem, desviando o pensamento de abreviar os dias. Qual a filosofia que produziu tal resultado sobre os homens?

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1862 (outubro). Pode o Espírito recuar diante da prova?*

### **FORTALEZA MORAL**

Agora, vamos mais longe: diremos, com toda clareza, que se esse proprietário, tão impressionável em relação ao seu terreno, estivesse imbuído profundamente dos princípios do Espiritismo, não teria enlouquecido nem se afogado, duas desgraças que teriam sido evitadas, como nos mostram numerosos exemplos. A razão disso é evidente. A loucura tem como causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figura, ao menos em três quartas partes, a mágoa, o desespero, o desapontamento e todas as tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver tais coisas com indiferença, é atenuar a causa mais frequente que o leva à loucura e ao suicídio. Ora, essa força ele a tira da Doutrina Espírita bem compreendida. Ante a grandeza do futuro que se descortina aos nossos olhos, e de que dá prova patente, as tribulações da vida tornam-se tão efêmeras que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem deixar traços. O verdadeiro espírita não se liga à matéria senão o estritamente indispensável para as necessidades da vida; mas, se algo lhe falta, conforma-se, porque sabe que está aqui de passagem e que uma sorte muito melhor o aguarda. Também não se aflige por encontrar acidentalmente uma pedra em seu caminho. Se o nosso homem estivesse imbuído dessas ideias, em que se teriam tornado aquelas terras aos seus olhos? A contrariedade que sofreu teria sido insignificante ou nula, e uma desgraça imaginária não o teria conduzido a uma desgraça real. Em resumo, um dos efeitos – e, podemos dizer, um dos benefícios do Espiritismo – é o de dar à alma a força que lhe falta em muitas circunstâncias, e é nisto que ele pode reduzir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os fatos mais simples podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É mostrando as aplicações do Espiritismo nos casos mais vulgares que se fará compreender toda a sua sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

*ALLAN KARDEC. Revista Espírita 1860 (junho). Uma semente de Loucura.*

# PROTEÇÃO DO ESPIRITISMO

## SUPERCULTURA E CALAMIDADES MORAIS

*Mas disse-lhe Deus: insensato! Nesta noite, requisitam a tua alma de ti; e o que preparastes para quem será? (Lucas 12:20)*

Não basta ajuntar valores materiais para a garantia da felicidade.

A supercultura consegue atualmente na Terra feitos prodigiosos, em todos os reinos da natureza física, desde o controle das forças atômicas às realizações da astronáutica. No entanto, entre os povos mais adiantados do Planeta, avançam duas calamidades morais do materialismo, corrompendo-lhes as forças: o suicídio e a loucura, ou, mais propriamente, a angústia e a obsessão.

É que o homem não se aprovisiona de reservas espirituais à custa de máquinas. Para suportar os atritos necessários à evolução e aos conflitos resultantes da luta regenerativa, precisa alimentar-se com recursos da alma e apoiar-se neles.

Nesse sentido, vale recordar o sensato comentário de Allan Kardec, no item 14, do capítulo V, de “O evangelho segundo o espiritismo”, sob a epígrafe “O Suicídio e a Loucura”:

“A calma e a resignação hauridas na maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se devem à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, o conturbariam.”

Espíritas, amigos! atendamos à caridade que suprime a penúria do corpo, mas não menosprezemos o socorro às necessidades da alma! Divulguemos a luz da Doutrina Espírita! Auxiliemos o próximo a discernir e pensar.

*Entre irmãos de outras terras. Cap. 12.*

*EMMANUEL (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Ceifa de luz. Cap. 37 – Supercultura e calamidades morais*

## PAPEL DO ESPIRITISMO NA POSVENÇÃO (NO CASO EM APREÇO TRATA-SE SE SUICÍDIO INDIRETO)

Lamentavelmente, as religiões tradicionais, embora o respeito e a consideração que nos merecem todas as Escolas de Fé, não lograram demitificar a morte, tranquilizando os que ficam no mundo, e preparando, por antecipação, os que partem.

Ao Espiritismo, com a sua estrutura ético-religiosa firmada no Evangelho de Jesus, cabe a grandiosa tarefa de diluir das mentes o pavor da morte, educando os homens sobre a maneira de encará-la, ao mesmo tempo ensinando a valorização da vida.

Ressalvadas outras finalidades expressivas, as sessões práticas ou mediúnicas do Espiritismo assumem, igualmente, a função consoladora, pelo lenir de saudades e diminuir de dores que propiciam, através do abençoado intercâmbio espiritual, não somente das Entidades veneráveis, como daquelas que sofrem, ensinando pela dor a correta vivência do amor... Mas também, pelo facultar o retorno dos seres amados ao convívio afetoso, pela palavra oral ou escrita, nas materializações ou nas fortes induções mentais de caráter intuitivo. Escola de bênçãos superiores, a sessão de intercâmbio é medicação para os Espíritos de ambos os lados da vida, estímulo e prova da sobrevivência, por cujo valioso concurso assumem-se responsabilidades morais e coragem para vencer as vicissitudes do caminho de ascensão...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 16 - Considerações sobre sessões mediúnicas*



15

**AÇÃO DOS BONS  
ESPÍRITOS**

## CONTINUIDADE DA ASSISTÊNCIA DOS BENFEITORES DURANTE A ENCARNAÇÃO

– [...] É bem verdade que, uma vez reencarnado, não estará destes separado, tal como à primeira vista se poderia supor. Ao contrário, continuará alvo das atenções de quantos por ele zelaram durante a internação na Colônia, porquanto a permanência no plano físico não diminuirá o dever destes para com ele, nem estará, por isso, desligado dela. Poderá mesmo continuar a ser recebido aqui, aconselhado, instruído, confortado por seus antigos mentores, graças ao sono do corpo físico, que lhe facultará relativa liberdade para tanto, e o fará, necessariamente, pois não se desligou ainda de nossa tutela, está da mesma forma internado em nosso Instituto porque a reencarnação a que se submete não é senão um dos recursos com que contamos para o trabalho de educação que se torna necessário para a sua recuperação ao plano normal da marcha gloriosa para o progresso!<sup>1</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 12 – Prelúdios de reencarnação. § 51*

## CONTINUIDADE DA ASSISTÊNCIA DOS BENFEITORES DURANTE A ENCARNAÇÃO

[...] Direi apenas que seremos por vós responsáveis enquanto durar a vossa existência planetária [...] assistiremos vossos momentos difíceis na ardência da expiação; enxugaremos vossas lágrimas nos momentos culminantes, insuflando novo ânimo nos vossos corações através por meio de sugestões benéficas, que não regatearemos em vosso favor; segredaremos alvitres mediadores para as aflições que vos atingirem pela vossa faculdade de intuição, acesa pela solércia do sofrimento; zelaremos por vossa saúde, por vossas condições físicas, necessárias à permanência na experimentação terrestre; vigiaremos para que se não agravem as provações por que passareis, dadas as condições egoísticas em que se mantêm as sociedades em que sereis chamados a testemunhar o arrependimento em que permaneceis, as quais vos poderiam dificultar demasiadamente a vitória,

1 separamos esse trecho, por que nos induziu a acreditar que podemos, os encarnados, funcionar como instrumentos dos benfeitores espirituais responsáveis pela encarnação expiatória dos suicidas, através de conselhos e estudos – essa pode ser uma tarefa a desenvolver com pessoas com ideação e tentativas de suicídio

acumulando dores excessivas em vosso trajeto, já de si mesmo contaminado de urzes e espinhos...<sup>2</sup>

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 13 – “A cada um segundo suas obras”. § 97*

## AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS

Após a morte de sua mãe, todavia, breve interregno sucedeu-se nos destinos de Leonel. Dir-se-ia que o choque, por haver perdido tão excelente amiga, chamara-o à razão. Surgiu em seu caminho, em seguida, oportunidade feliz de boa colocação numa fábrica de tecidos, da qual passou a ser o chefe dos escritórios, ou antes, o “guarda-livros” responsável por todo o movimento financeiro. Quatro anos decorreram sem anormalidades. A proteção invisível do Alto generosamente colocou ao seu alcance nova oportunidade salvadora, aproveitando o período sereno que sobreviera em torno dele: — dois companheiros de trabalho, espiritistas convictos e cultos, homens honestos, bem inspirados pelas forças invisíveis do Bem, tentaram despertá-lo para a crença em Deus e o cultivo das forças, ou dons, espirituais. Deram-lhe a ler livros doutrinários e científicos. Falaram-lhe da excelcitude da Doutrina que professavam, a qual a eles próprios levantara do ostracismo estéril para o plano harmonioso do dever cumprido e da consciência tranquila. Disseram-lhe da sua suave feição amorosa, que recomendava o jugo benévolo da compaixão pelos oprimidos e sofredores em geral. Mas Leonel rejeitou os amorosos convites, ridiculizou o Evangelho, que ele não estava à altura de assimilar, glosou com chistes ofensivos a Filosofia, que não pôde entender, e depreciou a Ciência, para terminar evitando o prosseguimento das relações de amizade com os dois companheiros, que ali nada mais representavam senão instrumentos da assistência piedosa do Invisível, que tentava estender-lhe mão salvadora à beira de um abismo que o seu livre arbítrio tornava iminente, mas evitável pelo bom-senso e a continência nas expansões das próprias paixões.

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 7*

---

2 auxílio prestado pelos benfeitores aos que reencarnam com as sequelas do suicídio – nosso papel junto aos que se encontram em provas e pensamento de morte devem ser semelhantes

## ESPÍRITO GUARDIÃO

Deliberamos, então, recorrer ao guardião hierárquico de Leonel [...]

Prontificou-se ao relatório solicitado o venerando mentor espiritual e, bondosamente, qual o emérito professor na cátedra elucidativa, foi dizendo, como em prelúdio às narrações que viriam a seguir:

— “O nosso querido Leonel necessitava, meus amigos, realmente, da amarga lição que, finalmente, a lei das causas e dos efeitos o levou a experimentar. Desde tempo remoto até a atualidade, ele se vem inspirando em diretrizes corrompidas, arraigado a paixões inferiores, sem boa vontade para a emenda em princípios regeneradores, apesar dos vossos esforços para conduzi-lo à marcha legítima para o Bem, o orgulho incorrigível, os instintos inferiores, a indiferença pelo respeito a Deus e às leis da Vida e da Morte, a permanência intransigente nas ínfimas camadas da moral, as consequências sempre desastrosas daí decorrentes, bradavam por um corretivo mais enérgico, uma punição que, levando-o à dor legítima, dispusesse suas faculdades a atitudes mais sóbrias, permitindo-lhe raciocínios a bem de si mesmo. Variados ensejos para o progresso nós lhos vimos concedendo dentro de período milenar. Há menosprezado tudo, conservando-se fiel ao antagonismo com a luz. Vezes várias fizemo-lo reencarnar em ambientes honestos, no seio dos quais lições e exemplos educativos jamais escassearam. A tudo repudiou, desgostando pais, ferindo irmãos, atraíndo amigos, negando-se ao dever, reincidindo em faltas graves, afastando-se de Deus!

Fixado, assim, num círculo que se tornava vicioso,urgia algo em seu socorro através de um corretivo que para sempre lhe sacudisse as forças psíquicas para novos rumos.

Qual o corretivo, porém, a aplicar?... Que punição bastante justa, castigo assaz sábio para, corrigindo-o, não reverter em impiedade por parte da lei que os permitisse?...

De fácil solução seria o problema, aplicado tantas vezes entre os endu-recidos no mal, pela mesma lei: —deixá-lo inteiramente entregue ao seu livre arbítrio! Afastarmo-nos dos seus caminhos, não mais o aconselhando durante o sono corporal e tão-pouco tecendo em torno dos seus passos barreiras que anulassem os múltiplos malefícios com que teimava em bar-ricar a própria evolução moral espiritual. Deixarmos de interferir nas re-encarnações, abandonando-o à própria responsabilidade, sem nossas ins-pirações e assistência, a fim de que sentindo, finalmente, a solidão interior

envolver o seu espírito, ele se humilhasse perante si mesmo e procurasse reencontrar-nos, com boa vontade para a emenda e a conquista do progresso, impulsionado pelos agulhões da dor.

Foi o que fizemos nesses quatro séculos, quando suas desordenadas expansões exorbitaram dos direitos de cada um dentro das sociedades terrenas. Sim, desde há quatro séculos, quando, reencarnado à sombra da Cruz do Enviado de Deus, depois de prometer, no Espaço, labores benévolos a favor da Doutrina e da Igreja a que desejou servir, do poder que ambas exercem sobre os homens, abusou, aviltando-as com os crimes que praticou, tendo-as por desculpa e delas se servindo como arma irresistível na prática de abominações!”

[...]

— “A história do meu pobre Leonel é como a de tantas outras ovelhas revéis do aprisco divino, o próprio drama encenado e vivido pela Humanidade em litígio com as próprias paixões. Há períodos na existência de um homem, como de uma sociedade e um povo, em que seus erros tanto transvazam da órbita razoável num planeta de provas e expiações que o ricochete entra a puni-los incessantemente, com todo o cortejo das atroz consequências criadas pelos próprios atos. É quando estão entregues a si mesmos, agindo inteiramente em liberdade, sem nossa intervenção em nenhum ato de suas vidas. Diante de tal punição — o viverem entregues a si mesmos — não resistirão por muito tempo aos convites da emenda. Seus excessos atrairão situações de tal forma anormais, desequilíbrios tão pungentes na marcha irrefreável das existências, que outro recurso não encontrarão, a fim de remediá-los, senão a submissão às equitativas leis da razão e da justiça... o que quer dizer que buscarão, voluntariamente, o caminho do Dever, do qual jamais haviam cogitado. A história messiânica do Filho Pródigo não poderia ser melhor imaginada, para retratar a marcha da Humanidade, do que o foi por nosso Mestre Jesus Nazareno. Eis, pois, o corretivo supremo da lei: —abandonar os rebeldes e endurecidos a si mesmos, não os assistir sequer com a inspiração, quer no estado terreno quer no espiritual, tal como o pai de família, que deixou partir o filho mais novo, certo de que as duras experiências, consequentes das próprias irreflexões, bem cedo o levariam à emenda dos costumes, à regeneração definitiva.

BEZERRA DE MENEZES (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Segunda parte. Cap. 1*

## ATUAÇÃO BENFAZEJA DURANTE O SONO

Uma senhora, que se aproximara de nós, exclamava, comovida:

– Que o Senhor recompense a nossa irmã Isabel, concedendo-lhe forças para resistir às tentações do caminho. Por haver descansado neste pouso de amor, pude encontrar minha pobre filha, desviando-a do suicídio cruel. Graças à Providência Divina!

Incapaz de sofrer o desejo de aprender, perguntei, curioso:

– Mas como a encontrou, minha irmã?

– Em sonho – respondeu a velhinha bondosa. Minha Dalva ficou viúva há três anos e, faz onze meses, deixei-a só, por haver também desencarnado. A pobrezinha não tem resistido ao sofrimento quanto devera e deixou-se empolgar por entidades maléficas, que lhe tramam a ruína. Embalde me aproximo dela, durante o dia, mas, com a mente engolfada em negócios e complicações materiais, não me pôde sentir a influência. Precisava encontrar-me com ela à noite e isso não era fácil, porque não tenho bastante elevação espiritual para operar sozinha e o grupo em que sirvo não poderia demorar na Crosta uma noite inteira por minha causa. Foi então que uma amiga me trouxe a este posto de serviço de “Nosso Lar”. Aqui descansei e pude agir com os grupos de tarefa permanente, ajudada por infatigáveis operários do bem

– E conseguiu seus fins com facilidade? – indagou Vicente, interessado.

– Graças a Jesus! – respondeu a senhora, evidenciando enorme satisfação – agora sei que minha filha recebeu meus alvitres carinhosos de mãe e estou certa de que me atenderá as rogativas.

– Escute, minha amiga – interroguei –, há muitos postos de Nosso Lar, como este?

– Ao que me informaram, há regular número deles, não somente aqui, mas também noutras cidades do país, além de numerosas oficinas que representam outras colônias espirituais, entre as criaturas corporificadas na Terra. Nesses núcleos, há sempre possibilidades avançadas, imprescindíveis ao nosso abastecimento para a luta.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Os mensageiros. Cap. 39 – Trabalho incessante. § 5 a 13*

## ATUAÇÃO BENFAZEJA DURANTE O SONO

– Pobrezinha! – disse o orientador, comovidamente – não lhe faltará a Divina Bondade. Tudo preparou de modo a fugir pelo suicídio, esta noite; entretanto, as Forças Divinas nos auxiliarão a intervir...

[...]

Calderaro interrompeu o serviço de assistência, fitou-me com significativa expressão e comunicou:

– Tenho instruções para impor-lhe o sono mais profundo, logo depois da meia-noite.

E, verificando que o relógio informava não estar distante o momento prefinido, o Assistente começou a ministrar-lhe aplicações fluídicas ao longo do sistema nervoso simpático.

A vasta rede de neurônios experimentou a influência anestésica. Antonina tentou levantar-se, gritar, mas não conseguiu. A intervenção era demasiado vigorosa para que a enferma pudesse reagir.

O orientador prosseguiu atento, envolvendo-a mansamente, em fluidos calmantes. Dentro em pouco, cedendo à irresistível dominação, a moça recostou-se vencida nos travesseiros, no estado a que o magnetizador comum chamaria hipnose profunda.

Manteve-a Calderaro em completo repouso por mais de meia hora. Decorrido esse tempo, duas entidades, aureoladas de intensa luz, deram entrada no recinto. Abraçaram meu instrutor, que mas apresentou cordialmente.

Estavam, agora, junto de nós, Mariana, que fora dedicada genitora de Antonina, e Márcio, iluminado espírito ligado a ela, desde séculos remotos.

Agradeceram, sensibilizados, a atuação de meu orientador, que passou a doente à direção materna.

A simpática senhora desencarnada inclinou-se sobre a filha e chamou-a, docemente, como o fazia na Terra. Parcialmente desligada do envoltório grosseiro, Antonina ergueu-se, em seu organismo perispirítico, encantada, feliz...

– Mamãe! mamãe! – gritou, desabafando-se, a refugiar-se entre os braços maternos.

Mariana recolheu-a, carinhosa, estinguiu-a de encontro ao peito, pronunciando palavras enternecedoras.

– Mãezinha, ajude-me! Não quero mais viver na Terra! Não me deixe voltar ao corpo pesado... O destino escorraça-me. Sou infeliz! Tudo me é adverso... Arrebate-me daqui... para sempre!

A nobre matrona contemplava-a, triste, quando Márcio se aproximou, fazendo-se visto pela estimada enferma.

A moça abriu desmesuradamente os olhos e ajoelhou-se instintivamente, amparada pela mãe. Parecia esforçar-se por trazer à lembrança alguém que ficara em pretérito longínquo... Observava-se-lhe a extrema dificuldade para recordar com precisão. Contemplava o emissário, banhada em pranto diferente: não vertia as lágrimas lutuosas de momentos antes; tocava-se, agora, de sublime conforto, de júbilo místico, que lhe nascia, inexplicavelmente, das profundezas do coração.

Acercou-se Márcio mais intimamente, pousou-lhe a luminosa destra sobre a fronte e falou com ternura:

– Antonina, porque esse desânimo, quando a luta redentora apenas começa? Olvidaste, acaso, que não somos órfãos? Acima de todos os obstáculos paira a Infinita Bondade. Recusas a “porta estreita”, que nos proporcionar o venturoso acesso ao reencontro?

Talvez porque a interlocutora estivesse de si mesma postulando excessivo trabalho para reavivar paisagens perdidas no tempo, o mensageiro advertiu, fraternal:

– Não forces a situação! Acalma-te! Não nos bastará o presente, cheio de abençoado serviço e renovadora luz? Um dia, reconquistarás o patrimônio da memória total; por ora, contenta-te com as dádivas limitadas. Aproveita os minutos na recomposição do destino, vale-te das horas para reconduzir tuas aspirações a esferas superiores. Que motivos te sugerem esse crime, que é o provocar a morte? Que razões te conduzem os passos na direção do precipício tenebroso? Tua mãe e eu sentimos, de longe, o perigo, e aqui estamos para ajudar-te...

Fez longa pausa, fixando-a amorosamente, e continuou:

– Ó minha abençoada amiga, como abriste assim o coração aos monstros do desespero? Dize-me! Não te mantinhas silenciosa... Não sou teu juiz, sou teu amigo da eternidade. Não terei o consolo de ouvir-te?

A enferma desejava falar; entretanto, os suaves raios de luz, emitidos por Márcio, cercavam-na toda, sufocando-lhe a garganta, no êxtase daqueles instantes inesquecíveis.

Ele, porém, desejando evidentemente proporcionar-lhe oportunidade a mais amplo desabafo, levantou-a, cuidadoso, e insistiu:

– Fala!...

Animada, Antonina balbuciou, tímida:

– Estou exausta...

– Contudo, jamais foste esquecida. Recebeste mil recursos diversos da Providência, indispensáveis ao valioso serviço de redenção. O corpo terreno, as bênçãos do Sol, as oportunidades de trabalho, as maravilhas da Natureza, os laços afetivos e as próprias dores da experiência humana não serão inestimáveis dons do Divino Suprimento? Ignoras, querida, a felicidade do sacrifício, renegas a possibilidade de amar?

Foi então que vi a jovem mulher contemplá-lo mais confiadamente. Sentindo-se forte, ante a insofismável demonstração de carinho, abriu-se com franqueza fraternal:

– Tenho sonhado com a posse de um lar... Desejo viver para um homem que, a seu turno, me auxilie a levar a existência.... Idealizo receber de Deus alguns filhinhos que eu possa acariciar! Será pecado, celeste mensageiro, anelar tais coisas? Será delinquente a mulher que busca santificar os princípios naturais da vida? Depois de mourejar anos a fio pela felicidade dos que me são caros, noto que o destino escarnece de minhas esperanças. Será virtude viver entre pessoas alegres e felizes, quando nosso coração queda morto?

Márcio ouviu-a fraternalmente, afagando-lhe as mãos, e, evidenciando suas altas aquisições de verdadeiro amor, acrescentou, mais compreensivo e mais terno:

– Abnegada amiga, não permitas que a sombra de algumas horas te empane a luz dos séculos porvindouros. É possível, Antonina, que te sintas tão lamentavelmente só, quando o Supremo Senhor te concedeu o sublime lar no mundo inteiro? A Humanidade é nossa família, os filhinhos da dor nos pertencem. Reconheço que transitórias humilhações do sentimento te laceram a alma, que desejarias arrimar-te ao carinhoso braço de um companheiro digno e fiel. No entanto, querida, é da Vontade Superior que

recebas, por enquanto, as vantagens que podem ser encontradas na solidão. Se há períodos de florescimento nos vales humanos, dentro dos quais nos inebriamos em plena primavera da Natureza, existências se verificam, aparentemente isoladas e desditosas, nas culminâncias da meditação e da renúncia, a cuja luz nos preparamos para novas jornadas santificadoras.

“Não suponhas que a fatal passagem do sepulcro nos abra portas à liberdade: segue-nos a Lei, a toda parte, e o Supremo Senhor, se exerce a infinita compaixão, não despreza a justiça inquebrantável. Dá-nos, invariavelmente, a Eterna Sabedoria o lugar onde possamos ser mais úteis e mais felizes.

“Declaras-te deserddada e infeliz e, no entanto, ainda não recenseaste as possibilidades sublimes que te rodeiam. Dizes-te incapacitada de abraçar os pequeninos de Deus, mas, por que tamanho exclusivismo para os rebentos consanguíneos? Não enxergaste, até hoje, as crianças abandonadas, nunca viste os filhinhos da miséria e da privação? Se não podes ser mãe de flores da própria carne, por que motivo não te fazes tutora espiritual dos pequenos necessitados e sofredores? Acreditas, Antonina, que possamos ser absolutamente felizes, escutando gemidos à nossa porta? Haverá perfeita alegria num coração que pulsa ao lado de um coro de lágrimas? O mundo não é propriedade nossa. Nós, os filhos do Altíssimo, é que fomos trazidos a cooperar nas obras que nos cercam. É verdadeira infelicidade acreditar-se alguém favorito dos Céus, como se o Pai Compassivo e Sábio não passasse de frágil e parcial ditador! Sacode a consciência adormecida... Lembra-te de que o Todo Poderoso não se adstringe ao nosso particularismo de criaturas falíveis e não te esqueças de que nos pesam, perante a universalidade dele, inalienáveis deveres de trabalho, exercitando os preciosos recursos que nos concedeu, a fim de alcançarmos, um dia, a perfeição da sabedoria e do amor.

“Sofres em tua organização, que orientaste para o personalismo, porque um homem, cujo padrão psíquico se harmonizou com o teu em muitos aspectos, modificando depois seu rumo de vida, te relegou ao esquecimento. Choras, porquanto esperavas encontrar em sua companhia algo da Divina Presença, que traria serenidade às tuas angustiosas esperanças de mulher delicada e sensível... As inquietações do sexo tomaram vulto na intimidade do teu santuário e padeces longo assédio de tribulações. Mas... dar-se-á que presumas no sexo a fonte exclusiva do amor? Serás também vítima desse fatal engano? O amor é sol divino a irradiar-se através de todas as magnificências da alma.

“Por vezes, somos privados de sensações que ansiáramos, inibidos de usar as energias criadoras das formas físicas, a fim de buscarmos patrimônios mais altos do ser; nem por isso, contudo, tais percalços nos impedem a exteriorização do sublime sentimento; represar-lhe o curso redundaria em extinguir o Universo, O que tortura a mente humana em tais ocasiões é o clima do cárcere organizado por nós mesmos; amurados no egoísmo feroz, não sabemos perder por alguns dias, para ganhar na eternidade, nem ceder valores transitórios, para conquistar os dons definitivos da vida.”

Ante a moça que o contemplava, embevecida, através de espesso véu de lágrimas, o mensageiro prosseguiu:

– Efetivamente, se não podes partilhar a experiência do homem escolhido, em face das circunstâncias que te compelem à renúncia, porque não lhe consagrar o puro amor fraternal, que eleva sempre? Estaríamos, acaso, impedidos de transformar em irmãos os seres que admiramos? Não debes outrossim esquecer que o noivo perjuro, atualmente belo na figura fisiológica, vestirá também, mais tarde, o puído traje do cansaço e da velhice, se em breve não afivelar ao rosto a máscara da enfermidade e da morte. Conhecerá o desencanto da carne e estimará no silêncio a procura do espírito. Se o amas, em verdade, porque torturá-lo com o sarcasmo do suicídio, ao invés de cobrar forças para esperá-lo, ao fim do dia da existência mortal? Se não podes ser o cântaro de água pura para o viajor querido, por que não ser o oásis que o aguardará no deserto das desilusões inevitáveis? Além disto, como chegaste a sentir tão clamoroso desamparo, se também te aguardamos, ávidos aqui de tua afeição e de teu carinho?

Antonina sorriu, em êxtase, a despeito do pranto que lhe rolava a flux.

Observando o salutar efeito de suas palavras animadoras, Márcio acariciou-lhe os cabelos, murmurando:

– Por que razão esperar os rebentos da carne para exemplificar o verdadeiro amor? Jesus não os teve e, no entanto, todos nos sentimos tutelados de sua infinita abnegação. Prometes, Antonina, modificar as disposições mentais doravante? A mulher digna e generosa, excelsa e cristã, olvida o mal e ama sempre...

Comovidos, vimos a interlocutora ajoelhar-se de novo, e exclamar solenemente:

– Comprometo-me a modificar minha atitude, em nome de Deus.

Nesse instante, o emissário espalmou as mãos sobre a fronte da enferma, envolvendo-a em jactos de luz que não tocaram tão somente a matéria perispirítica, mas se estenderam além, até no corpo denso, fixando-se particularmente nas zonas do encéfalo, do tórax e dos órgãos feminis. Logo após, Antonina, empolgada pela mãezinha e pelo companheiro da espiritualidade superior, afastou-se para agradável e repousante excursão. Incumbiu-se Calderaro de auxiliá-la a retomar o veículo pesado nas primeiras horas da manhã clara.

Edificado com as observações da noite, regressei, em companhia dele, ao quarto da senhorita quase suicida.

Entre as seis e sete horas, a genitora desencarnada trouxe a filha, em cuja fisionomia fulgurava ignota e incompreensível felicidade.

O instrutor ajudou-a reapossar-se do envoltório fisiológico, cercandolhe o cérebro de emanções fluídicas anestésiantes, para que lhe não fosse permitido o júbilo de recordar, em todas as suas particularidades, a experiência da noite; se guardasse a lembrança integral, disse Calderaro, provavelmente enlouqueceria de ventura. Destarte, as alegrias por ela intensamente vividas seriam arquivadas em seu organismo sob forma de forças novas, estímulos desconhecidos, coragem e satisfação de procedência ignorada.

Com efeito, daí a minutos Antonina despertou, como que outra criatura; sentia-se inexplicavelmente reanimada, quase feliz.

Um dos pequenos sobrinhos penetrou o aposento, chamando. A generosa tia contemplou-o, enlevada.

Alguma energia prodigiosa, que lhe não era dado conhecer, religara-a ao interesse pela vida. Achou indizível contentamento no Sol que atravessava a vidraça, bendizia o quarto humilde onde lutava por atender aos desígnios de Deus e sorria-se de haver, na véspera, pensado em fugir, sem razão, ao aprendizado do mundo. Não fora aquinhoada pela Providência com maravilhoso número de bênçãos? Contemplou a encantadora criança pobrememente vestida, a solicitar-lhe a companhia para descerem ao pequeno jardim, onde flores novas desabrochavam. Que importa insignificante malogro do coração diante dos trabalhos sublimes que poderia executar, na sua posição de mulher sadia e jovem? Os filhinhos da irmã não lhe perentenciam igualmente? Não seria mais nobre viver para ser útil, esperando sempre da Inesgotável Misericórdia?

– Titia Antonina! Titia Antonina, vamos! Vamos ver a roseira nova! – gritava o trêfego menino de cinco anos, em alegre invite à vida.

Observando-lhe a restauração das forças, vimo-la, sinceramente rejubilados, levantar-se a responder, sorrindo:

– Espera! já vou, meu filho!

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Psicografado por Francisco C. Xavier. No mundo maior.*  
Cap. 13 – *Psicose afetiva*. § 5, 14 a 64

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS, EVITANDO O SUICÍDIO**

[...] percebendo a aflição da genitora de Mauro, em pranto e em prece, acercou-se-lhe e esclareceu:

– Nesta emergência, vemos apenas uma solução de imediato, que é a querida amiga acercar-se do filho, apresentar-se-lhe, e despertá-lo para a realidade.

De imediato, concitou-nos, a mim, a Dilermando e a dona Martina, que nos concentrássemos firmemente, oferecendo-lhe energias próprias para o cometimento, enquanto sugeria-lhe que focasse o campo mental do filho e o chamasse nominalmente, várias vezes, com o que ela anuiu, confiante.

– Mauro, meu filho – chamou com energia a mãezinha desencarnada – desperte! Mauro, ninguém morre. Recorde-se, neste momento, de Jesus.

A nova onda mental penetrou o cérebro do aturdido sacerdote, que experimentou um choque vibratório por todo o corpo, percorrendo-o pelo dorso espinal e fazendo-o despertar do letargo doentio.

Ante a força poderosa do pensamento de amor aureolado pelas vibrações defluentes da prece, o adversário desencarnado experimentou a forte reação nervosa do paciente que lhe desconectou o plug fixado à mente, que lhe ia cedendo campo ao convite desnaturado.

Só então percebeu-nos a todos que o contemplávamos com expressão de misericórdia e de compaixão.

Experimentando um estado superior alterado de consciência, Mauro pareceu escutar o apelo materno e, inesperadamente, pôde detectá-la à sua frente com os braços distendidos em atitude de quem desejava afagá-lo, tombando de joelhos e exclamando:

– Mamãe, é você ou algum Anjo do Senhor que veio em meu socorro?

– Sou a tua mãezinha de sempre, que retorna como anteriormente, a fim de ajudar-te neste instante grave da tua existência. O Senhor deseja a morte do pecado, nunca a do pecador. Não há mal para o qual não exista remédio, nem ação nefanda que possa ser considerada irreversível. Para e pensa! O teu é um erro hediondo, mas o amor do Pai é infinito, e pode albergar todos os crimes para diluí-los, ajudando os criminosos a se recuperarem a fim de auxiliarem as vítimas que infelicitaram.

[...]

– Este é o teu momento de redenção, meu filho. Foi longa a marcha degradante que te permitiste, e que agora te exige uma recuperação demorada e de sublimação. Não te recuses ao dever de sorver a taça na qual apenas depositaste fel, vinagre e mirra. É o teu momento de expiar, nunca de fugir para lugar nenhum, porquanto o suicídio somente piorará o quadro das tuas aflições. Aproveita este breve instante e recompõe-te mentalmente, preparando-te para experimentares as mais cruas dores e rudes humilhações, afinal decorrentes dos teus próprios atos, mas que te oferecerão os meios para ajudares a todos quantos feriste os sentimentos de pureza e de dignidade, conferindo-te meios para a ascensão que te aguarda. Entrega-te a Jesus e n’Ele confia. Nunca desfaleças e crê no divino auxílio. Até breve, meu filho!

[...]

Não suportando a cena de ternura, o réprobo e perseguidor sandeu retirou-se blasfemando, furibundo.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e Obsessão. Cap. Recomeço difícil e purificador*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS, EVITANDO O SUICÍDIO**

– Nesses momentos tenho visto minha mãe que, como sabe Vossa Eminência, é falecida há quase cinco anos. Aparece-me no vigor da sua juventude, tomada de profunda compaixão pelos meus atos ignóbeis, protege-me dos seres satânicos, que a respeitam, como também me infunde ânimo para prosseguir. Não fosse esse socorro propiciado pela Divindade e ter-me-ia suicidado na mesma noite em que a professora Eutímia me surpreendeu com a criança. A vergonha, o asco que, de mim próprio, senti, tomaram-me o espírito fragilizado e uma voz terrível fazia repercutir

no meu íntimo que o suicídio seria a única solução para o meu miserável destino.

– Mas, você, que conhece as santas Escrituras sabe que o suicídio constitui um crime hediondo, para o qual não há perdão da Igreja nem de Deus...  
– Sim, Eminência, eu o sei, mas sucede que a minha mente era vulcão em erupção, não havendo lugar para qualquer raciocínio lógico, para qualquer entendimento da vida nem da religião. Sentia-me assaltado por forças mais poderosas do que eu, e não vendo perspectiva para o futuro, a fuga seria a solução do momento. Felizmente, a mãezinha apareceu-me, não sei como, e libertou-me da instância do Mal, fazendo-me adormecer e conduzindo-me para um lugar fora da Terra, onde me pude refazer e recuperar. Na noite passada, novamente estando em uma estância de trabalho ativo, participei de uma reunião singular, em que anjos e demônios travaram uma estranha batalha, e na qual eu era uma das personagens envolvidas, ao lado de outros que me pareciam conhecidos, detestáveis alguns, amados outros...

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco.  
Sexo e Obsessão. Capítulo: Recomeço feliz*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS PARA EVITAR O SUICÍDIO**

Percebemos, sem palavras, que o problema era efetivamente desolador.

Junto de jovem senhora agoniada e exausta, uma menina de dois a três anos choramingava, inquieta... Via-se-lhe nos olhos esgazeados e inconscientes o estigma dos que foram marcados por irremediável sofrimento ao nascer.

Contudo, através da preocupação indisfarçável de Silas, era fácil reconhecer que a pobre senhora era o caso mais urgente para os nossos cuidados.

A infeliz, de joelhos, beijava sofregamente a pequenina, mostrando a indefinível angústia dos que se despedem para sempre.

Logo após, em movimento rápido, tomou de um copo em que se encontrava beberagem cujo teor tóxico não nos deixava qualquer dúvida. Antes, porém, de colá-lo à boca em febre, eis que o Assistente lhe disse em voz segura:

– Como podes pensar na sombra da morte, sem a luz da oração?

A desventurada não lhe ouviu a pergunta com os tímpanos de carne, mas a frase de Silas invadiu-lhe a cabeça qual rajada violenta.

Lampejaram-lhe os olhos com novo brilho e o copo tremeu-lhe nas mãos, agora indecisas.

Nosso orientador estendeu-lhe os braços, envolvendo-a em fluidos anestésicos de carinho e bondade.

Marina, pois era ela a irmã para quem aflito coração materno suplicara socorro, dominada de novos pensamentos, recolocou o perigoso recipiente no lugar primitivo e, sob a vigorosa influência do diretor de nossa excursão, levantou-se automaticamente e estirou-se no leito, em prece...

– “Deus meu, Pai de Infinita Bondade – implorou em voz alta –, compadece-te de mim e perdoa-me o fracasso! Não suporto mais... Sem minha presença, meu marido viverá mais tranquilo no leprosário e minha desventurada filhinha encontrará corações caridosos que lhe dispensem amor... Não tenho mais recursos... Estou doente... Nossas contas esmagam-me... Como vencer a enfermidade que me devora, obrigada a costurar sem repouso, entre o marido e a filhinha que me reclamam assistência e ternura?...”

Silas administrava-lhe passes magnéticos de prostração e, induzindo-a a ligeiro movimento do braço, fez que ela mesma, num impulso irrefletido, batesse com força no copo fatídico, que rolou no piso do quarto, derramando o líquido letal.

Em lágrimas copiosas, a pobre criatura insistiu, desolada:

– Ó Senhor, compadece-te de mim!...

Reconhecendo no próprio gesto impensado a manifestação de uma força estranha a entrar-lhe a possibilidade da morte deliberada naquele instante, passou a orar em silêncio, com evidentes sinais de temor e remorso, atitude mental essa que lhe acentuava a passividade e da qual se valeu o Assistente para conduzi-la ao sono provocado.

Silas emitiu forte jacto de energia fluídica sobre o córtex encefálico dela, e a moça, sem conseguir explicar a si mesma a razão do torpor que lhe invadia o campo nervoso, deixou-se adormecer pesadamente, qual se houvera sorvido violento narcótico.

[...]

O problema era doloroso do ponto de vista humano, contudo encerrava precioso ensinamento da Justiça Divina.

Silas acariciou a moça prostrada e acentuou:

– Auxiliar-nos-á o Senhor para que se recupere e reanime.

Nesse instante, a irmã Luísa penetrou no recinto, entre deprimida e ansiosa.

Inteirou-se de todas as ocorrências e agradeceu, enxugando as lágrimas.

Silas, no entanto, interessado em conduzir o socorro até ao fim, administrou novos recursos magnéticos à mãezinha debilitada, e então presenciávamos um quadro inesquecível.

Marina ergueu-se em Espírito sobre o corpo somático e pousou em nós o olhar vago e inexpressivo...

Nosso diretor, porém, como a despertar-lhe as percepções do Espírito, afagou-lhe as pupilas, com as mãos aureoladas de fluidos luminescentes e, de repente, à maneira do cego que retorna à visão, a pobre criatura viu a genitora que lhe estendia os braços amigos e carinhosos. Com lágrimas a lhe correrem dos olhos, refugiou-se-lhe no regaço, gritando de alegria:

– Mãe! minha mãe!... pois és tu?

Luísa acolheu-a docemente no colo afetuosamente, qual se o fizesse a uma criança doente e, mal reprimindo a emoção, falou-lhe, triste:

– Sim, filha querida, sou eu, tua mãe!... Rendamos graças a Deus por este minuto de entendimento.

E, beijando-a ternamente, embora aflita, continuou:

– Por que o desânimo, quando a luta apenas começa? Ignoras que a dor é a nossa custódia celestial? que seria de nós, Marina, se o sofrimento não nos ajudasse a sentir e raciocinar para o bem? Regozija-te no combate que nos acrisola e salva para a obra de Deus... Não convertas o amor em inferno para ti mesma e nem creias consigas aliviar o esposo e a filhinha com a ilusão da fuga impensada. Lembra-te de que o Senhor transforma o veneno de nossos erros em remédio salutar para o resgate de nossas culpas... A enfermidade de nosso Jorge e a provação de nossa Nilda constituem não somente o caminho abençoado de elevação para eles mesmos, mas igual-

mente para teu espírito que se lhes associa à experiência na trama da redenção!... Aprende a sofrer com humildade para que a tua dor não seja simplesmente orgulho ferido... Que fizeste do brio de mulher e do devotamento de mãe? Olvidaste o culto da oração que o lar te ensinou? Enganaste-te, assim tanto, para abraçar a covardia como glória moral? Ainda é tempo!... Levanta-te, desperta, luta e vive!... Vive para recuperar a dignidade feminina que tisonaste com a nódoa da traição... Recorda a irmãzinha que partiu, acabrunhada ao peso do fardo de aflição que lhe impuseste, e paga em desvelo e sacrifício, ao pé da filhinha doente, a conta que deves à Eterna Justiça!... Humilha-te e resgata a própria consciência, com o preço da expiação dolorosa, mas justa... Trabalha e serve, esperando em Jesus, porque o Divino Médico te restituirá a saúde do esposo, para que, juntos, possamos conduzir a pequenina enferma ao porto da necessária restauração. Não penses estar sozinha, nas longas e ermas noites em que te divides entre a vigília e a desolação!... Comungamos os mesmos sonhos, partilhemos as mesmas lutas!... Que paraíso haverá para os corações maternos que choram, além do túmulo, senão a presença dos filhos abençoados, embora esses muitas vezes lhes ocasionem longos dias de angústia? Compadece-te de mim, tua mãe, por enquanto sentenciada ao sofrimento pelo amor com que te ama!...

Calou-se Luísa, pois que singultos incessantes lhe abafaram a voz.

Marina, agora ajoelhada e lacrimosa, osculava-lhe as mãos, clamando em súplica:

– Mãe querida, perdoa-me! perdoa-me!...

Luísa ergueu-a com esforço e, dando-nos ideia dos calvários maternos que costumam prender as grandes mulheres, depois da morte, conduziu-a em passos vacilantes até à criança enferma e, acarinhando a fronte da pequenina, empapada de suor, implorou, humilde:

– Filha querida, não procures a porta falsa da deserção... Vive para tua filhinha, como permite o Senhor possa eu continuar vivendo por ti!...

A moça, renovada, rojou-se sobre a menina triste, mas, como se a emotividade daquela hora lhe sufocasse a mente desperta, foi repentinamente atraída pelo corpo de carne, como o grânulo de ferro pelo ímã, e vimo-la acordar, em pranto copioso, bradando, inconsciente:

– Minha filha!... minha filha!...

O Assistente, respeitoso, despediu-se de Luísa e afirmou:

– Louvado seja Deus! Nossa Marina ressurge, transformada.

Afastamo-nos sem palavras.

Lá fora, no céu, nuvens distantes coroavam-se de luz aos clarões purpúreos da aurora e, de alma embriagada de reconhecimento e esperança, meditei na Infinita Bondade de Deus, que faz raiar, depois de cada noite, a bênção de novo dia.

*ANDRÉ LUIZ (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Ação e reação. Cap. 12 - Dívida agravada. § 35 a 50, 57 a 80*

## **AÇÃO DOS BONS ESPÍRITOS PARA EVITAR O SUICÍDIO – PREDISPOSIÇÃO A OUVIR OS CONSELHOS DOS ESPÍRITOS PROTETORES**

Ora, Alexis d’Evreux possuía a faculdade de desprender-se do corpo físico e alçar-se a certas regiões do mundo invisível, durante o sono [...]. Naquela noite, mal se deixara cair no leito, vencido pelo sono, sentiu-se transportado a um local aprazível, a um recinto que lhe parecia familiar, onde se via amparado por entidades amorosas e protetoras, que imediatamente começaram a falar-lhe, reportando-se aos acontecimentos que o deprimiam. De novo, ele revê seu pai, de quem tantas saudades sentia, morto na Espanha durante o exílio, e sua mãe, que ele não conhecera na Terra, mas que reconhecia agora, no Além, a qual se apresentava em brancas cintilações de opala, coroada de rosas, chamando-lhe “filho querido de minha alma”, e aquela santa mulher que o criara qual verdadeira mãe, que dele e de seu irmão fizera os caracteres probos que se prezavam de ser, Louise de Guzman, sua avó materna, jamais esquecida pelo seu coração. Todos o confortavam, chamando-o à razão pelo passo que, atraído por Andrea, pretendia dar, isto é, o suicídio, ato que seria a desgraça para ele, que ensaiava os primeiros passos no caminho da franca redenção espiritual. Seu pai, dentro da autoridade devida, que não perdera ainda, e animado de profundo amor o filho. apontava-lhe deveres sagrados para com a Pátria, a sociedade, o próximo, e para com Deus. Fala-lhe de Arthur, o pobre irmão inválido, que necessita do seu amparo fraterno, pois ninguém mais, senão ele, teria condições de dedicar-lhe um pouco de amor que lhe suavizasse as amarguras. [...]

[...] Será, ainda, preciso a Alexis evitar que Andrea se precipite naquele abismo, e não morrer com ela, o que seria um crime duplo [...]

Alexis tudo vê, tudo examina, banhado em lágrimas. envergonhado por ter, num momento de fraqueza e perturbação, cedido à tentação do convite de Andrea. Não. ele não se matará, pois, realmente, não deseja a morte, apesar do muito que está sofrendo pelo triste desenlace dos seus sonhos de moço. Louise e seu pai, nesse ínterim, se afastaram, enquanto sua mãe, qual anjo tutelar, enlaça-o pelos ombros num gesto de maternal afago:

A prece que proferiste no parque, meu filho, teve a virtude de atrair e possibilitar nosso concurso a teu benefício. Foi-nos possível, então, nos aproximar de ti e nos fazermos compreender, porque, com tuas vibrações renovadas em sentido favorável, te predispuseste a ouvir-nos. Andrea, porém, infelizmente, corre grande perigo, pois é vulnerável à ação dos Espíritos inferiores, deixando-nos, assim, seus verdadeiros amigos, em desvantagem. Seu acompanhante invisível a odeia e tudo fará por perdê-la. No entanto, outrora ele foi seu amigo e até chegou a querê-la como se quer a uma filha. Mas, ela mesma destruiu esse afeto com atos de traição... e, agora, há de reconquistá-lo através do sofrimento, do trabalho e do amor. Ela dá-lhe afinidades, entregou-se a ele definitivamente, ao desprezar o ensejo apresentado por Victor, a fim de reeducar-se nas linhas do bem e da dedicação às coisas de Deus. Por isso, é preciso tentar salvá-la, pois o suicídio a ninguém é imposto por Iei e ela ainda poderá evitá-lo. Ordeno-te que, ao despertares, ponhas Victor a par de tudo e lhe peças auxílio para protegê-la. Dirige-te igualmente a Marcus de Villiers, aperta-lhe a mão, perdoadando-o; vê nele um amigo e não um rival. Passa, meu filho, a esponja do esquecimento nessas questiúnculas que nada valem e só servem para retardar a marcha do vosso progresso moral e espiritual. Não obstante, são minguadas as nossas esperanças de salvar Andrea: ela não quer ser ajudada, compraz-se no erro, não nos quer ouvir.

*CHARLES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O Drama da Bretanha. Cap. 14 - Uma viagem ao infinito § 28, 30 a 32*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS PARA EVITAR O SUICÍDIO**

[...] conquanto o coeficiente dos suicídios no vosso planeta se apresente calamitoso, os obreiros do Mundo Invisível tudo tentam para dele desviarem os homens, fazendo-o com muito enternecida boa vontade! Cumpre, no entanto, a estes cooperarem com aqueles a fim de que tão complexo malefício, atestado deplorável da inferioridade humana, seja definitivamente banido da sociedade terrena.

*BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 3*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS PARA EVITAR O CONTÁGIO PSÍQUICO INCONSCIENTE DE ESPÍRITOS SUICIDAS DESENCARNADOS, CAPAZ DE INDUZIR A OUTROS AO SUICÍDIO**

[...] Por nossa vez, existindo, na Lei que orienta a Pátria Invisível, ordens perenes para que calamidades de tal vulto sejam evitadas o mais possível, todos os esforços empregamos a fim de bem cumpri-las, constituindo dever sagrado, para nós, o preservarmos os homens em geral [...]

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 – O manicômio. § 12*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS – AFASTAMENTO DOS ESPÍRITOS SUICIDAS DO AMBIENTE**

[...] indiquei providências para a remoção de Leonel e sua filha do ambiente doméstico para regiões condizentes com suas afinidades, a bem da tranquilidade dos demais membros da família e, outrossim, visando à recuperação de ambos para o estado consciente do Espírito desencarnado.

*BEZERRA DE MENEZES (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. Primeira parte. Cap. 3*

## **AÇÃO DOS ESPÍRITOS BONS PARA EVITAR O SUICÍDIO**

“Perguntar-se-á: onde o auxílio divino, que não interditou o sucesso lamentável desta tarde? Não se preparavam para orar? Por que os Espíritos não impediram o lance infeliz?”

“A função da fé religiosa não é retirar o fardo das provações que cada um elege para refazer-se perante a própria e a divina Consciência, porém, oferecer resistências para que se possa conduzi-lo com nobreza. Senão, onde a justiça? Seria lícito retirar os débitos do crente e esquecer os incréus? A Paternidade celeste agiria acertadamente, beneficiando apenas os que creem, em detrimento daqueles que não querem ou não conseguem, por enquanto, modificar as íntimas paisagens da fé? Como julgar-se, posteriormente, capacidades e méritos, se os métodos de liberação foram diferentes?”

“Por essa razão, Jesus afirmou ser ‘leve o seu fardo e suave o seu jugo’, ensinando-nos que o homem resignado e confiante melhor carrega os seus problemas, mais facilmente suporta as próprias dores.

O cristão, particularmente o espírita, que conhece a procedência dos

sofrimentos, que se conscientiza das responsabilidades que lhe dizem respeito em relação à dor, certamente sofre melhor e tem diminuídos os lances de agonia, porque os não aumenta com o desespero, a rebeldia, o desequilíbrio, que constituem sobrecarga por demais pesada.

A presença psíquica de Jesus entre aqueles que O buscam pela oração dá resistência contra o mal e paz, a fim de se agir no bem.

Outrossim, consideremos: nossa irmã, gravemente perturbada pelos seus inimigos implacáveis, poderia ter tentado o suicídio no silêncio da noite, em horas avançadas, quando o socorro seria mais difícil de ministrado, atenta à possibilidade que teve D. Artêmis de surpreendê-la ainda a tempo de evitar piores consequências, inspirada que foi ao levantar-se para buscá-la... O corte no pulso direito não foi profundo, não havendo de-cepado a artéria, talvez pelo desequilíbrio nervoso, ou graças à ajuda que nos escapa distinguir... A coincidência de chegarmos no momento e o automóvel ser detido, evitando-se perda de tempo, que dificultaria os socorros de urgência... A discricção com que se tomaram todas as providências, evitando-se agitação e comentários... A prestimosa proteção e assistência do Dr. Armando... E quantas outras ocorrências benéficas, suscitadas pelos nossos maiores, que impediram a consumação do que seria um irreparável mal, instilado e conduzido pela mente odienta do perseguidor ou perseguidores desencarnados?

“Sim, sem dúvida, a ajuda divina se fez, e nos alcançaram, no momento exato, os auxílios espirituais.

“Outro fosse o nosso comportamento perante a vida e bem diverso seria o resultado desta ocorrência.

“Não obstante o sucedido, há paz e esperança, louvor e gratidão em nossos espíritos e em nossos corações.

“Todos sairemos da experiência com o ânimo refundido e a alma mais sábia, porque a dor é sempre a mestra cujas lições libertam o homem para mais altos voos.”

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Tramas do destino. Cap. 18 – Alegrias e dores superlativas*



16

**SUICÍDIO INDIRETO**

## SUICÍDIO INDIRETO

[...] suicídios indiretos, no desgaste exagerado que decorre do abuso das funções do corpo [...]

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Capítulo: Morte e desencarnação*

## SUICÍDIO INDIRETO – DESASTRES PROVOCADOS POR SI MESMO

Muitas vezes, um indivíduo desencarna por um desastre provocado por ele próprio, como se fosse um suicídio, e pelas leis da vida espiritual é, realmente, considerado um suicida. Com o seu mau procedimento, ele pode atrair obsessores e, assim sendo, tudo poderá acontecer.

Yvonne A. Pereira. *Contos amigos. Capítulo: O menino desobediente*

## SUICÍDIO INDIRETO

Frequentemente, através do suicídio, integralmente deliberado, ou do próprio desregramento, operamos em nossa alma desequilíbrios, quais tempestades ocultas, que desencadeamos, por teimosia, no campo da natureza íntima.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Evolução em dois mundos. 2ª parte. Cap. 17 – Desencarnação § 3*

## SUICÍDIO INDIRETO – ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS, GULA

[...] Aqueles que por vezes diversas perderam vastas oportunidades de trabalho na Terra, pela ingestão sistemática de elementos corrosivos, como sejam o álcool e outros venenos das forças orgânicas, tanto quanto os inveterados cultores da gula, quase sempre atravessam as águas da morte como suicidas indiretos [...]

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Ação e reação. Cap. 19 – Sanções e auxílios. § 18*

## SUICÍDIO INDIRETO – ABUSOS

[...] na desoladora estreiteza deste pátio [...], encontram-se, em grande penúria moral, muitas entidades que foram homens ilustres na Terra, aos quais admiradores solícitos teceram necrológios eloquentes em páginas de jornais importantes e em memória de quem exéquias pomposas se celebraram; que tudo possuíam do que de melhor existe sobre a Terra... mas

que, infelizmente, se esqueceram de que nem tudo no Universo ilimitado se resume em prazeres, em faustos; nem sempre as elevadas posições sociais ou as riquezas materiais serão garantias para aqueles que as associou aos erros; nem sempre a prática de abominações ou as inconseqüências da imoralidade, assim como as odiosas atitudes do egoísmo, ficarão impunes, abandonados seus dispensadores na descida irreparável para as trevas!

Encontram-se, aqui, orgulhosos e sensuais que julgaram poder dispor levemente dos próprios corpos carnis, entregando-se à dissolução dos costumes, saciando os sentidos com mil gozos funestos, deletérios, sabendo, no entanto, que prejudicavam a saúde e se levariam ao túmulo antes da época oportuna prevista nos códigos da Criação, porque disso mesmo lhes preveniam os facultativos a quem recorriam quando os excessos de toda ordem traíam indisposições orgânicas em suas armaduras carnis — caso não se detivessem a tempo, corrigindo os distúrbios com a prática da temperança.

Todos estes, sabiam-no também! No entanto, continuavam praticando o crime contra si mesmos! Sentiam os efeitos depressores que o vício nefando produzia em suas texturas físicas, como em suas texturas morais. Mas prosseguiram, sem qualquer tentativa para a emenda! Mata-ram-se, pois, lentamente, conscientemente, certos do ato que praticavam, porquanto tiveram tempo para refletir! Suicidaram-se fria e indignamente, obcecados pelos vícios, certos de que se supliciavam, desrespeitando a prenda inavaliável que do sempiterno receberam com aquele corpo que lhes ensejava progressos novos!<sup>1</sup>

Observareis, meus caros amigos, que, dentre tantos, muitos queriam esquecer pesados infortúnios no adormecimento cerebral provocado pelas libações. Que, inconsoláveis, premidos por angústias irremediáveis, buscariam supremo consolo na embriaguez que os levaria, possivelmente, à desejada trégua ao sofrimento. Mas esse suposto atenuante é sofisma próprio do inveterado rebelde, porque o convite ao alívio dos pesares, que afligem e perseguem a Humanidade, há dois milênios ressoa pelos recôncavos do planeta, e posso mesmo garantir-vos que nem um só homem, desde que foi proferido pelo grande Expoente do amor que se deu em sacrifício no alto do Calvário, deixou de conhecê-lo, seja quando investido do indumento carnal ou durante o estágio no Invisível à espera da reencarnação, e, por isso, certamente, também estes pobres que aqui se acham tiveram ocasião de ouvi-lo em algum local da Terra ou da pátria espiritual:

---

1 Livro dos Espíritos perguntas 952 e 952A

*Vinde a mim, vós que sofreis e vos achais sobrecarregados, e eu vos aliviarei...*

“...Como, pois, quiseram esquecer mágoas e infortúnios pungentes nas libações viciosas, desmoralizadoras e deprimentes, as quais não só não poderiam socorrê-los como até lhes agravaram a situação, tornando-os suicidas cem vezes responsáveis?!... Pois ficai sabendo que infratores desta ordem carregam ainda mais vultoso grau de responsabilidade do que o desgraçado que, atraído pela violência de uma paixão, num momento de supremo desalento se deixa arrebatar para o abismo!”<sup>2</sup>

Atentai, porém, para esta nova espécie: são os cocainômanos, os amantes do ópio e entorpecentes em geral, viciados que se deixaram rebaixar ao derradeiro estado de decadência a que um Espírito, criatura de Deus, poderia chegar! [...] seus vícios monstruosos não só deprimiram e mataram o corpo material como até comunicaram ao físico-astral as nefastas consequências da abominável intemperança, contaminando-o de impurezas, de influências pestíferas que o macularam atrozmente —, a essa constituição impressionável e delicada, entretecida de cintilações mimosas, a qual cumprirá ao homem alindar com a aquisição de virtudes sempre mais ativas e meritórias, enobrecer e exaltar por meio de pensamentos puros, irradiados em impulsos nobilitantes que confinam com os haustos divinos — mas jamais! jamais rebaixar com a prática de tão entristecedores deméritos!...

Efetivamente, víamos [...] individualidades desfiguradas pelo mal que em si conservavam, consequências calamitosas da intemperança [...] Excessivamente maculadas, deixavam à mostra, em sua configuração astral, os estigmas do vício a que se haviam entregado [...] fumo, do álcool, dos entorpecentes, de que tanto abusaram [...] <sup>3 4</sup>

[...]

[...] situação embaraçosa que para si mesmos entreteceram com as atitudes selvagens da incontinência, da imprevidência sacrílega em que acharam por bem se locupletarem, no livre curso aos vícios com que se diminuiram! [...] voluntariamente se responsabilizaram pelos desvios de que se não quiseram furtar!

[...] muitos destes infelizes trazem a revolta no coração, a raiva impeni-

2 Livro dos Espíritos, perguntas 952 e 952A

3 suicídio inconsciente

4 idem nota 02

tente pela desgraça de que se consideram vítimas, e não responsáveis. Não se resignam à evidência do presente e, inconformados, partem a tomar novo envoltório terreno, agravando a situação própria com a má vontade em que se entrincheiram, a insubmissão e a impaciência, acovardados ante a expectativa dos embates tormentosos da expiação irremediável!

CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (*Espírito*). *Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 10 - O manicômio. § 30 a 42*

## SUICÍDIO INDIRETO - ABUSOS

Ao reencarnarem, seus possuidores receberam corpos carnavais assim, perfeitos: formosos, dotados de forças vitais e magnéticas que garantiriam excelentes funções orgânicas, saúde permanente, capacidade para as competições diárias. Nada faltou aos seus ocupantes senão a força de vontade, a coragem para lutar e vencer! O auxílio que dependeu da Natureza, para que vencessem, ela o forneceu com o invólucro carnal apropriado ao gênero de labor a que eram chamados a desenvolver, qual armadura sólida de outros cruzados que pleiteassem a vitória do Espírito! Apesar, porém, de todas as reservas concedidas pelo Céu em seu proveito, não só faliram, furtando-se aos deveres para que reencarnaram, como até destruíram o precioso fardo posto em seu poder, tão bem-dotado, aniquilando-o com o suicídio!...”

[...]

Abusaram eles da magnífica saúde que possuíam. Saúde! bem inapreciável de que o homem desdenha, fingindo ignorar que se trata de um auxílio divino que a solicitude do Altíssimo concede às criaturas, com vistas a encorajá-las nos trabalhos dignificantes que lhes facultarão os lauréis do progresso espiritual!

“Sem a mínima demonstração de respeito à autoridade do Criador, aqueles nossos inditosos irmãos envenenaram os fardos preciosos com excessos de toda a natureza! Lentamente, depredaram-nos com os abusos do álcool! Intoxicaram-nos com as inalações do fumo! Aviltaram-nos com os vícios sexuais! Brutalizaram-nos com as imoderações alimentares, desviando-se para a gula, o que para aqueles conquistou alterações nas funções gástricas, ingurgitamento das glândulas hepáticas, danificando lamentavelmente, por acúmulo de operosidade, o delicado aparelho digestivo [...] Outros, não satisfeitos com esse gravoso desrespeito a si mesmos como ao generoso Doador da Vida, o qual, só por si, responderia por um autêntico gesto de suicídio, incapazes de suportar as consequências de tanta

intemperança, isto é, um câncer, muitas vezes, a tuberculose torturante, uma úlcera, a neurastenia, um desvio mental, alucinações produzidas pelo péssimo estado do sistema nervoso, a hipocondria, enfermidades físicas, mentais e morais que para si mesmos criaram, usaram de violência igualmente reprovável... e coroaram o acervo de inconseqüências destruindo completamente, matando brutalmente, o fardo concedido pela bondade paternal de Deus, empunhando contra si próprios armas homicidas!

*CAMILO CÂNDIDO BOTELHO (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 2ª parte. Cap. 13 - "A cada um segundo suas obras". § 88, 91 e 92*

## **DESEJO E BUSCA DA MORTE POR RECURSOS INDIRETOS**

[...] Tenho hoje profundíssima compaixão de todos os homens e mulheres encarnados, que desejam insistentemente a morte física e procuram-na, através de vários modos, utilizando recursos indiretos e imperceptíveis aos demais, quando lhes faltam disposições para o ato espetacular do suicídio. Aguardam-nos atividades e problemas tão complexos de trabalho, que mais venturosa lhes seria a existência totalmente desprovida de encanto, com pesadas disciplinas a lhes inibirem as divagações

*ANDRÉ LUIZ (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Obreiros da Vida Eterna. Cap. 5. Irmão Gotuzo*

\*\*\*\*\*

## **TRABALHADORES AFLITOS POR REPOUSO ATRAVÉS DA MORTE**

[...] De maneira geral, ocorrem semelhantes casos com os trabalhadores aflitos por conseguir de qualquer modo a desencarnação, alegando necessidades de repouso. Muitas vezes, no fundo, são criaturas bondosas, mas menos lógicas e pouco inteligentes. Na semana finda, por exemplo, observamos um caso dessa natureza. Respeitável senhora, jovem ainda, pelas disposições sadias que demonstrou no campo da benemerência social, foi ligada a dedicada corrente de serviço, organizada por amigos nossos. Verificando-se, contudo, pequenas rúsgas entre ela e o esposo, e tendo conhecimento da imortalidade da vida, além do sepulcro, desejou a pobre criatura ardentemente morrer. Tolas levandades do marido bastaram para que maldissesse o mundo e a Humanidade. Não soube quebrar a concha do personalismo inferior e colocar-se a caminho da vida maior. Pela cólera, pela intemperança mental, criou a ideia fixa de libertar-se do corpo de qualquer maneira, embora sem utilizar o suicídio direto. Conhecia os amigos espirituais a que se havia unido, mas, longe de assimilar-lhes ajuiza-

damente os conselhos, repelia-lhes as advertências fraternas para aceitar tão somente as palavras de consolação que lhe eram agradáveis, dentre as admoestações salutares que lhe endereçavam. E tanto pediu a morte, insistindo por ela, entre a mágoa e a irritação persistentes, que veio a desencarnar em manifestação de icterícia complicada com simples surto gripal. Tratava-se de verdadeiro suicídio inconsciente, mas a senhora, no fundo, era extraordinariamente caridosa e ingênua. Não se recebeu qualquer autorização para conceder-lhe descanso e muito menos auxílio especial. Os benfeitores de nossa esfera, apesar de eficiente intercessão em benefício da infeliz, somente puderam afastá-la das vísceras cadavéricas, há dois dias, em condições impressionantes e tristes. Não havendo qualquer determinação de assistência particularizada, por parte das autoridades superiores, e porque não seria aconselhável entregá-la ao sabor da própria sorte, em face das virtudes potenciais de que era portadora, o diretor da comissão de serviço, a que se filiara a imprevidente amiga, recolheu-a, por espírito de compaixão, em plena luta, e ela se foi, de roldão, a trabalhar por aí, ativamente, em condições muito mais sérias e complicadas.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Psicografado por Francisco C. Xavier. Obreiros da Vida Eterna.*  
Cap. 14 - *Prestando assistência* § 25

## PAIXÕES – SUICÍDIO INCONSCIENTE

### PERSISTÊNCIA NO ERRO APESAR DA POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO

Comete suicídio o homem que parece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas?

“É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele então **falta de coragem** e **bestialidade**, acrescidas do **esquecimento de Deus**.”

Será mais, ou menos, culpado do que o que tira a si mesmo a vida por desespero?

“É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, há, muitas vezes, uma espécie de desvairamento, que alguma coisa tem da loucura. O outro será muito mais punido, por isso que as penas são proporcionadas sempre à consciência que o culpado tem das faltas que comete.”

ALLAN KARDEC. *O livro dos Espíritos. Itens 952 e 952a*

## SUICÍDIO INDIRETO – ACIDENTES

Acidentes de que se não têm uma culpa atual, passado o brusco choque, sempre tornam de menor duração o período perturbador do que ocorrendo em condições de intemperança moral, quando o descomedido passa a ser incurso na condição de suicida indireto.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 10 - Morrer e libertar-se*

## MORTES PREMATURAS POR SUICÍDIO INDIRETO – IMPRUDÊNCIA NO TRÂNSITO E ACIDENTE FATAL

A morte, em tais situações, transforma-se em fator preponderante de neuroses e psicoses mais profundas, que conduzem a loucuras, ao suicídio...

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas Fronteiras da Loucura. Cap. 16 - Considerações sobre sessões mediúnicas*

## SUICÍDIO INDIRETO

[...] Pode ser até que se encontre estabelecido o modo pelo qual deve ocorrer a desencarnação do homem. Apesar disso, a invigilância, a precipitação, o mau gênio podem levá-lo a um suicídio, que não estava programado, a um acidente fatal, que a sua incúria provocou [...]

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (*Espírito*). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 9 - Novas luzes para a razão*

## SUICÍDIO INCONSCIENTE POR ACÚMULO DE MÁGOAS E INSENSATEZ, PELO EGOÍSMO E INVEJA

— Você matou o corpo, no entanto, continua vivendo. Recorde-se, Ader-son... Suicida, você é suicida!

O choque produzido pela voz enérgica, numa indução poderosa, fez o Espírito agitar-se e, rompendo uma cadeia de forças que o imobilizavam, reagiu possesso:

— Não!... Não me matei!... Eu nem esperava... ou queria morrer... naquele dia... Não me matei!...

Percebi o alívio da benfeitora, que desejava essa ruptura, arrancando-o daquele mundo cruel de silêncio e mumificação, pois que, em outro tom

de voz, ela prosseguiu:

— Matou, sim, o corpo, mediante os tóxicos que você ingeriu ao largo do tempo, como decorrência do seu egoísmo e dos monstros a que deu guarida em seu mundo mental. Fora outro o seu comportamento, e viveria mais um decênio no corpo físico. Que fez, porém? Agasalhou a inveja e a perversidade, distante dos sentimentos de humanidade, sem compaixão, nem amor. Viveu para si, acumulou mágoas e insensatez, enquanto a vida o convidou à fraternidade, ao serviço do bem.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. Cap. 18 – O despertar de Aderson. §41 a 45*

## SUICÍDIO INDIRETO

[...]

Devendo aplicar a inteligência e a bondade como norma de conduta habitual, grande parte das criaturas prefere a arrogância, a discussão acesa, o desrespeito ao dever, a negligência, tornando-se, afinal, vítimas de si mesmas, suicidas indiretas.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Capítulo: Comportamento e vida*

## SUICÍDIO INDIRETO

### ESTÁS DOENTE?

*A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé [...].  
Tiago 5:15*

Todas as criaturas humanas adoecem, todavia, são raros aqueles que cogitam de cura real.

Se te encontras enfermo, não acredites que a ação medicamentosa, através da boca ou dos poros, te possa restaurar integralmente.

O comprimido ajuda, a injeção melhora, entretanto, nunca te esqueças de que os verdadeiros males procedem do coração.

A mente é fonte criadora.

A vida, pouco a pouco, plasma em torno de teus passos aquilo que de-

sejas.

De que vale a medicação exterior, se prossegues triste, acabrunhado ou insubmisso?

De outras vezes, pedes o socorro de médicos humanos ou de benfeitores espirituais, mas, ao surgirem as primeiras melhoras, abandonas o remédio ou o conselho salutar e voltas aos mesmos abusos que te conduziram à enfermidade.

Como regenerar a saúde, se perdes longas horas na posição da cólera ou do desânimo? A indignação rara, quando justa e construtiva no interesse geral, é sempre um bem, quando sabemos orientá-la em serviços de elevação; contudo, a indignação diária, a propósito de tudo, de todos e de nós mesmos, é um hábito pernicioso, de consequências imprevisíveis.

O desalento, por sua vez, é clima anestesiante, que entorpece e destrói.

E que falar da maledicência ou da inutilidade, com as quais despendes tempo valioso e longo em conversação infrutífera, extinguindo as tuas forças?

Que gênio milagroso te doará o equilíbrio orgânico, se não sabes calar, nem desculpar, se não ajudas, nem compreendes, se não te humilhas para os desígnios superiores, nem procuras harmonia com os homens?

Por mais se apressem socorristas da Terra e do plano espiritual, em teu favor, devoras as próprias energias, vítima imprevidente do suicídio indireto.

Se estás doente, meu amigo, acima de qualquer medicação, aprende a orar e a entender, a auxiliar e a preparar o coração para a Grande Mudança.

Desapega-te de bens transitórios que te foram emprestados pelo poder divino, de acordo com a Lei do Uso, e lembra-te de que serás, agora ou depois, reconduzido à Vida Maior, onde encontramos sempre a própria consciência.

Foge à brutalidade.

Enriquece os teus fatores de simpatia pessoal, pela prática do amor fraterno.

Busca a intimidade com a sabedoria, pelo estudo e pela meditação.

Não manches teu caminho.

Serve sempre.

Trabalha na extensão do bem.

Guarda lealdade ao ideal superior que te ilumina o coração e permanece convicto de que, se cultivas a oração da fé viva, em todos os teus passos, aqui ou além, o Senhor te levantará.

*EMMANUEL (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Fonte viva. Cap. 86 – Estás doente?*

## SUICÍDIO INDIRETO

“Não te entregues à demasiada aflição. O desespero, mesmo na dor justa, é medida de rebeldia ante os impositivos da evolução que promanam do Senhor. Asserena-te e confia”.

A filha, agoniada, reclinou a cabeça no regaço materno e desatou a chorar.

— Não suporto a decepção no lar e, agora, a sua ausência, mãezinha.

— Sim, filha, eu o sei. Tomou-lhe a palavra a respeitável recém-desencarnada, induzindo-a a desistir da lamentação e da queixa desnecessárias, que geram azedume e avinagram os sentimentos.

— Embora os poucos dias em que me separei das sombras físicas — prosseguiu, suave —, estou informada de todas as tuas agruras... No entanto, desces, sem que o percebas, ao poço de inditoso suicídio indireto, por negar-te o direito da vida, em face das dores que te enjaulam no sofrimento forte.

*Manoel Philomeno de Miranda / Divaldo P. Franco (psicografia). Infortúnio doméstico. In. Tramas do destino. Cap. 1)*

## SUICÍDIO INDIRETO

Entre esses, que também são suicidas, estão os viciados de qualquer matiz, os temperamentais que consumiram as energias na sistemática neurastenia, no ódio, nos ressentimentos, nos ciúmes exacerbados, nas paixões asselvajadas em que se desestruturaram.

Todos aqueles que somente da vida se utilizaram, sem qualquer aproveitamento superior, vivendo do corpo e para ele, que se decompôs, des-

pertam como suicidas indiretos na Erraticidade, sendo acometidos pelo horror da constatação dos desvios que se permitiram e que lhes custaram a existência, que deveriam ter sido aplicados de maneira diferente no grande educandário terrestre.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Reencontro com a Vida. Cap. 24 - Perversidade e suicídio.*

## **SUICÍDIO INDIRETO**

Para minha surpresa, aqui, onde me encontro, sou chamado suicida, porque derruí as construções da energia que me havia sido concedida para uma existência mais larga.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Reencontro com a Vida. Cap. 5 - Mundos e cárceres*



17

**TEXTOS  
COMPLEMENTARES**

## SUICÍDIO EM MÚLTIPLOS ASPECTOS

O suicídio é remanescente do primitivismo humano, que permanece arrebanhando as vítimas indefensas, que lhe tombam nas urdiduras intrincadas.

Decorrência da revolta espiritual do ser ante as circunstâncias, os acontecimentos e estados da alma que lhe parecem adversos, é a solução enganosa a que se deixam conduzir todos aqueles que preservam os seus conflitos e os fixam na área mental da insatisfação e do desespero sistemático.

A ignorância propositada ou a reação consciente aos Estatutos divinos, que pessoa alguma, na chamada civilização hodierna, pode ignorar, produzem a indiferença pelos valores sublimes da vida, liberando o homem da responsabilidade e do dever de lutar, obstando-lhe a perseverança nos objetivos relevantes a que se deve entregar.

Os “instintos agressivos”, não disciplinados, explodem-lhe, em rebelião indômita, em face do menor desgosto real ou imaginário, diante de qualquer insucesso natural em todos os empreendimentos, fazendo que seja estabelecida uma neurose depressiva de culpa ou de transferência, acusando-se e autopunindo-se ou responsabilizando os outros, a sociedade, assim se arrojando no poço sem fundo da autodestruição, que apenas atinge o corpo.

Os comportamentos materialistas, em modernas escolas da psicologia, pretendem relacionar o suicídio com baixas cargas da serotonina no cérebro, facilitando a compreensão do episódio autocida graças a um neurotransmissor de natureza química. Sem dúvida, nessas dezenas de substâncias químicas que atuam como neurotransmissores no controle da atividade cerebral, respondendo pela área da emoção, defrontamos as causas de muitas ocorrências psíquicas, emocionais e físicas. Contudo, são, por sua vez, efeito de outros fatores mais profundos, aqueles que procedem do Espírito que comanda a câmara cerebral, exteriorizando-se na mente e na fisiologia desses microinstrumentos que constituem a sede física do pensamento e de outras igualmente importantes funções da vida humana.

E possível que os distúrbios serotônicos respondam pelo ato alucinado, muito embora não deixam de ser o resultado de agentes psicológicos mais sutis e graves, como a angústia, a insegurança, os conturbadores fenômenos psicossociais e econômicos, as enfermidades crucificadoras, o sentimento de desamparo e de perda, todos com sede na alma imatura e ingrata, fraca de recursos morais para sobrepô-los às contingências transitórias

desses propelentes ao ato extremo.

O espetáculo trágico, todavia, assume gravidade e constrangimento maiores, quando crianças, que ainda não dispõem do discernimento, optam pela aberrante decisão.

Amadurecidas precipitadamente, em razão dos lares desajustados e das famílias desorganizadas; atiradas à agressividade e aos jogos fortes que a atual sociedade lhes brinda, extirpando-lhes a infância não vivida, sobrecarregam-se de angústias e frustrações que as desgastam, retirando-lhes da paisagem mental a esperança e o amor.

Vazias, desprotegidas do afeto que alimenta os centros vitais de energia e beleza, veem-se sem rumo, fugindo, desditosas, pela porta mentirosa do suicídio.

Ademais, grande número delas, suicidas do passado, renasce com as impressões do gesto anterior, e porque desarmadas, na sua quase totalidade, de equilíbrio vendo, ouvindo e participando dos dramas em que se enleiam os adultos que as não respeitam, antes considerando-as pesados ônus que devem pagar, repetem o ato infeliz, tombando nas refregas de dor, que posteriormente as trarão de volta em expiações muito laceradoras.

Uma análise mais íntima do fenômeno autodestruidor leva também a sutis ou violentas obsessões que o amor enlouquecido e o ódio devastador fomentam, além da cortina carnal.

O suicídio é terrível mal que aumenta na Humanidade e que deve ser combatido por todos os homens. Essa rigidez mental que resolve pela solução trágica é doença complexa.

Conscientizar as criaturas a respeito das consequências do ato, no além-túmulo, das dores que maceram os familiares e do ultraje às Leis divinas, é método salutar para diminuir a incidência dessa solução insolvável.

Dialogar com bondade e paciência com as pessoas que têm propensão para o suicídio; sugerir-lhes dar-se um pouco mais de tempo, enquanto o problema altera a sua configuração; evitar oferecer bases ilusórias para esperanças fugazes que o tempo desmancha; estimular a valorização pessoal; acender uma luz no túnel do seu desespero, entre outros recursos, constituem terapia preventiva, que se fortalecerá no exercício da oração, das leituras otimistas, espirituais, nos passes e no uso da água fluidificada.

Aquele que tenta o suicídio e não o vê consumado é candidato natural à recidiva, que culmina tão logo se lhe apresenta o móvel desencadeador do desejo...

O suicídio é o mais grosseiro vestígio da fragilidade humana, que ata o homem ao primarismo de que se deve libertar.

O homem é, na verdade, a mais alta realização do pensamento divino, na Terra, caminhando para a glória total, mediante as lutas e os sacrifícios do dia a dia.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Capítulo: Suicídio - solução insolvável*

\*\*\*\*\*

A cegueira propiciada pelo materialismo, no momento da defecção da matéria, ora identificada como “energia condensada”, tem levado alguns teóricos das filosofias pessimistas a proporem o suicídio como solução para os dissabores, insucessos e sofrimentos defrontados.

Fórmula de efeitos contrários apresenta-se simplista, como se fora constituída de elementos mágicos propiciadores para a equação final e definitiva de todos os acontecimentos da vida.

Sonho que se converte em pesadelo inominável, reaparece, na atualidade, sob emulações alucinadas, fascinando os desencorajados na luta e os fracos de resistências morais para os enfrentamentos inevitáveis.

Selecionam e propõem, esses investigadores da ilusão, quais as mais eficazes técnicas para o autocídio sem dor, induzindo as criaturas desnorteadas para o mergulho da consciência no grande sono, com o conseqüente aniquilamento do ser.

Tal comportamento, pelo insólito de que se reveste, demonstra a utopia em que foi transformada a vida e a ausência de finalidade a que foi reduzida.

Tomando o efeito pela causa, pensa-se em suprimir aquele sem alcançar esta, mais complicando a linha das conseqüências, por falta da cessação dos fatores que as desencadeiam.

Malabaristas do imediatismo, esses pensadores acreditam que a morte do corpo significa o fim da existência, desprezando, na sua rebeldia con-

tumaz e ociosidade emocional contínua, todos os fatos probantes de que o ser real e primitivo é o Espírito, sendo o corpo a indumentária que o reveste temporariamente e de que se serve para um fim útil.

Se se detivessem a auscultar a Natureza, diminuindo o tresvario que se permitem, constatariam que o caos e o nada jamais fizeram parte do Cosmo, e que a ordem é a geratriz de todos os fenômenos, causa de todas as ocorrências.

Como efeito, nada ou pessoa alguma foge desse equilíbrio, sendo a fraude, e a burla, desconhecidas nos soberanos códigos da Criação.

Nada deve justificar o autocídio, porquanto a sucessão das ocorrências muda a cada instante o quadro em que se vive.

O que ora é desgraça, logo cede lugar à esperança; o que se apresenta como dissabor, de imediato se converte em bonança; o que se manifesta como desdita, a seguir se modifica para alegria; o que hoje é dor insuportável, amanhã é dor aceitável...

Passam as horas e alteram-se as circunstâncias, gerando novos acontecimentos que mudam a paisagem emocional, física, social, econômica e moral do homem.

Lutar por vencer as vicissitudes é inevitável, desde que a própria injunção biológica é uma constante faina, em que nascimento, morte, transformação e ressurgimento se dão por automatismos na maquinaria fisiológica, ensinando à consciência a técnica do esforço para a preservação da vida.

O pretenso suicida, que consumou a trágica fuga da responsabilidade, jamais se libera como é natural, dos resultados nefários do seu gesto, sempre tresloucado, por ferir, na agressão furiosa, o mecanismo do instinto de conservação da vida, que governa a existência animal e o possui como fator para sua preservação.

Orgulhoso ou pusilânime, irresponsável ou vão, o suicida não se evade de si mesmo, da sua consciência; torna-se, aliás, o seu próprio algoz cujas penas o gesto lhe impõe e que resgatará em injunções mil vezes mais afligentes do que na forma em que ora se apresentam.

A burla que se permite, através de supostos meios indolores para sofrer a desencarnação, hiberna-o por algum tempo, em espírito, até o momento em que desperta mais vilipendiado e agônico, vivo, estuante de vitalidade,

padecendo as camarteladas que a superlativa imprudência provocou.

É óbvio que ninguém ludibria a Consciência cósmica, que se expressa na harmonia do Universo e vige, pulsante, na consciência humana individual.

Necessário que o homem assuma as responsabilidades da vida e instrua-se nas leis que lhe regem a existência, aprimorando-se e reunindo valores de que possa dispor nos momentos-desafio, a fim de superá-los e reorganizar-se para os futuros cometimentos até o instante em que se lhe encerre o ciclo biológico. Estará, então, liberado da matéria, mas mantido na vida...

Nas aparentes mortes sem dor, provocadas pelos que desejam fugir ou esquecer, o sofrimento moral tem início quando se elabora o programa da evasão e jamais se pode prever quando terminará.

A consciência humana é indestrutível, portanto, o suicídio de qualquer espécie é arrematada loucura, um salto no desconhecido abismo da imprevisível desesperação.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da Vida e da Morte. Capítulo: Suicídio sem dor*

## **SITUAÇÃO DA HUMANIDADE ATUAL**

A sociedade contemporânea, rica de cultura e assinalada por tecnologia de ponta, apresenta-se pobre de sentimentos morais elevados e de conhecimentos espirituais libertadores.

Toda a conjuntura vigente e discurso comportamental apresentados são estabelecidos pelos ditames do hedonismo feroz que derrapa, não poucas vezes, na crueldade alucinada.

Fosse diferente, a situação e os crimes hediondos como a violência, a guerra, o aborto, o suicídio, a pena capital, os vazios existenciais e outros teriam cedido lugar à paz, à fraternidade, ao auxílio recíproco, à vida em todas as suas expressões, propiciando clima espiritual de entendimento e compreensão dos problemas humanos.

Sucedem que o espiritualismo dogmático ancestral, sem possibilidades de iluminar as mentes e de dulcificar os corações com informações claras e lógicas sobre a realidade do ser e da vida fora da matéria, perdeu a vitalidade, mantendo-se como formalismos sociais e mecanismos de evasão, promovendo o personalismo de alguns indivíduos a prejuízo do esclareci-

mento indispensável das massas.

Não mais inspirando respeito pelo temor, em razão das aberturas e facilidades para o prazer, lentamente anuí com as doutrinas políticas e econômicas dominantes, conforme ocorreu no passado, distanciando-se dos objetivos que parecia perseguir.

A sede insaciável de gozo e os apelos desenfreados sugeridos pela mídia, exclusivamente para os apetites sensuais e as concessões permitidas pelo poder, desvairam, levando multidões ao desenfreio, para logo tombarem em perturbação, em letargia, em depressão...

Compunge acompanhar-se a marcha crescente da pobreza moral, expressando-se na miséria econômica, social e espiritual, dizimando ideais de enobrecimento e pessoas desequipadas de harmonia interior, que lhe tombam nas malhas sem cessar.

A falência da fé religiosa é evidente ante a predominância dos interesses e arrastamentos mundanos, em uma torpe ilusão de perenidade do corpo e dos seus equipamentos.

Tornando a enfermidade, a morte, os insucessos e prejuízos, figuras remotas de aparecer no palco da existência física, excluiu-se a realidade do comportamento existencial com promessas de prazeres inexauríveis, que o tempo, no entanto, consome, cedendo lugar às provações rudes e às dores acerbadas.

Esse tipo de cultura voltada para o corpo e para o gozo material, constitui cruel engodo que o pensamento utilitarista dissemina, para distrair as mentes e dominá-las, deixando-as vazias e perturbadas.

É natural que a ânsia advinda pelo terrível desejo de cada qual afirmar-se pela posse, pelo exterior, frustrate e faça estertorar aqueles que se afadigam pelo conseguir, e ante a impossibilidade de o alcançarem, revoltam-se ou entregam-se ao desencanto, que igualmente assinala estes dias com solidão, desconfiança, ressentimento e amargura.

Instalam-se, então, distúrbios psicológicos que lentamente vencem a sociedade, que mergulha no uso de drogas químicas variadas, ora com finalidade terapêutica, momentos outros como fuga infeliz, gerando-se sonâmbulos telementalizados e conduzidos por outras mentes desvinculadas do corpo que pululam fora do mundo físico, na dimensão espiritual.

Distúrbios psicológicos avolumam-se nos grupos sociais, decorrentes

dos fenômenos endógenos e exógenos, favorecendo a instalação de obsessões, a princípio sutis, depois graves no seu conteúdo psíquico pernicioso.

É muito fácil, no entanto, reverter o quadro, mediante a mudança cultural e moral dos indivíduos, voltando-se para os valores do Espírito e da sua imortalidade, sem qualquer prejuízo para a vida física, antes concedendo-lhe qualidade, meta e meios adequados para torná-la feliz.

Em todos os tempos, missionários do Bem e apóstolos do amor mergulharam na névoa carnal, convidando a sociedade à reflexão, ao equilíbrio, à morigeração dos costumes primitivos e à ação meritória por cuja dieta se tornaria factível a sintonia com a realidade, com a vida.

Esquecidos ou desconsiderados, ignorados ou perseguidos, conseguiram, não obstante, desincumbir-se da missão a que se afeiçoaram, mas os frutos que ofereceram não se fizeram expressivos, a ponto de sensibilizar aqueles aos quais foram doados.

Os apetites desenfreados vêm impulsionando os seres em detrimento das lúcidas conquistas da razão.

Entrementes, as comunicações mediúnicas fazem-se ostensivas neste momento e multiplicam-se em toda parte como estratégia do mundo espiritual, a fim de despertar aqueles que se encontram anestesiados, enfermos ou perturbados, para que se libertem desses transtornos psicológicos e dos desaires morais, conseguindo renovação interior e saúde para recomponem a existência ameaçada.

A hora é grave, estando a exigir decisões coerentes e seguras para a instalação do Reino de Deus nos corações, iluminando as consciências com as notícias da vida espiritual e sua causalidade.

Neste pandemônio de perturbações de toda ordem, que decorrem da psicológica, faz-se inadiável a mais ampla divulgação do Espiritismo e de suas libertadoras propostas de lógica para contrabalançar a força ciclópica do materialismo que domina a sociedade.

Ampliar as informações sobre a Espiritualidade e a Erraticidade, sobre a Lei de Causa e Efeito, é dever de todos aqueles que já despertaram para Jesus e a própria consciência, assim contribuindo em favor da Humanidade e do seu próximo vencido pelas perturbações psicológicas ampliadas pelas obsessões.

Ninguém, que se possa escusar desse dever de solidariedade humana

e de conscientização dos próprios deveres ante a vida e Deus. Em assim procedendo, estará desincumbindo-se do dever de consciência, auxiliando hoje, conforme foi auxiliado oportunamente, quando, de alguma forma se encontrava em situação semelhante.

MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). *Psicografado por Divaldo P. Franco. Reencontro com a Vida. 1ª parte. Cap. 2 Perturbações psicológicas*

### **CIRCUNSTÂNCIAS – PERDA DE ENTES QUERIDOS – IDEAÇÃO SUICIDA – INDUÇÃO OBSESSIVA AO SUICÍDIO – DEPRESSÃO – PAPEL DO ESPIRITISMO, DOS ESPÍRITAS E DOS CENTROS ESPÍRITAS**

Em determinado momento, vimos um jovem de aproximadamente 16 anos acercar-se da entrada, amparado carinhosamente por uma senhora gentil e preocupada que o induzira à busca de auxílio e o conduziu àquele santuário de amor e de solidariedade.

Logo percebemos tratar-se da sua genitora desencarnada, porque o carinho com que envolvia o jovem denunciava-lhe a grandeza maternal.

Ele procurou o informante geral, à entrada, dizendo necessitar de ajuda.

Estava pálido e levemente trêmulo, constrangido e receoso.

O recepcionista, verdadeiramente cristão, compreendeu os conflitos do rapaz e gentilmente conduziu-o a uma veneranda senhora, que atendia bondosamente num dos recantos da sala, especialmente dedicada a esse mister.

Logo, percebi-lhe a mediunidade, porque, incontinentemente, ela sintonizou com a condutora do jovem, travando-se um intercâmbio mental.

Tratava-se da sua genitora, preocupada com a sua atual situação, defluente do choque traumático advindo da sua desencarnação repentina. Muito afeiçoados um ao outro, sofriam agora a separação corporal. Em consequência, ele fizera um transtorno depressivo da afetividade, negando-se à alimentação e ao sentido psicológico da existência. Perdera os estímulos para os estudos, deixando-se consumir pela saudade indescritível, desde que era também órfão de pai.

Convidando-o a expor a sua dor, a atendente, com paciência e ternura, externou-lhe afeto espontâneo que o confortou, parecendo reencontrar a mãezinha agora no Mais-além. As vibrações que da médium se exteriori-

zavam eram absorvidas pelo enfermo, enquanto a mãezinha também lhe infundia vibrações de ânimo e de forças para o prosseguimento da jornada, que não podia ser interrompida naquele momento.

À medida que o diálogo prosseguia, após a narração do que ele considerava um infortúnio, a “perda” do ser querido, adversário do passado conseguira infiltrar-se no seu pensamento sofrido, aturdindo-o com as suas energias deletérias e, vez que outra, insinuando-lhe o suicídio.

Graças à sua existência ainda sem compromissos negativos, a mãezinha conseguia diluir os fluidos perversos e inspirá-lo a oração, qual ocorrera naquela manhã em que o levava à Sociedade Espírita.

Depois de uma conversação saudável e rica de esperanças, a assistente aplicou-lhe o benefício do passe, dominada pelo sentimento de amor e de imensa compaixão.

irmão Elvídio, que se encontrava no ambiente, anotando e cooperando nas atividades múltiplas, depois de examinar o paciente referiu-se que, a partir daquele momento, ele estaria sob a proteção dos benfeitores espirituais da Casa, que iriam providenciar o atendimento particular ao adversário desencarnado, postergando o momento da reabilitação do seu anterior algoz, quando ele tivesse forças e discernimento para o resgate.

Moço dócil e desequipado de conhecimentos espirituais, era, no entanto, excelente campo experimental para o empreendimento de serviços edificantes em favor do futuro. Por certo, a partir daquele momento ele retornaria, ora trazido pela genitora desencarnada, noutras vezes pela Entidade encarregada de o proteger, vinculando-se à Doutrina Espírita com os olhos postos no porvir, quando poderia contribuir em favor do próprio bem e da fraternidade geral.

Lágrimas benéficas escorriam-lhe pela face à medida que era auxiliado pela servidora de Jesus, e, minutos após, apresentava um quadro muito diverso daquele que o trouxera ao santuário.

O Centro Espírita é, sem dúvida, hospital de emergência para as aflições da alma, da emoção e do corpo, pelo proporcionar de harmonia íntima no paciente e abrir-lhe horizontes dantes jamais imaginados.

A certeza de que ninguém se encontra a sós, assim como o descortino de oportunidades redentoras ao alcance pessoal, constituem pilares de apoio para a fraqueza e o desconforto moral, quando se instala o sofrimento.

Tarefa enriquecedora e abençoada aquela que proporciona luz a quantos se debatem na escuridão. O conhecimento é claridade espiritual que esbate as trevas da ignorância e impulsiona o ser na direção da conquista da plenitude.

Onde se instala o amor de Jesus Cristo, há sempre oportunidade de serviço e apoio incondicional a todas e quaisquer necessidades que se apresentem no ser humano.

De fato, na sua condição de consolador, o Espiritismo, após enxugar as lágrimas de quem sofre, concede-lhe valores para prosseguir com dignidade, construir o futuro risonho e vivenciar o bem-estar desde os primeiros momentos. Sempre há Espíritos generosos e diligentes aguardando sintonia com os viandantes terrenos, da mesma forma que os há nas categorias inferiores da evolução. A questão é, portanto, de compatibilidade vibratória.

*MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Perturbações Espirituais. Cap. 12 – Os debates prosseguem*



18

## **BIBLIOGRAFIA**

Allan Kardec. O céu e o inferno. 80ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2007.

Allan Kardec. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 130ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2012.

Allan Kardec. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 92ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2012.

Allan Kardec. O que é o Espiritismo. Tradução de Manuel Quintão. 60ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2012.

Allan Kardec. Obras Póstumas. Tradução de Guillon Ribeiro. 19ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB).

Allan Kardec. Revista Espírita. Jornal de estudos psicológicos. 12 volumes (1858 a 1869). Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 4ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2005.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier e Waldo Vieira. Evolução em dois mundos. 1ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2011

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier e Waldo Vieira. Mecanismos da mediunidade. 1ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2003.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Ação e reação. 2ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2010.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. E a vida continua. 33ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2011.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Entre a Terra e o céu. 1ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2003.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Libertação. 2ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2007.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Missionários da Luz. 36ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2001.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. No mundo maior. 26ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2009.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Nos domínios da mediunidade. 1ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2010.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Nosso Lar. 61ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2010.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Obreiros da Vida Eterna. 33ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2010.

André Luiz (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Os mensageiros. 45ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2010.

Botelho, Camilo Cândido (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Memórias de um suicida. 27ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Charles (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Amor e ódio. 16ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.

Charles (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Nas voragens do pecado. 12ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.

Charles (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O cavaleiro de Numiers. 11ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Charles (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. O drama da Bretanha. 11ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.

Contos amigos. Yvonne A. Pereira. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2016.

Denis Léon. No invisível. 25ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2011.

Denis, Léon. Catecismo espírita. Tradução de Miguel R. Galvão. 4ª edição. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2008.

Denis, Léon. Cristianismo e Espiritismo. Tradução de Leopoldo Cirne. 17ª edição. 2016.

Denis, Léon. Depois da Morte. 1ª edição especial. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2008.

Denis, Léon. Joana D'Arc médium. Tradução de Guillon Ribeiro. 24ª edição. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2017.

Denis, Léon. O Espiritismo e o clero católico. Tradução de José Jorge. 1ª edição. Rio de Janeiro: CELD. 2016.

Denis, Léon. O grande enigma. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2008.

Denis, León. O porquê da vida. Tradução de João Lourenço de Souza. 23ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2016.

Denis, Léon. O problema do ser, do destino e da dor. 31ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2011.

Denis, Léon. O progresso. Tradução de José Jorge. 1ª edição. Rio de Janeiro: CELD. 2016.

Denis, Léon. Socialismo e Espiritismo. Tradução: Wallace Leal V. Rodrigues. 3ª edição. Matão – SP: Casa Editora O Clarim. 2018

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 1 - Comentários ao Evangelho de Mateus. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 2 - Comentários ao Evangelho de Marcos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 3 - Comentários ao Evangelho de Lucas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2015.

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 4 - Comentários ao Evangelho de João. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2015.

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 5 - Comentários aos Atos dos Apóstolos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2016.

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 6 - Comentários às Cartas de Paulo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2018.

Emmanuel (Espírito). Psicografado por Francisco C. Xavier. Coordenação de Saulo Cesar Ribeiro da Silva. O Evangelho por Emmanuel. Volume 7 - Comentários às Cartas Universais e ao Apocalipse. 1ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2019.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nos bastidores da obsessão. 13ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2016.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Tramas do destino. 12ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2015.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Grilhões partidos. 2ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 1977.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Nas fronteiras da loucura. 1ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 1982.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Painéis da obsessão. 9ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2010.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Loucura e obsessão. 12ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita

Alvorada Editora). 2013.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Temas da vida e da morte. 1ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2014.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Trilhas da libertação. 10ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2014.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Tormentos da obsessão. 10ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2013.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Sexo e obsessão. 2ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2002.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Entre os dois mundos. 6ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2016.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Reencontro com a vida. 1ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2006.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Transtornos psiquiátricos e obsessivos. 2ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2012.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Transição planetária. 5ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2016.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Amanhecer de uma nova era. 1ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2012.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Psicografado por Divaldo P. Franco. Perturbações espirituais. 1ª edição. Salvador: LEAL (Livraria Espírita Alvorada Editora). 2015.

Menezes, Bezerra de (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. A tragédia de Santa Maria. 14ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Menezes, Bezerra de (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Dramas da obsessão. 11ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.

Tolstoi, Léon (Espírito). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Ressurreição e vida. 12ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Tolstoi, Léon e Charles (Espíritos). Psicografado por Yvonne A. Pereira. Sublimação. 7ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.

Yvonne A. Pereira. À luz do consolador. 4ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2012.

Yvonne A. Pereira. Devassando o invisível. 15ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2014.

Yvonne A. Pereira. Recordações da mediunidade. 12ª edição. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.



**Para conhecer mais sobre voluntariado, apoio emocional, prevenção do suicídio, saúde mental e outros temas afins, acesse também:**

**AJUDA EM SAÚDE MENTAL PARA QUEM TEM DE 13 A 24 ANOS (UNICEF)**

<https://www.podefalar.org.br/>

**PORTAL MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS)**

<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/suicidio>

**CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS)**

<http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-mental/acoes-e-programas-saude-mental/centro-de-atencao-psi-cossocial-caps>

**CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS)**

<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>

**MOVIMENTO SETEMBRO AMARELO, DIA MUNDIAL DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO**

<http://www.setembroamarelo.org.br/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA**

<http://www.abp.org.br/>

**ASSOCIAÇÃO MÉDICO ESPÍRITA DO BRASIL - AME**

<https://amebrasil.org.br/>



# FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Estudo, prática e difusão. Uma história de união em prol  
do Espiritismo

**A** Federação Espírita Brasileira tem por missão oferecer a Doutrina Espírita ao ser humano por meio do seu estudo, prática e difusão — baseados nas obras de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus —, pela união solidária dos espíritas e unificação das instituições espíritas, contribuindo para a formação do homem de bem.

Há 138 anos a **FEB** é mantida por doações, trabalho voluntário e pela venda de livros. Com sede administrativa em Brasília e histórica no Rio de Janeiro, a instituição possui cerca de 15 mil centros espíritas cadastrados.

## DEUS, CRISTO E CARIDADE

Com o lema Deus, Cristo e Caridade a FEB é impulsionada pelo estudo e prática do Evangelho do Cristo, levando sua vivência para a humanidade. Trabalha pela unificação do Movimento Espírita e dos corações irmãos.

Por meio do trabalho de dedicação e entrega, é empenhada na formação do homem de bem, seja com a assistência aos irmãos mais necessitados de um ombro amigo, uma palavra de consolo e reflexão ou um prato de comida, seja no incentivo ao estudo, à prática e à difusão do conteúdo doutrinário.

## HISTÓRIA

Unidos pelo ideal espírita, o jornalista Augusto Elias, juntamente com outros confrades, fundou no dia 2 de janeiro de 1884, a Federação Espírita Brasileira na cidade do Rio de Janeiro. A sede histórica da FEB foi um marco para a consolidação do Espiritismo no país ainda no século XIX.

Em 5 de outubro de 1949 concretizava-se formalmente a unificação da família espírita brasileira, velho sonho acalentado por sessenta anos, desde os esforços iniciais de Bezerra de Menezes. O documento apresenta a proposta de fraternidade entre as federações espíritas em igualdade. Cada uma tem autonomia em suas decisões, não havendo subordinação.

No texto há a recomendação da prática e exposição da obra Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho (XAVIER, 1938), a criação do Conselho Federativo Nacional – organismo fortalecedor dos laços fraternos entre os espíritas –, fundamentadas nas diretrizes Estudo, Difusão e Prática do Espiritismo.

## CONHEÇA A FEB E SUAS ÁREAS

### DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

O Departamento de Assistência Social (DAS) da Federação Espírita Brasileira desde 1890 desenvolve o trabalho de acolhimento e auxílio a quem nos procura. Reúne voluntários que auxiliam, seja na distribuição do pão material, quanto do alimento espiritual. São diversas as famílias assistidas em suas necessidades.

Para este e outros trabalhos, a FEB recebe doações, sejam materiais ou financeiras, e compartilha com quem precisa. São roupas, calçados, kits de higiene, material escolar e tantos outros utensílios, além de acolhimento, por meio de ações como atendimento espiritual e acompanhamento familiar.

### ESTUDOS DOUTRINÁRIOS

A Área de Estudo Doutrinário objetiva oferecer o estudo e vivência da Doutrina Espírita e a todos aqueles que buscam a FEB. No Campo Experimental de Brasília e na Sede Histórica no Rio de Janeiro, disponibiliza diversos estudos e formações a diferentes públicos, do zero aos 100 anos de idade. Ao todo 16 modalidades são oferecidas gratuitamente aos frequentadores.

### UNIÃO ENTRE OS ESPÍRITAS

A unificação do Movimento é parte importante da atuação da Casa. Por meio do Conselho Federativo Nacional (CFN) tem como papéis unificar e dinamizar o Movimento Espírita brasileiro; facilitar o intercâmbio, o inter-relacionamento e a discussão de problemas comuns às instituições e promover a união, a confraternização, a concórdia e a solidariedade entre as instituições.

### DIVULGAÇÃO DOUTRINÁRIA

A Área de Divulgação Doutrinária é uma das bases para o desenvolvimento destes trabalhos de bem. Dentro das funções estão o Comercial, o Editorial, a Comunicação, a Memória e Documentação e a revista Reformador. Toda a produção de conteúdo literário, de impressos, portais, redes sociais, cinema, audiovisuais, atuação em arquivo e documentação, assim como o gerenciamento de ações de comunicação são distribuídas em unidades organizacionais.

## ADMINISTRAÇÃO

A administração realiza um trabalho que está presente na rotina dos frequentadores em ambas as sedes. Considerada uma área meio, é responsável pelo suporte direto às demais áreas de uma instituição. Neste segmento estão a gestão contábil, jurídica e de pessoal, almoxarifado e compras, e a tecnologia da informação, essencial para proporcionar a todos a funcionalidade de suas atividades.

### SEDE RIO DE JANEIRO

Localizada na Av. Passos n.ºs. 28 e 30 no centro do Rio de Janeiro, o prédio histórico foi erguido graças ao apoio e colaboração dos confrades, unidos no ideal de proporcionar um espaço permanente para a união dos espíritas no país. Nesta Seccional são disponibilizadas atualmente reuniões mediúnicas e de estudo, palestras, serviços de assistência, promoção social e a livraria.

### SEDE BRASÍLIA

Inaugurada em 3 de outubro de 1964, a sede da Federação Espírita Brasileira em Brasília está localizada na Av. L2 Norte, SGAN 603. A mudança da sede histórica do Rio de Janeiro para a administrativa em Brasília deu-se oficialmente na década de 1980.

A sede abriga os setores administrativo da FEB, além de amplos espaços de convivência como os Jardins, Livraria; Espaço Cultural, Brinquedoteca; Biblioteca de consulta e de Obras Raras, Cenáculo, atividades de estudo, reuniões públicas e mediúnicas, expedição da FEB Editora, Departamentos de Infância e Juventude, de Estudo do Espiritismo e de Assistência Social, auditório, teatro e sala de música.

### CAMPANHAS

O respeito à vida em todas as etapas tem sido objeto de preocupação da Federação Espírita Brasileira. Em 1994, a FEB implantou a Campanha Em Defesa da Vida, abordando os temas: aborto, drogas, eutanásia, suicídio e violência. Acompanhe no site: <https://valorizacaodavida.febnet.org.br/>

